

Uma  
Pequena  
casa de chá  
em

# Cabul



Deborah  
Rodriguez

*Quinta Essência\**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Ficha Técnica

Copyright © 2015, Deborah Rodriguez

Tradução para a Língua Portuguesa © 2015 by LeYa Editora Ltda.

Título original: A cup of friendship

Preparação de texto: Rafael Rodrigues

Revisão: Lara Stroesser Figueirôa

Capa: Retina 78

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rodriguez, Deborah

Uma pequena casa de chá em Cabul / Deborah Rodriguez; tradução de Alice Klesck. -- São Paulo:  
LeYa, 2015.

ISBN 9788544101827

Título original: A cup of friendship

1. Literatura americana 2. Ficção 3. Romance 4. Cabul (Afeganistão) – Ficção . Título 2. Klesck,  
Alice

14-0938 CDD–813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura americana

2015

LEYA EDITORA LTDA.

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 — Pacaembu — São Paulo - SP

[www.leya.com.br](http://www.leya.com.br)

Uma  
Pequena  
casa de chá  
em  
Cabul

Deborah  
Rodriguez

Tradução  
Alice Klesck

*Este livro é dedicado, com amor,  
às três pessoas mais importantes da minha vida:*

*Minha mãe, Loie Turner, uma mulher que reúne graça, beleza e  
compaixão. Eu te devo tanto... Mesmo quando estamos muito  
distantes, você está sempre em meu coração.*

*E meus filhos, Noah e Zachary Lentz, cujas jornadas estão  
apenas começando. Nosso caminho nem sempre é fácil, mas eu  
sei que isso nos fortalece. Espero que vocês aproveitem a  
sabedoria de Eleanor Roosevelt, que nos disse que precisamos  
fazer as coisas que achamos que não conseguimos. Vocês dois  
se tornaram homens incríveis. Sou uma mãe muito sortuda.*

“Mulheres são como saquinhos de chá:  
você nunca sabe o quanto elas são fortes,  
até colocá-las na água quente.”

— ELEANOR ROOSEVELT

## Capítulo 1

*E*ra uma manhã afegã de céu azul vibrante, do tipo que fazia Yazmina afrouxar sua echarpe e virar o rosto para o sol. Ela e a irmã caçula, Layla, voltavam da fonte, com os pés calejados acostumados às repetidas trilhas pela terra milenar. As conchinhas brilhantes que enfeitavam o vestido longo e preto de Yazmina tilintavam a cada passo. Ela olhou em direção aos picos nevados do norte e rezou para que esse inverno, *Inshallah*, se Deus quiser, não fosse tão ruim quanto o último, que tinha sido frio e impiedoso, matando as cabras, congelando a terra, destruindo qualquer chance de uma boa colheita de trigo, pois outro inverno como aquele certamente tornaria real a ameaça de fome.

Seu segredo, que ela trazia na barriga e só poderia esconder por mais um ou dois meses, causava-lhe náusea. Ela tropeçou numa pedra com o corpo hesitante e enfraquecido, por estar se esforçando por dois. Quase derramou a água de seu *kuza*, o cântaro de barro que carregava no ombro.

— Yazmina, cuidado! Você está andando como um burro de três patas — disse Layla, esforçando-se com seu próprio *kuza*. Ele era quase maior que ela. Layla estivera animada durante a manhã inteira. Ela era jovem demais para estar coberta com um *chaderi*, como o que Yazmina estava vestindo, e seus cabelos escuros brilhavam sob a luz do sol.

Quando chegaram à casa do tio, cuidadosamente colocaram os *kuza* na cozinha e voltaram à casa principal. Uma estranha caminhonete preta de vidro fumê estava estacionada lá fora e Layla foi correndo em direção a ela, soltando um gritinho de alegria.

— Olhe, Yazmina! Olhe o *landawar!* — gritou Layla. — É maior que a nossa casa!

Yazmina sabia que ninguém em Nuristão tinha como pagar por um carro desses. Ele só podia ter vindo da cidade, e nunca vinha nada bom da cidade. Um carro assim trazia um chefe da guerrilha ou um chefe do tráfico. Quando carros como esse vieram antes, garotas sumiram.

Yazmina tentou rir com Layla, mas seu coração se apertou. Gotas de suor se formaram em sua sobrancelha e a náusea voltou, embora dessa vez tivesse mais a ver com seu temor do que com o bebê que crescia dentro dela. Ela ficou junto à porta do salão principal, onde seu tio conversava com um homem mais velho de dentes marrons, que trajava um *shalwaar kameez* bege, vestido tradicional. Seu tio parecia estar em pânico. Ele tirou do bolso uma bolsinha de pano com dinheiro e ofereceu ao homem.

— Isso é *bakasheesh*, dinheiro de mendigo — disse o homem, debochando, batendo na mão do seu tio e fazendo a bolsa cair no chão.

Ela não entendia o que mais estava sendo dito, mas podia escutar seu próprio batimento cardíaco e imaginou ouvir o tio implorar clemência. Yazmina se encostou na parede, soltando o ar que vinha prendendo. Não podia condená-lo pelo que ele tinha feito. Depois do inverno rigoroso do ano passado, ele mal conseguia prover alimento para todos. Mas quando o marido de Yazmina foi morto, três meses antes, marido que ela conhecia desde criança e com quem se casou aos quatorze anos, ela e Layla não tinham mais lugar para onde ir. Foi a tradição que obrigou seu tio a acolhê-las e pegar dinheiro emprestado desses bandidos. Ela sabia o que vinha pela frente. Ele não conseguiria protegê-la, já que não conseguira pagar a dívida.

— Leve minhas cabras! — seu tio gritava. — Fique com minha casa! — implorava ele, caindo de joelhos. — Só não leve Yazmina, é como se eu a estivesse vendendo. Você venderia seus olhos? Venderia seu coração? — Ele parou um minuto para recuperar o fôlego e pensar. — Além disso — prosseguiu ele,

olhando para o alto, nos olhos frios do homem altivo acima dele –, minhas cabras valem mais no mercado do que ela. Ela já foi casada.

— Sim, ela não é mais uma menina — respondeu o homem. — A que devo levar é a menorzinha. — Ele se virou para Layla, que agora estava ao lado de Yazmina, e a perfurou com seus olhos negros.

O tio de Yazmina implorava:

— Não, *Haji* — dizia ele, usando o nome comum para esses homens. — Eu imploro. Ela ainda é muito pequena. Ainda é uma criança.

Yazmina sentiu a irmã pegar-lhe a mão e apertar com força.

— Se eu não receber o dinheiro que me deve por essa aqui, voltarei para levar a pequena depois que a neve derreter. Agora, vamos — ele ordenou a Yazmina.

Seu tio levantou e desviou o olhar para Yazmina, contraindo o maxilar forte, tentando não falar. Ele bateu a poeira dos joelhos e a acompanhou até o carro. Pediu que ela não se preocupasse, mas seu rosto revelava o que Yazmina já sabia em seu coração. Ela seria levada de seu lar em Nuristão, a sudeste das estradas perfiladas por ruínas, até Cabul, onde seria vendida por quem desse mais, para ser sua terceira, talvez quarta esposa, ou, pior, uma escrava, ou, pior ainda, seria forçada a ser prostituta.

Um jovem estranhamente alto para um afegão, de barba preta e olhos fundos estava junto à porta traseira do carro, segurando-a aberta para Yazmina. Havia outro homem no banco do motorista.

Yazmina queria lutar, chutar e gritar, mas sabia que resistir faria com que eles levassem Layla. Então ela perguntou:

— Posso pegar minhas coisas? Posso levar uma muda de roupa?

— Entre no carro! — o homem gritou para ela, empurrando seu ombro bruscamente.

Antes de entrar, ela se virou para o tio e o abraçou. Ele sussurrou em seu ouvido o poema que a mãe de Yazmina

recitava para ela quando bebê:

*A lua foi feita redonda, pela mão direita de Deus.  
A lua é feita crescente, por sua mão esquerda.  
Mas é o coração de Deus que faz meu amor por você durar eternamente.*

Ela recitou a última frase junto com ele com muita dificuldade, por estar engasgada, com a garganta fechada. Em seguida, Yazmina deu três beijos em Layla, cada um mais salgado que o outro por conta das lágrimas em seu rosto.

— Tenha uma vida abençoada, pequenina. Agora me mostre aquele seu sorriso, pois esse será meu presente de despedida — disse ela. Mas a menina menor começou a chorar, temendo nunca mais ver Yazmina, e sabendo que poderia ser a próxima. Do bolso, ela tirou as miçangas de oração e as colocou na mão de Yazmina, segurando apertado, com as duas mãozinhas, sem querer jamais soltar.

— Chega de despedidas — disse o homem de dentes marrons. — Entre no carro.

Yazmina rapidamente colocou as miçangas em seu bolso, pegou a bainha do vestido comprido e se sentou, puxando as pernas.

Layla saiu correndo de volta para o salão de cozinha.

— Espere... espere por mim! — ela gritou.

Yazmina sabia que ela ia pegar água para jogar no carro, uma tradição que garantia o regresso da pessoa que estava partindo. Mas Yazmina sabia que nunca mais voltaria. Ela então arrumou os ombros, forçando-se a olhar direto para a frente, e sentou ereta, enquanto o velho se acomodava no banco do passageiro, e o jovem se sentava ao seu lado, fechando a porta. O veículo foi embora deixando uma nuvem de poeira.

Quando Layla voltou com a água para jogar no carro, ele já havia partido. Era apenas um ponto negro na estrada, já longe, na descida do vale.

A casa de chá estava cheia de clientes habituais — desajustados, missionários e mercenários, afegãos e estrangeiros — e Sunny, como sempre, estava no balcão. Ela observava seu espaço, satisfeita com o negócio, o movimento, a *vida* que pulsava no salão. Esse era o seu lugar, ali, no meio da zona de guerra, num dos locais mais perigosos da Terra. Depois de uma vida de dificuldades e escolhas ruins, finalmente, aos trinta e oito anos de idade, ela havia encontrado um lar. Sunny era o coração da casa de chá e não pretendia partir nunca.

Cabul era o lugar perfeito para ela. Como tudo ali era muito dinâmico, qualquer coisa poderia acontecer. Cinco homens tinham acabado de entrar vestidos de preto, os óculos escuros Foster Grants escondendo seus olhos, metralhadoras penduradas nos ombros, armas presas às cinturas. Fazia tempo que ela não via homens tão bonitos. Em outro país, eles representariam problemas. Mas ali ela sabia que eles significavam cinco cafés e uma travessa de biscoitos.

— Oi, pessoal — disse ela com o leve sotaque sulista que não perdera, mesmo depois de todos esses anos. — Se quiserem um cardápio, precisam me dar as armas, como diz a placa — ela apontou na direção da porta, onde havia uma placa escrito: POR FAVOR, ENTREGUE SUAS ARMAS NA PORTA.

Com um forte sotaque do leste europeu, um dos homens começou a discutir, e todos os olhos do salão se voltaram para eles. Sunny abriu um grande sorriso e garantiu que as armas estariam seguras.

— Além disso — continuou ela —, com armas, nada de cardápio. Querem comer? Então, precisam entregá-las.

Relutantes eles entregaram as armas de fogo a Sunny, que as repassou ao balconista e seu braço direito, Bashir Hadi, para colocá-las na sala dos fundos, onde as armas ficavam guardadas junto com esfregões e vassouras. Eles tiraram as jaquetas de couro e cachecóis, e Sunny pendurou tudo no armário da frente.

Ela voltou para o lado de Bashir atrás do balcão.

— Tenho algumas coisas a fazer, volto assim que puder — falou, tirando o avental.

— Vou com você — disse ele, como sempre.

— Estou bem — respondeu ela, como de costume. Ela já sabia o que vinha a seguir.

— Não se esqueça de trancar suas portas. Mantenha as janelas fechadas. E prometa que não vai dirigir com a capota abaixada, pelo amor de Deus! Evite os bloqueios da estrada. Não pare, a menos que precise. Não vá por ruas paralelas, nem becos.

— Eu já pedi a Ahmet para pegar o carro na viela e trazer aqui para a frente.

— E eu sei que não preciso lembrá-la...

— Mas vai lembrar mesmo assim — Sunny sorriu.

— Não deveria estar dirigindo e não deveria andar sozinha. Ligue para mim quando chegar lá.

— Eu sempre ligo — e, por reflexo, ela pegou o celular pendurado em seu pescoço por uma cordinha vermelha. Já havia perdido muitos por deixá-los no balcão.

Hoje, Sunny tinha a missão de levar flores para a recém-eleita chefe do Ministério da Mulher. Embora elas já tivessem se conhecido na casa de chá, uma visita formal iria assegurar um relacionamento importante, necessário para uma mulher com um negócio em Cabul. Sunny colocou um casaco e pegou um chador, de um gancho atrás do balcão, e cobriu com ele seus cabelos compridos, castanhos e ondulados, cuidadosamente embrulhando o tecido de seda ao redor do pescoço e dos ombros, fingindo ser uma estola chique que usava por opção própria.

— *Salaam aleikum*, a paz de Deus esteja com você — ela disse a Ahmet, o *chokidor*, segurança da casa de chá, ao passar pela porta da frente, que ele segurava aberta para ela. — Fique de olho nesse pessoal aí dentro, está bem?

— *Wa aleikum as-salaam*, esteja ela com você também — respondeu Ahmet. Ele era pequeno, como a maioria dos homens afegãos; a metralhadora que carregava no ombro

provavelmente era mais pesada que ele, o que o fazia parecer um soldado de brinquedo, principalmente por seus cabelos alisados para trás, com gel, parecendo um capacete em sua cabeça.

Sunny sorriu, agora entendendo onde tinha ido parar o gel que guardava no banheiro do café. Ela falou, em *dari*, as gentilezas habituais: como vai você, Ahmet? E sua irmã, na Alemanha? E cada um de seus parentes vivos? Depois perguntou sobre a saúde de todos. Em Cabul, era grosseiro agir de outro modo. Ahmet era seriamente tradicionalista e seguir as regras, tanto as não ditas quanto as do Alcorão, era importante para ele. Ele tinha ganhado seu respeito. E já fizera sua segurança e de seus clientes tantas vezes que ela nem poderia contar.

Ele lhe fez as mesmas perguntas e alguns minutos depois ela estava livre para partir. Olhou para os dois lados da rua e diante de cada estabelecimento comercial havia um homem vestido igual a Ahmet, de óculos escuros, camisa e calça preta. Alguns tinham armas e facas ainda maiores. Ela riu consigo mesma. Esses *chokidors* estavam competindo uns com os outros, pensou ela, como faziam as garotas de colégio, em sua terra natal, com seus celulares, bolsas e joias. A diferença era que em Cabul os acessórios eram porretes, armas e punhais.

Sunny seguia pelas ruas estreitas e tumultuadas, em seu Mercedes movido a diesel, com mais confiança do que jamais tivera quando dirigia seu pequeno e confiável Toyota pelas ruas de sua cidade natal, Jonesboro, no Arkansas. Passando pelas barracas de figos e frutas, cabeças de bode, ovelhas gordas e especiarias, e tendas vendendo grãos, maçãs, melões do norte, ou tecidos coloridos da Índia e Paquistão, Sunny notou os aglomerados de homens discutindo, outros caminhando orgulhosamente seguidos por mulheres em suas burcas azul-celeste. A disparidade entre a vida dos homens e das mulheres era algo com o que ela jamais se acostumaria. Ela baixou o vidro para ouvir as crianças que corriam atrás do carro.

— Ei, moço, precisa de um guarda-costas? — gritou uma delas.

Os aromas de esterco, suor, temperos e fumaça de diesel se misturavam em uma combinação inebriante que faziam Sunny se lembrar por que amava Cabul e decidira ficar.

Ela estacionou perto da Chicken Street. Ali, uma tenda após a outra de *souvenirs* afegãos, que ela adorava, se estendiam por dois quarteirões inteiros: tapetes feitos à mão, *pashminas*, turbantes, roupas, joias, caixas e cintos de um tom extraordinário e nativo de azul, e os móveis entalhados de Nuristão. Hoje, estava tudo excepcionalmente quieto. Os donos das lojas erguiam a cabeça e sorriam avidamente, torcendo por uma venda, conforme Sunny passava. Ela era uma das poucas estrangeiras que não temiam fazer compras ali desde que o local havia sido alvo de bombardeios suicidas. Todos em Cabul foram afetados pelas explosões, incluindo Sunny. Mas ir às compras fazia com que ela sentisse que sua vida tinha alguma normalidade. Ela podia escolher, permutar e trocar moedas por produtos como se fosse uma pessoa simples e Cabul fosse um lugar comum.

Na interseção da Chicken Street com a Flower Street, o leste cruzava com o oeste, com importadoras de câmeras e eletrônicos do Paquistão e da China, sucos (a maioria havia expirado em 1989) do Uzbequistão, vídeos piratas, cartões-postais, batatas fritas, água italiana engarrafada, queijo da Áustria. Ali também ficava Behzad, única livraria do país onde se falava inglês, onde ela e suas amigas compravam livros e discutiam como se fossem especialistas no programa da Oprah, e a loja ao lado era onde compravam seus DVDs.

Na própria Flower Street, ela perdeu o fôlego. Em meio aos destroços e pedras, ao lado de um esgoto aberto, estavam as rosas. Cor-de-rosa e pêssego, vermelhas, brancas e amarelas, rosas por todo lado, em todas as tendas, todas as lojas, o orgulho de Cabul, gloriosas, afirmando a vida. A esperança brotava em Sunny a cada balde de flores pelo qual passava. Alguns baldes tinham flores plásticas baratas de Taiwan que os

afegãos usavam para enfeitar suas casas, como se as rosas de verdade não fossem boas o suficiente por serem afegãs. Sunny escolheu dois buquês de rosas champanhe frescas e levou com ela, aninhados em seu braço.

Ela deu um passo em direção ao carro, de volta pelo caminho que viera, mas parou. Sentiu o frescor no ar com seu toque de inverno, e pôde ver o hospital mais adiante na rua. O Ministério das Mulheres ficava logo ao lado, mas ela até podia ouvir os alertas de Bashir Hadi quanto aos perigos de uma mulher caminhando sozinha em Cabul. Há três anos, era seguro caminhar, mas hoje, com o talibã e o pensamento fundamentalista novamente ganhando terreno em Cabul, não era. Ela estava cortejando sequestradores, era o que Bashir dizia repetidamente, estava correndo o risco de levar um tiro. Ele dizia para ir de carro, e se tivesse que caminhar, que se mantivesse de cabeça baixa, sem falar com ninguém, a menos que falassem com ela; que nunca seguisse pelo mesmo caminho duas vezes, que fizesse isso, nunca aquilo, e tudo isso a deixava farta. Ela respeitava os costumes desse país; sabia, por exemplo, que sempre deveria cobrir a cabeça e os braços, mas também respeitava a si mesma, e, às vezes, ela simplesmente precisava caminhar.

E foi o que fez. Ela chegou ao ministério em segurança e com suas rosas na mão. O prédio cinzento e sombrio lembrava o hospital em que sua mãe morrera, exceto pela camada de pó que cobria tudo em Cabul. Quando chegou à sala de espera do ministério, encontrou uma jovem vestida de véu azul atrás de uma escrivaninha metálica. No instante em que viu Sunny, ela desligou a tela de seu computador. Pela expressão de seus olhos, Sunny sabia que ela estava na internet, provavelmente papeando com alguém, a única forma que um menino e uma menina tinham de conversar livremente em Cabul. A moça lhe disse para se sentar, e da cadeira barata de veludo Sunny pode facilmente ver o escritório da ministra, um espaço opulento, coberto de tapeçarias vermelhas e perfilado de sofás. No meio da sala, havia uma jovem com roupas nativas de sua tribo,

aparentemente pedindo para ser assistente da ministra, enquanto ela própria estava sentada em sua mesa, falando ao telefone. Sunny não pode deixar de ouvir. Embora seu *dari* fosse mediano, na melhor das hipóteses, ela compreendeu o suficiente para captar a essência da história da menina.

Yazmina olhava direto para a frente, temendo adormecer durante a longa jornada, temendo olhar pela janela do carro a paisagem da terra em movimento, temendo o que o homem ao seu lado poderia fazer, mesmo antes de chegar a Cabul. Ela havia perdido a noção do tempo. Teriam se passado dois dias? Ou três? Seu destino não lhe pertencia. Primeiro, foram seus pais, assassinados anos antes pelo talibã. Depois, seu marido, morto três meses atrás, por uma mina terrestre, quando passeava no campo com suas cabras. Agora, o que aconteceria quando seu "dono" descobrisse a vida dentro dela? Ela sabia a resposta: ele bateria nela ou talvez faria coisa pior. Seria impossível fingir que o novo marido era o pai. Sua barriga já estava redonda; ela só podia contar com o pano pesado de seu vestido para impedir que fosse revelada.

O homem ao seu lado subitamente se mexeu, fazendo-a dar um pulo. Ele riu e passou o braço ao redor dela. Ela sabia o que ele estava pensando: ela já não era uma menina e ele podia tomá-la sexualmente, sem que seu novo dono jamais descobrisse. Ela se afastou, com o coração disparado, e percebeu que eles deviam ter entrado na periferia de Cabul. O muro ao longo da estrada estava perfurado de balas e havia pôsteres da Coca-Cola e de campanhas pelo parlamento. O homem pôs a mão em sua perna. Ela gritou e ele colocou a mão sobre sua boca. Ela continuou olhando para o lado, notando o azul do céu enquanto ele levava a mão ao seu seio, depois desceu até a barriga, em direção às suas pernas. E então ele parou.

— O que é isso? — ele gritou. — O que você fez, sua puta? — o rosto dele estava tão perto que Yazmina sentia seu hálito.

Yazmina viu os olhos do motorista sobre ela, pelo espelho retrovisor.

— O que foi? — rugiu ele.

— Essa piranha está grávida — disse o mais jovem, com aversão, sem tirar os olhos de Yazmina. Ele cuspiu nela, depois a esbofeteou.

Yazmina olhou para baixo, as lágrimas brotando, seu rosto inchando, o nariz sangrando. Ela pousou a mão protetora na barriga.

O carro parou de repente, lançando poeira diante das janelas.

— Ela não tem valor nenhum — disse o velho. — Livre-se dela.

O homem ao lado de Yazmina puxou uma faca da cinta, mas o velho disse:

— Não, nada de sangue no carro. Jogue-a para fora — e virou-se para Yazmina. — Sua piranha imbecil. Eu deveria cortar o pescoço de seu tio por me roubar. E depois pegar sua irmãzinha. Ela, sim, uma pequena virgem, valeria alguma coisa.

Yazmina se esforçou para abrir a porta do carro e sair, mas sentiu um soco forte nas costas, jogando-a no chão. Ela sentia o gosto de sangue na boca, a poeira nos olhos. Sentiu um chute nas costelas, algo duro e pesado batendo em sua cabeça, seu rosto empurrado no chão, depois ouviu o carro saindo em alta velocidade e tudo ficou preto.

O nome da menina era Yazmina, segundo ela disse à assistente, e ela era de Nuristão, que Sunny sabia ser uma região ao norte, fazendo fronteira com a borda oeste do Paquistão. Diziam que as pessoas de lá estavam entre as mais belas de todo o Afeganistão e eram descendentes diretas de Alexandre, o Grande. Jack tinha trabalhado lá, por um tempo, e Sunny se lembrava de ouvi-lo dizer que a área era originalmente chamada Kafiristão — *kafir* significando

“descrente”, ou “infiel”, e *stan* significando “terra de”. Cem anos antes, as pessoas foram forçadas pelos mulçumanos a se converterem ao islã e o nome da área foi mudado para Nuristão, terra da luz. Em sua casa de chá, Sunny tinha ouvido, mais de uma vez, um afegão insultando outro, ao chamá-lo de *kafir*.

Ela ficou ouvindo Yazmina explicar como uma velha mendiga ajudara-lhe a levantar, caminhando com ela até a periferia de Cabul, deixando-a na delegacia de polícia. Eles relutaram quanto ao que fazer com a jovem, cujo sangue pingava do rosto, manchando seu *chaderi*. Deveriam acompanhá-la ao hospital e correr o risco de levarem a culpa por seu estado? Ela estava envergonhada demais para contar o que havia acontecido, e eles, por outro lado, constrangidos e desconfortáveis por suas lágrimas. Problemas de mulheres eram conduzidos dentro da família, não no meio de uma rua movimentada. Então eles a deixaram no Ministério da Mulher, onde alguém cuidaria dela.

Desta vez, as lágrimas que seus olhos derramavam eram de gratidão. A assistente a observava por cima do ombro da ministra, que parecia estar terminando a ligação e sussurrou para Yazmina, dizendo que ela podia dormir na antiga Escola de Beleza de Cabul, agora um alojamento, até que elas pudessem encontrar uma família que a acolhesse, talvez como faxineira.

Outra mulher poderia ter reagido pousando a mão no peito, ou enlaçando as mãos, de preocupação e gratidão. Essa jovem reagiu de forma reflexiva, impulsiva, delatando-se, pensou Sunny. Ela pôs a mão aberta sobre a barriga e Sunny entendeu que ela estava protegendo o local: ela estava grávida. Então foi por isso que havia sido jogada do carro. Ela havia omitido esse detalhe quando contou sua história, e se a assistente da ministra tinha percebido, não deixou transparecer.

A ministra desligou o telefone e levantou de sua cadeira, contornando a mesa e dizendo:

— Somente uma ou duas noites, Alaya, não até que ela encontre uma família. Há regras. Nós não administramos um hotel para fugitivas.

— Mas — disse Alaya — ela não tem para onde ir. Você sabe o que vai acontecer.

Sunny entendeu o que estava sendo dito: que se Yazmina fosse mandada de volta à sua família, isso significaria a morte, e se não fosse, ela provavelmente acabaria como uma mendiga ou prostituta. E Sunny sabia que quando sua gravidez ficasse óbvia demais para esconder, o bebê certamente morreria e ela provavelmente seria morta também.

— Há regras — disse a ministra, de maneira arrogante. — Além disso, quem sabe se ela está contando a verdade. — Ela olhou para Yazmina com desdém, provavelmente pensando o que todos pensavam de garotas assim em Cabul: que era culpa delas terem sido expulsas de casa, que tinham arranjado um amante, se recusado a fazer sexo com os maridos ou tinham feito algo para merecer esse tratamento. — Duas noites. É isso. E assegure-se de providenciar toda a papelada, Alaya.

A moça ferida agradeceu à ministra, beijando seu rosto esquerdo, depois o direito, depois novamente o esquerdo, conforme o costume.

— Venha, eu vou lhe mostrar o caminho — disse Alaya.

Ao ser conduzida para fora, Yazmina deu uma olhada para Sunny, mas rapidamente desviou. Naquele momento, Sunny foi arrebatada pela expressão desafiadora em seus incríveis olhos verdes, mostrando que, mesmo depois de tudo o que lhe acontecera, essa mulher tinha orgulho de si.

Sunny demonstrou seu respeito à ministra da melhor forma que pôde. Teria dito à ministra onde ela podia enfiar sua postura burocrática, mas estava com a cabeça na moça desesperada e em seus olhos assombrados.

Naquela noite, sozinha na cama, Sunny não conseguiu dormir. Ela não conseguia afastar a imagem daquela mulher trancada no carro com bandidos. Não conseguia suportar a ideia do que poderia acontecer com ela e seu bebê quando ele nascesse.

*Merda*, pensou ela. Essa era a última coisa que ela precisava, a última coisa que a casa de chá e seus clientes aturariam, um recém-nascido chorando o tempo todo. Porém, bem cedo, naquela manhã, ela voltou ao Ministério da Mulher para perguntar sobre a jovem. Quando a encontrou no alojamento, Sunny ofereceu-lhe um quarto em sua casa, e trabalho na casa de chá. Somente então a jovem ergueu os olhos do chão e olhou diretamente para Sunny, dizendo, em *dari*:

— Obrigada, que Deus ilumine seu caminho —, e pousou a mão aberta na barriga.

## Capítulo 2

Yazmina acordou com o sol entrando pela janelinha e banhando de amarelo as paredes brancas. Ela se levantou de seu *toshak*, um colchonete macio usado para dormir, e das inúmeras almofadas que Sunny tinha dado, e que ela usava para se encostar durante o dia. Lá fora, um véu suave de neve cobria todas as superfícies, incluindo os galhos finos e frágeis da romãzeira, fazendo com que brilhassem sob o sol matinal. O inverno começara, mas em Cabul, que ficava perto do céu, aninhada num vale de montanhas altas, a neve era leve. Ela fechou os olhos e se imaginou de volta com Layla, na primavera, indo buscar água na fonte com as cabras balindo na colina distante. Através da janela, o sol parecia quente, mas sua preocupação com a irmã lhe dava calafrios. O pensamento que a acalmava um pouco era que se Layla ainda estivesse em casa, segura, sem ter sido roubada pelos homens que levaram Yazmina, a neve já estaria profunda nas montanhas, impedindo que qualquer um entrasse ou saísse da cidade até a primavera. A neve, que lhes tirava o contato com os comerciantes durante os invernos, motivo pelo qual eles tinham que se preparar com bastante antecedência para o frio rigoroso e rezar para terem comida, água e lenha suficientes para mantê-los, e também os animais, agora proveria proteção. Yazmina rezava por um inverno bem rigoroso, para que ela tivesse tempo de fazer um plano para chegar a Layla depois que o sol estivesse quente e os leitos do rio Alingar tivessem transbordado.

Pela luz, ela sabia que tinha dormido ao longo do *adhaan* da alvorada, o chamado para a prece, e se perguntou se os *muezzins* teriam perdido a voz. O chamado era tão alto que cada vez que ela ouvia, e já ouvira cinco vezes desde sua

chegada a Cabul, ela quase morria de susto. Ela não estava acostumada às vozes amplificadas que vinham da torre mais alta da mesquita, preenchendo o ar. O som era descompassado, não entoado como um coro, mas como vozes no céu, competindo com os falcões que mergulhavam sobre os rebanhos de cabras, em sua terra natal. Ela ergueu as sobrancelhas e suspirou. Talvez com o tempo ela ficasse mais confortável ali. Ou tão confortável quanto possível, por estar tão longe de casa e nunca ter estado num lugar tão estranho.

Lavou o rosto na bacia que ficava sobre o armário para suas roupas. Ela tinha sido convidada a usar o banheiro no fim do corredor, mas não conseguiu fazê-lo por não saber com quem poderia se deparar. Água encanada era algo aparentemente desnecessário, de qualquer forma. Pegar água na fonte e usar no sanitário externo estava bom para ela. Mas aquele chuveiro, nossa, aquilo, sim, era uma beleza!

Ela pegou uma escova no armário e soltou sua trança, tão grossa e comprida quanto o mato que crescia no leito do rio, em sua cidade. Sacudiu a cabeça para que os cabelos se soltassem, depois escovou devagar, cuidadosamente, tratando cada centímetro como se guardasse uma história. Uma escovada, depois outra, até que finalmente estava macio e sedoso, como o pijama com que ela dormira. Era diferente dos pijamas que usava em casa, e que ela mesma fazia. A costura era regular demais, perfeita demais para ter sido feita pelas mãos de uma jovem. Obviamente, tinha sido feito à máquina, como tudo em Cabul.

Quando Sunny lhe mostrara o quarto, ela tinha ficado particularmente orgulhosa do espelho inteiro emoldurado com madeira escura brilhante, apoiado em quatro pés. Yazmina achou que isso era uma vaidade e o virou assim que Sunny saiu, mas hoje ela o virou de frente. Ela pousou as mãos na barriga, onde a vida crescia a cada dia, e olhou para si mesma. Ela puxou a roupa de dormir por cima da cabeça, tirou a roupa íntima e lá estava seu corpo, que ela estava vendo despido pela primeira vez em sua vida. Ela era esguia, suas pernas

eram longas e magras, sua perna direita ainda estava arranhada do joelho até a coxa, resultado de quando foi jogada na estrada cheia de pedrinhas, empurrada para fora do carro. Seus braços eram finos, porém musculosos por causa das tarefas diárias, e ainda estavam roxos pela pegada bruta de mãos fortes. Ela olhou os seios que estavam maiores do que o habitual por conta de seu estado, mas nada caídos como os de Halajan, a velha intrometida que morava na casa ao lado da casa de chá e tinha opinião a respeito de tudo. Yazmina achava que aquela mulher tinha sido enviada por Deus em pessoa para testar sua paciência. Não, os seios de Yazmina ainda eram “reluzentes e redondos como a lua da meia-noite”, como Najam costumava lhe dizer. Ela entristeceu ao se lembrar do rosto do marido, dos beijos e do toque dele. Nunca mais sentiria uma ternura assim.

Mas ela tinha seu bebê. Virou de lado para olhar a barriga e afagou-a com as duas mãos. Respirou fundo, como se o ar pudesse dar tudo o que ela e o bebê precisassem para florescer. Esse será *meu* bebê, pensou ela, meu Najam, ou, se for menina, *Inshallah*, Deus queira, Najama (pois Yazmina estava convencida de que era menina, talvez pelo desejo de Najam de ter muitos filhos, um ou dois meninos, claro, mas também uma filha, que teria a mesma luz de Yazmina nos olhos). O bebê não teria apenas o nome do pai, seria também uma estrela brilhante no céu noturno, como dizia seu nome. A semente de Najam era parte dela, que ela louvaria e morreria tentando proteger. Agora, com tudo que havia acontecido, só Deus poderia ter certeza de que o bebê viveria e nasceria saudável.

Mas ela tinha que ser muito cuidadosa para manter esse bebê escondido de todos os olhos, até que não pudesse esconder mais. E se a senhorita Sunny descobrisse?, pensou. Ela seria expulsa da casa de chá e iria para a rua. Se aquele *chokidor*, Ahmet, suspeitasse que ela estava esperando uma criança, aqueles seus olhos castanhos sérios ficariam negros de aversão e ódio. Até Bashir Hadi, o homem mais gentil que ela

já conhecera, depois de Najam, ficaria envergonhado de seu estado. Segundo as rígidas leis silenciosas, se não houvesse um marido presente, então a identidade do pai era incerta, e qualquer um era suspeito. Ela precisava fazer o que fosse necessário para manter seu corpo coberto. Talvez, na época em que o bebê viesse ao mundo, algum milagre acontecesse para permitir que ela criasse seu filho sem nenhum perigo para ambos.

O sol tinha se erguido mais um pouco e Yazmina sabia que estava na hora de ir para a casa de chá. O pessoal da manhã já estaria sentado com seus respectivos jornais e computadores, conversando em *dari* e inglês, francês e árabe, sobre muitas coisas. Algumas palavras ela reconhecia, independente da língua, como "presidente Karzai" e algumas que Bashir Hadi lhe explicara, como "Natal", um feriado que estava chegando em breve. A cozinha ficaria movimentada, o café estaria ruidoso, e ela teria que arrumar as mesas e limpá-las, lavar a louça e varrer o chão. Ela se vestiu rapidamente, primeiro colocando uma calça branca e fina com renda embaixo, depois uma saia longa por cima, tudo que Sunny tinha lhe comprado. O tecido arranhava, como se tivesse sido feito com crina de cavalo. Ela enfiou os pés nas sapatilhas plásticas cor-de-rosa enfeitadas de flores azuis e amarelas, e cobriu a cabeça e o rosto, abaixo dos olhos, com o lindo *chaderi* lilás que a assistente do Ministério da Mulher lhe dera.

Antes de deixar o quarto, foi até a mesinha ao lado de seu *toshak*, seu local de dormir. Era toda entalhada em madeira escura de Nuristão, sua cidade e tinha um lindo paninho colorido por cima, para protegê-la. Sobre o paninho, uma caixa de latão que Sunny lhe dera para coisas preciosas que Yazmina pudesse ir juntando, como se Sunny soubesse o que Yazmina trazia consigo.

Ela abriu a caixa, tirou as miçangas de prece de Layla, bolinhas esculpidas em madeira e ouro num fio vermelho, e beijou-as, segurando nas mãos, sussurrando o poema da mãe:

— Mas é o coração de Deus, Layla, que faz meu amor por você durar eternamente.

## Capítulo 3

*H*omens vestidos com roupas ocidentais, ternos com gravatas e *jeans* com jaquetas, assim como *shalwaar kameezes* e turbantes, estavam em pé na porta, aguardando enquanto outros recostavam-se junto ao balcão, bebericando expressos nas pequenas belas xícaras coloridas. As mesas estavam cheias; as cadeiras de madeira escura abrigavam homens conversando, lendo jornal e comendo ovos com batatas fritas. Bashir Hadi estava atrás do balcão fazendo seus famosos cafés, enquanto Halajan virava panquecas na grelha e Yazmina enchia frascos de xarope de bordo e limpava as mesas. O rebuliço, o cheiro de café e gordura, de *bacon* e pão, as paredes de cores vivas, o tecido pendendo em cada mesa, o calor e a cor do café, tudo conspirava para encher Sunny de anseio. O que deveria lhe dar grande satisfação, o fato de que esse local era dela, somente dela, que tinha cuidado de cada detalhe, desde as paredes ocre, alaranjadas, verdes e violetas, até a reluzente máquina de café expresso, de seu gerador precioso que mantinha a eletricidade funcionando, mesmo quando Cabul ficava sem luz, até o *bukhari* que mantinha o local aquecido, mesmo num dia frio como esse, também fazia com que ela sentisse falta do que mais queria.

Um dia, em breve, quando ela menos esperasse, imaginava que Tommy entraria pela porta. Ela estaria como estava agora, recostada no balcão, tagarelado com Bashir Hadi, falando algo sobre os clientes malucos ou sobre quando seria a entrega de carne, e ela ouviria a porta abrir e veria Bashir olhando por cima de seu ombro e depois olhando para ela, depois ouviria a porta bater e ela teria a sensação. Ela simplesmente saberia. Viraria e lá estaria ele, com o seu “megassorriso”.

Deu uma fungada, torcendo para que ninguém tivesse ouvido. Claro que ele não chegaria tão cedo, pois só tinha ido há dois meses. Suas missões levavam três, às vezes quatro meses, e depois ele voltava para casa pelo mesmo tempo, no máximo. Tommy, seu tolo, ela queria repreendê-lo quando sentia sua falta com tanta intensidade. Como pode ficar tanto tempo longe de mim? Pelo quê? Uma aventura? A emoção? O dinheiro? Eles tinham vindo para Cabul, cinco anos atrás, em busca de uma vida juntos, longe de sua cidade caipira de "Lugarnenhum", na América. Lá, eles eram escória. Aqui, eram a realeza. E então Tommy conseguiu um trabalho com contrato, ao sul, primeiro prestando serviços de segurança para uma ONG, depois treinando militares afegãos, e finalmente tornando-se um franco-atirador. Ele vinha ganhando mais dinheiro do que jamais imaginou ganhar durante uma vida inteira e, por isso, ficava fora por longos períodos de tempo. Às vezes, ele ligava dizendo que teria o fim de semana de folga e os dois voavam até Dubai, o que era surpreendentemente fácil e valia cada centavo para uma escapada romântica furtiva num hotel arranha-céu. Mas geralmente eram longos os períodos de espera. Ela tentava viver sua vida fingindo que era independente e forte, quando era apenas uma mulher passando a vida a esperar. Por um homem. Então, quem era a verdadeira tola, ela se perguntava desgostosa, limpando as mãos no avental. *Você, Sunny Tedder, você.*

Ela colocou as duas mãos no balcão e endireitou os braços. Chega de ficar com pena de si mesma. Tinha sorte de ter encontrado o amor, de ter conhecido o que é o amor. Ela podia até ter um flerte, se quisesse. (Tommy e ela tinham um pacto: faça o que quiser, com quem quiser, em seu tempo livre, apenas não fale a respeito, e nunca, jamais se envolva emocionalmente.) Ela tinha sorte de ter a casa de chá e viver nesse lugar extraordinário.

Os ganhos de Tommy, que eles dividiam no início, tinham possibilitado que ela pagasse os seis primeiros meses de aluguel da casa de chá, mas seu trabalho duro o transformara

no sucesso que era. Ela sabia que o dinheiro dele era ganho matando, que ele se tornara um atirador, um mercenário lutando contra o talibã, no sul. Mas ela achava que era por uma boa causa. Ele estava matando os bandidos. Às vezes, tinha a impressão de que a vida em Cabul era como no Velho Oeste, onde os bandidos eram malvados e os mocinhos eram bonzinhos, onde as regras eram tão efêmeras quanto a paz. Ela deu um suspiro, tirou uma fivela do bolso do avental e prendeu os cabelos num coque. A vida deveria ser fácil como antigamente, tão fácil quanto prender os cabelos, pensou ela. Você ama, morre e, no meio-tempo, vive da melhor forma que pode.

— Sonhando acordada de novo, srta. Sunny? — perguntou Halajan. — Enquanto isso, os lobos comem suas cabras.

Halajan era cheia da velha sabedoria afegã, independente de Sunny querê-la ou não.

Sunny olhou para a idosa dona do prédio e mãe de Ahmet, com seus seios longos e pendurados até a cintura sem o apoio de um sutiã, suas roupas que pareciam trapos e seu rosto aberto, e respondeu:

— Eu não tenho cabras.

— Então eles comem *você* — disse Halajan, saindo de trás do balcão e caminhando em direção à porta dos fundos. — Vou fazer um intervalo agora.

— Aproveite seu fumo — disse Sunny.

Halajan virou e sorriu para ela.

— Pode apostar — disse ela, em inglês.

Sunny riu. Halajan era a única mulher afegã que Sunny conhecia que falava assim, bebia e fumava, um vestígio de sua vida antes da época do talibã. Sunny até podia imaginar como ela se sentia ao ouvir os boatos de que eles estavam voltando.

Uma mesa de clientes habituais chamou Sunny, mas eles eram um pé no saco e ela caminhou propositalmente devagar para pegar o pedido. Um queria os ovos pouco mexidos, mas não tão pouco. Outro queria o bolinho de batata bem crocante, mas não queimado, como da última vez. E outro estava

aborrecido porque o pão ainda não tinha chegado. Sunny revirou os olhos e pensou *hoje será um longo dia*.

Ela levou o pedido até Bashir Hadi:

— Crocante, mas não muito, está bem? E fique de olho nesses ovos.

Ele sorriu e disse:

— O cliente tem sempre razão. Não é essa a grande sabedoria americana?

Sunny deu um sorrisinho malicioso e pegou o *cappuccino* no balcão, levando até a mesa que pedira. Ali, um homem ocidental, vestindo uma tradicional *shalwaar kameez*, estava lendo o jornal matinal de Cabul, em *dari*.

— E quanto ao senhor? Vai comer ou apenas ocupar espaço?

O homem ergueu os olhos do jornal e olhou para ela, com olhos azuis gélidos. Ele era arrebatador, o rosto mostrava as marcas de uma vida dura, os cabelos começavam a ficar grisalhos, o pescoço e a cintura traziam quilos a mais, no entanto, suas mãos fortes eram quase graciosas ao dobrar o jornal e pousá-lo sobre a mesa. Ele fazia Sunny se lembrar de astros de cinema dos anos quarenta, os tipos rudes, não bonito demais, mas o suficiente, com algo especial por dentro.

— Estamos num mau dia, senhora?

Ele também falava como um homem dos anos quarenta.

— E então? Vai fazer o pedido? — Sunny respondeu.

— Então é assim que vai ser? Estritamente profissional?

— E, por favor, não me chame de senhora. Senhora é para damas velhas. Eu deixei a América por causa desse tipo de tratamento.

— Hmm, é mesmo? — ele colocou os óculos de leitura, olhou o cardápio e continuou. — Ovi dizer que teve de partir. Que estavam em sua captura — disse ele, provocando.

Sunny ignorou-o.

— Vou querer uma omelete com três ovos e queijo, não muito mole, com os bolinhos de batata, mas pode ver para que fiquem bem passados, dessa vez? Eu gosto deles crocantes. E um pouco daquele bom pão francês que você tem. — Ele parou

para pensar. — Me corrija se eu estiver errado, mas creio estar sentindo cheiro de *bacon*. Como consegue *bacon*?

— Tenho meus meios, mas não tem pão francês. O bom e velho pão achatado afegão é o que estamos oferecendo esta manhã.

Ele ficou pensando por um momento.

Sunny esperava, com a mão no quadril, com um ligeiro sorriso se formando nos cantos de sua boca.

— Não tem pão francês, hein? — disse ele. — Certo, eu dispenso o pão, mas, já que estou comendo sozinho e não irei ofender meus amigos afegãos, vou querer um pouco de *bacon*. E manga também. Gosto do jeito que você serve manga.

— Mais alguma coisa, senhor? — ela mudou o peso do corpo de um pé para o outro.

— Outro *cappuccino* — ele tomou o último gole da xícara e limpou a espuma do lábio superior com as costas da mão.

— Temos uma coisa chamada “guardanapo” para esse propósito — disse Sunny.

— Mas aí eu não a deixaria injuriada, não é? — respondeu ele, enrugando os cantos dos olhos azuis. Ele pegou o guardanapo no colo e limpou delicadamente a boca, com uma expressão confusa no rosto rude.

Sunny não pode evitar sorrir, ao virar de volta para o balcão:

— Jack quer o de sempre — gritou para Bashir Hadi. — Fique atento, porque eu voltarei — ela disse a Jack, enquanto ele pegava seu jornal.

Ela ficava surpresa com quanto a presença dele melhorava seu humor. Ele ficara fora por mais de um mês. Seu trabalho como consultor de desenvolvimento rural frequentemente o levava às partes remotas do país, onde ele trabalhava com engenheiros e empreiteiros para trazer irrigação, estradas pavimentadas e eletricidade até as áreas pobres e afastadas. Ou algo assim. Há muito tempo, Sunny aprendeu que “consultor” era o rótulo usado em Cabul para qualquer um fazendo algo sobre o qual não podia falar. Jack não falava muito sobre a ONG que o contratara, nem sobre os detalhes de

seu emprego. Tudo que Sunny sabia, com certeza, era que ele era casado, tinha um filho no ensino médio nos EUA e gostava dos ovos bem passados. E que ele era engraçado e a fazia rir. O que ele estava fazendo ali, com a família fora, ela não tinha certeza. Exceto por talvez ser pelo mesmo motivo de 99,9% dos outros estrangeiros que estavam ali: ganhar dinheiro. No Afeganistão, um cara que ganhava quarenta, cinquenta mil dólares por ano nos EUA, conseguia ganhar dez vezes mais, apenas pelo "pagamento de periculosidade". Se você estiver disposto a morrer, pode ganhar um caminhão de dinheiro para viver.

*Tommy é prova disso*, pensou Sunny. O amor de sua vida, seu motivo para ter vindo para Cabul, sempre a deixava, por possibilidades mais lucrativas. E Sunny havia se adaptado à vida nessa cidade sozinha. "A vida acontece" era seu lema. Você se adapta ou está perdida.

Sunny pensou *veja a Yazmina*, que estava limpando uma mesa nos fundos do salão. Apenas algumas semanas antes, Sunny a trouxera para cá e apresentara-lhe à água encanada e à eletricidade. Quando acendeu a luz do quarto dela pela primeira vez, Yazmina levou um susto. Halajan teve de explicar o uso do sanitário, e Sunny sorriu ao lembrar da explicação grosseira. Mas quando Yazmina disse a Halajan que no lugar de onde ela vinha você nunca fazia seu negócio sujo embaixo do mesmo teto onde comia e dormia, Halajan se dobrou de rir. Quando ela mostrou o chuveiro a Yazmina, abrindo primeiro a torneira de água fria, depois a de água quente, o rosto da jovem se iluminou e ela colocou a mão no jato morno, sentindo a água cair em sua pele, vendo escorrer por seu braço. Ela parecia ter visto um milagre.

Yazmina estava completamente coberta com o *chaderi* lilás que vestira desde sua chegada. Certamente, não era tão bonito quanto o que Sunny a vira vestindo no Ministério da Mulher, com bordados à mão. Mas aquele tinha sido rasgado e estragado em seu calvário e ficava dobrado, escondido embaixo de seu travesseiro. Sunny o viu, numa manhã, quando

foi até o quarto de Yazmina lhe dar mais um cobertor, para as noites frias. Ela ficou maravilhada com o lindo trabalho no *chaderi*, e embora jamais fosse deixar que Yazmina soubesse que tinha visto, ela prometeu para si mesma que, em breve, levaria Yazmina para comprar uma ou duas *shalwaar kameez* feitas à mão. Algo alegre e bonito, para que ela se sentisse melhor ali, enquanto a família estava tão longe. Algo leve e confortável, para que ela crescesse, conforme sua gravidez avançasse. Ela não mencionara para Yazmina que sabia, evitando constrangê-la, mas estava chegando o dia em que teria de dizer, ao menos para levá-la ao médico, ajudá-la a se sentir mais confortável e se preparar para o dia em que o bebê nascesse.

— Yazmina — Sunny disse. — *Sob bakhaer*. Bom dia. Espero que você tenha dormido bem — disse ela, devagar, com seu *dari* hesitante. — Como está se sentindo hoje?

Yazmina ficou ali, nervosa, obviamente sem entender.

Sunny sacudiu a cabeça, frustrada. A comunicação entre elas era lenta, ainda tentavam encontrar as palavras em *dari* que tinham em comum.

Jack ergueu os olhos da mesa próxima e falou *waigili*, a língua do povo de Nuristão, com tanta fluência que podia ser um nativo:

— Não ligue para ela. Ela está se esforçando. Gostaria de saber como você está se sentindo hoje.

Yazmina sorriu e respondeu em sua língua

— Muito bem, obrigada, *tashakur* — depois assentiu e caminhou até o balcão.

Enquanto ela colocava um avental sobre seu *chaderi*, Bashir Hadi lustrava a cafeteira de cobre com suco de limão, da melhor forma que podia, para deixá-la brilhando como a lua numa noite de inverno, dizia ele.

A manhã passou voando. Depois que o último cliente saiu e Yazmina tinha varrido o chão e ido descansar em seu quarto, Bashir Hadi se aproximou de Sunny, que estava no balcão, com seu *laptop*.

— Podemos conversar, srta. Sunny? — perguntou Bashir Hadi. Bashir estava tão sério que a deixou preocupada.

— É claro — disse ela, fechando o computador e virando-se para ele.

Bashir puxou uma banqueta e sentou:

— Gosto do meu trabalho aqui e lhe agradeço pela oportunidade que me deu...

— Você não está indo embora, está? — Sunny interrompeu, com o coração na garganta. O que ela faria sem Bashir? Ela passara a contar tanto com ele.

— Não, não, não — disse ele, sacudindo a cabeça. — Mas estou preocupado. Sei que estava bem movimentado hoje, mas não estará nesta tarde, ou esta noite. Srta. Sunny, nós precisamos falar de dinheiro. A casa de chá está ficando para trás e...

— Nós sempre conseguimos, Bashir Hadi, não conseguimos?

— Mas, srta. Sunny, nós precisamos de mais dinheiro para manter a casa de chá, a senhorita e seus clientes em segurança. Sabe do que estou falando.

Ela suspirou e olhou pela janela, por cima do ombro dele. Sim, as explosões suicidas estavam aumentando e os sequestros também; sim, ela sabia. Ainda no mês passado, um jovem — na verdade, um menino, segundo os relatos — com explosivos presos ao corpo e um dispositivo improvisado, se explodiu, assim como tudo ao seu redor, a duas ruas de distância. O chão sacudiu e as janelas da frente foram estilhaçadas. Seis pessoas foram mortas. Todos disseram que foi muita sorte não ter sido mais.

Bashir Hadi continuou:

— Precisamos lidar com a questão da segurança. Precisamos de uma sala de segurança, um lugar onde os clientes possam se esconder, caso sejamos atacados. Precisamos colocar películas nas janelas para que não estilhacem, transformando-se em armas também. Tivemos sorte, da última vez. Mas e se a bomba tivesse sido um pouquinho mais perto? Precisamos fortalecer o local de todas as formas. Temos que parar de

guardar as armas no armário e, em vez disso, trancá-las num depósito, junto à entrada.

Sunny detestava como aquilo soava, como uma preparação para a batalha, mas ela tinha de encarar a verdade:

— Sim — disse ela —, mas eu não tenho como pagar.

— Tenho pensado nisso. E talvez haja uma forma — disse ele, erguendo as sobrancelhas, com um leve sorriso surgindo em seus lábios.

Ela olhou-o atentamente, esse homem adorável e de confiança, com seus olhos escuros enormes, seu rosto terno, seu porte franzino e roupas imaculadas. E, claro, seu trabalho duro já tinha salvado ela e sua casa de chá por incontáveis vezes. Além de administrar o local e lidar com os danos da explosão do mês passado, houve uma ocasião, no último inverno, quando um cano estourou. Teve outra, em que uma queda de luz desligou a máquina de café porque eles só tinham um gerador desgastado e recorriam à eletricidade municipal. E também a compra dos dois geradores que custaram um braço e uma perna. Ele mantinha o *bukhari*, o fogão a lenha, trabalhando ao longo do inverno. E lidava com a lama que entrava por cada fresta imaginável das paredes, a cada primavera, quando a neve derretia.

— Você vai me dizer, ou devo adivinhar? — perguntou Sunny, provocando.

Bashir Hadi enfiou a mão no bolso de sua *kameez* e tirou um recorte de jornal, caprichosamente dobrado.

— Olhe — disse ele. — Nós reconstruímos o muro. Então, teremos complacência da ONU e o pessoal da ONU virá. Teremos movimento.

Ele abriu a reportagem em cima do balcão. Sunny olhou. A ONU estava incentivando restaurantes, hotéis e albergues a construir seus muros segundo uma especificação de altura e profundidade para garantir a segurança dos empregados da ONU, depois a organização daria sanção ao uso. Isso poderia dobrar o movimento.

Sunny olhou para o quintal da frente, vendo o muro que protegia a casa de chá da rua. Ela podia ver o portão pintado de azul turquesa radiante, com a guarita de Ahmet, na frente. Ela se lembrou de sua chegada a Cabul, num táxi, passando pelas ruas muradas em ambos os lados, e lembrando-se das estradinhas estreitas por entre os milharais, em sua cidade. A grande diferença era que os muros eram predominantemente perfurados a bala, em vez de palha de milho. Eles separavam uma casa da outra e todas as casas da rua, dificultando que as pessoas encontrassem o local para onde iam, ou conhecessem seus vizinhos. Isolavam os residentes da cidade do perigo, mas os separavam da liberdade. Só que eles geralmente tinham só uns dois metros de altura, e para obter a sanção da ONU precisavam ter quatro metros.

— É como um daqueles... como vocês chamam? Um ciclo. Você precisa de mais dinheiro para deixar a casa de chá mais segura, então, constrói um muro melhor e depois recebe mais gente e ganha mais dinheiro.

— Só tem um problema — disse Sunny, pensando em sua conta bancária minguada. — Precisamos de dinheiro para construir o muro mais alto.

Bashir pousou o cotovelo no balcão e o queixo na mão.

— Então fazemos algo para trazer gente suficiente, para que possamos fazer o que é necessário para que venha mais gente.

— Hmm. Uma festa, talvez?

— Você quer dizer vender bebida? Não gosto disso. É perigoso demais.

Sunny sacudiu a cabeça:

— E eu não vim para Cabul para ser *bartender*. Essa foi a vida que eu deixei para trás.

— Então outra coisa. Vamos pensar. Mas precisamos fazer alguma coisa depressa. Algo para o Natal, talvez. Porque, antes que a gente perceba, será Páscoa e a casa de chá vai se estender para o lado de fora. Até lá tem de estar seguro.

Em seu primeiro ano em Cabul, Sunny instituiu algumas novas tradições na casa de chá. Uma era o Natal, quando ela

decorava com uma grande árvore plástica e ornamentos da Chicken Street, e a outra era a Páscoa, quando comemoravam, dando as boas-vindas à primavera, e Sunny abria o pátio externo, onde criava Shangri-la com jacinto e fúcsia, que subiam pelas tendas de laterais abertas que ela trouxera de Dubai. O Natal estava quase ali e a Páscoa era em apenas alguns meses.

— Faremos disso a nossa meta: segurança até a Páscoa.

Ele se curvou ligeiramente e disse:

— Até lá, nós podemos rezar pela segurança. Obrigada a Mohamed, pela Páscoa.

— Obrigada a Mohamed, pela Páscoa! — Sunny concordou.

E ambos sorriram.

## Capítulo 4

*H*alajan caminhou pelo corredor dos fundos até uma porta que conduzia ao quintal atrás da casa de chá, onde ela podia ter um pouco de privacidade e tirar sua echarpe quente, que pinicava. Essa era a única maneira de uma mulher fazer uma coisa tão atrevida em Cabul, hoje em dia, sem ser apedrejada. *Irc*, esses talibãs idiotas, pensou ela, conforme suas sandálias plásticas faziam “plact”, “plact” no chão de ladrilhos de mármore, uma das muitas melhorias que Sunny fez em sua casa. Que homenzinhos eles são, continuou, em um monólogo interior, colocando as mulheres de volta na burca. Ela havia se acostumado tanto ao sol que jurou morrer antes de se esconder na escuridão novamente. Usar uma echarpe na cabeça era uma coisa. Ela quase conseguia entender, nem que fosse só pela tradição. Mas *purdah*, cobrir as mulheres totalmente, em todos os momentos, quando em público, era outra coisa. O talibã obrigou isso rigorosamente, durante seu domínio de cinco anos. Somente no santuário do lar e somente diante dos maridos e outras mulheres é que elas podiam mostrar o rosto desnudo. Isso era uma sentença de prisão para Halajan. Era a morte em vida. Mesmo velha como ela, com quase sessenta anos, ela experimentara a vida antes e depois do talibã, e agora, com a violência renovada, a presença deles nas ruas, à noite, e os boatos que varriam Cabul de que estariam tramando o regresso, as regras estavam ficando ainda mais rígidas. Halajan estava preocupada com o que estava por vir. O gosto da liberdade era forte e delicioso, e jamais deixara sua boca.

Ela empurrou a porta para abri-la e o vento fresco de fora a presenteou com uma sensação maravilhosa em seu rosto,

depois de uma manhã movimentada no salão. Ela respirou fundo, certa de ouvir seus velhos ossos rangendo ao caminhar pelo quintal. Uma romãzeira solitária espetava para fora de um buraco cercado de concreto e três geradores zuniam ruidosamente. Ah, os adorados geradores. Quando Sunny quis passá-los para os fundos da casa de chá, por tornarem impossível conversar no quintal da frente, Halajan primeiro dissera não. E disse não e não durante meses, apenas para afirmar sua autoridade, deixar que essa forasteira americana irritante soubesse que ela era a dona da propriedade e tomava as decisões. Porém, ao testemunhar Sunny fazendo uma melhoria atrás da outra, ela também se tornou frustrada com as reclamações e inevitáveis mesas vazias, e concordou que os geradores deveriam ser transferidos, embora ocupassem espaço ali atrás, tirando valiosas vagas de estacionamento. Os vizinhos ficaram zangados, mas Sunny tinha subornado a polícia para abrir mais vagas de estacionamento na rua. Não havia exageros na estupidez daqueles que governavam Cabul.

Uma coisa ótima de Sunny, pensou Halajan, não era seu *dari* horrível, nem seu *jeans*, nem aquela sua voz ruidosa, ou seu riso estrondoso, ou seus cabelos malucos. A coisa ótima de Sunny foi sua insistência pelos geradores. Ter eletricidade em todas as horas do dia e da noite. Era como se um milagre de Mohamed tivesse acontecido ali.

Ela olhou em volta, para ter certeza de que estava sozinha. Então, passou a mão pelos cabelos e sorriu para seu reflexo na janelinha da porta. Embora sua pele fosse bronzeada e enrugada como as nozes do mercado, seus cabelos curtos faziam-na sentir-se jovem e poderosa. Ela passava gel, desfrutando da sensação de juventude. Fizera um corte de cabelo drástico um ano antes, quando os boatos corriam por Cabul, dando conta de que o talibã estava de volta escondido nas colinas da província de Helmand, ao sul. Num ato particular de desafio, sua afirmação pessoal de liberdade, pois sabia o que aconteceria se o talibã novamente assumisse o controle de sua gente amada, ela pegou a tesoura de Sunny emprestada e

cortou as tranças, que estavam, à época, batendo na cintura. Colocou-as numa caixa, embaixo de uma mesinha, em seu quarto, onde permaneciam. E agora, a cada três meses, ela pegava a tesoura emprestada e aparava, mantendo os cabelos num comprimento suficiente para esconder a verdade por baixo da echarpe.

Sob seu vestido marrom, ela usava uma saia *jeans* que ia até acima dos joelhos. Um resquício da era pré-Russa dos anos setenta, quando as mulheres eram livres para estudar, trabalhar, ir e vir como lhes apetecesse e vestir quase tudo o que quisessem, contanto que fosse respeitoso a Mohamed. A saia tinha ficado macia e gasta ao longo do tempo. Suas pernas magrinhas estavam cobertas com calças largas para mantê-las aquecidas, como os *salvars* que seu pai usava, antes de morrer — o que parecia cem anos atrás, quando a casa foi passada para ela, sua filha única, à época apenas uma jovem. Remexeu o bolso da frente e tirou um maço de Marlboro e um isqueiro plástico roxo. Ela acendeu o cigarro, deu um longo trago e soltou, com imensa satisfação. E não era só pela nicotina, era pelo ato em si: perigoso, desdenhoso e destemido. Ali fora, Halajan temia estar o mais perto do que jamais voltaria a ficar da liberdade.

Ela olhou a vida em retrospecto, como uma linha do tempo dos regimes que haviam dominado seu amado Afeganistão, com e sem a burca, as minissaias, de volta aos vestidos compridos, as guerras que levaram amigos e familiares, as secas que causavam a fome e matavam as rosas e as árvores de Cabul, e percebeu que, assim como seu país, ela havia sobrevivido. As perversidades impingidas de fora nem de longe haviam sido tão mortais ou venenosas como as que haviam crescido de dentro. Uma olhada nos olhos negros e frios de um jovem guerreiro talibã lhe ensinara isso.

Ela enfiou a mão no bolso do vestido e tirou a carta mais recente de Rashif. Admirou sua caligrafia adorável com os floreios que a surpreendiam a cada página. E o imaginou em sua loja, num beco estreito no Mondai-e, esperando por ela

com um sorriso que fazia seu corpo tremer de calor, sua pele pinicar de prazer. Ela lembrou dele a cumprimentando dizendo *Salaam alaikum*, e andando em sua direção, para discretamente passar-lhe a carta que ela imediatamente escondeu nas dobras de seu *chador*. Amanhã seria quinta-feira, seu dia de ir ao mercado, o começo do fim de semana muçulmano que seguia até sexta-feira, e ela passaria novamente por ele. E lá estaria ele, com outra carta, como sempre estava, toda quinta-feira, pelos últimos seis anos.

Ela amara Rashif desde que era uma menina, crescendo na casa de seus pais. Ele morava a apenas algumas casas de distância, e eles brincavam depois do colégio, no terreno vazio que ficava entre suas casas, exatamente onde hoje ficava a casa de chá. Sempre se viam em eventos de família e feriados religiosos. Mas, conforme cresciam, foram ficando mais restritos pela cultura e, como os outros adolescentes ao redor de Cabul, já não podiam mais conversar facilmente, nem ficar na presença um do outro sem muitas outras pessoas presentes. Rashif acabou se casando pela família, com Salima, e Halajan, aos quinze anos, foi casada com Sunil, que seria seu marido pelos trinta e seis anos seguintes.

Aqueles anos foram marcados por alegria e preocupação; pelo nascimento de dois filhos, Ahmet e Aisha (que agora estava estudando na Alemanha, morando com outras moças de Cabul, algo que Halajan a incentivara a fazer, assim como incentivara Ahmet, que não foi, para não deixar a mãe sozinha, o que a frustrou); e por desacordos, como acontece em todos os casamentos. Embora ela se considerasse moderna, havia uma coisa que ela jamais faria: trazer humilhação à sua família por escolher seu próprio marido. Portanto, durante trinta e seis anos, ela fez com que seu casamento desse certo. Sunil era um homem bondoso, porém simples. Ele ia para o trabalho, voltava para casa, rezava, estudava o Alcorão e talvez falasse dez palavras, ao longo de uma semana. Ele morreu de tuberculose, como muitos, nove anos antes.

Então, alguns anos depois, a esposa de Rashif morreu. E quase imediatamente as cartas começaram. Ela ficava ansiosa toda semana, na expectativa de receber mais uma carta e ter a alegria de ver o sorriso de Rashif e seus olhos cintilantes.

Então deu um trago em seu cigarro, dobrou cuidadosamente a carta, enfiou-a no fundo do bolso e exalou, observando a fumaça rodopiar em direção à parede da casa, subindo e desaparecendo no ar.

Se ela ao menos soubesse ler... somente então saberia o que ele estava tentando lhe dizer.

## Capítulo 5

Ahmet estava recostado junto ao muro, perto do portão, observando o céu, que ia ficando lilás acima das colinas que cercavam Cabul, e os picos das montanhas, à distância, que se misturavam ao crepúsculo. O que havia do outro lado dessas montanhas? A irmã dele sabia. Ela havia partido há muito tempo. Mas ele jamais saberia, porque Cabul era seu lar e ali era o seu lugar. No entanto, essas montanhas o chamavam como o canto do *muezzin*, ao amanhecer. Em horas assim, quando seu peito se apertava de inquietação, ele apenas arrumava o rifle no ombro e lembrava a si mesmo de seu dever.

Quatro homens se aproximaram, conversando ruidosamente, num idioma do leste europeu. Ahmet postou-se ereto, sem tirar os olhos deles. Eles assentiram. Ele abriu o portão. Depois, vieram mais dois, dessa vez americanos.

— Boa tarde — disseram eles, num *dari* hesitante.

— *Salaam alaikum* — ele respondeu.

Ahmet nunca parava para conversar ou fazer perguntas, e ele não usava um detector de metal, como nos restaurantes elegantes. Mas ele tinha o que considerava o método mais garantido de segurança. Ele nunca deixava de olhar os olhos dos clientes, porque eles refletiam verdades mais profundas que quaisquer sensações momentâneas de impaciência, fome ou desapontamento. Os olhos de um homem traíam seu coração. Mesmo sorrindo, os olhos do homem perverso eram duros e rasos como um leito seco de rio; mesmo franzindo as sobrancelhas, os olhos de um homem bom eram profundos. No Alcorão, os olhos eram a passagem para a mente. “Você verá”, no Alcorão, significava “saber”; “seu coração e seus olhos”

referia-se aos seus sentimentos e pensamentos, conforme Ahmet havia sido ensinado, desde menino, na escola.

Após as manhãs movimentadas, a casa de chá se aquietava durante as tardes, quando as pessoas vinham para reuniões de negócios, ou apenas para falar de política, da guerra e do último jogo de *buzkahi*, antes de seguirem para jantar em casa. Às sextas, dia de descanso, quando ninguém ia trabalhar, ficavam abertos o dia todo. Independente de quanto Ahmet se esforçasse, ele não se interessava pela versão do jogo de polo praticada por seu povo, jogada com um bezerro morto, em vez de uma bola. *Soccer*, como os americanos chamavam, era seu jogo favorito. Ele gostava de assistir na TV grande pendurada na parede interna da casa de chá. Os homens estrangeiros apostavam nos jogos, mas ele não podia participar. Apostas eram proibidas no Alcorão.

Ele riu sozinho ao se lembrar de Sunny trazendo a TV para casa, em uma tarde. Era uma caixa imensa, com a metade para fora do porta-malas do carro e a tampa amarrada com barbante para evitar que caísse, conforme o carro sacudia sobre os buracos e as pedras da estrada.

Sunny saiu do carro, bateu a porta e virou-se para Ahmet. Afastou os cabelos do rosto, colocou as mãos no quadril e disse:

— Você vai adorar isso, Ahmet. Espere até ver o jogo de hoje — ela estava se referindo ao seu time favorito, os brasileiros, que estavam na final, contra a África do Sul.

Durante anos, eles tinham assistido aos jogos naquela imensa TV colorida, que ficava numa mesinha bamba, no canto dos fundos do café. Ahmet tinha certeza de que um dia as pernas da mesa iriam ceder e cair no chão com o peso do aparelho enorme. Mas era melhor que a anterior, uma pequena TV em preto e branco, com antenas de orelha de rato, conforme Sunny chamava, rindo, caçoando, logo que ela chegou.

Fazer com que a nova TV funcionasse foi outra questão. Levou três semanas, uma nova antena parabólica no telhado,

três amigos para ajudar a passar a fiação, idas incontáveis às lojas de eletrônicos e várias preces para que Alá não deixasse que Ahmet perdesse a temporada inteira de futebol.

Mas quando a TV finalmente funcionou, foi uma coisa linda! Ahmet nunca tinha visto um colorido como aquele. Os jogos pareciam vivos! A TV trouxe mais clientes à casa de chá e Ahmet sentiu um novo respeito por Sunny. Ali estava uma mulher que não tinha medo de trabalho duro, uma mulher com a perseverança de uma cabra, que batia a cabeça contra a cerca, na esperança de passar para o outro lado. No entanto, ali também estava uma mulher como sua mãe e irmã, que desafiava suas expectativas quanto ao sexo mais fraco e também o deixava inquieto.

Dois homens afegãos que Ahmet conhecia se aproximaram do portão. Ele os cumprimentou, segurou o portão aberto, e lembrou-lhes de deixarem suas armas para serem guardadas. Armas demais, pensou ele, enquanto os seguia com os olhos, conforme passavam pelo pátio e recebiam as boas-vindas de Bashir Hadi. Se todos têm uma arma, todos estão preparados para matar e morrer.

Embora hoje metade das pessoas ali dentro fossem locais, os clientes da casa de chá eram, na maioria, estrangeiros, tanto homens quanto mulheres, que viam o local como um recanto de conforto, onde podiam ficar sentados durante horas, em grupos, conversando; ou sozinhos, com um livro; enquanto Bashir Hadi trabalhava na cozinha; Sunny pegava os pedidos; Halajan, sua mãe, mandava em todo mundo; e Yazmina mantinha o local limpo e em ordem.

*Yazmina tem olhos misteriosos*, pensou Ahmet, enquanto observava um idoso atravessando a rua à sua frente, cercado de ovelhas. Ele estava batendo especificamente nas costas de uma ovelha gorda, com uma longa vareta que segurava.

Os olhos de Yazmina eram como as piscinas sem fundo do Band-e Amir, os lagos da região montanhosa nordeste, que ele vira em fotos. Ele estava convencido de que ela provavelmente teria sido uma piranha, antes que Sunny a trouxesse para cá, e

estava fazendo algo errado, pois seus olhos eram o único par que ele não conseguia interpretar.

Virou-se então para olhar através do pátio da frente para dentro da casa de chá. E lá estava Yazmina, limpando uma bandeja, pousando-a no balcão, colocando dois pires e duas xícaras. Depois, um cesto de doces. *Olhe para mim*, pensou Ahmet, *deixe-me ver esses seus olhos. Eles me dirão a verdade*. Como se tivesse ouvido seus pensamentos, ela olhou, e ele imediatamente virou na direção da rua.

Quase que certamente uma *fahesha*, uma prostituta, ele disse a si mesmo, suspendendo o rifle no ombro, assentindo para duas mulheres estrangeiras que se aproximavam do portão. Elas estavam com as cabeças cobertas, mas vestiam calças e sapatos do ocidente. Provavelmente trabalhavam com uma ONG, futilmente tentando ajudar gente que não precisava de ajuda. Essas mulheres, assim como sua irmã, talvez fossem inteligentes e com boas intenções, mas havia regras que tinham de ser respeitadas. Seu amado país já tinha sobrevivido a vários regimes no passado, e sobreviveria ao que viesse em sua direção. Mas se as tradições fossem ignoradas, se o Alcorão não fosse lido com fé e literalmente compreendido, então seu povo era tão baixo quanto as serpentes rastejantes nos arbustos do deserto.

E Sunny, como todos os americanos — exceto Jack, Ahmet admitia — demonstrava algum respeito, ostentava as tradições. Não era de se admirar que sua mãe ficasse tão à vontade na casa de chá. Sunny e ela brigavam feito cachorros, mas eram ligadas como gatos da mesma ninhada. Elas haviam contratado Bashir Hadi, um Hazara! E deram-lhe um aumento e uma função maior. Agora ele praticamente gerenciava o local. Como puderam dar esse tipo de responsabilidade a um Hazara? Depois veio Yazmina, uma garota da montanha, de Nuristão, uma *Kafir*. Ahmet chutou a terra. A casa de chá estava se transformando na própria ONU.

Até Ahmet estava mudando. Sim, ele ainda atendia ao cântico do *muezzin*, cinco vezes por dia, rezando em seu

próprio tapete, ou na mesquita. E ele mantinha as regras do islã, mas sentia-se arrepiar com as conversas sobre o ressurgimento do talibã em seu país. Tradição era uma coisa, mas crueldade e violência eram outra. Podia-se argumentar que isso nada tinha a ver com o que Mohamed pretendia. Ele franziu o rosto para o sol poente, atrás dele, no oeste. Ainda assim, cabia a ele manter as tradições de seu lar. *Inshallah*, ele o faria. O mundo poderia estar mudando, mas o mundo de Alá era eterno e era o dever da vida de Ahmet cuidar da casa da mãe, mantê-la em segurança e conservar a honra, sob os olhos vigilantes de Alá.

Rashif sentou-se numa mesa nos fundos de sua loja, junto à máquina de costura, atrás do balcão e da parede com os rolos de linha, além da cortina que separava sua sala de estar de seu espaço de trabalho. Ele abriu a gaveta na base da mesa e tirou um pedaço de papel marfim, o velino que havia comprado na loja de materiais de arte, na Paint Street. Segurou o canto da folha entre o polegar e o indicador, novamente confirmando o quanto gostava da textura e do peso desse papel. Era suave o bastante para aceitar a tinta da caneta e opaco o bastante para evitar que a escrita aparecesse do outro lado, no entanto, tinha uma textura leve o suficiente para torná-lo elegante, quando dobrado. E os envelopes combinando eram igualmente finos. Ele destampou a esferográfica e prendeu a tampa na traseira da caneta.

*Querida Halajan*, escreveu ele, com sua caligrafia simples. Ele queria ter certeza de que cada palavra podia ser lida, não porque o que ele tinha a dizer fosse tão importante, mas porque escrever era a única forma que ele tinha para comunicar. E ele não queria que Halajan deixasse de conseguir ler uma única palavra.

*Hoje está um dia lindo. O ar está frio, mas o céu está azul e é a véspera do dia em que a verei. Você é o brilho do sol da*

*minha semana.*

*Tenho novidades. A nova máquina de costura pela qual eu estava esperando foi despachada do Paquistão e está seguindo caminho pelas montanhas e desertos, até minha lojinha, no Mondai-e. Vamos rezar para que ela não seja confiscada pelos chefes da guerrilha, ou destruída pelos guerreiros no Estreito de Khyber. Disseram que chegaria em seis semanas. Que grande comemoração nós teremos!*

Ele ergueu os olhos do papel e riu consigo mesmo. Quem dera, pensou ele, como diziam os garotos americanos da Escola Internacional que compravam chocolate e Coca-Cola, no quiosque de seu amigo Ibraim, do outro lado da rua, "até parece". Até parece que ele poderia comemorar com Halajan, pegando seu rosto nas mãos e beijando, girando com ela, numa dança, à meia-noite. Até parece!

Ele voltou à sua carta para escrever mais, quando a porta metálica rangeu, ao ser aberta, e bateu, sendo fechada, anunciando um cliente. Isso terá que esperar, pensou ele, ao levantar e puxar a cortina ao lado, cumprimentando o homem com o paletó escuro caprichosamente dobrado sobre o braço. Meu amor simplesmente terá que esperar.

## Capítulo 6

O carro sacudia, aos solavancos, pela estrada de terra, lançando pedras no para-brisa. Através da nuvem de poeira, Candace Appleton podia ver o vale verde adiante. Ali, na periferia de Cabul, era tudo marrom, seco e deserto, como a cidade em si. Mas, logo à frente, havia um paraíso viçoso e frutífero. Era tudo que Wakil dissera que seria.

Ele sentou ao lado dela, atrás do motorista de sua nova SUV, conversando sobre os planos para as estradas novas que estava construindo nessa direção. Ela admirava seu perfil forte, imaginando seu corpo adorável, sob sua túnica e calça simples de algodão cinza. Na cabeça, ele usava um turbante feito de uma seda delicada com uma aparência magnífica. Ela deu mais uma olhada em sua barba meticulosamente aparada, seus olhos de contorno escuro. Ele era, de fato, um belo homem. Jovem, também; era dez anos mais novo que ela, mais precisamente. Mas não era só isso. Talvez fosse seu compromisso com seu país, ajudar meninos órfãos de pai, construir-lhes uma clínica, uma escola, um orfanato, ali, na vastidão verde do interior. Ou talvez fosse sua atenção com ela, seu modo fervoroso de fazer amor. Ou como ele prometera casar-se com ela, quando fosse a hora certa. Ter uma família. Ou uma combinação disso tudo. Por isso ela tinha se apaixonado tão profundamente por ele, o que tornava mais fácil justificar o fato de ter abandonado o marido por sua causa.

Em todos esses anos, ela nunca tinha feito nada para si mesma, exceto, é claro, as compras, as coisinhas que mantinham sua aparência boa, conforme envelhecia, o que era um requisito para estar casada com um homem público. Deixar

Richard foi a primeira atitude verdadeira que ela tomara por si mesma, em dezoito anos de casamento. Dezoito anos! Ela olhou pela janela do carro e suspirou. Ainda assim, havia sido muito fácil ir embora, já que não tinha filhos envolvidos. Ela os queria, e não apenas um, da forma como ela cresceu, sozinha e tratada como uma adulta, mesmo sendo uma menina queria uma prole! Quando ela não engravidou instantaneamente, Richard não teve qualquer desejo de descobrir o motivo, nem pesquisar as opções que eles teriam.

Então, ela conheceu Wakil. Foi em uma conferência da qual seu marido participou, no consulado do Afeganistão, para representantes de ONGs e líderes comunitários, para discutir prioridades e financiamentos. Ela sentou com os outros convidados, nos fundos, atrás das mesas redondas dos participantes. Ela não conseguia tirar os olhos de Wakil, mesmo ali. Ele foi muito eloquente sobre seu trabalho, falando fervorosamente. Mais tarde, na recepção, seu marido os apresentou. A ligação foi imediata.

— Sua escola parece maravilhosa — ela lhe disse.

— É uma clínica e lar para órfãos também. Você precisa conhecer — respondeu ele. — Fica numa parte verde e viçosa do meu país. Um lugar que eu sei que você irá gostar.

Ela riu.

— Por que você quer meu apoio?

— Porque eu notei você — como não notaria? — durante a conferência, ouvindo, fazendo anotações, e vi uma mulher não apenas com beleza e fervor, mas com um grande poder de realizar coisas. — Ele parou e sorriu, conforme o rosto dela corou com o efeito de seu charme, e depois acrescentou — e eu acho que você deve adorar crianças, como eu adoro.

Seriam apenas frases de uma cantada? Não fazia mal. Ela estava fisgada.

E veja aonde isso a trouxera: a esse rico vale verdejante, com esse homem glorioso, onde ela faria algo de sua vida, definitivamente. Wakil deu-lhe um motivo real. Não apenas roupas de grife, festas elegantes e uma bela casa em Beacon

Hill, Boston. Além do voluntariado por algum museu ou instituição educacional.

Ele trouxe propósito à sua vida. E ela estava, talvez pela primeira vez, empolgada por estar viva.

O carro seguia em direção a um aglomerado de árvores distantes, abaixo. Ela estava ansiosa para andar pela escola, conhecer as crianças e ver, em primeira mão, sobre o que Wakil estava falando quando discursou com tanto fervor a respeito de construir novas vidas e dar aos meninos esperança e uma nova direção. Ele não estava falando da vida dela, mas poderia estar.

— Ali — disse ele, num inglês impecável, apontando para fora do para-brisa, em direção ao lado dela do carro —, no meio das árvores.

— Sim — respondeu ela —, estou vendo. — Havia diversos prédios à distância, uma vila.

Ele virou-se para ela:

— Minha doce Candace, minha luz. Mal posso esperar para lhe mostrar tudo. Então você verá pelo que trabalhamos com tanto afinco, e por tanto tempo — ele pegou a mão dela e segurou, firmemente.

Ela sorriu. E pensou em todos que poderia abordar para conseguir dinheiro para o projeto de Wakil. Seus contatos viriam a calhar. Como esposa do embaixador americano no Paquistão (e, anteriormente, muitos outros países do Oriente Médio e do Golfo), ela havia conhecido todos os negociantes e empresários importantes, todos os filantropos e ativistas internacionais nessa área. Mesmo assim, ela não era tola. Sabia que seu divórcio de Richard Appleton III tinha gerado muita fofoca e prejudicado sua reputação. Mas ela estava confiante em sua própria habilidade para persuadir e atrair atenção. Era assim que ela, uma caipira do cafundó dos EUA, tinha conquistado um membro da elite de Boston.

Eles dirigiram por uma abóbada de árvores altas, a geografia mudando drasticamente desde que deixaram Cabul. O sol era

filtrado pelas folhas, em meio aos troncos negros que passavam.

— Chegamos — disse Wakil, enquanto eles estacionavam numa clareira cercada de edificações. — Primeiro, a escola. Venha, meu amor. Venha ver esse lugar, do qual tanto lhe falei.

Ele contornou o carro para abrir a porta para ela. Depois, caminharam até o prédio, saindo do sol de meio-dia.

Lá dentro havia uma sala grande, cheia de meninos sentados, em silêncio, em *toshaks* no chão, de pernas cruzadas e com livros no colo. Estavam todos de branco, *shalwaar kameezes* limpas e pequenas boinas de lã marfim, e se balançavam para a frente e para trás, conforme recitavam o Alcorão. Um homem mais velho — o professor, aparentemente —, de turbante branco, estava sentado de frente para eles.

Assim que os meninos notaram a presença de Wakil, eles levantaram, cruzaram os braços, segurando os pulsos, olhando para o chão.

— Está vendo? — sussurrou Wakil. — Os meninos são Pashtun, Uzbek, Tajik, Hazara, Turkmen. Eles vêm de vários lugares. São meninos sem família, sem nada, meninos órfãos, mendigos. Nós damos educação. E, a partir daí, eles irão construir suas vidas, arranjar empregos, ser úteis.

Ele foi até um dos meninos menores e afagou-lhe a cabeça. O garoto se virou e tentou beijar-lhe a mão. Wakil educadamente recuou a mão.

— Não é a mim que ele deve agradecer, é a Alá — Wakil disse a Candace. Só faço isso porque é a coisa certa a fazer.

Candace olhou o mar de rostos, e depois para o rosto de Wakil. Como ele estava orgulhoso por oferecer a esses meninos um lar e um local para aprender. Como ela estava orgulhosa por poder ajudar — e ficar tão perto dele.

— Mas precisamos de mais livros, de mais espaço. Essa escola cresceu em tamanho, em apenas alguns meses. E o que você acaba de ver é somente uma parte. As meninas vêm à tarde.

— Também há meninas que vivem aqui? — Era notável que ele, um homem afegão, quisesse educar meninas, principalmente num país onde as meninas eram predominantemente analfabetas, criadas para serem subservientes.

— Não, elas não são órfãs. Apenas garotas pobres, sem um local para aprender. Por que devem crescer ignorantes? Como nosso país pode prosperar, se suas mulheres não sabem nada de sua história? Ou se não conseguem ler o Alcorão? Aqui, não temos ensiná-las. Agora, venha, vamos ver a clínica, depois daremos uma volta para conhecer o lar dos meninos.

Ao virarem para sair, os garotos sentaram e começaram a entoar novamente o seu cântico. Candace estava impressionada com a visão de Wakil. A afeição brotava por dentro e ela teve vontade de pegar a mão de Wakil, mas sabia que não podia. Então, ela o seguiu lá para fora, como mandava a regra. Mas, ao saírem, ela não pode se conter. Sussurrou para ele, que a seguiu até atrás do prédio, atrás de uma árvore, como dois adolescentes. E, ali, ela o beijou ardentemente, sentiu o corpo dele junto ao seu, sua mão forte nas costas dela. Roubar um beijo assim, durante o dia, era perigoso. Ela sentiu Wakil recuar.

— Cuidado, meu amor — sussurrou ele. — Haverá muito tempo para isso, mais tarde. Para você — ele hesitou, respirou no pescoço dela — é quase impossível de resistir. Mas agora quero que você veja a clínica.

Eles caminharam ao redor do próximo prédio até a porta da frente. Lá dentro havia meninos, mulheres de burca e homens idosos, todos em uma fila que se estendia da sala de espera até o final do corredor, a uma porta fechada.

— Não temos médicos suficientes e esses poucos precisam ajudar pessoas de locais distantes das cercanias — disse Wakil, com os olhos repletos de preocupação. — O povo dessa área já passou por grandes apuros e sofreu com muitas doenças. Eles tentam ser fortes, mas só ficam mais doentes. Nós já perdemos muitos... — a voz dele foi sumindo.

Ele caminhou até um garoto e afagou seus cabelos. Falou baixinho com outro, pousando a mão no ombro do menino. E com outro, e outro. Depois voltou até Candace e disse:

— Nós precisamos de mais médicos, equipamentos, remédios, ou nossos jovens continuarão a morrer jovens.

Ela olhou para o garotinho e desejou poder segurá-lo também. Lutou contra todos os impulsos de pegá-lo nos braços, afagar-lhe a cabeça. Se ela pudesse dizer o que realmente queria, o que guardava no fundo de seu coração, seria isso: que desejava ter um filho com esse homem ao seu lado, para que fizessem uma vida, uma família, juntos. Em vez disso, ela disse a Wakil:

— Nós vamos ajudá-lo, meu querido. Vamos conseguir tudo o que você quer. Eu lhe prometo isso.

## Capítulo 7

Com a violência recente na cidade, Sunny estava apreensiva pela casa de chá estar aberta até tarde. Não era apenas o último bombardeio suicida que a preocupava, mas havia gangues de jovens aterrorizando e prendendo os estrangeiros, em troca de resgate; uma trabalhadora italiana tinha sido sequestrada recentemente, quando estava a caminho de casa, depois de uma aula de ioga. Ahmet vai ter de manter guarda na porta e contratar um amigo para tomar conta do portão. Ao mesmo tempo, por conta do perigo, essas noites estão com o movimento terrivelmente fraco. As pessoas não estão saindo muito. Já tinham convivido com violência no passado, mas haviam se acostumado à paz, o que tornava as ocorrências recentes particularmente assustadoras.

Mas Bashir Hadi estava certo. Eles precisavam fazer dinheiro e, quanto mais ficassem abertos, mais chance teriam de ganhá-lo. Então, ela colocou placas na porta da frente e nas paredes, e avisos menores, em cada mesa, ao longo da semana anterior, anunciando que estariam abertos até tarde. Ela até mandou *e-mails* para alguns clientes habituais.

— Ele lhe dá um presente, o Bashir Hadi — disse Halajan. — A vida muda e você escolhe fluir com o rio, ou construir um açude. Nesse caso, flua. Vamos ganhar algum dinheiro. Pode ser divertido.

— Esqueça a diversão. Só estou torcendo para que as pessoas apareçam — Sunny respondeu. Talvez ela tivesse sorte e Jack desse uma passada, como sempre fazia, ao final do dia.

Enquanto isso, algum entretenimento animaria as coisas. Ela estava com seu iPod ligado às caixas de som, improvisando o

som ambiente. Mas música não era o bastante. Esta noite, eles apresentariam um filme.

Naquela tarde, enquanto a casa de chá estava calma, ela colocou uma echarpe roxa e saiu pela porta dos fundos, passando por seus amados geradores, seguindo pela janela de Yazmina e pela romãzeira, saindo pelo portão dos fundos, até o beco estreito, onde seu carro ficava estacionado.

Quando saiu do carro, na Chicken Street, uma horda de meninos de calças, camisas e coletes marrons veio correndo e mendigando por um ou dois *afghanis*, de mãos estendidas, sorrindo para esconder a fome. Uma vez, ela tinha cometido o equívoco de dar algumas moedas a um garoto que parecia desesperadamente faminto. No minuto em que ela deu as costas, ele foi atacado por uma gangue de garotos decididos a roubar o dinheiro que ela lhe dera. Ela tentou separar a briga, mas acabou sendo mordida ao fazê-lo. Agora ela só dava às crianças que estivessem vendendo alguma coisa, qualquer coisa, apenas para não incentivar a mendicância. Não que fosse aceitável mendigar em Cabul; na verdade, pedir nas ruas era algo novo na cidade, algo que aterrorizava Halajan. Mas isso se tornara um meio de vida para centenas de milhares de pessoas sem trabalho, desabrigadas, famintas, sem estudo e privadas de direitos civis.

Quando chegou à sua loja predileta, ela entrou e cumprimentou o dono.

— *Salaam alaikum* — disse ela. — Algo novo?

— *Wa alaikum as-sallam* — respondeu ele, com uma breve reverência. — Decididamente, muita coisa nova. Dê uma olhada na parede de lançamentos, logo ali.

Como sempre, Sunny ficou impressionada com a loja. Estava bem iluminada e organizada, como uma mini Blockbuster de sua terra. Era crucial que ela encontrasse algo bom para exibir, de modo que as pessoas voltassem. O problema era que os únicos vídeos disponíveis em Cabul eram pirateados. Não se podia alugar um, então os que estavam à venda tinham de ser baratos, e as versões legais eram caras demais para vender. Os

vídeos piratas eram versões de segunda — feitas ilegalmente —, às vezes impossíveis de ouvir ou ver, porque os filmes tinham, na verdade, sido gravados por alguém que havia entrado no cinema com a filmadora escondida no casaco, ou filmado na sala de alguém, onde alguém já tinha feito uma cópia malfeita de um programa ou filme de TV. Porém, recentemente, mais gravações estavam vindo da China, e embora elas não fossem do tipo caseiro, também havia risco. Por causa disso, Sunny passou a ter o hábito de comprar somente algumas de cada vez, para ter certeza de tratar-se de algo que pudesse ser visto. Dessa vez ela pegou uma temporada completa de *Grey's anatomy* e um dos últimos ganhadores do Oscar, *Crash*. Ela queria assistir *O homem que queria ser rei*, mas era tão popular, por ser sobre o Afeganistão, que havia uma perpétua lista de espera. Ela incluiu o nome na lista.

Sunny tinha encomendado doces deliciosos da confeitaria francesa que entregava seu pão morno e crocante todas as manhãs, trazendo lá de Carte Se, numa jornada de quarenta e cinco minutos no trânsito, e Yazmina concordara em trabalhar até mais tarde para servir café. A casa de chá era convidativa à noite, com sua iluminação suave e cores quentes. Quem não ia querer um lugar para ficar, conversar e assistir a um ótimo filme, tomando o melhor café de Cabul?

Ninguém, isso sim. Ou quase ninguém. Às sete horas, Sunny ficou imaginando se haveria uma bomba ou explosão na estrada. Ela tentou o *walkie-talkie* com os canais da ONU, mas tudo parecia normal. Então, disse a si mesma que eles talvez ainda viessem, que havia muito trânsito na hora do *rush*.

Às oito horas, Halajan disse:

— Não vem ninguém. E por que não? Porque as pessoas estão com medo, e não querem sair só para assistir a um filme e conversar. Você precisa oferecer mais. E talvez até dizer às pessoas sobre isso. Isso ajudaria.

Às oito e dez, o telefone de Sunny tocou. As linhas fixas em Cabul eram tão confiáveis quanto um vendedor de tapete no

mercado. Se o vento soprasse muito forte, se chovesse, ou se um pequeno pássaro pousasse no fio, a linha ficava muda.

Sunny atendeu a ligação, mas não havia ninguém. Ela disse a Ahmet que avisasse a seu amigo do portão para ir embora. Ahmet assumiu seu posto habitual, lá fora.

Às oito e vinte e dois, Jack entrou, com um imenso saco de lona pendurado no ombro. Ele olhou em volta e ergueu as sobancelhas. Pousou o saco alegremente, numa mesa.

— Belo movimento — disse ele.

Sunny não pôde deixar de sorrir.

— Pelo menos você decidiu aparecer.

— Meu bem, eu não teria perdido isso — disse ele. — Olá, Halajan — disse ele, depois falou algo em seu *dari* perfeito que fez Halajan rir.

Sunny não entendeu precisamente o que ele dissera, mas havia sido algo dando a entender que Sunny tinha afugentado a todos. Jack sentou. E Sunny disse:

— Muito engraçado — ela se juntou a Jack, e Yazmina serviu uma Coca-Cola a cada um deles.

Jack remexeu seu saco de lona e tirou uma garrafa de vinho.

— Vamos começar essa festa — disse ele. — Tem algum filme?

— Ela tem — disse Bashir Hadi, do balcão. — A srta. Sunny saiu de carro hoje.

Sunny fulminou Bashir Hadi, depois olhou para Jack, que estava sacudindo a cabeça, descontente. Como se ela fosse uma adolescente.

— Eu vou cuidar disso — disse Halajan.

Ela levou a garrafa de vinho para a cozinha e voltou com um bule e três xícaras. E serviu.

— Chá bom — disse Jack. — Boa safra. Vamos brindar.

— Às noites de movimento — disse Sunny.

— À direção segura — ele respondeu.

Nesse momento, a porta foi aberta com uma batida e dois afegãos de vinte e um, talvez vinte e dois anos, entraram, sem esperar para serem conduzidos a sentar apropriadamente, e

ocuparam uma mesa. Eles eram claramente Pashtun, bem vestidos, de algum privilégio. O que também estava claro era que eles estavam inebriados de haxixe ou alguma coisa, o que os deixava ruidosos, arrogantes e exigentes.

— Ei, duas cervejas aqui! — um deles gritou, em seu idioma nativo, batendo com a mão na mesa. O outro riu, equilibrando a cadeira para trás.

Sunny logo se eriçou e olhou para Jack. Ele assentiu para ela.

— Tudo bem — ele sussurrou.

Bashir Hadi sussurrou algo para Yazmina, provavelmente para que ela ficasse atrás do balcão e ele mesmo se aproximou da mesa.

— Não servimos cerveja aqui.

— Ora, vamos — disse o jovem. — Claro que servem — ele olhou para Bashir Hadi de cima à baixo. — Esse cara não quer nos servir cerveja — ele disse ao amigo —, porque é um Hazara e nós somos afegãos.

— Não... é porque... — começou Bashir, mas ele foi interrompido.

— Porque o quê? — perguntou o outro.

Sunny levantou, olhou para Jack.

— Espere — sussurrou ele. — Deixe-o resolver isso.

Ela lentamente sentou.

— Não servimos cerveja — explicou Bashir Hadi, devagar, como se a cada palavra ele estivesse se contendo —, porque aqui é uma casa de chá, não um bar. Talvez queira um chá.

Os dois homens se olharam. Então, o líder olhou para Sunny, dando um sorriso bajulador, depois rindo alto. Foi quando Jack levantou. O jovem também levantou e o encarou.

— Venha — disse o amigo, preocupado com a briga que se prenunciava. — Vamos embora daqui — então, ele enfiou a mão no bolso, jogou algumas moedas na mesa e disse a Bashir Hadi: — aqui, para alimentar você e sua família, por uma semana!

— Hazara imundo — debochou o outro homem.

Conforme eles saíram desfilando, Jack os seguiu até a porta e ficou olhando, até que Ahmet fechasse o portão atrás deles. Então, ele se virou e disse:

— Bashir Hadi, meu camarada, venha beber conosco. Conduziu isso muito bem, senhor.

Sunny olhou para Bashir Hadi, que obviamente sentiu o peso do elogio de Jack, mas seus olhos não conseguiam esconder a mágoa e a raiva. Ele sentou ao lado dela.

— Eu lamento — disse ela, baixinho. — Pela forma que aqueles garotos falaram...

— Eu já estou acostumado — disse ele. — Não é nada.

Então, Yazmina entrou, carregando uma bandeja com um bule de chá e xícaras, e serviu o chá a Bashir Hadi.

— *Bishine* — disse Sunny, pedindo a Yazmina que sentasse. — Não temos clientes, mesmo. — Quando Yazmina congelou, Sunny continuou: — *Bya*, venha se sentar.

Yazmina olhou para Halajan, em busca de um sinal do que fazer.

— Tudo bem — disse Halajan. — Nós, mulheres, sempre estamos em minoria. Agora, temos o voto. — Ela assentiu para Sunny, como se tivesse lido seus pensamentos: — dois deles, três nossos.

— Aqui — disse Sunny, puxando uma cadeira. — Junte-se a nós. Está tudo bem.

Yazmina novamente olhou para Halajan, que sorriu e assentiu, depois ela sentou, com as mãos no colo, os olhos baixos. Jack encheu a xícara de chá de Yazmina.

— Certo, então estamos todos aqui, agora? Para sentir pena de mim? — disse Bashir Hadi.

— Ninguém sente pena de você — disse Jack. — Como poderíamos? São aqueles caras...

Mas Bashir Hadi interrompeu, ergueu sua xícara e disse:

— Bem, um brinde à alimentação de minha família, por uma semana, por ser um Hazara, por ser Shia, por...

— Poderia ser pior. Você poderia ser uma mulher — interrompeu Halajan, ao servir do bule.

— E não vamos nos esquecer das mulheres! — disse ele, e bebeu.

Eles estavam todos brincando, mas Sunny refletiu que havia muita verdade e tristeza no que diziam. O povo Hazara era o terceiro maior grupo étnico no Afeganistão, depois dos Pashtun (alguns dos quais eram talibãs) e os Tajik. Eram descendentes dos mongóis, e alguns até do próprio Genghis Khan, motivo pelo qual as feições deles tinham uma influência asiática. Sunny sempre achou que Bashir Hadi parecia com os índios americanos que ela conheceu quando criança — a pele dourada, as pálpebras caídas, com cílios negros, e o nariz forte e reto. Seu povo tinha sido perseguido durante anos, por Pashtun sunitas principalmente, mais porque os Hazara eram xiitas.

— Mas, assim como as mulheres, Bashir Hadi, você tem que ser cuidadoso — Jack estava dizendo, já sem tom de piada. — O país está prestes a mudar novamente. E não é para o lado mais tolerante, se o talibã voltar ao poder.

— Deixe-me lhe dizer algo, senhor Jack. Tolerância é uma coisa superestimada. Eu não sou mais tolerante com o talibã Pashtun do que ele é comigo. Eles apenas têm armas maiores. O que me leva ao assunto: ganhar dinheiro para tornar esse lugar mais seguro. Como faremos isso?

Eles conversaram noite a dentro, compartilhando ideias, fazendo sugestões, elaborando planos, e a raiva que sentiam pela forma como aqueles homens trataram Bashir Hadi se transformou em empolgação, alimentando a energia criativa. Apenas Yazmina ficou sentada, quieta, sem dizer uma palavra, com as mãos enlaçadas no colo, embora de vez em quando ela erguesse o olhar da mesa e deixasse a luz daqueles olhos verdes brilhar em todos. Quando ela o fazia, Sunny assentia, reconhecendo sua presença, para que ela soubesse que era bem-vinda. Jack traduzia para incluí-la na conversa. Mas foi Halajan quem manteve sua mão sobre a de Yazmina a noite inteira, para que ela soubesse que não estava só.

## Capítulo 8

Yazmina acordou mais cedo que o habitual, ansiosa por ser dia de fazer compras no mercado com Halajan. A velha a deixava irritada, balindo como a velha cabra de seu tio, chegando a fazer sua pele pinicar. Mas o bazar Mondai-e era o máximo! Era como visitar a lua, de tão diferente para ela. Toda semana, Sunny dava-lhes uma lista de compras. Havia uma barraca que vendia as melhores frutas e legumes que ela já comera na vida. E um mercado de carnes com eletricidade e capacidade para manter a carne fria e fresca. Tinha uma loja elegante, a caminho do bazar, com caixas do cereal açucarado que Sunny adorava empilhadas até o teto, e manteiga de amendoim, que Yazmina devorou na primeira vez que experimentou. Tinha chocolate, queijo, pipoca e uma bebida chamada Mountain Dew. Também tinha palitos e copinhos de manteiga de amendoim. Tudo era tão caro que Yazmina ficava vermelha quando Halajan pagava. O que Sunny gastava a cada semana sua família não poderia gastar nem em cinco meses.

Quando ela e Halajan voltavam à casa de chá, Sunny gostava de esvaziar o saco no balcão, antes de guardar as coisas. Eles abriam o chocolate e terminavam o Mountain Dew em uma conversa.

Sunny era assim. Ela ficava muito empolgada com as coisas, o que deixava Yazmina desconfortável. Em casa, ela e Layla riam e choravam, mas nunca na presença do tio. Ela não tinha conseguido deixar de se sentir estranha, por se sentar à mesa, na noite anterior, na casa de chá, com Jack e Bashir Hadi. Sentar junto, daquele jeito, era algo que Yazmina nunca tinha feito. E eles estavam bebendo vinho! Tudo em Cabul era

diferente. Tudo era desconfortável e tudo era maravilhoso — exceto pelo fato de Layla não estar com ela.

Ela vestiu a roupa e suspirou profundamente por causa do vestido simples que vestia. No Mondai-e, havia lojas de roupas com vestidos e *shalwaar kameezes* que davam a impressão de que desmanchariam se você espirrasse sobre eles. Nada como aqueles feitos por Sharifa, a mulher de sua cidade, que havia ensinado Yazmina a costurar as peças de roupa mais lindas com as próprias mãos, com tecidos que ela mesma bordava e embelezava com miçangas, conchas e moedas antigas. Algum dia, *Inshallah*, ela sonhava ser capaz de costurar como Sharifa. Algum dia, pensou ela, olhando pela janela, vendo o sol nascente, ela iria costurar com as cores daquele céu. Um vestido laranja claro. Que lindo ficaria. Com pingentes dourados na cintura. E sapatos de couro legítimo. E suas sobancelhas seriam tiradas com linha, e seus cabelos seriam trançados com miçangas, por baixo de uma echarpe da seda mais fina, como as que Sunny usava.

Ela gostaria de compartilhar tudo isso com Layla.

Ahmet abriu o carro e observou Yazmina entrar no banco traseiro. Ela estava completamente escondida atrás da burca, mas esticou a mão para fechar a porta do carro e a manga subiu no braço, revelando seu pulso estreito. Era bronzeado e esguio. Sua mãe entrou no banco de trás depois dela, e ele bateu a porta com um pouco de força excessiva. Ele tinha outras coisas a fazer além de bancar seu motorista, mas ia chover, e como ele poderia ser um bom filho e deixá-la caminhar pelas ruas enlameadas? Chovendo ou não, ele sentia que duas mulheres deveriam andar sempre acompanhadas pelas ruas de Cabul, embora sua mãe achasse o contrário.

Ele se sentou no banco do motorista, fechou e trancou sua porta, e ajustou o espelho retrovisor, vendo Yazmina atrás dele. Ela se virou e trancou a porta dela também. Por trás da tela do rosto da burca, ele podia ver seus deslumbrantes olhos verdes,

ou imaginar vê-los. De onde ela vem, pensou ele, onde estaria sua família, por que ela estava sozinha? Ele não vira qualquer sinal dela entretendo os clientes, o que o deixou confuso, pois ela só podia ser prostituta; não havia qualquer outro motivo para que uma mulher linda como ela estivesse sem marido. Se ela tivesse um, onde estaria ele? Ahmet tinha ouvido falar de mulheres que abandonavam maridos que as surravam ou faziam coisas piores, algo que ele havia jurado jamais fazer, mas isso era uma prerrogativa do marido, não? E dever da esposa suportar. Só havia um motivo para que ela pudesse ter a desculpa de tê-lo abandonado: se ele estivesse morto.

Ele disse a si mesmo para prestar atenção às ruas lotadas, ao seguir rumo a Masjid-e Haji Yaqub, a mesquita onde ele frequentemente rezava, não por ser mais honrado do que rezar em seu próprio tapete, em seu quarto, mas porque a mesquita era muito bonita. Adorava os ladrilhos azuis de Herat e as acácias que emolduravam os pátios. As mesquitas de Cabul eram suas obras de maior orgulho.

Como se Mohamed estivesse rindo lá de cima, após passar na mesquita ele teria de virar na Butcher Street, a mais horrenda de Cabul, onde os animais eram assassinados no meio da rua e suas carcaças ficavam penduradas ao sol. Ele se assegurou de que as janelas estivessem fechadas e as saídas de ventilação também, para que o fedor das vísceras não infestasse o carro. No fim da rua, havia um retorno em círculo, e logo depois a rua larga com a embaixada da China, com seus muros altos, onde crianças pedintes se aproximaram do carro, com os braços estendidos. Havia mulheres sentadas à beira da estrada, mendigando à beira das valas de esgoto, segurando seus bebês no colo. Ali, o trânsito estava parado como sempre, não se podia fugir da fumaça dos escapamentos e das lojas provisórias que vendiam roupas doadas a Cabul, em carrinhos de mão e penduradas em cercas de arame farpado que perfilavam a rua.

Ahmet não precisou esperar muito para ouvir a arenga da mãe, as mesmas palavras que ela dizia toda vez.

— Na época do rei, você nunca via isso. Cabul não é uma cidade de mendigos. Isso é por conta dos anos de guerra e das pessoas desabrigadas que ficaram sem casa, sem um meio de ganhar a vida. E por causa do talibã. A violência deles criou uma cidade inteira de gente abaixo da cidade — ela franziu o rosto. — O Afeganistão não é a Índia! E essa não é a minha Cabul.

— Mãe, sua Cabul já se foi há muito tempo — ele sabia que ela estava certa, mas, se fosse ele, ia preferir morrer de fome a mendigar junto ao esgoto na lateral da estrada.

O tráfego estava lento e denso, mas eles conseguiam ver o Mondai-e, adiante, a parte onde começava, desse lado do Rio Cabul. Ainda era preciso atravessar o rio, passando pela ponte, para realmente chegar ao bazar.

Ele podia sentir a mãe ficando ansiosa, como se não conseguisse ficar sentada nem mais um minuto.

— Ande logo, Ahmet! Há algum outro caminho? Eu tenho uma tarefa. E está parecendo que o céu vai despencar a qualquer minuto.

— Estamos quase chegando, mãe — respondeu ele, o mais paciente que pôde. Mas havia tanto tráfego que ele sabia que ficariam ali sentados por pelo menos mais dez minutos.

Então sua mãe disse:

— Nós vamos descer. Será mais fácil ir andando.

— Vocês vão esperar até chegarmos lá — insistiu ele. — Não é seguro.

— Venha, Yazmina. Vamos. Ahmet, nós o encontraremos na ponte.

Ahmet jogou as mãos para o alto. Não podia fazer nada para impedir que a mãe teimosa saísse do carro com Yazmina e fosse caminhando para longe, adentrando a rua lotada.

Ele passou pelo contorno circular, estacionou o mais depressa que pode, pagou um garoto adolescente para tomar conta do carro e correu para alcançá-las, mas elas já estavam fora de vista. O céu tinha enegrecido e a chuva era iminente.

Caminhando em direção ao rio, Yazmina sentia seu coração bater mais rápido. Suas pernas pareciam ficar mais compridas e fortes a cada passo largo. Mas ela sabia as regras, mesmo sob a burca: mantenha sua cabeça baixa e seus olhos para si mesma. Era inaceitável olhar um homem diretamente, rir alto, ou sorrir para uma criança pequena, ou ainda olhar demoradamente para um vestido, no mercado. No interior, ela tinha mais liberdade para ser ela mesma, demonstrar seus sentimentos, mas não havia lugar algum para ir com eles. Depois que seu Najam morrera, tudo que ela tinha era a casa do tio, as colinas, o sítio e o celeiro, e talvez o mercado local, quando os comerciantes passavam. Ali, ela tinha gente de todas as cores e trajes, gente de toda parte do mundo, uma cidade inteira de rostos diferentes; no entanto, não podia se permitir demonstrar sua empolgação.

Elas caminhavam rapidamente, mantendo os olhos no chão, andando mais rápido que os carros que estavam sendo parados numa esquina, pela polícia. Ela já tinha visto isso muitas vezes, desde que viera para Cabul. Policiais totalmente uniformizados, empunhando rifles, em pé nos cruzamentos e inclinados junto às janelas dos carros, revistando os bancos traseiros, os da frente, e, às vezes, os porta-malas. Ela não fazia ideia do que eles estavam procurando, mas torcia para que eles não encontrassem enquanto ela estivesse ali.

Antes de chegarem, já tinha começado a chover, mas não tinha importância. Yazmina não conseguia se conter e observava tudo, de cabeça erguida, com os olhos arregalados, as bochechas coradas. Tudo parecia maravilhoso, mas eram os vestidos, as *shalwaar kameezes* e os *chaderis* que ela queria. Ela verificou o bolso, para ter certeza de que o dinheiro que Sunny lhe dera ainda estava ali.

Subitamente, Halajan virou-se para ela e disse, ansiosamente:

— Tenho algumas tarefas. Preciso correr... a chuva. Vamos nos encontrar aqui em dez minutos. Yazmina ficou assustada e aliviada. Sunny fora muito cuidadosa ao dizer que ela não

saísse do lado de Halajan, mas ela queria tempo para pesquisar as lojas de roupas.

— Não saia dessa área e não fale com ninguém — continuou Halajan.

— Mas Sunny me deu dinheiro para um novo *shalwaar kameez*.

Halajan rapidamente gesticulou para uma loja próxima.

— Aquela ali é boa. Eu a encontrarei lá.

Halajan estava frenética, temendo não encontrá-lo. O céu estava escurecendo, as nuvens se espalhando, e agora a chuva caía, encharcando-a. Ela não ligava. Corria pela rua sem cautela. Embora raramente se visse uma mulher correndo pelas ruas de Cabul, ela precisava fazê-lo, se quisesse encontrar Rashif antes que ele fosse embora. Ela seguiu rapidamente em frente, com o coração disparado, no ritmo da chuvarada.

Ao chegar à sua barraca, imediatamente percebeu que não precisava ter se preocupado. Lá estava ele, segurando um enorme guarda-chuva vermelho e branco da Coca-Cola, e com a outra mão no bolso. Ele sorriu para ela e pareceu aliviado ao vê-la.

— *Shukur Khodia*, graças a Deus — disse ele, baixinho, quando ela se aproximou. Ele olhou para a direita e para a esquerda, assegurando-se de que não seriam vistos, mas a rua estava vazia por causa da chuva. Entregou-lhe a carta, amassada e úmida, de seu bolso. Os dedos dele tocaram os dela. Estavam mornos e ele demorou um instante.

— Fique em segurança, cuide-se — Halajan respondeu, tirando a mão, rapidamente e enfiando a carta nas dobras de seu *chaderi*. Então, ela sorriu e abriu a boca para dizer algo, qualquer coisa, mas as palavras ficaram presas na garganta. Ela deu meia-volta para voltar correndo até Yazmina.

Mas lá estava Ahmet, acenando da esquina. Seu coração disparou no peito. *Inshallah* que ele não tenha visto nada, pensou ela. Se tivesse visto, ela diria que Sunny pediu que ela

fosse ao alfaiate checar seu vestido novo. Ou talvez que ele estava consertando uma toalha de mesa. Mas, não, Ahmet não poderia ter visto muita coisa, com tanta chuva. Ela se determinou a ficar calma. Por um instante, seu estômago se contraiu, mas ela acenou de volta e sorriu. Ele era um bom menino, seu Ahmet, mas, às vezes, ela gostaria de conseguir induzi-lo a fazer algo, qualquer coisa, além de se preocupar com ela, algo além de suas funções de *chokidor*. Como sua irmã, que partira para estudar em uma universidade na Alemanha. Se ela ao menos pudesse fazer com que Ahmet relaxasse um pouquinho, talvez ser ligeiramente moderno, em vez de se manter agarrado aos velhos tempos, então ela teria sido bem-sucedida como mãe.

A loja de vestidos estava cheia de cor e luz. Vestidos de todas as cores pendiam do teto, enquanto outras centenas, em sacos plásticos, perfilavam as paredes. Yazmina nunca tinha visto tantos vestidos. Alguns tinham espelhos, alguns tinham miçangas, outros eram simples, mas todos eram lindos.

O lojista veio até ela e disse:

— *Salaam alaikum*. Está um dia ruim para sair. Você está molhada. Mas talvez eu possa ajudá-la a encontrar um vestido novo.

— Sim, por favor — disse ela. — Eu também gostaria de uma calça para usar junto.

— Então quer a *shalwaar kameez* estilo indiano.

— Sim — disse ela —, como a daquela foto — ela apontou para uma fotografia colorida de uma linda mulher indiana com um vestido pomposo, ao estilo Bollywood. Até em sua vila remota todos eram obcecados pelos filmes de Bollywood. Seu tio tinha um pequeno gerador, mas era suficiente para ligar um videocassete, e Yazmina, Layla e seus vizinhos assistiam aos filmes que compravam dos comerciantes, que os tinham adquirido no mercado negro do Paquistão.

O velho olhou-a, do tornozelo até o pescoço, deixando-a pouco à vontade, depois caminhou até uma arara.

— Venha, jovem — disse ele. — Aqui estão os vestidos do seu tamanho. Todos eles vêm com calças. Tem alguma cor em mente?

— Laranja — disse ela —, como o sol. Mas eu gostaria de um ou dois tamanhos maior que eu. É para minha mãe. — Ela teve que mentir, pois como poderia dizer-lhe que precisava de espaço para crescer?

— Por que ir ao alfaiate, num dia assim? — Ahmet perguntou à mãe, enquanto eles caminhavam rapidamente pela chuva, com o piso enlameado afundando sob seus pés.

— Sunny me pediu que verificasse as cortinas, mas não estavam prontas. Não há tempo para conversa. Nós precisamos pegar Yazmina, antes que ela fique encharcada.

Ele a olhou, mas ela não virou para olhá-lo e ele se sentiu tolo. Ele parecia desconfiado e bobo, mas conhecia Rashif dentre os idosos da mesquita e não gostava dele. Foi há muito tempo, mas, segundo contava-se, quando Rashif era mais jovem, ele tinha sido ativo num grupo reformista que ajudava refugiados afegãos, um daqueles grupos antitradicionalistas que se autodenominava intelectual e recebia dinheiro americano, abraçava os valores ocidentais e ajudava afegãos apenas de uma maneira: esquecer quem foram, quem são e, aos olhos de Mohamed, quem estariam destinados a ser.

Aquele alfaiate tinha o coração de um modernista, exatamente como sua própria mãe. Ahmet precisava amar e respeitar sua mãe, segundo os preceitos, mas ele não tinha de gostar nem um pouco de Rashif.

## Capítulo 9

— **O** que há com você? — perguntou Sunny.

Naquela manhã, Jack tinha chegado distraído e ranzinza. Ele mal disse olá, se sentou, bebeu seu café em goladas e mergulhou em seu jornal.

Finalmente, ele ergueu os olhos.

— Você — disse ele. — É o que há comigo... — e voltou ao jornal.

— Perdão? — disse Sunny, pousando a mão no quadril. — Quando você estiver pronto para falar a respeito, sabe onde me encontrar — deu meia-volta e se afastou.

Mas ouviu, atrás dela:

— Duas coisas.

Então, ela virou, caminhou de volta até a mesa dele, e disse:

— Vamos lá, me dê as más notícias.

— Dirigir aquele maldito carro pela cidade, como você fez ontem.

Ele parecia ter a mente tão fechada quanto um idoso afegão falando com a esposa mais jovem. Ela sabia que ele detestava o carro; muitas vezes, já a alertara quanto a isso, explicando por que uma mulher não devia andar sozinha em Cabul.

Ela suspirou:

— E?

— Jesus, Sunny, é perigoso — disse ele, frustrado. — E, dois, Bashir Hadi deu uma ótima ideia para construir seu muro mais alto, para que você possa ganhar mais dinheiro e ter mais segurança, e você simplesmente fica com a bunda sentada, por mais interessante que ela seja — disse ele, esticando o pescoço para olhar o traseiro dela.

— Ah, cale a boca — respondeu ela. — O que posso fazer? Ninguém veio.

— Dê-lhes uma razão, pelo amor de Deus. Nós arranjamos uma porção de boas ideias ontem à noite. Eu sei que você não é imbecil. Então, o que é? Você é imbecil?

Ela fez uma cara feia, depois riu. Sentou-se na mesa dele. Pegou o garfo e experimentou o ovo.

— Hum, está gostoso.

— Sim, está.

— Certo, então, eu gostei da ideia de um palestrante. Mas quem?

— Se eu soubesse, não lhe diria, porque você só daria o contra, senhora Sabe-tudo.

Ela sorriu novamente, dessa vez, abertamente. Ele sabia ser bonitinho, esse velho pé no saco, que não era velho, nem pé no saco; bem, às vezes era pé no saco, mas era bem bonito, com seu queixo quadrado e olhos profundos.

— Você está certo. Eu pensarei em alguém.

— Mas eu conheço uma médica da Índia que está trabalhando aqui, em seu campo. Ela é uma defensora fervorosa das questões da saúde das mulheres no Afeganistão, e sei que quer divulgar as dificuldades em que vivem essas mulheres. Além disso, eu a ajudei com uma coisa. Ela me deve uma.

Os olhos de Sunny se arregalaram.

— É mesmo? Acha que ela viria aqui na casa de chá, falar?

— Só se você me implorar.

Ela pousou o cotovelo na mesa e apoiou o queixo na mão.

— Por favor!

— Mas prometa-me uma coisa... — ele parou, esperando a resposta, que ela levou um tempo para dar. — Alô?

— Certo, eu prometo.

— Você tem que trazer gente para cá. Do contrário, ficarei constrangido.

— E nós não queremos isso — disse ela.

— Ora, vamos, Sunny — ele respondeu, com alguma impaciência. — Em respeito à médica.

Então ela percebeu o quanto ele estava falando sério.

— Não se preocupe. Eu vou arranjar gente.

Uma semana depois, numa noite fria de quarta-feira, Sunny acendeu as velas, Halajan serviu o vinho em bules de chá, Bashir Hadi arrumou os biscoitos e folheados em bandejas, Yazmina arrumou as mesas, e as janelas tremulavam. As rajadas de vento entravam pelas frestas e parecia só uma questão de tempo para que o telhado saísse voando e a casa fosse erguida ao céu.

Jack tinha confirmado que a Dra. Ramita Malik viria falar sobre seu trabalho. Sunny tinha ido ao bazar comprar cartolina e tinta, e fizera dúzias de placas que levou ao Ministério da Mulher, ao hospital, às escolas, à Casa Francesa, à ONU, à embaixada americana, e a pousadas e centros; enfim, todos os lugares que ela conhecia, onde havia estrangeiras morando, trabalhando, ou se reunindo, e pedia às pessoas que os pendurasse. Ela pensou em enviar *e-mails* para suas amigas, mas todas tinham deixado Cabul ao longo dos últimos meses. Sunny nunca foi de querer ou precisar de mais de uma ou duas amigas próximas, e realmente tinha de conhecer bem a pessoa antes de confiar. Suas amigas de Cabul, Chris, a professora da África do Sul; Ellen, a prima da prima de uma velha amiga, que estivera na cidade estudando *dari*; e Suzanne, que ela conhecera em seu primeiro dia em Cabul, e possuía uma escola de beleza, todas haviam ido embora. Cabul era uma parada temporária ou aventura momentânea para todos, exceto as resolutas ou irrefletidas, o que depois Sunny percebeu ser. Ultimamente, ela se sentia meio solitária, e, dessa vez, não era porque Tommy estava longe por tanto tempo, mas porque ela não tinha ninguém com quem conversar o tipo de conversa que só uma amiga próxima entende. Uma expressão, uma sobrancelha erguida, uma boca virada para baixo.

Não que os homens deixassem de ser convidados a falar. Era apenas que Cabul era um mundo deles, um lugar onde as preocupações das mulheres vinham, na melhor das hipóteses, em segundo plano, portanto, por que não dar a elas um lugar e um motivo para vir passar um tempo, conversar e simplesmente se reunir? Quanto mais ela pensava a respeito, mais empolgada ficava com a ideia: noites de quarta-feira para as mulheres, com comida, bebida e algo para pensar e conversar.

O café estava pronto e ela torcia para que Jack viesse. Ele não era uma mulher, mas tinha o coração de uma. Ela não o vira desde que ele se oferecera para chamar a Dra. Malik e isso a fez perceber que ela também o subestimava. Ele era uma dessas pessoas que fazem com que os outros se sintam seguros e confortáveis, fazem você se sentar mais ereta, com que se sinta melhor sobre si mesma.

A porta da frente se abriu e entrou uma rajada de vento. Não era Jack. Mas era gente e Sunny ficou contente por isso. Surpreendentemente, um deles era Petr, um Uzbek lindo e alto que ela conhecera em uma festa, ano passado, no L'Atmosphere, ou "L'Atmo", como os frequentadores habituais chamavam, uma boate francesa que acolhia o "lixo europeu", os expatriados, os abastados, os aspirantes a alguma coisa, os traficantes de drogas e os chefões da guerrilha. Resumindo, esse era um lugar ao qual ela não pertencia, mas não por deixarem de aceitá-la. Ela simplesmente não queria mais ligação com esses tipos. Logo que Tommy partiu, eles eram tudo que ela tinha. Depois, ela percebeu que era a mesma gente de quem ela quis se afastar nos EUA, só que no Arkansas eles usavam botas de caubói, em vez de Hugo Boss, e carregavam trinta e oitos, em vez de Uzis.

Petr estava todo elegante e charmoso, com um cachecol de caxemira e um casaco persa de carneiro, carregando uma bolsa Porsche masculina numa das mãos e o celular na outra. Com ele, estava uma daquelas mulheres que podem sair de calça larga, cheia de bolsos, botas de trilha e suéter grande por

baixo da jaqueta de safári, com echarpe na cabeça, que ainda ficam charmosas. Seu rosto era surpreendentemente bonito, a pele clara, os olhos negros grandes, uma boca larga. Conforme a mulher tirou o casaco e o suéter, revelando uma camiseta apertada, não tinha como deixar de notar como ela era miúda, com pernas esguias e uma cinturinha que fazia seus seios grandes parecerem maiores ainda: a fraqueza de Petr, se Sunny lembrava corretamente. Os cabelos negros da mulher eram bem curtos e tinham um corte rústico, o que só acentuava seus olhos grandes e maçãs do rosto saltadas. Num dos punhos, ela tinha uma porção de pulseiras de couro, mas suas mãos eram delicadas. Ela estava se esforçando para parecer durona, pensou Sunny.

Essa mulher tinha de ser uma idiota para estar dormindo com Petr. Sunny sabia isso por experiência própria, porque ela tinha sido exatamente esse tipo de idiota. Portanto, quem era ela para julgar?

Ahmet os seguira até o lado de dentro, carregando a arma prateada de Petr, destinada a negócios pessoais, e entregado-a a Bashir Hadi, que a colocara lá atrás. Sunny olhou para Ahmet, como se fosse dizer algo quanto a ficar perto, e ele assentiu, dizendo:

— Estou aqui, se você precisar de qualquer coisa — depois voltou ao seu posto, lá fora, no portão.

Petr imediatamente seguiu em direção a Sunny, com os braços estendidos, e disse, com seu sotaque russo pesado:

— Olá, minha querida. *Preevyet kak dyela?* Como vai você?

Ele fez a pergunta como todos os conhecidos russos de Sunny faziam, como se estivesse sendo sincero. Ele segurou os braços dela e beijou-lhe nas duas bochechas.

— Por onde andou se escondendo? Não tenho mais te visto no “L’Atmo”...

— Petr, que bom vê-lo. — *Certo*, ela disse a si mesma, *pode se esforçar um pouquinho mais. Seja agradável.* Eles trocaram beijos nos dois lados do rosto e, ao sentir seu perfume, ela teve uma onda de *déjà vu*.

Ele demorou um pouquinho além do tempo, no segundo beijo.

— Disso eu me lembro — ele disse no ouvido dela, segurando firmemente os seus braços. Mas ela se afastou e depois se apresentou à amiga, Isabel Hughes, de Londres, que estava em visita.

— Petr me falou tanto de você. Aparentemente, essa casa de chá é considerada o ponto central de Cabul — disse Isabel, com um sotaque britânico carregado, estendendo a mão.

Sunny apertou a mão dela.

— É, bem, não é o “L’Atmo” — disse ela, com sarcasmo.

Ela olhou bem o casal antes de concluir que não confiava neles nem por um segundo. A história de Petr era ser “consultor”, trabalhando com “narcóticos de balcão”, se é que alguém podia acreditar nisso, já que um trabalho desse tipo não pagava o suficiente para comprar seus sapatos Gucci, muito menos todo o seu estilo de vida. Ela estava razoavelmente certa de que Petr era um traficante de ópio, e se não fosse traficante, era um intermediário. Ele sabia onde ficavam os campos de papoula, quem eram os contatos, e como levar o que a quem. Era russo, fluente em turco e *uzbek*, algo útil no comércio de papoula do norte, com ligações que incluíam o filho e um chefe da guerrilha Uzbek. E Sunny não tinha dúvidas de que ele ganhava milhões com isso. E Isabel? Embora suas roupas fossem os trajes clichê de universitária, ela era mais velha que isso e obviamente apenas mais uma de suas mulheres, vindo a Cabul em busca de aventura e, eventualmente, um namorado ou marido altamente gastador. Mas essas mulheres geralmente se viam fazendo o que fosse preciso para ganhar a vida. Se ela estava com Petr, isso já dizia o bastante.

Eles se sentaram em uma das mesas vazias, Halajan serviu *cappuccinos* e o vinho ilegal no bule de chá, e ficaram conversando com alguns trabalhadores da ajuda humanitária e outras pessoas que haviam chegado. Até agora, nada de Jack,

mas havia um grupo bem melhor que o da última vez. E ainda estava cedo. A médica ainda nem tinha chegado.

— Olhe só — sussurrou Bashir Hadi. — O lugar está a mil!

Sunny riu da gíria:

— Bem, não está nada mal, para nosso primeiro encontro.

Isabel aparentemente estava ouvindo.

— Isso é brilhante — disse ela, incentivando. — Olhe para vocês. Olhe para tudo isso. É magnífico.

— Bashir Hadi, acho que ela está me dando um sermão sobre o poder do pensamento positivo — Sunny sorriu, mas não conseguiu esconder o cinismo.

— Bobagem. Vocês parecem estar indo bem.

Ela estava tentando ser gentil, pensou Sunny. Dê-lhe uma folga.

— E quanto a você? Por que está em Cabul?

— Estou escrevendo uma história.

— Você é jornalista? — ela não pôde esconder sua surpresa. Tinha achado que a mulher era uma piranha. Logo se sentiu culpada.

— *Freelance*. Uma fundação particular me contratou para escrever uma história para a BBC sobre o efeito dos planos do governo de pulverizar os campos de papoulas.

Notável, pensou Sunny. O plano era altamente controverso e qualquer coisa que tivesse a ver com papoulas era perigoso, por conta do dinheiro envolvido no ópio.

— As pessoas estão preocupadas — continuou Isabel. — As mulheres, por seus filhos, por suas plantações. Será uma pulverização aérea indiscriminada, e se os químicos matam papoulas, também matam os legumes, e se matam legumes, pode não matar pessoas, mas as deixará doentes. A doutora Malik já falou sobre esse assunto. Achei que eu poderia ter um minuto com ela. As pessoas vão perder suas fazendas, seu meio de vida. Vão morrer de fome.

Isabel prosseguiu:

— E, claro, são essas mulheres que mais sentem essas questões. São elas que precisam alimentar suas famílias e

cuidar dos filhos, mas não possuem qualquer proteção e não têm voz ativa. Não têm permissão para protestar. Isso realmente se tornou uma questão insana: as mães estão ficando do lado dos plantadores de papoula, os chefões das drogas.

— A história é boa — disse Sunny, erguendo as sobrancelhas —, porém perigosa. Como qualquer coisa que envolva o ópio. Tome cuidado.

— Quem está dando sermão, agora? — Isabel sorriu.

E Sunny retribuiu o sorriso. Essa mulher com o corpo de revista *Playboy*, o corte de cabelo *punk* e o namorado idiota até que era legal.

— E Petr não é meu namorado — disse Isabel, como se tivesse ouvido os pensamentos de Sunny. — Ele é só um amigo. Que tem amigos.

E ela era inteligente. E a forma como ela falava fez Sunny perceber que essa mulher não tinha nada das mulheres habituais de Petr.

— Gostaria de um pouco de chá? — Sunny segurou o bule cheio de vinho.

— Ah, sim, eu vou aceitar. — Isabel ergueu a xícara. Sunny serviu e as duas mulheres fizeram um brinde ao pensamento positivo.

A médica chegou meia hora atrasada, depois de ter se perdido a caminho da casa de chá. Não havia placas nas ruas de Cabul, então a única forma de encontrar um lugar novo era usando os indicadores, como o rebanho de ovelhas que estava pastando no lixo, o portão verde embaixo do *outdoor* da Nokia, duas casas depois do beco enlameado, ou o terceiro portão com porta metálica azul.

Mas o motorista não viu o portão verde e acabou a mais de um quilômetro de distância. Só então ele ligou do celular e Sunny teve que instruí-lo pelas ruas. Até que chegassem, já havia quase vinte clientes — dezenove a mais que em uma

noite habitual de quarta-feira. A médica estava vestindo um lindo *punjabi*, um vestido longo com calças largas, num tom de azul profundo, com bordados dourados, e uma echarpe azul comprida que ela usava sobre a cabeça e enrolara por cima dos ombros, como um xale. Lá dentro, ela tirou a echarpe, revelando seus lindos cabelos negros longos, presos em uma trança grossa.

Ela falava híndi, língua com a qual a maioria dos afegãos tinha familiaridade, por conta de sua obsessão com qualquer coisa de Bollywood, com um tradutor de inglês repetindo o que ela dizia. Ela citou as estatísticas que a maioria das pessoas presentes já sabia: que o índice de fertilidade afegão era o segundo mais alto do mundo, mas que o Afeganistão era o segundo, apenas atrás de Serra Leoa, nos índices de mortalidade das mães; que a cada vinte e oito minutos uma mulher morria no Afeganistão, durante um parto. Mas ela falou mais sobre sua visita recente à província de Badakhshan, onde a mortalidade das mães era conhecida como a maior do mundo. Para cada dezesseis bebês nascidos, uma mulher morria em trabalho de parto. As clínicas ficavam muito distantes, e mesmo se uma mulher em dificuldades conseguisse chegar até uma delas os locais não estavam equipados suficientemente para ajudar. Além disso, os médicos eram homens. Em decorrência da rigorosa separação entre os sexos, as mulheres preferiam morrer a serem ajudadas por um médico homem.

Ela contou uma história sobre uma grávida do vilarejo de Shattak, que teve complicações durante o trabalho de parto. O hospital mais próximo ficava a sessenta quilômetros de distância e não havia carros. Então, o que os camponeses fizeram? Arranjaram uma escada e colocaram no chão, depois deitaram a grávida em cima, a ergueram, e vinte homens se revezaram carregando a maca improvisada ao longo de uma estrada cheia de pedras e vento, raramente usada por um veículo. O ritmo era lento e a mãe morreu no caminho.

O salão ficou em silêncio. Sunny notou, do outro lado, que Yazmina tinha parado de lavar a louça e ouvia atentamente, da cozinha. Vendo Yazmina, seus olhos se encheram de preocupação e perguntas, e Sunny sabia que teria de falar com ela em breve, mesmo que isso a deixasse envergonhada. No mínimo, pela saúde do bebê. Yazmina olhou em sua direção e Sunny sorriu, tranquilizando-a.

A médica continuou, explicando sobre o programa de treinamento para parteiras que havia criado, para jovens mulheres de distritos espalhados pela província, no qual ela já tinha mais de cinquenta graduadas. Ela falava fervorosamente sobre a necessidade de doações de medicamentos e suprimentos, de comida e abrigo, educação, voluntários. Com um índice tão alto de analfabetismo e o desrespeito tão profundo pelas mulheres, elas não tinham chance de lidar com as questões de sua própria saúde sem receber mais apoio. O grupo bombardeou-a com perguntas, ideias, mas ela já estava se preparando para partir para uma reunião com a agência de saúde da OTAN. Ela prometeu regressar na semana seguinte, para conversar a respeito de questões da saúde infantil, se as pessoas concordassem em doar mais tempo à sua causa.

— Eu já volto. Preciso falar com a Dra. Malik, antes que ela vá embora — Isabel sussurrou no ouvido de Sunny, com Petr olhando. — Preciso dar a ela alguns *insights* sobre a OTAN.

Sunny ficou olhando Isabel, enquanto ela abria caminho pela aglomeração que ia se dispersando lentamente, e a viu conversando com a médica. Isabel era uma mulher tenaz.

Mais tarde, naquela noite, depois que os clientes foram embora, Halajan disse a Sunny:

— Quando a doutora voltar haverá mais gente. E da outra vez, mais ainda. Como diz o ditado, de grão em grão a galinha enche o papo.

Sunny se sentiu como se tivesse acordado de um sono demorado. A noite tinha sido um sucesso e ela estava revigorada.

— E nós estamos ajudando a doutora. Se pudermos arranjar alguns voluntários e levantar algum dinheiro, ao fazermos isso... Então, como foi o movimento, Bashir Hadi?

Ele estava contando o dinheiro. Olhou para ela e sorriu.

— Muito bom, srta. Sunny. Nós fomos bem. Mas, nesse ritmo, um muro ainda está a meses de distância. E o inverno está apenas começando. A senhorita sabe o quanto é difícil tirar as pessoas de casa no frio. Nós teremos que trabalhar com mais afinco para trazer as pessoas para cá na semana que vem.

— Vamos cobrir a casa de chá, colocar um cartaz em cada mesa, na porta da frente; e eu vou mandar *e-mails* para todos que conheço, pedindo que eles mandem *e-mails* para todos que conhecem. Talvez eu consiga a lista de e-mails da ONU.

— Agora, sim — disse Bashir Hadi.

Sunny foi até seu quarto, levando uma chaleira e uma xícara, ligou o computador e checkou seu *e-mail*. Havia os relatos noticiários habituais (talibãs insurgentes lutando ao sul, suspeitas de armas nucleares no Paquistão) e promoções de seu distribuidor de carne em Dubai, e de sua companhia de óleo.

Jack estava tentando fazer contato no bate-papo *on-line*. Ela abriu.

*Tentei chegar aí, mas fiquei preso numa reunião. Sentiu minha falta? ☺*

Ao que Sunny respondeu:

*Não me venha com carinhas de sorriso. Algum dia, quando você for o chefe da CIA, eu vou contar para todo mundo que você usa essas caretinhas. Isso vai ganhar o respeito dos outros.*

Ela deu um gole no vinho e ficou esperando a resposta.

*Você menospreza um rosto sorridente? O que devo pensar de uma mulher que faz isso? Falando nisso, você teve movimento essa noite? Ou preciso ficar com vergonha?*

Sunny respondeu:

*Não foi ruim. Você pode andar de cabeça erguida. Mas será ainda melhor, da próxima vez. A doutora vai voltar. Ela é incrível.*

Ela deu outro gole no vinho enquanto esperava a resposta de Jack.

*Então... estou esperando.*

Sunny sorriu e escreveu:

*Obrigada. Sério. Foi uma noite ótima.*

Demorou uma eternidade, até que Jack respondeu:

*Quando você vai começar a trabalhar no muro? Só aí talvez você me mande uma carinha sorridente.*

Sunny digitou furiosamente:

*Pare com isso!!! Meu Deus, você é uma peste. ☺ ☺ ☺*

E ela riu, quando Jack escreveu isso:

*Só se você parar com os pontos de exclamação. E os sorrisinhos.*

Ela respondeu:

*Boa noite para você.*

Ele disse:

*Preciso sair da cidade. Estarei de volta em duas semanas. Sei que você sentirá minha falta. Pare de chorar. E vá dormir.*

Ela saiu do quarto, caminhou pelo corredor e subiu dois lances de escada até o telhado. Ali era seu canto. Havia uma mesinha com cadeiras, vasos para plantar flores quando chegasse a primavera, um cavalete e uma paleta. Se dirigindo o carro era como ela conseguia enxergar, ali no telhado era onde ela conseguia respirar. Em Cabul, na casa de chá, ela às vezes ficava solitária, mas nunca sozinha, exceto no pequeno espaço onde dormia. Então, ela fez do telhado seu cantinho.

Estava ventando e o céu estava limpo, negro, salpicado de estrelas, um dos aspectos mais maravilhosos de morar ali. Sem eletricidade, à noite, havia pouca luz feita pelo homem para difundir a luz que emanava de cima. Era como se você pudesse enxergar dentro do céu, pensou ela, através de suas camadas, até seu âmago. Camadas de estrelas, como um cobertor translúcido por cima do outro. A beleza era esmagadora. O vento soprava seus cabelos e ela se determinou a parar, respirar, *sentir*.

Essa foi uma noite boa. Ela sentiu que era o começo de algo, mais do que apenas fazer dinheiro para a segurança do café. As pessoas tinham vindo ao seu local para aprender alguma coisa, para conversar, ouvir, se comover. Dava uma sensação boa, parecia que ela estava fazendo algo importante, e não apenas um bom *cheeseburger*.

Ela ficou imaginando o que Tommy pensaria quando ele voltasse. E sacudiu os ombros. Ele teria gostado do movimento. Era um cara que gostava de gente. Mas ele não se

impressionava muito com ideias. Ele detestava política. Agora, Jack, bem... ela se freou. Não adiantava compará-los. Eles eram homens diferentes. Sem mencionar que um era seu e o outro era um amigo.

Finalmente, ela desceu até seu quarto, desejando que Tommy estivesse esperando por ela. Era na cama onde eles se davam melhor, ela tinha de admitir. E era na cama, à noite, quando ela mais sentia sua falta. Essa noite, sentindo o torpor da casa movimentada, o entusiasmo nas palavras da doutora, toda aquela gente, os *e-mails* de Jack, ela estava intensamente ciente de seu sentimento de solidão. Ao espalhar sua loção predileta com aroma de laranja nos braços e pernas, dando mais atenção aos cotovelos e calcanhares, ela se permitiu pensar que Tommy talvez voltasse logo. Só mais um mês, tomara. Ele nunca escrevia, nunca ligava, então não tinha como saber. Ele dizia que não havia contato no campo. As únicas vezes que ele ligou foi para que ela fosse até Dubai encontrá-lo, para uma folga de dois dias.

Ela deitou na cama e se cobriu com o cobertor macio e quente, estampado de ferrugem, vermelho e vinho. Depois virou para o lado, como fazia toda noite, mas essa noite ela admitiu para si mesma que se sentira só até mesmo quando estivera com Tommy, nas últimas vezes que ele havia estado em casa. Sua mente desviou para Jack e, sendo honesta com ela mesma, ela queria tocá-lo, rir com ele, abraçá-lo junto ao seu corpo, ali na sua cama, sob seu teto, sob as estrelas. Mas, assim como Tommy, ele também estava fora. E se ele estivesse pensando em alguém, em sua cama, sob as estrelas, certamente seria em sua esposa, em sua cidade.

## Capítulo 10

Candace olhava o vale pela janela do apartamento no arranha-céu no condomínio de Wakil, e via acima do topo das árvores. Desse ponto, elas pareciam esparsas. O talibã havia cortado várias, durante a guerra, para impedir que o inimigo se escondesse no meio delas, e o povo local cortara outras tantas para servir de lenha. A floresta tinha sido quase toda devastada e ocorreu-lhe que o aglomerado de árvores pelo qual eles haviam passado para chegar ali só existia porque estava situado ao longo de um rio.

A oeste, ela podia ver a terra seca e poeirenta que levava a Cabul, e a leste, a cadeia montanhosa de Hindu Kush que se erguia dramaticamente, com a silhueta de seus picos contrastando com o céu matinal, suas laterais parcialmente sombreadas, parecendo papel dobrado. Desse ponto de observação, os problemas do país pareciam tão pequenos quanto as casas à distância. Ela se sentia com uma rainha inspecionando seu vasto reino.

Os guardas do lado de fora da porta e as empregadas que trariam seu café da manhã e a levariam até o *hammam* privativo de Wakil, para ajudá-la a se banhar e lhe fazer uma massagem, aumentavam a sensação de que ela era parte da comitiva real de Wakil. Ele cuidava de todos os detalhes, exceto do que ela mais queria: passar um tempo particular e íntimo com ele. Sentiu uma onda de desejo de abraçá-lo, sentir seu corpo sob o dela, mas isso não ia acontecer. Eles não tinham feito amor desde que chegaram.

Wakil disse que era porque ele estava ali, em seu lar, sua escola e não podia. Isso era impossível. Ele disse que ela era sua alma gêmea, que seu coração tinha encontrado um lar, que

fazer amor com ela era um dos maiores prazeres da vida, e que ela era quase impossível de resistir... mas eles não deviam, pelo menos não ali. Isto teria que esperar até que chegassem a Cabul.

Eles estavam partindo para a cidade hoje e Candace tinha sensações diferentes a respeito disso. Embora ela respeitasse tudo o que ele havia feito por essas crianças e adorasse vê-lo com elas, em seu trabalho, ela preferia o Wakil homem, em lugar de Wakil príncipe. E, sim, ela tinha de admitir que estava pronta para os belos restaurantes, para vestir belas roupas, e dormir com Wakil, em sua casa. Claro que eles não podiam dormir juntos, e tinham de ficar em andares separados, mas, à noite, quando todos estivessem dormindo, ele podia ir até seu quarto.

Ela também estava ansiosa para voltar ao trabalho. Era sua responsabilidade angariar dinheiro para a escola de Wakil, e ela tinha articulado reuniões com várias ONGs envolvidas com a assistência social às crianças afegãs.

Era o final da manhã quando eles se despediram e entraram na SUV preta, com o mesmo motorista que os levara para lá. Sentada perto de Wakil, no banco traseiro, com os ombros encostados, ela pensou em quando se conheceram, e como ele havia sido terno e gracioso, como a maioria dos afegãos. Ele os convidara para sua casa, se algum dia voltassem a Cabul, e um mês depois, quando uma reunião levou Richard até lá, ela o procurou. Naquela noite, durante o jantar elegante na casa dele, ela soube o que queria que acontecesse entre eles, o que parecia destinado a acontecer, por causa da forte atração que sentia na presença de Wakil, mas não fazia ideia de que o veria como um líder, um homem de tanta importância. Ela não tinha ideia de sua habilidade de convencê-la a fazer praticamente qualquer coisa. Para a direção que ele apontasse, ela seguiria.

Passando de volta em meio aos pinheiros, saindo a céu aberto, seguindo pelas planícies rochosas marrons, o carro rumava para Cabul, passando por pastores que passeavam com suas cabras, caminhões com carrocerias de engradados de

madeira levando galinhas ao mercado da cidade, burricos de carga levando sacos de legumes, um comboio de veículos do exército no acostamento, com soldados de roupas camufladas e rifles pendurados nos ombros. Passaram por um caminhão de homens de camisas brancas e calças largas, coletes Pashtun, jaquetas e turbantes, todos carregando rifles — provavelmente talibãs. Ao se aproximarem da cidade, eles passaram por um mar de tendas dilapidadas, até onde a vista alcançava, armadas atrás de uma cerca de arame farpado, onde crianças descalças brincavam com uma bola já meio descascada e murcha, que não rolava muito, onde homens estavam à toa e mulheres estavam agachadas na terra dura, aglomeradas, aparentemente para afastar o frio. Ali havia uma longa fila de gente saindo de uma tenda. E alguns cachorros puxavam algo com os dentes.

Candace olhou para Wakil, buscando uma explicação.

Ele disse:

— É um campo de refugiados.

Ela já vira um desses, até tinha entrado em um, quando viajava pelo interior, com Richard. Ela jamais se esqueceria dos olhos de uma mãe, com um bebê embrulhado em farrapos, seus três outros filhos famintos e de barrigas inchadas, recostando nela, como se ela pudesse prover-lhes o abrigo de que precisavam.

— Mas tão perto de Cabul? De onde são essas pessoas? Do Paquistão? — perguntou ela, virando para a janela. — Como podem deixar as pessoas viverem assim? Olhe as crianças. Elas não têm sapatos.

— Sapatos? Elas não têm água limpa. Quase não têm comida. E são afegãos. Desabrigados durante a guerra, voltaram à estaca zero. Alguns voltaram do Paquistão, onde o governo está fechando os campos, obrigando que voltem. Suas casas se foram, suas terras também, não há empregos, muito menos dinheiro. O governo corrupto não tem nada a fazer com eles — disse Wakil, amargo. — Os russos, as forças da OTAN, os americanos, a insurgência... a cada guerra as casas são

destruídas, as pessoas partem, depois voltam para o nada. Para menos que nada. Necessitados, vivendo em cima de campos minados, na miséria, em meio aos seus próprios excrementos. Afegãos vivendo pior que prisioneiros, em seu próprio país.

— Então, você não acha que a ONU e...

— Não podemos ser tão ingênuos. OTAN, ONU... eles não têm poder para uma mudança verdadeira. Nem os países ricos estão preocupados. O Afeganistão tem de se livrar da gente que só quer estuprar suas mulheres, escravizar suas crianças, destruir suas terras, seus recursos — a voz dele cuspiu ódio — e mantê-los longe de Deus.

Claro que ela concordava com ele. Depois de ver sua escola, sua clínica e os campos de refugiados, ela sabia que ele estava certo.

O rosto dele corou de frustração.

— Exatamente por isso que o talibã está ascendendo. Da miséria de nosso povo.

Mas isso a deteve.

— Você não pode estar dizendo que o talibã é a melhor alternativa!

— Eu certamente compreendo a popularidade crescente. Só isso — ele se virou para ela, agora mais brando. — Você tem um coração bom e aberto, minha Candace. Isso — disse ele, apontando para as tendas — é exatamente o motivo pelo qual precisamos de sua ajuda. — Ele pegou a mão dela: — você vai mudar a vida dessa gente. E de muitos outros.

Seu tom aquietou Candace, que mantinha os olhos no campo, enquanto eles passavam. Eles ficaram em silêncio, por um longo tempo.

Conforme entraram na periferia de Cabul, eles passaram da cidade provisória a um memorial provisório. Uma floresta de bandeiras verdes, erguidas no alto de mastros fincados na terra poeirenta, dobravam ao vento. Candace já vira isso muitas vezes. Eles demarcavam as sepulturas dos mártires meninos e homens afegãos que morriam na batalha. Havia um cemitério

de verdade para os guerreiros estrangeiros, o Cemitério Sherpur, mas um afegão era enterrado ao lado das colinas, nas planícies, nos vales, com apenas um pedaço de pano verde, num cabo de madeira para marcar seu túmulo.

Então, eles chegaram aos muros da cidade, forrados de pôsteres e salpicados de buracos de bala e grafite, a maioria em *dari*, com *slogans* contra o governo. Essas palavras Candace conhecia. Seu marido tinha passado uma vida inteira tentando reverter a propagação desse sentimento no Iraque, Paquistão e Afeganistão, sem realizar o verdadeiro trabalho de angariar fundos para investir em escolas, hospitais e negócios. Agora, depois de passar um tempo com Wakil, ela percebia o quanto haviam sido tolos e equivocados os esforços de Richard.

Por entre as ruas entupidas, eles finalmente chegaram à casa de Wakil. O carro rapidamente passou pelos portões duplos, vigiados por dois *chokidors* armados, e seguiu por um caminho pavimentado em formato de U. A casa de Wakil não era apenas grande, era uma mansão. Tinha cinco andares e os mosaicos de azulejos que cobriam grande parte das paredes externas fizeram Candace lembrar de uma mesquita, mas sem as cúpulas. Eles foram saudados na porta da frente por um serviçal de turbante de seda, que os acompanhou até um pátio interno com uma fonte de ladrilhos azuis que gorgolejava água numa piscina, e onde vasos com árvores se estendiam até a claraboia em mosaico, cinco andares acima. Os pilares de pedra que cercavam o pátio davam à edificação um ar de palácio. Era simplesmente de tirar o fôlego, embora ela já tivesse estado ali várias vezes. Outro empregado entrou apressadamente e cochichou algo para Wakil, que se virou para Candace.

— Eu preciso ir. É uma emergência. Eu a verei no jantar, meu amor.

Ela sorriu para ele, embora se sentisse rejeitada. Eles tinham vindo à casa de Wakil precisamente porque ele teria mais tempo para ela. Será que ela estava sendo um bebê mimado, ou o fogo do relacionamento tinha diminuído?

Candace foi conduzida ao seu quarto, no terceiro andar. Enquanto ela estava desfazendo as malas, seu celular tocou. Era seu contato na embaixada, dizendo que uma renomada médica indiana estaria dando uma palestra, naquela noite, sobre questões de saúde infantil, num café local. Ele disse que achou que Candace se interessaria em conhecer a médica, por conta do trabalho que vinha desenvolvendo para a clínica de Wakil. Ela fechou o telefone e sentou na cama alta, coberta por um deslumbrante tecido bordado e colorido, de textura rica. Ao passar a mão na colcha exuberante, ela sorriu. Essa certamente seria uma forma de chamar a atenção de Wakil. A médica, sua experiência, assim como sua habilidade de obter atenção para seus projetos, era exatamente o que a clínica precisava. Ela sabia que ele cancelaria quaisquer planos que tivesse para participar desse evento com ela, e talvez ela pudesse instigar a médica a ajudar na clínica. E daí que Candace não era a atração principal? Ela ficaria muito contente por compartilhar o holofote com a boa médica.

## Capítulo 11

Yazmina não vinha se sentindo bem ao longo de toda a semana. Ela estava exausta. Havia manhãs em que era difícil até levantar da cama. E depois as tarefas eram quase impossíveis de fazer. Mas ela sorria e fazia tudo que podia para fingir que estava bem. Isso a deixava preocupada, essa sensação de letargia, e ela imaginava se o bebê estaria bem, ou se sua queda do carro, ou os desinfetantes que usava para limpar o chão, ou as ruas com filetes de esgoto poderiam ter prejudicado o bebê. Mas ela não podia arriscar atrair a desconfiança de ninguém, pois isso seria ainda pior para a vida que crescia dentro dela.

E era quarta-feira outra vez. Se na semana passada havia vinte pessoas, essa noite haveria o dobro, talvez o triplo disso, se o número de ligações que Sunny recebeu no celular, que ela usava pendurado no pescoço, como um talismã, fosse alguma indicação. As pessoas pediam direções, confirmavam o horário. Muitos já tinham chegado para comer bem antes do começo do evento. E também houve muitos preparativos: as tarefas, os assados, os pedidos, o preparo da comida, a limpeza, a arrumação. Parecia que a semana inteira conduzia a esse dia.

Yazmina agora estava descansando em seu *toshak*, com as mãos na barriga, sonhando que seu bebê estava bem, aquecido, e a salvo em seu útero. Ela torcia para que o bebê tivesse achado o polegar para chupar e que todos os seus membros estivessem no lugar certo. Ficou imaginando se o bebê estaria sonhando com ela.

Nesse momento, a náusea que ela não sentia há dias, arrebatou-a como o vento das montanhas e ela quase não conseguiu chegar à bacia pousada em cima de sua cômoda.

Suando, ela vomitou pelo que pareceram horas. Ela acabou ficando vazia e levou a bacia até o sanitário do pátio dos fundos. No caminho de volta, ela encontrou Halajan, que estava recostada na parede, fumando. Yazmina nunca tinha visto uma mulher fumando e, se fosse outra noite, ela até poderia ter se assustado. Mas levando em conta o seu estado, e a forma como se sentia terrível, ela não tinha julgamento algum por ninguém. A luz do sol poente brilhou na fumaça que se erguia pelo ar, mas todo o restante estava na sombra, o que deixou Yazmina grata. Ela sabia que seu rosto enjoado a trairia.

— Você está bem? — perguntou Halajan.

— Estou bem, obrigada — respondeu Yazmina. — Eu só precisava usar o toailete e limpar minha bacia — ela ergueu os olhos. — Será uma noite interessante, não é?

Halajan estava de olho em Yazmina.

— Está curiosa quanto às histórias da doutora?

Yazmina baixou os olhos.

— Todas nós devemos nos preocupar com mães e crianças.

— Sim, devemos — disse Halajan. — Mas o que importa é a rapidez com que você faz o que sua alma manda.

Os olhos de Yazmina se arregalaram.

— Você citou Rumi. Eu conheço, por causa de minha mãe, que costumava cantar seus poemas! Ela adorava Rumi, desde que era menina, quando a mãe dela recitava seus poemas. De geração em geração, as palavras dele foram amadas por minha família. Um dia, um vendedor passou por lá, vindo de Cabul, e ele tinha um livro de poemas de Rumi, e embora minha mãe não soubesse ler, ela precisou ficar com o livro. Então, meu marido comprou para ela — ela riu, um pouquinho. — Meu Najam compraria uma agulha para um cego, se ele quisesse.

— Então, imagino que seja Rumi — Halajan deu um longo trago no cigarro e exalou ruidosamente. — Agora termine seu descanso, pois haverá muito movimento esta noite.

Yazmina notou que a lua tinha subido, por trás de uma nuvem baixa. Rumi. Mãe. Layla. Talvez fosse a lembrança

deles, ou seus pensamentos em Najam. Yazmina estava surpresa por se sentir melhor. Ela só rezava por uma coisa, esta noite: que Sunny tivesse passado a precisar dela, quando descobrisse seu segredo.

Sunny estava radiante. Quase todas as cadeiras e mesas da casa de chá estavam ocupadas e as pessoas estavam comendo e conversando muito antes de a doutora começar. O grupo era quase todo feminino, dividido, quase por igual, entre estrangeiras e afegãs. Ela havia contratado um *chokidor* extra para essa noite, a pedido de Ahmet, mas nem precisava. Mulheres não escondiam armas na bolsa, principalmente quando tinham vindo para ouvir uma médica renomada falar sobre saúde infantil do Afeganistão de hoje.

Isabel tinha voltado para falar mais com a médica. Ela estava sentada com Petr, numa mesa próxima, já bebericando o "chá" que trouxera em sua bolsa, e que Halajan rapidamente servira num bule. Havia dois lugares vazios na mesa, que Sunny estava reservando para ela, para quando a doutora começasse a falar, e para Jack, se ele aparecesse. Ela não tivera mais notícias dele, desde o bate-papo instantâneo. Não sabia se ficava preocupada ou injuriada, mas, acima de tudo, ela queria compartilhar outra noite de sucesso com ele.

Enquanto isso, havia clientes a servir, café para fazer e mesas a limpar. Sunny imaginou o muro lá fora mais alto, as noites rentáveis e o dinheiro entrando tão rápido que ela precisava calcular o que fazer com tanto. *Pare*, pensou ela. *Você está se atropelando.*

Então houve um estrondo que fez todos virarem, parando de falar. Yazmina tinha deixado cair no chão uma bandeja de xícaras e pires, que tinham ficado em cacos. A pobre menina parecia chocada, mas, além disso, ela estava pálida e cansada também. Sunny teve vontade de chutar a si mesma, por deixar que Yazmina trabalhasse tão duro, e rapidamente estava ao seu lado.

— Yazmina, *khair asti?* Você está bem?

Mas ela não respondeu. Ela foi até o armário e voltou com uma vassourinha e uma pá.

— Yazmina, eu faço isso — disse Halajan.

Mas Yazmina já estava de joelhos, varrendo os cacos.

— O que há com Yazmina? — sussurrou Halajan. — Ela não parece bem. Está doente?

— Ela está bem, eu acho — disse Sunny. — Vou ficar de olho nela.

— Talvez ela seja apenas preguiçosa. Talvez não esteja acostumada a esse tipo de trabalho.

— Você está brincando? Ela não para, e é forte como dois homens. Nós não sobreviveríamos sem ela numa noite como essa.

Halajan sorriu e pousou a mão no quadril.

— Sobrevivemos antes, e sobreviveríamos depois.

— É muita concorrência para você, Halajan? — Sunny provocou.

— Para mim? Que piada. Mas com que rapidez ela se tornou importante para você! Cuidado para não precisar muito dela. Ela não ficará por aqui para sempre.

— Bom, eu vou me assegurar de que ela esteja bem — disse Sunny.

Ela foi para trás do balcão, até a cozinha, onde Yazmina estava jogando fora os restos da porcelana, no lixo.

— Sunnyjan. *Emorz*, eu não bem. Trabalho para pagar prejuízo.

Sunny entendeu que ela estava dizendo que lamentava muito e hoje não estava se sentindo bem. — São só *pyalas*, algumas xícaras. Temos muitas mais. Não tem problema.

Sunny viu a expressão estarecida no rosto de Yazmina e percebeu que sua família provavelmente não podia pagar nem por uma única xícara daquelas que ela havia quebrado. Ela precisava tentar ser mais sensível. Mas, nesse momento, sua mente estava na saúde de Yazmina.

— Você está se sentindo *khub*, bem? Está *mareez*, doente? — Sunny inclinou a cabeça ao lado e tentou ver os olhos de Yazmina, mas eles estavam baixos. — Gostaria de ver um *daktar*?

Yazmina ergueu os olhos.

— Não, não, *tashakur*, obrigada, eu *ba khoda* — disse ela. — Deus é minha testemunha, prometo ter mais cuidado.

Sunny sabia que ela dizia que estava bem, mas também podia ver que Yazmina estava vermelha. As gotas de suor se formavam em sua sobrelanceira e seus olhos estavam vidrados.

— Talvez você deva ir para seu quarto descansar — disse Sunny. — Talvez depois que a *daktar* terminar de falar, você possa vir e...

— Não, não, por favor. *Besyar*, muita gente. Como poderá... — ela pareceu assustada, como se estivesse certa de que estava prestes a ser punida.

Sunny pegou a pá e a escovinha dela e disse:

— Está bem, nada de *daktar*. Mas você vai descansar, para que amanhã, quando estiver bem movimentado, você esteja pronta para ajudar. — Ela viu a preocupação no rosto de Yazmina: — não se preocupe. Você ainda terá seu emprego e seu lar aqui. E continuará assim, não importa o que aconteça. Está bem? Acho que é natural que você sinta enjoo, quando está... — Sunny se deteve.

Yazmina arregalou os olhos de medo.

— Tudo bem, provavelmente é algo que você comeu. Mas se você não se sentir melhor amanhã, nós teremos que ir ao *daktar*.

— Sim, mas eu ficarei bem. Só estou um pouquinho cansada — disse Yazmina.

Sunny ficou olhando, enquanto ela desamarrava o avental e pendurava no gancho, ao lado da geladeira. Yazmina começou a caminhar em direção à porta dos fundos, mas parou e recostou na parede. Sunny se apressou, com uma cadeira.

— Você está bem? — perguntou ela. — Por favor, sente-se.

— Eu gostaria de ficar e ouvir a doutora — disse Yazmina.

— Sim, claro — respondeu Sunny. Ela pôs a mão no ombro de Yazmina.

A porta da casa de chá foi aberta e entrou uma mulher vestida como uma celebridade, de botas até os joelhos, *jeans* justo, uma bolsa imensa de grife e uma jaqueta branca apertada. Com exceção do xale que usava na cabeça, ela poderia estar em uma estação de esqui. Com ela, havia um afegão bem mais jovem e imponente, com roupas tradicionais e um turbante elegante. Ele era muito bonito, de ombros largos, alto, mas bem sério, com uma postura rija. Eram os olhos que atraíam nele, olhos escuros com uma expressão séria e hipnotizante.

A mulher tirou o xale, revelando seus cabelos longos e louros platinados. Ela se apoiou num dos pés e tamborilava o outro, claramente acostumada a entrar num restaurante e ser levada a sentar-se imediatamente.

Em vez de esperar para que Halajan viesse da cozinha, a mulher olhou o salão, depois sentou com seu acompanhante junto com Isabel e Petr, nos lugares que Sunny havia reservado para ela e Jack. Os dois homens apertaram as mãos e começaram a conversar.

Sunny ficou tentada a dizer algo irritável sobre esperar por uma mesa, mas se conteve. Essa noite tinha a intenção de trazer clientes pagantes e um muro novo era mais importante do que corrigir o senso de direito de alguém. Então, ela foi até lá cumprimentá-los.

— Candace. Candace Appleton — disse a loura platinada, estendendo a mão, enquanto olhava Sunny de cima a baixo, esperando por sua resposta.

— Bem-vinda. Sunny.

— Sunny? — ela sorriu. — Apelido fofo. É apelido de que nome?

Sunny estreitou os olhos.

— É apenas Sunny, o nome que minha mãe me deu.

— Parece tão, bem, *rural* — ela se aproximou de Sunny: — como seu sotaque. Você deve ser do sul.

Sunny olhou para Isabel, que ergueu as sobrancelhas e sorriu, basicamente desafiando Sunny a responder. Mas Sunny apenas ergueu um ombro, pousou a mão no quadril, pensando *e o seu faz com que você pareça uma piranha metida*. Ela sabia que seu sotaque a fazia parecer uma caipira. Mas nem morta ela deixaria essa mulher se safar sendo rude.

— E Candace é o nome inteiro para... *Candy*?

Isabel soltou uma risada ruidosa e disse:

— Essa é das minhas.

Sunny não pode se conter. Ela já conhecera mulheres como Candace. Elas vinham para Cabul com a desculpa de querer ajudar, trazendo seus privilégios e expectativas ocidentais com elas, frequentemente se engajando com um homem como esse, ao lado de Candace, mas quando não conseguiam lidar com a burocracia e a corrupção, a sujeira e a violência, elas iam embora, sentindo que o lugar e seu povo não serviam para nada.

— Para ser honesta, sim — respondeu Candace. — E levei a vida inteira para me livrar disso. Então, achei que tivéssemos algo em comum — sacudiu os ombros. — Acho que eu estava errada.

Sunny se sentiu mal. Talvez ela tivesse julgado rápido demais, como frequentemente fazia. Agora ela estava curiosa.

— De onde você é? — perguntou Sunny, sem conseguir identificar o sotaque de Candace.

— Boston — respondeu ela. — Beacon Hill.

— Ah, Beacon Hill — disse Isabel, de um jeito pseudossério. — Bem bacana.

— Engraçado — disse Sunny —, você não tem muito sotaque Bahstin.

Candace hesitou, desviou o olhar de Isabel para Sunny, depois disse:

— Eu não *nasci* lá, apenas *vim* de lá.

Sunny gostou de sua honestidade.

— Então, onde você *nasceu*, já que está ficando pessoal?

Candace hesitou novamente, virou para olhar o homem com quem chegara, que estava claramente gostando da conversa, e disse, com um sotaque profundamente sulista:

— Ora, você me pegou. Willow Springs, moça.

Sunny teve que rir e disse a si mesma para dar uma folga à garota.

— Bem-vinda, Missouri. Eu sou Arkansas.

— E eu receio ser Londres — disse Isabel. Ela estendeu a mão e se apresentou.

Candace sorriu ternamente e olhou para a mão de Isabel na sua, e apertou, depois pegou a mão de Sunny e apertou, da forma como se fazia em sua terra: firme.

Sunny estava prestes a perguntar a Candace por que ela viera para Cabul e, mais especificamente, até sua casa de chá, mas uma olhada no belo homem ao seu lado explicava isso — ou, ao menos, parte da história. Além disso, estava na hora de a doutora falar. Ela caminhou até o pódio provisório e apresentou-a orgulhosamente, olhando os rostos dos que vieram ouvir a doutora. Depois, voltou à mesa e ouviu a Dra. Malik relatando, com a ajuda do tradutor inglês, o que acontecia aos bebês nascidos de mulheres cujos maridos haviam morrido. E o que acontecia com os bebês nascidos de relacionamentos fora do casamento, geralmente por estupro, às vezes por um caso de amor sem a sanção da família. E como os bebês meninas não recebiam os mesmos cuidados, se ficassem doentes, já que as meninas seriam dadas para a família do marido. Ela mencionou um velho ditado indiano “Por que regar a árvore do seu vizinho?”, e todos riram.

A doutora parou para responder algumas perguntas. Sunny estava distraída por Candace e seu amigo, que ficou atento o tempo todo, com seus olhos negros de carvão focados na médica. Ele periodicamente sussurrava algo no ouvido de Candace e ela sussurrava em resposta. Estava claro que eles tinham uma intimidade natural, o que fez Sunny sentir uma

pontada de inveja. Mas depois ele cochichou algo para Candace, fazendo-a sentar ereta em sua cadeira, e acenar.

— Por favor. Por favor! — Candace sussurrou alto, erguendo a palma da mão, tentando chamar a atenção de Halajan. — Bem, finalmente — disse ela, quando Halajan se aproximou. — Eu gostaria de um *cappuccino*. Sem cafeína, por favor.

Halajan ergueu as sobrancelhas e hesitou, mas acabou dizendo:

— Certamente, madame. É claro. E seu amigo — disse ela, agora se dirigindo ao homem sentado ao lado de Candace. — Seu amigo também gostaria de algo?

— O *cappuccino* é para mim, obrigado — ele respondeu em *dari*.

Para Sunny, Halajan disse, baixinho:

— Homens afegãos que são grandes demais para pedirem seu próprio café e pequenos demais para desfrutá-lo.

— Rumi? — perguntou Sunny.

— Não, mas podia ser! — e ela revirou os olhos, inclinou a cabeça para Wakil e foi até a cozinha.

A médica terminou sua palestra respondendo dúzias de perguntas, oferecendo o endereço de um *website* onde se podiam fazer doações e prometendo voltar, na semana seguinte. Então, Isabel e Candace abordaram-na. Primeiro, Isabel pediu para entrevistá-la sobre as preocupações com a saúde, por conta da pulverização dos campos de papoula. Depois, ela apresentou Candace, que falou com ela por alguns minutos, antes de trazer Wakil.

Durante os instantes em que Wakil estava longe para ouvir, Candace pareceu relaxar.

— Que noite! Muito obrigada, Sunny. Eu tenho passado tanto tempo tentando conseguir ajuda para as crianças, que nem sei quando foi a última vez que passei um tempo com garotas comuns. Eu sei que às vezes fico meio tensa — disse ela, olhando para Halajan.

Sunny viu aquilo como um pedido de desculpas, mas, pela expressão no rosto de Halajan, não tinha certeza se ela

interpretara assim. De qualquer forma, Sunny estava dando uma colher de chá para Candace.

— E obrigada por me apresentar à doutora Malik — Candace disse a Isabel.

— Não por isso, *Candy* — disse ela, sorrindo.

— Se não fosse pelo seu sotaque charmoso, eu poderia matá-la.

— Então, verei vocês todas na semana que vem? — perguntou Sunny, surpreendendo-se por realmente torcer por isso.

— Decididamente — disse Isabel, ao sair com Petr.

— É — disse Candace, em seu sotaque arrastado do sul. — Todas nós voltaremos, viu?

Sunny riu e observou as duas mulheres saírem, uma seguindo o afegão, e a outra de braços com o russo.

Se as manhãs faziam com que Ahmet se sentisse inquieto pela influência das montanhas, as noites de Cabul o faziam sentir suas limitações autoimpostas tão intensamente como se ele estivesse deitado, sem camisa, na estrada empedrada à sua frente. Ele reajustou seu rifle no ombro e arqueou as costas, como se para se livrar das marcas das pedras. Estava escuro e os últimos convidados estavam deixando a casa. Havia poucos carros na rua, e ninguém a pé. O céu estava negro e repleto de estrelas; toda a fumaça que deixava uma névoa espessa e marrom no céu diurno havia desaparecido no ar noturno. Aquelas estrelas, que pareciam tão próximas e cintilavam com vida, só o deixavam zangado. Ele chutou o muro com o calcanhar da bota. Só tinha vinte anos, mas se sentia com oitenta.

Ele bufou e riu dele mesmo. Ficar quatorze horas em pé, num portão, fazia isso com você; fazia se sentir velho e cansado. Então, ele pensou no pai, em como ele envelhecera tanto e tão rápido, sem passar dos sessenta anos. Seu pai, a quem ele respeitara, e que lhe ensinara como usar uma arma, consertar

um telhado, instalar um sanitário, mas tinha poucas palavras, embora seu coração fosse tão bondoso quanto o de sua mãe, era teimoso. Ele sentia falta do pai. Ele teria esperado que Ahmet ficasse em casa, sem sonhos grandiosos, ou querer ir para longe. Ele não teria se decepcionado com Ahmet, como sua mãe parecia estar.

A mulher dos cabelos dourados lisos deixou a porta da casa de chá bater atrás de si, conforme caminhava até o portão, com o afegão alto ao seu lado. Ela era bonita, pensou Ahmet, embora fosse moderna demais para seu gosto, com suas botas de cano alto e roupas coloridas. Ela cobria a cabeça com uma echarpe, mas dava para ver que seus cabelos estavam soltos por baixo, pelas inúmeras mechas que sopravam ao vento. E ela era bem mais velha que o homem. Ahmet via isso repetidamente: mulheres estrangeiras com homens locais, criando um tipo de laço ao redor de dinheiro e necessidade mútua. Isso não era para ele. Mas ele queria ter um laço com uma mulher. Estava esperando ser apresentado à sua noiva logo, da forma apropriada: de família para família, sob as regras de Cabul, dentro das leis do Islã. Não esperava se comover por olhos verdes — nem olhar os olhos de sua noiva — até o dia do casamento.

Ele queria ter seu próprio negócio. Queria proteger sua mãe e, ao mesmo tempo, se livrar de sua responsabilidade por ela. Queria isso e aquilo e tudo. Ele queria, queria, queria, muito mais do que um bom muçulmano estável deveria. Muito mais do que Mohamed sancionaria. Muito mais do que suas crenças permitiriam.

Ele engoliu, torcendo para engolir seus desejos junto com o gosto ruim em sua boca.

O homem e a mulher saíram e ele fechou o portão atrás deles. Quando o portão bateu, o homem se virou e o olhou nos olhos. E com aquele único olhar, Ahmet o resumiu, usando seu instinto, que lhe servira bem durante os quatro anos que ele mantivera guarda desse posto: não prestava. O afegão alto, com a americana chamativa, simplesmente não prestava.

## Capítulo 12

**R**ashif estava sentado junto à sua mesa, de caneta em punho, e o papel velino à sua frente. Seu quarto estava negro como o céu do lado de fora da janelinha do outro lado do quarto, exceto pela mesa, iluminada por uma lâmpada acima. Era tarde e ele estava cansado, mas tinha uma carta a escrever antes de ir dormir.

Ele olhou o papel em branco e tocou com a caneta.

*Minha querida Halajan,*

*Amanhã é quinta-feira e você virá ao bazar. Estou sonhando ver seus olhos e rezando para Alá para que você não esteja usando a burca. Eu sei que é mais seguro, mas me deixa muito zangado. É como se os olhos de uma mulher, o rosto de uma mulher fosse maligno. Nós, que temos idade suficiente para termos vivido ao longo de um regime após outro, sabemos que a burca tem a ver com o medo de um homem, não a malícia de uma mulher.*

*Hala, eu gostaria de escrever sobre seus olhos e sobre o que eles fazem comigo, mas hoje estou zangado. Lamento, eu sei que não é da natureza do Islã desperdiçar o tempo com a raiva, mas não posso evitar. Dois soldados de Karzai entraram em minha loja esta manhã. Ambos estavam com rifles, um deles trazia dois casacos militares sobre o braço. "O inverno chegou", disse um deles. Precisamos que esses casacos sejam ajustados para nos servirem, disse o outro, ou vamos congelar. Eles tinham sido usados anteriormente, por soldados mortos em combate. O inverno chegava, os recursos do exército são*

*limitados e os casacos deveriam ser reutilizados. Mas um homem alto substituiu um baixo, um forte substituiu um magro e reajustá-los para servir seria um trabalho e tanto.*

*Dei um café a cada um deles. E foi quando vi que não eram mais que meninos, com talvez quinze, dezesseis anos. E eu achei que suas vidas lhes foram roubadas.*

*Eu sei que você sente como eu, no coração. O talibã está regressando em número maior do que da última vez, e não há nada que nossos militares possam fazer para impedi-los. Não há nada que os americanos possam fazer. A presença deles aqui só alimenta o fogo da ira do talibã. É como se todos pensassem que os afegãos são seus. É como se não fôssemos gente de verdade, com coração, com mente própria. Como se fôssemos animais que precisam de humanos para nos moldar. Por Mohamed, eu sei que se mais de nós tivéssemos alguma educação e soubéssemos ler, nós poderíamos ser uma força poderosa. Poderíamos mandar em nossas próprias vidas.*

*Não se preocupe, Hala — eu sei que sou apenas um alfaiate, não um líder. Mas posso sonhar como um!*

*Eu temo por você, por nós e pelo nosso amado país. Como você e eu sabemos, a vida pode mudar rapidamente. Tão recentemente, ainda podíamos andar por aí de jeans e tênis. Ainda tenho os meus Nikes, mas agora uso só dentro de casa. Tolice, eu sei. Lá estou eu, de pijama e Nikes. Estou falando demais?*

*E estou zangado por não podermos estar juntos, por conta das regras tolas. Minha esposa está morta, seu marido está morto e, no entanto, se o homem errado lesse essa carta, você seria apedrejada até a morte.*

*Eu sei o que você me dirá, se um dia me escrever uma carta. Você citaria Rumi, que disse "a paciência é a chave para a alegria". Bem, eu estou farto de Rumi!*

*Amanhã, meu amor, tenha uma viagem segura. Um dia, eu irei visitá-la em sua casa de chá. Você diz para que eu não vá, por causa de seu filho, mas um dia eu vou desobedecê-la, meu*

*amor, e vou aparecer em sua porta. Vou sorrir para seu filho e ele será como um filho para mim.*

*Seu,  
Rashif*

## Capítulo 13

**B**ashir Hadi estava sentado em um banco, junto ao balcão, com uma calculadora, totalizando os ganhos da noite anterior e anotando no livro de contabilidade. Ele ergueu os olhos e disse: — Mais uma ou duas noites como essa e nós teremos o nosso muro — e abriu um sorriso largo. — E aí, nada vai nos deter. Aqui, olhe.

Sunny puxou o livro para ela e inclinou-se sobre ele.

— Hoje, o muro, amanhã, o mundo — ela riu.

— Onde está aquela menina? — perguntou Halajan, vindo correndo da cozinha. — Alguém viu a Yazmina?

Ah, que ótimo. Sunny teve vontade de chutar a si mesma. Ela tinha planejado olhar Yazmina, essa manhã, mas acabou se distraíndo. Yazmina geralmente descia antes do chamado do *muezzin*, quando o sol surgia acima dos picos das montanhas, a leste de Cabul. O sol já entrava pelas janelas, fazendo um reflexo cegante, ao bater no chão ladrilhado.

Ela levantou e disse:

— Ainda não. Eu vou...

— Eu vou chamá-la — disse Halajan, seguindo em direção aos fundos.

— Halajan, espere. Eu vou — insistiu Sunny, pousando a mão no braço de Halajan. Ela se sentia responsável, sabendo que a exaustão de Yazmina era por conta de sua gravidez, e não queria que Halajan descobrisse. Halajan era uma mulher moderna, mas faria qualquer coisa para proteger o filho, a casa de chá, seu lar. Acolher uma mulher descasada e grávida era algo perigoso para todos eles.

Mas Halajan disse:

— Eu vou — e já estava do lado de fora da porta, antes que Sunny pudesse impedi-la.

Halajan bateu na porta de Yazmina. Como não houve resposta, ela abriu, devagar. Ela não entrava ali desde que Sunny tinha arrumado o quarto para a menina, e que belo trabalho ela fizera. Até um espelho! Ela viu que estava virado para a parede e compreendeu, pois essa menina era das montanhas. Yazmina ainda estava em seu *toshak*, aparentemente dormindo. Mas Halajan não sabia, pois seu rosto estava virado para a parede.

— Yazmina — sussurrou ela, ao ajoelhar ao lado da cama. — Yazmina, é hora de levantar.

Yazmina virou para o lado, sem dizer uma palavra. Sua pele estava pálida e os olhos fundos. Sua camisola fina revelava a barriga volumosa.

A pele de Halajan se arrepiou de medo. Ela já vira aquela expressão nos rostos de outras mulheres, quando era parteira, muitos anos antes. E em seu próprio rosto, quando estava grávida de Ahmet. Vinte anos atrás e ela ainda se lembrava da náusea. Ela deu uma olhada atrás, para ter certeza de que a porta estava fechada.

— Yazmina — sussurrou ela. — Você está esperando uma criança?

— Claro que não — disse ela, puxando as cobertas e virando de volta para a parede.

Mas Halajan pressionou.

— Você tem que me dizer, mocinha. Quem mais pode ajudá-la?

— Ninguém. E se você tentar, será punida como eu — disse Yazmina, amedrontada.

— Mas quem é o pai?

— Meu marido — ela chorava.

— Onde está ele, agora? Ele sabe?

— Ele morreu. Numa explosão na encosta da montanha — ela falou como se seu mundo tivesse acabado naquele dia.

Halajan não perguntou sobre as circunstâncias que trouxeram Yazmina à casa de chá, embora ela já desconfiasse ser algo assim. Pois que outro motivo haveria para que uma mulher com a beleza de Yazmina estivesse sozinha, sem lugar para onde ir? Halajan respirou profundamente e passou a mão na sobancelha. Estava suando, mesmo com o frio no quarto.

— Está de quanto tempo?

— Mais ou menos metade — disse ela, em pânico. Com a *kameez* leve que ela usava para dormir, não tinha como esconder a barriga redonda. Estava protuberante como um pequeno melão.

— Você é uma tola de não contar a Sunnyjan. Agora temos que contar.

— Mas como posso contar? — os olhos dela se encheram de lágrimas. — Quando ela souber, não terá escolha, a não ser me por pra fora. Então, eu não terei para onde ir, nada para proteger meu bebê. Por favor, Halajan, deixe-me esconder. Eu quero esse bebê. É minha única ligação com meu Najam, que foi para o paraíso cedo demais. Eu imploro. Não me exponha. Vou perder meu bebê. Vou perder tudo. Você não ouviu as palavras da doutora, ontem à noite? As histórias dela, sobre os bebês meninos roubados, e as meninas, assassinadas? E eu já perdi tudo — as lágrimas caíam por seu rosto, no travesseiro.

— Você está subestimando Sunnyjan. Ela entenderá. E irá encontrar um jeito — disse, embora soubesse, em primeira mão, o que acontecia com mulheres que tinham bebês sem marido. Ela não precisava de uma médica estrangeira para lhe dizer que os bebês frequentemente eram roubados e vendidos como escravos, guerreiros, ou brinquedos sexuais, e as mulheres iam presas, ou eram mortas.

— Não há como. Não em Cabul, não em todo Afeganistão. Uma mulher e seu bebê só servem com o homem que cuida delas.

Halajan hesitou, olhou nos olhos de Yazmina, depois tomou uma decisão:

— Nós vamos esconder isso até que não possa ser mais escondido, mas primeiro temos de fazê-la ficar boa. Eu vou ao mercado comprar algumas ervas. Afinal, é quinta-feira. É dia de mercado.

Ela se inclinou na direção de Yazmina, para beijar-lhe a testa, mas depois parou, se dando conta de que ela não era sua filha. Em vez disso, ela tocou as pontas dos três dedos centrais na testa de Yazmina, depois levou aos próprios lábios e os beijou, depois tocou novamente a testa de Yazmina.

Halajan sussurrou:

— Eu direi a Sunnyjan que você está com febre e que vou comprar um remédio no mercado. Não se mexa hoje. Está entendido?

Yazmina pousou a mão na de Halajan e disse:

— Obrigada, Halajan. Obrigada.

Então, surgiu uma batida na porta e Sunny entrou. Ela fechou a porta devagarzinho e olhou para os rostos das duas mulheres, sabendo que o segredo de Yazmina havia sido revelado. Mas ela ia encarar com tranquilidade. Ela se aproximou da cama, conforme Halajan levantou, dando seu lugar a Sunny, que ajoelhou no chão.

— Como está se sentindo, Yazmina? — Sunny perguntou baixinho.

— Ela está com *tab*, febre — interrompeu Halajan.

— É isso? — perguntou Sunny. — Você está com *tab*? Nós devemos levá-la ao médico.

— Ela só precisa de descanso — disse Halajan.

Sunny virou-se para ela e disse:

— Halajan, por favor. Posso conversar com Yazmina? Eu sei que meu *dari* não é ótimo, mas ela me entende.

Yazmina assentiu e sorriu levemente.

— Então, você não acha que deve ver um *dakta*?

— Ela não precisa de médico! — insistiu Halajan. — Ela só precisa ir mais devagar.

Sunny levantou e encarou Halajan.

— Mas... — agora ela virava de frente e sussurrava no ouvido de Halajan. — ...ela está grávida. E precisa ver um médico.

Finalmente, Halajan silenciou. Ela olhou para Yazmina e assentiu.

Yazmina começou a chorar.

— Você sabia? — perguntou Halajan.

— Sim — disse Sunny, baixinho. — Eu sabia, mas estava esperando passar um tempo, para que Yazmina confiasse em mim. Eu não queria assustá-la, nem envergonhá-la. E não tinha certeza de como os outros reagiriam.

— Mas quando soube? Quanto tempo, sem dizer uma palavra? — perguntou Yazmina.

— No *wazarat-e-zanan*, Ministério da Mulher, na primeira vez que a vi.

Halajan sorriu e assentiu. Sunny era uma boa mulher, muito irritante, mas boa.

— Você sabia que eu estava *hamla* e me acolheu em sua casa?

— É claro — disse Sunny, conhecendo a palavra para *grávida*. — Como eu deixaria de fazê-lo?

Os olhos de Yazmina se encheram de lágrimas.

— O que me delatou? — perguntou ela. — Como você soube?

— Foi uma coisinha. E você está fazendo agora. Sua mão. Quando a assistente daquela terrível *wazir* disse que você poderia ficar uma ou duas noites na escola de beleza, você pôs a mão na barriga. Exatamente assim. Uma mulher como eu, que nunca ficou *hamla*, jamais faria esse gesto. Só uma mulher carregando outra vida na barriga...

— Com tanto amor — disse Halajan.

As três mulheres ficaram quietas por um tempo. Então Sunny perguntou a Halajan:

— O que faremos?

— Bem — respondeu Halajan, estufando o peito, como um galo —, para a sua sorte e a sua, Yazmina, eu sou uma *qaabela*, uma parteira. Eu costumava ajudar a trazer bebês ao mundo. Centenas, em minha vida. — E depois olhou para

Sunny e disse: — então, até que seja a hora, *Inshallah*, isso será nosso segredo.

Uma expressão de alívio surgiu no rosto de Yazmina.

— Mas ninguém pode saber — disse Halajan. — Nenhuma alma. Isso é muito, muito perigoso. Até um bom homem pode ficar mau, nessa situação. Estamos de acordo?

— Nenhuma alma — disse Sunny. — Mas, o que acontece quando o bebê...?

— Isso é outra história, para outro dia.

Então, Sunny olhou para Yazmina e viu que ela estava dormindo. E ela e Halajan saíram do quarto, pé ante pé.

Quando elas voltaram à casa de chá, Bashir Hadi estava preparando café. Foi quando Sunny o viu. Ali, em sua mesa habitual, estava Jack, bebericando um *cappuccino* e lendo um jornal, de pernas cruzadas na lateral da mesa, porque não tinha altura para acomodar suas pernas. Ela exalou o ar ruidosamente, como se estivesse prendendo a respiração desde que ele partira, e disse a si mesma para passar direto por ele, agir naturalmente, não ser irracional. Ele ficara fora duas semanas e vê-lo lhe deu vontade de cantar, mas ela certamente não demonstraria.

Ele também a ignorou.

— *Salaam alaikum*, Halajan. Espero que você esteja bem, nessa bela manhã.

— *Wa alaikum as-salaam* — respondeu ela, com um grande sorriso no rosto. — Como foi de viagem? Estou vendo que você ainda está inteiro.

Sunny pegou um pano, limpou o balcão, colocou duas bandejas, e arrumou com guardanapos, pires e colheres, dando uma olhada para Jack. Enquanto esperava que Bashir Hadi trouxesse as xícaras, ela notou que a pele de Jack estava bronzeada do sol de inverno, os cabelos grisalhos de suas têmperas estavam mais evidentes, as rugas dos cantos dos

olhos, mais fundas. Foi como se as duas semanas tivessem sido dois anos.

Jack deu um tapa na coxa.

— Tudo aqui. Você me conhece, Hala. Não sou de usar arma. Deixo que os jovens corajosos façam isso.

— Não, mas elas podem ser usadas em você. Não sei o que você faz, mas é um alívio quando volta.

— Para mim também, eu posso lhe dizer isso. E você — ele se virou para Sunny —, ei, você!

Ela finalmente sorriu para ele e assentiu em direção à porta.

— Venha, eu tenho algo para você, lá fora. — Ele levantou — venha.

— É assim? Sem um “olá”? Nada de “como vai você”? Muito menos “senti sua falta e não acredito que fiquei longe por tanto tempo”?

— Cale a boca e venha comigo. Eu trago presentes. Na verdade, um presente.

Ela seguiu em direção à porta, mas Jack agarrou seu braço. Ela sentiu o peito inflar, a pele pinicar.

— Feliz em me ver? Vista alguma coisa, está um gelo lá fora.

Ela pegou o casaco pendurado no gancho da parede e, ao vestir-se, disse:

— O que é tão grande que precisa ficar lá fora? Eu adoro presentes, mas geralmente os pequenos, que cabem no bolso.

— Como chiclete? — os olhos de Jack cintilaram.

— Só se forem cravejados de brilhantes.

— Engraçado, você não parece o tipo de garota que gosta de diamantes.

— De onde tirou essa ideia?

— Ah, não sei — disse ele, olhando-a, de cima a baixo. — Talvez seja o cabelo, o *jeans*, ou talvez... — e com dois dedos longos, ele cuidadosamente ergueu a cordinha do telefone celular que ela usava no pescoço, e continuou — sejam as joias que você geralmente usa.

Ela puxou a cordinha, deixando o telefone cair entre os seios.

— Venha — disse Jack. — Eu tenho uma coisa tão especial que irá mudar sua vida.

— Uma moto! — ela queria uma moto desde que viera para Cabul. Tommy tinha prometido lhe dar uma, mas partiu antes de fazê-lo. Jack, é claro, dissera que ela seria uma idiota se comprasse uma.

— Você pode apenas vir?

Ela franziu o rosto exageradamente, passou um dos lados do casaco por cima do outro e o segurou fechado na frente.

— Está bem, está bem. Mas se não é uma moto... eu não sei...

Ele segurou a porta aberta e ela sentiu uma rajada de ar frio contra seu rosto. O céu já estava azul e os raios de sol batiam na parede do pátio. Que dia glorioso! Um presente! E Jack estava de volta! O que podia dar errado?

Primeiro ela viu Ahmet, com os olhos arregalados de medo. Na mão dele, havia uma corda. E, na outra ponta da corda, sentado no chão, perto do muro da frente, um pastor-alemão, com seus setenta quilos, quatro patas, e uma boca babona. *Uma porra de um cachorro!* Ele deve ter visto a expressão de Sunny, porque começou a latir para ela. Ahmet deu um pulo para trás, e o cachorro virou para ele e lambeu-lhe a mão.

Ahmet limpou a mão no casaco, com nojo.

— Venha, Poppy — Jack chamou e a criatura veio correndo até ele. Jack afagou-lhe a cabeça e coçou atrás de sua orelha.

— Sunny, essa é a Poppy.

Sunny detestava cachorro. Eles eram sujos, imbecis e exigiam seu amor e atenção, como se você tivesse que dar isso a eles. Ela deu meia-volta e seguiu de volta para o salão.

— Espere — Jack pediu. — Só espere um minuto. Deixe-me explicar.

Ela suspirou, depois virou para ele e colocou as mãos no quadril.

— Poppy é um cão policial. Ela trabalhou durante anos, farejando ópio. Por isso tem esse nome. Agora está mais velha e está na hora de se aposentar, mas ela é jovem demais para

não fazer nada. Ela precisa de um emprego. E esse emprego é com você.

— Que diabos eu vou fazer com um cachorro?

Poppy latiu várias vezes, como se estivesse se defendendo. Ruidosamente.

— Um cachorro *perigoso*.

— Você vai levá-la quando sair de carro. Ela será seu cão co piloto. Seu canino da Mercedes — ele riu. — Seu cão de guarda protetor!

— Pare, eu lhe peço.

— Sério, toda vez que você sai dirigindo pela cidade, uma mulher sozinha de carro, numa Mercedes, pelo amor de Deus, embora o carro seja velho, você está arriscando sua vida. De agora em diante, você leva a Poppy. Quando sair para uma de suas caminhadas, você leva a Poppy. A maioria dos afegãos, como você sabe, detesta cães...

— Talvez por isso que eu sinta afinidade com o povo.

— ... e temem cães. Eu fico morto de preocupação, toda vez que você sai dirigindo. Bem, agora...

— Então você está realmente me dando esse pastor-alemão por sua causa. Quero dizer, ele não é nem bonitinho... Para que você não tenha que se preocupar. Um típico filantropo. — Ela virou de volta para a porta e gritou: — não, obrigada.

Ela não viu que Jack pegou a coleira de Ahmet, aliviando-lhe dessa tarefa terrível.

— Vamos, Sunny, olhe — disse Jack.

Ela se virou para ele e Poppy foi até ela, com suas patas grandes batendo como cascos de cavalo, a língua para fora, as orelhas em pé. Ela sentou junto às pernas de Sunny, olhando para ela, com a língua para fora, a boca aberta, a saliva fluindo.

Sunny afagou sua cabeça. Poppy lambeu-lhe a mão. E Jack enfiou as mãos nos bolsos, parecendo muito satisfeito.

— E então, posso tomar café? Estou com fome e está frio aqui fora.

— Primeiro, um teste — e Sunny desviou o olhar do cachorro para Jack. Então, ela sorriu — vamos levá-la para dar uma volta de carro — ela correu até lá dentro e voltou com um chaveiro cheio de chaves.

Jack pegou a coleira provisória de Poppy e entregou a Sunny.

— Ela é toda sua.

Enquanto saíam pelo portão da frente, Jack agradeceu Ahmet por tomar conta dela. Ahmet deu um passo para trás enquanto eles passavam, mas Poppy aparentemente quis agradecer, então se esfregou em suas pernas, e o olhou, com a língua para fora, abanando o rabo. No entanto, seu amor não foi correspondido e Ahmet desviou dela.

Eles contornaram a casa até um beco estreito, onde o carro ficava estacionado. Sunny sentou no banco do motorista, Jack sentou ao seu lado e Poppy entrou atrás. Estava frio, mas Sunny abriu a janela traseira, e imediatamente as patas de Poppy estavam na porta e sua cabeça, do lado de fora, respirando o encantador ar com cheiro de esgoto de Cabul. Antes de sair, Sunny checou o retrovisor e depois o espelho lateral.

— Ai, merda — disse ela.

— O quê? — perguntou Jack.

— O espelho sumiu. Merda, aquele também. Mas que droga.

Alguém tinha roubado os dois espelhos laterais externos do carro, um pequeno negócio em Cabul — que só vinha depois do roubo dos próprios carros. Felizmente, Tommy tinha instalado uma mega-ignição que precisaria de uma britadeira para fazê-lo andar sem a chave.

— Eu sei como consertar isso — disse Jack. — Vire à esquerda no próximo beco.

— Para onde estamos indo? — Sunny teve que ficar virando a cabeça e olhando por cima do ombro, sem a ajuda dos espelhos. As ruas de Cabul não eram apenas um emaranhado, eram sem lei. Os afegãos dirigiam do lado direito, como nos Estados Unidos, mas estacionavam em fila dupla, e as

ultrapassagens, com a falta de faixas pintadas nas ruas de paralelepípedos, transformavam a direção em uma façanha.

— Pegá-los de volta — ele sorriu como se tivesse entendido uma piada que ninguém mais entendeu.

Sunny seguiu suas instruções, com a Mercedes sacudindo pelas ruas cheias e empoeiradas, com o cabeção de Poppy para fora da janela traseira. As pessoas recuavam do carro e, quando ela parou, numa esquina, as crianças jogando bola apontaram, e velhos em suas tendas sacudiram as cabeças.

Jack levou-a até a periferia da cidade, onde as ruas estreitas davam lugar a estradas mais largas, com casas cinzentas baixas, em ambos os lados, destroços e pedras entre elas, cabras pastando e crianças brincando, o cheiro de fossa que exalava no centro da cidade mudando para um misto de poeira, odores animais e fumaça das lareiras das casas, para mantê-las aquecidas.

Ele a conduziu até uma estrada que parecia levar direto às montanhas, mas depois mandou que ela parasse uns trinta metros à frente.

— Aqui — disse ele. — Vamos.

Ele prendeu Poppy na coleira, tirou-a do banco traseiro e levou-a, com Sunny, por uma rampa de terra, atravessando um tablado de madeira, sem corrimão para se segurar, onde antes ficava um rio, ou um córrego de esgoto, até um local onde havia grandes contêineres metálicos navais perfilados de uma ponta à outra. Alguns traziam palavras escritas em chinês, árabe e russo. No alto, havia pilhas de peças automotivas, pneus e outra parafernália indefinida. Tudo parecia estar coberto de fuligem, imundo. Ao redor deles, havia carros velhos, com homens dentro, tomando chá. Uma velha caminhonete estava aberta na traseira, com três caras dentro, vestindo *shalwaar kameezes* beges, com casacos de lã e turbantes cinzentos, sentados nos velhos bancos do carro, comendo algo.

Sunny se sentiu como se estivesse em outro planeta. Jack disse:

— É uma festa na traseira do carro.

Os homens ergueram os olhos para o casal. Levantaram quando viram o cão. Cada um deles pegou a arma no ombro e apontou para Poppy.

— Esperem um minuto — Jack falou em *dari*, parecendo um afegão.

Ela mostrou o carro. Eles disseram que tinham espelhos que podiam servir, depois remexeram numa pilha e seguraram dois espelhos.

— Esses serviriam — disseram eles. O líder não tirava os olhos de Poppy, que parecia muito séria, com seus instintos policiais voltando.

Claro que esses serviriam. Eram os espelhos de Sunny. Jack estava negociando para comprar de volta os mesmos espelhos que tinham sido roubados de seu carro.

— Mas que máfia — disse Jack, entrando no carro, colocando os espelhos entre eles. — Mas engenhosos. E Poppy, boa garota. Um animal e tanto.

— Ah, sim — disse Sunny, sarcástica —, da próxima vez que meus espelhos forem roubados e eu tiver que comprá-los de volta, ela será muito útil.

Eles chegaram em casa, Jack aparafusou os espelhos e, de volta ao pátio, Sunny disse:

— Certo. Eu darei uma semana à vira-lata sarnenta, mas se ela fizer algo ruim (morder alguém, comer algo que não deve, ou fizer suas necessidades em algum lugar que não pode), ela vai embora.

— Está bem — disse Jack.

— Está bem? — Sunny perguntou a Poppy, pondo a mão sob seu focinho e erguendo para olhar para ela. — Então, que tal um café da manhã? — ela perguntou a Jack. — Está frio aqui fora.

Quando eles entraram no café, Halajan gritou e Sunny riu.

— Tudo bem, Hala. Essa é Poppy, nosso novo cão. Você pode agradecer a Jack por esse presente adorável.

— Não vai ter criaturas de quatro patas nessa casa de chá! Se você ficar com ela, coloque-a no pátio dos fundos, como uma cabra, ou um cavalo — Halajan estava zangada e assustada. Ela ficou num canto. — Vocês, americanos...

— O quê? — interrompeu Sunny, provocando. — O que temos nós, americanos?

— Vocês vivem com cães, dormem com cães! É uma loucura — ela estava retorcendo as mãos, com uma careta de aversão. — É como se eles fossem príncipes e vocês, os animais. Ouvi dizer que em algumas cidades dos Estados Unidos as pessoas até pegam a sujeira de seus cães e carregam em sacos — sacudiu a cabeça. — Não é verdade?

— Estou do seu lado — disse Sunny.

Jack riu.

— É verdade. Mas, Halajan, você verá que os cães são... — e então ele começou a falar em *dari*. Sunny tentou acompanhar. Ele estava dizendo a Halajan que os cães são limpos, leais e protetores. Contou sobre o histórico de Poppy e como ele a trouxera para Sunny, por causa do carro, mas que a casa de chá poderia usar toda proteção disponível. Então, ele fez uma piada, dizendo que se não desse certo, ela podia cozinhar Poppy e servi-la ao encanador que cobrara caro demais, e Halajan riu tanto que se curvou.

Então Jack tirou o celular do bolso e disse:

— Recebi uma mensagem de texto. — Ele leu, virou para Sunny e disse: — sabe de uma coisa? Preciso ir — ele caminhou até a porta do café.

— É mesmo? — respondeu ela, ao segui-lo. — Por quê? O que é tão importante, numa quinta-feira, o dia antes de *Juma*, o Sabbath? Hein? — ela cutucou o peito dele com o dedo indicador. — O que é?

Ele ficou sério.

— Preciso ligar para o meu filho.

— Então ligue daqui.

— Não. Você sabe, eu gosto de falar num lugar quieto. — Depois ele falou alto: — longe de vocês, todos malucos.

— ã-hã — disse Sunny. — Você está nos mantendo em segredo?

Ela imediatamente corou, desejando pegar as palavras de volta.

— Ora, vamos — ele contestou. — Ele deve ter tido retorno de algumas faculdades, essa semana.

— Ah, bem, tenho certeza de que ele irá...

— É, bem, ele quer ir para Michigan, como seu velho pai.

— Boa escola.

— É, e Ann Arbor é um bom lugar para se viver. Mas é difícil entrar. Não é como quando eu era garoto. Nossa, eu entrei! Prova de como era fácil.

— É, você entrou — ela soou tão imbecil, mas toda essa conversa a deixava inquieta, pois tinha cutucado um nervo. Ela nunca fizera faculdade e sempre se sentira constrangida por isso. Não era algo sobre o que ela gostava de conversar.

— É que a mãe dele, bem, ela quer que ele fique mais perto de casa. Virginia, algum lugar perto de Washington.

— E como vai... é... a mãe dele?

— Ela está bem, eu acho. Quer dizer, não pode ser fácil. Você entende o que quero dizer, sendo uma mulher sozinha, esperando pelo marido...

— Eu não estou esperando pelo meu marido — ela soou defensiva.

— Tudo bem. Não precisa se estressar. Você não está esperando pelo marido. Está esperando pelo *namorado*.

— Ei, eu não estou esperando. Tenho a minha vida.

— Ela também, mas... — a voz dele foi sumindo.

Ela esperou um momento, dando tempo a ele, mas como ele não disse mais nada, ela perguntou:

— Então, por que eles estão lá e você está aqui?

— Por que você está aqui e Tommy está por aí? — ele assentiu na direção da porta.

— Nós não somos casados e não temos um filho. E estamos no mesmo país. Sua família está a meio mundo de distância.

Jack enfiou as mãos nos bolsos e olhou pela janela.

— Bem, me responda — disse Sunny. — Por que você está aqui e eles estão lá?

— Ei, eu acabei de te arranjar um ótimo cachorro para protegê-la. Você deveria ser legal comigo.

— Eu não pedi.

— É, mas você precisa.

— E como é que você sabe do que eu preciso?

— Você precisa de alguma coisa, meu bem, para quando eu partir...

— Quando você partir? E não me chame de meu bem!

Jack sorriu.

— O que quero dizer é que preciso voltar aos Estados Unidos. Não hoje, nem amanhã, mas em algum momento breve.

— Bem, não se preocupe comigo.

— Você pode se cuidar. Isso é o que eu adoro em você. Sunny sempre pode se cuidar.

— Você adora isso em mim, é?

— Se estamos sendo literais novamente, há uma coisa que eu gosto em você: que você é teimosa como uma rocha, mas igualmente forte.

— É mesmo? E o que mais? — ela ouviu as palavras saírem de sua boca, mas não acreditou que realmente as dissera.

Ele a olhou por um longo tempo, depois disse, baixinho:

— Como você finge ser durona, quando não é. Como você ferroa com palavras agradáveis, mas tem um grande coração. Eu simplesmente adoro isso em você. Essa é a triste e maldita verdade e realmente me deixa muito zangado — ele tocou seus cabelos com dois dedos.

Ela recuou por reflexo e colocou as mãos no quadril.

— Então vá de uma vez — disse ela, baixinho. — Ligue para o seu filho.

— Eu te vejo amanhã.

— Não se eu te vir primeiro.

— Quantos anos você tem? Doze?

— É, quase trinta e oito — ela sorriu.

— Nossa, eu não daria mais que trinta e sete.

Agora ele estava mais perto dela. Ela via os pontos pretos nos olhos dele.

— Quer ir de uma vez? — disse ela, como se fosse uma ordem.

— Seja boazinha com a Poppy.

— É. Eu vou tratá-la como... um cão.

Então, Jack inclinou-se na direção dela e, antes que ela pudesse recuar, deu um beijo em sua bochecha.

A porta bateu atrás dele e ela recostou, para se equilibrar. Que diabos ela deveria fazer com isso? Ela tocou dois dedos na bochecha. Ela sabia o que fazer: nada. Absolutamente nada.

## Capítulo 14

Sunny estava fazendo mais que seu esforço tresloucado nos preparativos natalinos, para se distrair de Jack. O beijo totalmente inócuo tinha calcado seu rosto como as marcas que faziam no gado, em sua terra. Era bem típico dela fazer uma tempestade num copo d'água, ficar obcecada e preocupada. Mas, dessa vez, ela sabia que tinha ido longe demais. Ela havia tirado as caixas que estavam guardadas nos armários dos fundos, e as abria, para começar um frenesi de organização e decoração. Primeiro, ela colocou um CD com o volume no máximo. Alvin e os Esquilos estavam cantando canções natalinas, com suas vozes agudas.

*Christmas, Christmas, time is near,  
Time for toys and time for cheer...*

Bashir Hadi estava pendurando as luzinhas que Sunny adorava na parede do pátio, perfilando o lado de fora e de dentro da porta, onde o teto encontrava as paredes da casa de chá, seguindo pelo balcão, ziguezagueando pelas paredes e, é claro, passando pela imensa árvore plástica que ela mandara despachar de Dubai, anos antes. Ele parou o que estava fazendo, virou para Sunny e tentou falar alto o suficiente para ser ouvido.

— Srta. Sunny, por favor! Eu não me importo com seu Michael Jackson cantando “Santa Claus is coming to town”, mas eu realmente não consigo suportar Alvin e os Esquilos. Por favor, eu imploro!

Sunny riu e disse a ele que pusesse um CD de natal de sua escolha. A única regra: música natalina de agora até a festa de Natal, na noite de Natal, em duas semanas. Ela sabia que era tolice, mas seus clientes passaram a esperar isso dela. Ela dava a melhor festa natalina de Cabul: uma noite de peru assado e molho de oxicoco, presentes embaixo da árvore, roupas de duende e, este ano... Poppy vestida de Rudolph, a rena! Nem precisaria pegar uma cabra emprestada com o vizinho!

Era uma tradição há cinco anos. Não havia muitas festas de Natal em Cabul, fora a da embaixada, ou a da ONU. Sua festa acomodaria quarenta pessoas para jantar, e embora o preço fosse meio salgado, eles esgotaram a lotação com bastante antecedência. Havia muito a ser feito.

Conforme o carro serpenteava pelo caminho até o Mondai-e, os policiais e militares congestionavam as ruas, junto com os pedintes.

— O que aconteceu conosco? — Halajan perguntou ao filho, que ela notara ter aparado a barba e estar vestindo uma nova *shalwaar kameez*. — Olhe para isso. É repulsivo. Quando paramos de cuidar uns dos outros?

— Perdemos a oração, mãe. Nós deixamos de ouvir o chamado de *muezzin*.

Halajan estalou a língua e observou uma mulher de burca, agachada na valeta do esgoto, de braço estendido, com um bebê no colo. Ela pensou em Yazmina, confinada à casa de chá pela duração de sua gravidez, e ficou zangada.

— Você acha que rezar vai ajudar? Onde está seu poderoso Alá? Você rezou por essa gente? Ou você está rezando por essas belas roupas que está usando, ou suas preces por essa gente passaram despercebidas.

Ela viu a mágoa no rosto de Ahmet e percebeu que tinha falado com aspereza demais. Eles jamais concordariam sobre o Alcorão, ou política, mas ele era seu filho e ela o amava. Ela

não queria que suas palavras criassem uma rusga ainda maior entre os dois.

Finalmente, chegaram ao rio, que estava seco, exceto por uma fina camada de neve da noite anterior. Halajan disse a Ahmet que esperasse no carro, e que ela voltaria em duas horas.

— Tome cuidado, mãe — disse Ahmet. — Eu rezo pela senhora, mas como ninguém está ouvindo, está por sua conta.

Ela riu do humor dele, mas, se fosse honesta, desta vez, as palavras magoariam. Halajan apressou-se pela margem seca do rio, até o Mondai-e, e seguiu pelos becos com determinação. Em questão de minutos, ela estava na loja de Rashif. Ela bateu na porta e ele saiu, vestindo um casaco e um chapéu.

— Halajan — disse ele, entregando-lhe o envelope. — Hoje você está sozinha?

— Ahmet me trouxe. Ele está esperando no carro.

— Eu vou conhecê-lo!

— Você não pode. Todos esses anos e você ainda não consegue aceitar o mundo em que vivemos? Para os olhos de fora, meu filho é quem comanda minha casa. Ele faz as regras. E você não entende a cabeça daquele ali. Com o seu passado e o presente dele, bem, como Rumi diz...

— Meu passado? Ora — disse ele, fazendo uma careta. — Aqueles *mullahs* na mesquita envenenam qualquer tentativa que não tenha a ver com seus preceitos. Por que não ensinam do coração do Alcorão, em vez de seus próprios medos?

— Como Rumi diz...

— Pare com Rumi! Diga-me o que há em seu coração, com suas próprias palavras.

Ela ficou em silêncio, por um momento.

— Meu filho é de outra geração. Ele jamais irá aceitá-lo.

— Nós vamos ajudá-lo a rejuvenescer.

Halajan notou a luz nos olhos de Rashif. Ela sorriu.

— Seu coração é mais jovem que o dele. Receio que, para ele, seja tarde demais.

— Nosso amor irá mudá-lo. Eu vou falar com ele. Irei até a casa de chá e...

— Estarei fora para fazer minhas compras de Natal — ela virou para ir embora.

— Eu irei à sua festa — ele gritou, atrás dela.

— Se fizer isso, eu não falarei com você — ela virou e sorriu para ele.

— Você não escreve, não fala. Eu ficarei feliz em estar na mesma sala.

Halajan sentiu os joelhos fracos, mas manteve-se firme.

— Estamos esgotados. Não temos vaga para mais ninguém.

Ele ergueu as sobancelhas e suspirou com excessiva paciência.

— Vamos ver, minha Halajan. Vamos ver.

— Eu o verei na próxima quinta-feira, *Inshallah*.

— *Inshallah*, na próxima quinta-feira. Se não antes... — ele sorriu para ela, com os olhos escuros cintilando.

Halajan virou e seguiu pelos becos lotados e estreitos do mercado, preocupada que a paciência de Rashif acabasse. Ela o amava ternamente, mas também amava o filho. Que coração deveria partir? A raiva de quem deveria enfrentar? Ao parar para comprar pipoca, romã seca e fitas vermelhas para decorar a árvore, e os outros itens de sua lista, ela tentou se alegrar, mas estava aflita por seus pensamentos. Ela foi cuidadosa para conseguir exatamente o que Sunny lhe pedira, porque esse feriado deixava Sunny um pouquinho mais maluca que o habitual, e quem saberia qual seria sua reação se Halajan levasse o molho errado. Nessa época, todo ano, Sunny tinha um fogo dentro dela e uma tristeza que Halajan compreendia. Halajan sentia-se da mesma forma. Ela ficava empolgada com os preparativos, e a simples expectativa a deixava tonta e tola, fazendo seus dedos formigarem e sua cabeça parecer que ia explodir. Mas as lembranças do passado e os medos do futuro pesavam em seu coração. A comemoração era uma mistura complicada, pensava Halajan, enquanto carregava suas sacolas

de volta até o carro. Não havia como Rashif ir à noite de Natal no café. Isso já era complicado o suficiente.

## Capítulo 15

*P*etr desaparecera na manhã em que Isabel estava programada para partir rumo aos campos de papoula. Ela acordou grogue e com ressaca da noite anterior e viu que ele tinha partido. Lembrava-se vagamente de uma rápida conversa que tiveram, em algum momento, entre uma transa e o segundo (ou terceiro?) copo de vodca, quando Petr disse algo sobre ter de partir de Cabul, de ter sido divertido e talvez eles voltarem a se encontrar, algum dia. Mas ele não deixou nenhum bilhete, não ligou, nem disse tchau. Ela não estava surpresa. Já conhecera homens assim: ele lhe dera o que ela precisava em troca do que ele precisava. Pareceria terrivelmente frio se ela tentasse explicar ou dizer isso em voz alta, porém, como uma jornalista num país de homens, ela fez o que tinha de fazer. Só uma vez sua estratégia havia falhado, mas isso era passado e algo que ela havia jurado não relembrar, nem usar como autopiedade.

Petr levava vários dias para organizar a viagem dela, fazê-la chegar aos campos de papoula, para que ela pudesse conversar com algumas pessoas e tirá-las de lá. Eles tinham passado aquelas noites na "L'Atmo", se embebedando e festejando, fazendo sexo nos fins de noite, e dormindo durante as manhãs. E a noite passada foi como qualquer outra, exceto pelo fato de que quando ela acordou foi como se ele nunca tivesse estado ali.

Foi a ligação das oito horas da manhã que a despertou. O motorista que Petr tinha providenciado para levá-la ao aeroporto estava ligando para confirmar o horário. Seu voo era às onze e a viagem inteira levaria várias horas de avião, depois de carro, até chegar à província de Badakhshan, no nordeste,

na fronteira com o Tajiquistão. Montanhosa e remota, Badakhshan se tornou uma das maiores áreas de produção de papoulas no Afeganistão, por conter o Estreito de Wakhan, uma rota comercial para a Ásia. É claro que as províncias sudestes de Helmand e Kandahar eram ainda maiores, mas estavam sob domínio do talibã, e não eram seguras nem para Isabel, que já tinha viajado pelos lugares mais perigosos do mundo. Badakhshan não era do talibã — ainda. Era regida pela Aliança Nordeste, um grupo de resistência. Desde o 11 de setembro, vinha sendo apoiada pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha, e esforçava-se para manter o talibã de fora.

O Afeganistão supria 92 a 95% do ópio mundial para a produção de heroína, dependendo do ano, do clima e de quão ativos os EUA estavam em sua erradicação. O presidente Karzai vinha incentivando projetos americanos designados para ajudar os agricultores a encontrarem outro modo de ganhar a vida. O dinheiro, que entrava em abundância, era para melhorar a irrigação e as estradas, construir clínicas e cultivar produtos comestíveis, como batatas e tomates. Mas os trabalhadores eram torturados e outros, assassinados e, no fim, simplesmente não valia a pena a batalha com os chefões do tráfico, e os outros países davam a posse aos exportadores afegãos de papoula.

E a corrupção, o conluio entre o governo e os chefes do tráfico, o fato de que os políticos *eram* os chefes do tráfico, tudo estava fora de controle.

— Se você pensar bem, eles estão fazendo isso — Petr dissera-lhe.

Ela preparou sua mochila com roupas para alguns dias, calças extras para lama e suéteres para o frio, roupas que proviam o disfarce necessário para ela, como mulher, e itens de necessidade, como papel higiênico e desinfetante para mãos, além de alguns presentes costumeiros, que ela havia comprado no mercado: echarpes para as mulheres e belas miçangas de oração para os homens. E, é claro, ela levava sua bolsa de lona com um caderno, canetas, gravador, celular, sua identificação

do jornal, passaporte e câmera. Ela pegou as bolsas e deixou o conforto de seu hotel. Entrou no carro, um pequeno utilitário dirigido por um homem chamado Mohammad, e deixou Cabul.

A cidade era fantástica vista de um carro, pensou ela. Como o motorista não tinha como ir rápido, ela aproveitou a oportunidade para ver tudo: o que estava diretamente diante de seus olhos, o que estava atrás, e atrás, como se quanto mais estreita fosse a perspectiva, mais pudesse ser revelado. Eles passaram por dois garotos brincando de bola na rua, descalços, no esgoto, bem ao lado do carro. Garotinhos acenavam uma lata cheia de *spandi*, um grão que era queimado para espantar mau-olhado, ou afastar maus espíritos, esperando ganhar um ou dois afganis. Mais adiante, um velho estava agachado nos calcanhares, sob a cobertura de sua tenda, com o traseiro quase no chão, da forma que ela vira suas sobrinhas pequenas sentarem, em sua cidade, quando pensava que somente crianças conseguiam se sentar assim. E ele estava cortando o cabelo de um homem agachado à sua frente. Duas mulheres agasalhadas estavam em pé, acima deles, conversando. E atrás delas havia uma lojinha que vendia celulares, com a placa caindo, a porta soltando das dobradiças, de onde dois homens saíram, discutindo.

Ela abriu a janela ligeiramente, sabendo o perigo de tudo, só para sentir a mistura de cheiros — esgoto, fumaça de diesel, castanhas torradas, esterco animal. Ela também conseguia ouvir os gritos das crianças brincando, as vozes sussurradas das mulheres, o barulho dos sapatos no chão de pedrinhas, buzinas, homens discutindo sobre uma aposta, cabras balindo e o canto do *muezzin*.

Sunny estava certa. Caminhar por Cabul provia uma visão muito limitada. Você perdia a profundidade da vida da cidade.

Sob sua perspectiva, ela podia ver além dos muros da cidade, até o vale verde aos pés da Hindu Kush e seus picos nevados. Então, começou a nevar. Os flocos eram miúdos e prateados, em contraste com o céu azul, e Isabel imaginou milhões de fadas Sininho, fazendo-a se lembrar da mãe, que tinha lido

Peter Pan há tanto tempo. Sua mãe, que era apenas uma criança quando sua família escapara da Alemanha nazista. Sua mãe, cuja paixão pela vida não impediu a morte causada por um câncer horrendo, antes que Isabel percebesse o quanto precisava dela, depois do incidente em Serra Leoa. O carro seguia aos solavancos, e o motorista falava sem parar ao celular, em *dari*, e com tanta rapidez que ela não conseguia entender nada do que ele estava dizendo, igual aos motoristas de sua terra. Eles logo chegaram ao aeroporto, com a neve ainda caindo, mas sem grudar no asfalto da pista.

No voo, ela adormeceu em um sono inquieto. Naqueles momentos de semiconsciência, ela viu o que quase sempre via ao dormir, desde então: um homem com uma faca em seu pescoço, o rosto junto ao dela, os golpes que lhe dava, causando hematomas que iam muito além do físico. E ela acordou, como sempre acontecia, no instante em que ele tinha terminado e, antes de levantar, a golpeava com o cabo do rifle, com tanta força que a nocauteou, arrancando vários de seus dentes. Sua respiração estava acelerada; o coração, disparado; a raiva fluía; tinha vergonha de sua fraqueza, seu tamanho, sua inabilidade de impedi-lo. Por isso que a "L'Atmo" tinha sido boa pra ela. Além de fazer o contato com Petr, toda a bebedeira e os festejos proveram uma fuga de sua própria memória.

No aeroporto, ela foi recebida por um homem que Petr tinha contratado para ser seu motorista, guarda e tradutor. Eles chegaram ao complexo no fim da tarde. À direita e à esquerda, à frente e atrás, havia campos de papoula encobertos pelas montanhas. Estava fora da temporada, portanto as sementes abertas estavam espalhadas pelo chão congelado. Havia um trator silencioso, como uma sentinela, num canto, à distância.

Dentro das paredes de pedras do complexo, surgiam algumas edificações baixas de barro, logo à frente, onde terminava a estrada. O carro encostou ao lado de vários outros veículos que estavam estacionados ali. Isabel desceu da SUV diante do

cume da montanha que se erguia malevolente rumo ao céu, e se espreguiçou.

Uma voz vinda de trás assustou-a, e ela virou, deparando-se com um homem com roupas tradicionais: uma *shalwaar kameez* branca, um colete de pele de carneiro e um *pakul*, o chapéu redondo e chato, com óculos de sol. Ele estava com a mão no rifle automático pendurado em seu ombro.

Ela engoliu o medo e disse:

— *Salaam alaikum* — e continuou em inglês, com o motorista traduzindo para *dari*: — eu sou Isabel Hughes, estou aqui para ver Absul Khan.

Petr lhe dera o nome do chefe do tráfico dessa fazenda, que era o nome de todos os chefes do tráfico que administravam todas as fazendas de papoulas. Ele disse que providenciaria para que ela desse uma olhada rápida e fizesse uma entrevista.

O homem com o rifle gesticulou para que Isabel fosse em direção à porta da edificação mais próxima e disse ao motorista que voltasse para o carro, onde deveria esperar por ela. O motorista argumentou em *dari*, e Isabel desconfiou que ele estivesse dizendo que precisava ir com ela para traduzir, mas o homem com o rifle estava irredutível. O motorista olhou para Isabel e sacudiu a cabeça de frustração. Isabel respirou fundo, engolindo o medo, e seguiu o homem com o rifle, deixando o motorista sozinho no carro.

Lá dentro, havia uma sala grande, o piso era forrado de tapetes castanhos e vermelhos, com móveis de madeira escura, e forro em dourado e veludo. Um homem de *karakul*, o chapéu que se tornou famoso por causa do presidente Karzai, estava sentado numa cadeira estilo trono, junto a uma imensa escrivaninha com pernas entalhadas. Havia um *laptop* à sua frente. Ao seu lado, havia outro homem, talvez seu assistente.

Abdul Khan levantou, cumprimentou Isabel afetuosamente em *dari*, e depois os homens a levaram até a mesa coberta com tigelas de *kish mish*, pequenos petiscos que os afegãos serviam, em seu desejo de serem graciosos, mesmo quando

portavam armas: amêndoas açucaradas, passas verdes, grão-de-bico com pimenta e caramelos embrulhados em papel. O chefe do tráfico estava sentado de frente para Isabel, sorrindo ternamente, sem jamais tirar os olhos dela. Ela estava nervosa, seu coração rugia em seus ouvidos, mas ela retribuiu o sorriso, no empenho de se fingir destemida. O homem do lado direito saiu por uma porta lateral e imediatamente regressou com um homem que seria o tradutor. Outro homem surgiu com um bule de chá. E o chefe do tráfico deu a Isabel as boas-vindas à sua fazenda.

— Na primavera, haverá papoulas até onde a vista alcança — disse ele, gesticulando o braço orgulhosamente. — Essa é uma fazenda muito bem-sucedida. A pulverização irá destruir tudo pelo que trabalhamos tão duro para obter.

Isabel pegou seu pequeno gravador e perguntou:

— Tudo bem se eu gravar nossa conversa?

— Por hora — disse ele. Depois sorriu. — Quando não estiver, eu lhe direi.

— Obrigada — disse Isabel. — E também por sua generosidade, por me receber e me conceder seu tempo — mas ela sabia que chefes de tráfico, assim como todas as celebridades, gostavam de falar, adoravam a notoriedade.

— Ano passado foi um ano excelente para nós. O clima estava perfeito e o mercado continuou forte — disse Abdul Khan, orgulhosamente. — Não como quando tentamos os tomates. Aquilo foi um engano tremendo. Todos cultivando tomates ao mesmo tempo, sem meio de mandá-los com rapidez suficiente ao mercado e, mesmo que conseguíssemos, eram tomates demais! Muito custo, sem locais de armazenagem. Foi uma ideia imbecil, ideia de algum americano burocrata como meio melhor de ganhar a vida. A papoula é um cultivo muito melhor. Não há questões de armazenagem e o mercado é garantido. Todo mundo ganha: o agricultor, o proprietário, eu (seu sorriso de gato da Alice aumentou) e o Afeganistão, meu país. — Ele parou e exalou o ar: — e esse é o problema, resumindo — disse ele, ao pegar

uma amêndoa e enfiar na boca. — Tudo terá sido perdido até a próxima primavera e não teremos nada. Isso está errado. É uma punição injusta. Os americanos dizem que só vão matar as papoulas, mas isso é uma manobra. Eles vão matar tudo. Vão conseguir o que querem: dominar o Afeganistão e tirá-lo dos afegãos.

— Mas e quanto ao *Haram*, ir contra as regras do Islã? O Alcorão não é específico quanto às regras contra o consumo do fumo, do álcool ou o uso de drogas?

— São vocês, ocidentais, que interpretam mal o Alcorão. É *Haram*, sim, fumar, beber e usar drogas. Mas está claramente escrito: se um homem tiver de fazer algo para assegurar sua sobrevivência, isso não é *Haram*. Se eu não produzir a papoula, minha família vai passar fome. Assim como outras centenas de famílias.

— Perdão — disse Isabel, olhando para baixo, enquanto falava, para não ser provocativa demais —, mas por que não construir estradas? Instalar sistemas de irrigação? Melhorar seu país e a vida das pessoas? O senhor é um bom homem de negócios. Poderia enriquecer fazendo isso. E não seria responsável por criar uma população de viciados.

— Sou rico, muito obrigado. E você está perdoada pela visão limitada. São os americanos, os britânicos e os outros ocidentais que pensam que sabem o que é certo e o que é errado, que fazem dinheiro da venda da heroína e do ópio, com uma das mãos, e, com a outra, pagam os *mullahs* para pregar que o cultivo da papoula é contra o Alcorão. — Ele riu:— hipócritas, todos!

Ela ergueu o olhar para ele e assentiu, para demonstrar que compreendia. Ele fazia sentido. A corrupção era estarrecedora, quando se tratava de qualquer droga, em qualquer parte do mundo, e ela conhecia isso por experiência, por ter feito matérias na África. Mas ela persistiu:

— Eu só não vejo como você pode justificar o vício dos trabalhadores de seus campos — disse ela, notando o chefe gesticulando para o cara que estava à sua direita. — De

mulheres que extraem seiva para o senhor, e que depois ficam viciadas. O senhor está causando... — ela se deteve, alarmada por estar soando tão tendenciosa e antiprofissional. Seu trabalho era obter a história, não mostrar sua visão.

— Mas e quanto ao *spray* venenoso? Realmente acha que eles podem contê-lo? E quanto aos nossos campos de frutos e legumes? E quanto ao ar que nossas crianças respiram? — ele foi interrompido pelo toque do celular. Tocava o “*William tell overture*”, o que teria feito Isabel rir, se não estivesse zangada pela conversa.

— Bali, Bali, sim, sim — respondeu ele, depois disse a Isabel: — Com licença, por favor — levantou e saiu da sala.

*Hora perfeita*, pensou ela.

E não voltou mais. Em vez dele, outro homem entrou para acompanhá-la até lá fora. Aparentemente, era o fim da entrevista e hora de fazer um *tour* pela propriedade. Um empenho de relações públicas, soberbamente orquestrado, o que deixou Isabel injuriada, mas como ela poderia ter esperado outra coisa?

O homem primeiro a levou até uma edificação feita de barro e tijolos que servia de dormitório masculino, perfilado de *toshaks*, de parede a parede. Alguns homens estavam cochilando, alguns ouviam um radinho AM/FM e outros bebiam chá.

Depois, eles passaram por um portão que levava a um complexo separado para mulheres e crianças. Estava escuro, iluminado somente por uma lâmpada pendurada numa corda, acima. Ela pode ouvir o zunido de um gerador que ficava num canto, e o som de vários teares. Conforme seus olhos se ajustaram ao escuro, ela pode ver mulheres tecendo tapetes, usando grandes teares de madeira que precisavam de várias delas para serem manuseados. As crianças ajudavam com a lã, que pendia pela sala para secar depois de tingida. Elas enrolavam a lã em bolas, depois sentavam em bancos longos de madeira, trabalhando perto das mulheres, presumivelmente suas mães, enquanto vestiam xales de lã para afastar o frio.

Do outro lado da sala, Isabel viu que os nós dos dedos das mulheres estavam inchados. As crianças ergueram os olhos para ela, com os olhos negros entediados pelo trabalho meticuloso, depois viraram de volta às meadas pesadas de lã.

Algo, um som, um movimento, ela não tinha certeza do que foi, fez com que Isabel virasse à direita, onde uma porta aberta conduzia a outro cômodo. Enquanto seu guia estava falando com uma das crianças, Isabel cuidadosamente foi até ali para ver o que tinha. O cheiro característico do ópio adocicado, rico e inebriante exalava pela fresta aberta. Ela viu uma mulher num canto, segurando um bebê embrulhado em cobertas marrons. A mulher estava fumando um cachimbo de ópio, com os dedos avermelhados pelo cachimbo. E o que Isabel viu em seguida chocou até sua sensibilidade empedernida de jornalista. Cada vez que a mãe exalava, ela soprava a fumaça diretamente no rosto do bebê. O bebê estava em silêncio. Nada de chorar querendo peito. Agora ela percebia que as outras crianças também estavam sinistramente quietas e se moviam devagar, como em torpor. E ela se deu conta de que estavam todos inebriados, viciados em ópio, provavelmente também desde pequeninhos. Essa devia ser a maneira como as mães evitavam que os bebês sentissem fome ou frio; eles eram “medicados” com a mesma droga em que elas eram viciadas.

Isabel precisava tirar uma foto disso. Ela enfiou a mão na bolsa, à procura da câmera. Ao tirá-la, imediatamente sentiu uma mão firme em seu ombro.

— Nada de câmeras, por favor — disse o homem em seu idioma nativo. — Venha por aqui — disse ele, conduzindo-a pelo corredor para que esperasse enquanto ele voltava ao cômodo, onde estavam as mulheres. Isabel ouviu uma pancada e um gritinho, e correu até o portal, de onde viu o cachimbo de ópio no chão, enquanto o homem batia no rosto da mulher com um ruidoso *paft*. Pela força de seu braço erguido e o som de sua mão no rosto dela, Isabel teve certeza de que nenhuma

quantidade de ópio evitaria que ela sentisse aquilo. Ela própria conhecia uma pancada como aquela.

O homem virou e ficou chocado ao ver Isabel.

— *Beya!* Venha! — ele gritou, zangado.

Isabel o seguiu, mas não antes de dar uma última olhada nos olhos da mãe aturdida pelo ópio, com sua boca ensanguentada, o lábio já inchado, o bebê intoxicado nos braços. A mulher desviou, cobrindo o rosto com a echarpe, e Isabel sentiu que ela provavelmente torceu para que pudesse simplesmente desaparecer.

Naquela noite, depois de se instalar numa casa local que havia sido providenciada para ela por Petr, Isabel fez algumas anotações, enquanto estavam frescas em sua mente, e estava determinada a voltar no dia seguinte para verificar a mulher. Pois Isabel sabia que se não tivesse ido até a porta e não a visse fumando, a mulher não teria sido machucada. Foi por sua causa que a mulher tinha apanhado. Ela ficou andando de um lado para o outro, em seu quarto, sem conseguir dormir, horrorizada por seu erro, envergonhada de si mesma.

O que Isabel não entendia era o perigo real em que colocara a mulher, simplesmente por ter visto o homem agredi-la. Na sociedade afegã, a vergonha só acontece quando algo é testemunhado, não quando algo acontece por trás de portas fechadas.

Na manhã seguinte, ela voltou ao campo de papoulas, apesar do alerta do motorista para não fazê-lo. Regressar poderia irritar o chefe, colocando-a em perigo, até arriscando sua vida.

No fim das contas, os riscos e a investigação foram para nada. A mulher e seu bebê tinham desaparecido no ar.

## *Capítulo 16*

Candace abriu os olhos na escuridão e na cama vazia. Depois que conseguiu focar, percebeu que o relógio da mesinha de cabeceira marcava apenas quatro e vinte da madrugada e Wakil já tinha partido. Ela tinha uma vaga lembrança dele a beijar na bochecha e sussurrar que tinha de voltar ao seu quarto. Seu cheiro ainda pairava no ar e ela sentia a pele formigar por ter feito amor; no entanto, ele tinha ido embora. E ela sabia disso, não apenas por sua ausência física. Ele a deixara emocionalmente. Não tinha acontecido de forma brusca, mas lentamente, ao longo das semanas, do jeito que o sol atravessa o céu do calor do meio-dia, até se por no horizonte. A ideia fez com que ela suspirasse ruidosamente, pois comparar o relacionamento deles à trajetória da órbita do sol era um clichê desesperado, e ela ficou com raiva de si mesma. Mas era bem apropriado. Ela passou a mão sobre o lençol, no local onde o corpo de Wakil deveria estar, mas ali estava frio.

Ela sabia que não conseguiria adormecer novamente, então levantou para tomar um banho. Normalmente, uma das empregadas que Wakil lhe provera para ajudá-la na mansão estaria ali, mas, a essa hora, o corredor do lado de fora de seu quarto estava vazio, e ela ficou grata por estar só. Pé ante pé, ela foi até o banheiro e fechou a porta.

Um belo espelho, com uma moldura entalhada em madeira escura, cobria a parede. Ela se aproximou e, com a ponta do dedo indicador, tocou as linhas finas sob seus olhos, e nos cantos da boca. Afastou os cabelos do rosto, olhou as têmporas, onde eles estavam mais ralos — ou pela idade, ou pelos tratamentos habituais de coloração. Recuou e inalou

profundamente, enchendo o peito de ar, como se isso tivesse o poder de ajudá-la a aceitar sua idade, sua aparência, sua vida.

Ela soltou o ar e soube que não havia funcionado. Então entrou no chuveiro.

Tinha uma reunião cedo, para o café da manhã, no Serena Hotel, o mais luxuoso de Cabul, onde tinha programado para encontrar uma delegação americana de filantropas abastadas. O Serena era o único hotel quatro estrelas de Cabul, construído apenas há alguns anos, pelo Príncipe Ayn Khan, e obviamente era muito difícil manter uma fachada de luxo e segurança. Ela havia preparado sua apresentação e sabia exatamente como abordá-las, tendo vivido entre mulheres como elas ao longo dos dez últimos anos. Algumas podiam vir de famílias ricas, porém, era mais provável que fossem como ela: tinham maridos ricos com quem contar, portanto, não precisavam trabalhar. Algumas tinham filhos, outras não, mas todas estavam entediadas. Elas procuravam pelos projetos certos para que se sentissem importantes. Alimentar os famintos em seu próprio quintal dos fundos não era o suficiente. Elas buscavam prestígio na África, Oriente Médio, onde quer que houvesse uma guerra e atenção da mídia. Bom, pensou Candace. Ela havia jurado a si mesma, e a Wakil, que não aceitaria não como resposta, nem nada menos que alguns milhões.

Ela compreendia mulheres assim. Tinha sido uma e ainda era. Pateticamente dependendo de um homem que a seduzira, transara com ela e fingia amá-la, apenas para obter o que queria dela. Não que ela não tivesse recebido algo em troca, não que fosse uma vítima absoluta, mas o que ela realmente queria, uma vida em união, não parecia estar disponível.

Ela desligou a água e se enrolou em uma toalha grande e felpuda. Voltou ao quarto, secou os cabelos com um secador, colocou sua maquiagem e se vestiu. Certamente estava com a aparência de seu papel. Com seu conjunto Chanel, ela parecia ter estilo, ser rica e conservadora o suficiente. Suas unhas tinham sido feitas no dia anterior, no salão do Serena. De

forma alguma alguém nesse café da manhã poderia supor que ela vinha dormindo com um afegão.

Ela foi até sua cômoda e pegou um brinco de pérola, inclinou a cabeça e o colocou na orelha furada. O que havia acontecido? Pensou ela. Eles estavam tão apaixonados, mas o sexo foi ficando cada vez menos frequente e mal se tocavam fora da cama. Ele sempre dizia que era porque eles tinham voltado ao seu país, mas ela não era idiota. Sabia que tinha algo mais acontecendo. Ela colocou o outro brinco, depois se olhou novamente no espelho. Ainda era atraente, *sim*, dizia a si mesma. Sim, Wakil era bem mais jovem, mas seu corpo era rijo e modelado como a maioria das mulheres de vinte e cinco. Ainda virava cabeças e sabia disso. Ela suspirou e passou mais batom. Ele estava apenas distraído, só isso, ele lhe dissera. E por que ela não deveria acreditar? Ele a amava. Também lhe dissera isso. Ainda assim... Ela sentou na beirada da cama e viu que o céu começava a clarear. Não eram as palavras dele que a incomodavam. Talvez ele a amasse, a seu próprio modo. Era o fato de que ela estava tão decepcionada novamente. Ela cerrou os dentes e lutou contra as lágrimas. Nesse momento, sentia-se tão solitária quanto na infância, morando com sua pobre tia Lucy, na periferia de um fim de mundo.

Ela levantou e foi até a janela, onde, além do pátio, o caos de Cabul estava à sua frente. Certamente, estava bem longe de casa... se ao menos soubesse onde era sua casa.

Então ergueu o queixo e forçou os ombros para trás, determinada a não ser uma tola, como tantas mulheres que ela conhecia, que ficavam sentadas esperando por alguma coisa ou alguém, para tornar suas vidas válidas de serem vividas. Olhe para Sunny. Olhe Isabel. Embora as tivesse conhecido recentemente, elas eram inspirações para ela. Sunny tinha a casa de chá, Isabel tinha sua carreira.

E ela tinha uma reunião para ir. Ela iria cedo, com o carro, e poderia tomar um café e se preparar, antes que as outras chegassem, às oito. Ela alisou o *blazer* do conjunto, deu uma última olhada no espelho e, satisfeita, pegou a bolsa e saiu

pela porta, confiante em sua habilidade para angariar fundos. Afinal, era temporada de Natal. Ela não poderia estar num momento melhor.

## Capítulo 17

Sunny estava na porta da casa de chá, com as mãos nos bolsos de seu avental natalino ridículo que ela usava todo ano, desde que viera para Cabul, imaginando ser um cliente entrando na casa, na noite de Natal, pela primeira vez. Ela iria resfolegar ao ver como o salão reluzia com as velas e milhares de luzinhas piscantes. Inalaria os aromas de peru assado, batata-doce e torta de maçã. Riria do cão vestido de Rudolph e das galhadas. Seus olhos iriam se arregalar diante do tamanho e da beleza da árvore de Natal que tomava quase um quarto do salão. A alegria natalina a fazia lembrar-se das épocas felizes de sua infância, trazendo saudade de sua família e de seu país.

Mas esse não era seu primeiro Natal em Cabul, era o sexto. Seu avental estava desintegrando; a purpurina verde se espalhava pelo chão a cada passo que ela dava, e a rena bordada tinha perdido um de seus olhos. A árvore era plástica e estava ficando mais magrinha e amassada, depois de ser tantas vezes espremida em seu saco plástico, guardada durante um ano, no armário dos fundos, e depois retirada. O cachorro estava patético. E os presentes tinham todos sido comprados por ela, um para cada pessoa que tinha respondido ao RSVP, confirmando o jantar dessa noite na casa de chá. Havia echarpes para as mulheres, chapéus *pakul* para os homens, brinquedos para as crianças e uma bobagem para Jack.

E ainda assim a árvore imensa chegava ao teto e enchia todo o canto da sala, deixando espaço somente para dez mesas. Não tinha problema ser de plástico. Era uma árvore de Natal, ali em Cabul, um zilhão de quilômetros de casa. A infância de

Sunny pareceu ainda mais distante. A verdade era que sua infância nunca fora terna e maravilhosa como nos livros, ou nas casas de outras pessoas. Ela frequentemente estava sozinha, talvez só a mãe e ela, com algum presente utilitário como roupas ou sapatos necessários, e sempre marcada por ausência ou bebedeira do pai, e ela não tinha certeza qual dos dois preferia. Talvez por isso fazer um Natal direito se tornara tão importante para ela, como adulta. Em sua cidade, Karen, sua melhor amiga, chamava Sunny de Rainha Natalina da Hallmark, por conta de seu compromisso quase obsessivo com o Natal: cartões, presentes, laços, papel de presente, decoração, luzes, música e até roupas. A porcaria do negócio todo.

Em Cabul, Sunny pedia a cada cliente habitual da casa de chá que comprasse um enfeite que por acaso visse, em uma de suas viagens, que aproveitassem as vendas pós-feriado, se estivessem nos EUA, e trouxessem alguma parafernália natalina. Passar na fronteira era algo particularmente hilário para eles. Em vez de trazer na mala drogas ou armas, seus amigos tinham que explicar o presépio, a estrela cintilante ou o cachorro de cristal com chapéu verde.

Cada mesa tinha um enfeite de centro criado por uma loja da Flower Street. Sunny levava bibelôs natalinos que encontrava na loja de um dólar da Chicken Street e a loja acrescentava as flores fazendo um arranjo festivo, às vezes hilário. Flores e Papai Noel plástico, pequenas renas e flocos de neve de borracha: Sunny adorava.

Bashir Hadi estava inclinado sobre o fogão, com seu chapéu de Papai Noel murchando com a onda de calor, cuidando dos perus. Graças a Deus por toda essa gente que ela conhecia, que ia e voltava dos EUA, que lhe trouxe a abóbora enlatada e a mistura para recheio. Os que podiam ir pra casa nos feriados sentiam-se especialmente culpados e traziam a mala cheia de comida para o ano seguinte. Mas os perus... bem, eles exigiam operações especiais e o talento dos amigos de Tommy, o contato que ela tinha no mercado negro militar, Buddy Donaldson, com seu charuto gordo e óculos espelhados de

aviador, e que parecia saber como conseguir qualquer coisa, para qualquer um, pelo dinheiro certo. Encontrar quatro deles aparentemente foi difícil e lhe custaram um braço e uma perna, mas Sunny não ligava. Era Natal.

Encontrar vinho tinto era outra questão. Cabul estava rapidamente secando, por conta do impacto do regresso do talibã. Só havia um lugar em Cabul que Sunny sabia poder encontrar: os bordéis chineses. Duas semanas antes, num dia frio, ela atravessou a cidade dirigindo, levando Poppy como acompanhante, e foi de porta em porta, até que acumulou mais de uma dúzia de garrafas. Não era suficiente, mas todos que vinham das embaixadas francesa e italiana sabiam que não iam entrar sem uma garrafa de vinho.

Sua porta abriu e fechou com uma batida. Ela virou e um grupo de uma ONG de Nova York disse olá e começou a tirar os casacos. Subitamente, Halajan estava ao seu lado para mostrar-lhes a sua mesa. Sunny riscou os nomes da lista e Yazmina, que estava muito bonita essa noite, com um novo vestido e echarpe laranja, ofereceu um cardápio a cada um deles.

Quando a porta abriu e fechou novamente, lá estava Jack. Ele estava vestindo uma bela *shalwaar kameeze*. E trazia rosas. Ele sorriu.

E quando ele sorriu, Sunny sorriu. Simplesmente, aconteceu assim. Talvez fossem os olhos dele, ou o jeito que seus lábios se curvaram nos cantos. Talvez.

— Gostei do avental — disse ele — e dos brincos — e ergueu um dos brincos de árvore de Natal de Sunny com o dedo indicador.

— Está vendo, eu gosto de diamantes — disse Sunny, referindo-se às pedras falsas que pontilhavam seus brincos de árvore.

— Mas Poppy parece meio fora de estação. Olhe para ela. — Poppy veio correndo até Jack e ele agachou para coçar suas orelhas: — Poppy, minha garota, olhe o que fizeram com você. Minha doce e pobre garota.

— Ela está bonitinha.

— Nunca, jamais, coloque roupas num cão. Essa é a regra número um para ser dono de um cachorro. É um abuso, dá cadeia.

Ela o ignorou, mas pegou as flores.

— São para mim?

— Bem, agora são.

— Eu diria “não precisava”, mas estaria mentindo! — o ímpeto de beijá-lo e de dizer o que estava realmente sentindo era tão forte que ela desviou dele, e seguiu até o armário para pegar um vaso.

Halajan, usando um chapéu de duende por cima de sua echarpe, sentou Jack numa mesa e serviu um pouco de vinho do bule de chá. Ela estava nervosa. E se Rashif aparecesse esta noite, como disse que faria? Ahmet estava trabalhando do lado de dentro; seu amigo Khalid estava no portão. Ahmet certamente reconheceria Rashif, não apenas como o alfaiate do mercado, mas também como seu opositor; o jovem representando o antigo Afeganistão e o velho representando o novo. Como ela poderia esconder seus sentimentos por Rashif? Seria impossível. E segundo a tradição que seu filho orgulhoso levava tão a sério, sentimentos não tinham lugar, quando se tratava de um homem e uma mulher. Tudo o que importava eram as apresentações corretas e os cortejos administrados sob as regras silenciosas que oprimiam, tirando a vida.

Ela tentou esmagar sua amargura e ignorar suas preocupações. Havia muito a fazer, de qualquer forma. Quatro pratos no jantar, o vinho, a água. Servir e limpar.

Mas o salão estava lindo e Sunny nunca pareceu tão feliz. Ela estava sentada com Jack e a afeição em seus olhos era óbvia para todos, exceto para ela.

Então Halajan sentiu uma batidinha em seu ombro. Ela virou e lá estava ele, Rashif, ainda de casaco e cachecol, com o chapéu por cima da sobrancelha e um imenso sorriso no rosto.

Ela imediatamente olhou por cima do ombro dele, para ter certeza de que Ahmet não estava ouvindo.

— Estou aqui! Feliz Natal, Halajan!

Ela não conseguiu evitar retribuir o sorriso. O que acontece com alguns homens? Ela tinha que retribuir o sorriso. Mas isso era algo muito arriscado a se fazer, ele ter vindo ali falar com ela, cara a cara, um homem com uma mulher. Por sorte, aquele momento não havia afegãos no salão. Por outro lado, era exatamente isso que fazia Rashif se destacar.

— Eu sabia que você ficaria feliz por me ver — disse ele.

— Não estou.

— Você parece feliz — disse ele.

— Estou fingindo, para não magoá-lo.

— Bem, obrigado. Está funcionando.

— Como você entrou, passou pelo guarda, no portão? E por Ahmet, na porta?

— Eu tenho uma entrega, está vendo? — ele ergueu o braço que tinha uma peça de roupa pendurada dentro de um saco. — Para você, o vestido novo que você comprou para essa noite. Precisava de ajuste, lembra?

— Meu vestido novo?

— Eu tive que pensar em alguma coisa!

— Bem, obrigada, tchau.

Rashif riu.

— Não se preocupe, eu não vou ficar. Vou jantar com a minha família esta noite. Meus primos, a quem tanto quero encontrar.

— Ótimo, porque eu estou ocupada. Isso é demais. Até eu estou com medo.

— Então eu vou embora — disse Rashif, rapidamente olhando por cima do ombro, para checar Ahmet, que estava pendurando o casaco de um convidado. — Mas, primeiro... — ele enfiou a mão no bolso e tirou uma carta — isso é para você — e entregou-lhe a carta.

Instintivamente, Halajan deu uma olhada na direção de Ahmet, que saiu do *closet*, mas estava ocupado com um grupo de funcionários da ONU, que tinham acabado de chegar.

Ela pegou a carta o mais rápido que pode e enfiou no bolso do avental.

— Agora vá — disse ela.

Rashif deu dois passos em direção à porta, mas depois virou de volta, e entregou o saco com a roupa.

— Eu quase esqueci. Esse é meu presente de Natal para você. Vista essa noite, por mim.

Halajan resfolegou. Ela olhou para o belo homem à sua frente, querendo pousar a mão em seu rosto. Depois olhou para Ahmet, que estava sozinho e estoico junto à porta, com os olhos inspecionando o salão que ia enchendo de riso e sons de copos tilintando. Por um momento, os olhares se cruzaram, mas ele rapidamente desviou. Será que ele estaria fingindo não ver? Seria esse o seu presente de Natal para ela?

— Você, minha Hala, tenha uma bela noite. Eu direi “olá” para Ahmet, ao sair. É ele, perto da porta, eu sei. Eu já o vi esperando você, no mercado. E, além disso, ele se parece com você.

Halajan perdeu o ar. Ela nunca havia se sentido tão sufocada pelo amor e pelo medo. As pessoas em Cabul desapareciam por infrações sociais bem menores que essa. Um homem e uma mulher afegãos, que não são casados, falando em público? Diante de um filho tradicional? Na frente dos outros? Ainda bem que os únicos outros afegãos na casa de chá eram Yazmina, que fecharia os olhos para isso, e Bashir Hadi, que estava na cozinha, preparando a refeição.

— Você não pode — implorou ela. — Por favor.

E ele se foi, parando na porta para cumprimentar Ahmet. O mais velho foi afetuoso e ofereceu a mão; o mais jovem não pegou e, em vez disso, ficou em pé como uma árvore, reto, alto, inflexível.

Halajan calculou que teria uns três minutos para correr até os fundos e colocar o vestido novo, antes que sua ausência fosse percebida. Um vestido novo! Depois de todos esses anos. Ela o vestiria como se fossem as letras desenhadas de Rashif — com suas palavras tocando sua pele, até o coração.

Isabel tirou o casaco e a echarpe, sentindo-se bonita de vestido e seus brincos indianos dourados, de pingente de miçangas, que ela comprara na Chicken Street. Fazia muito tempo que ela não se arrumava, e desejou que houvesse alguém para notar. Ela entregou suas coisas para o guarda da porta da frente, que pediu que ela esperasse pela mãe dele, para vir sentá-la. Acima das cabeças dos outros, ela pode ver a idosa conversando com um senhor afegão. Ela alisou o vestido e ajustou os ombros, como se estivesse se livrando da sensação de sua calça de safári e suéter com decote V.

Ela sorriu para o guarda da porta, enquanto ele fechava o armário. Ele só ficou ali em pé, com as mãos enlaçadas nas costas, os pés separados, como se fosse um soldado. *Mas que menino terrivelmente sério*, pensou ela. Ele a lembrou dos garotos aristocráticos de Londres, dos petulantes que se sentiam obrigados a sustentar seu legado de classe alta. *Metidos*, ela os chamava.

Finalmente, a senhora cumprimentou-a, nervosamente.

— Desculpe fazê-la esperar — disse ela. — Ele estava só fazendo uma entrega. Sente-se aqui — disse ela, com um saco plástico com uma roupa pendurado no braço.

Isabel não perguntou, mas a idosa claramente não sentia necessidade de explicar. Isabel foi acomodada com Jack e Sunny e logo se inclinou na direção deles, e disse, acima de Frank Sinatra cantando “The little drummer boy”:

— Parece que a senhorinha tem um namorado.

— Halajan? Interessante — Sunny franziu o rosto. — Ahmet se aborreceria.

— Quem é Ahmet?

— O durão, ali — disse Sunny, assentindo para a porta da frente. — Ele é filho dela. E faz a guarda do local.

— Por que ele ligaria? Principalmente se sua mãe está feliz?

— Mesmo nos dias de hoje isso ainda não é permitido — explicou Sunny.

— Porque segundo os costumes afegãos — disse Jack —, uma mulher como Halajan, cujo marido morreu deixando um filho,

só pode se casar novamente se o filho não somente aceitar, mas arranjar o casamento.

— Eu lhe digo, já testemunhei, em primeira mão, nos últimos dias, como as mulheres são tratadas aqui. Não é novidade para mim, e isso existe no mundo inteiro, mas ainda é chocante, cada vez que vejo. Mas não vamos falar disso hoje. É festa!

— Conte-nos — disse Sunny, concordando. — Vá em frente.

Isabel ficou hesitante, sabendo que sempre podiam contar com ela para deixar todo mudo de baixo astral, mas continuou:

— Fui aos campos de papoula, vi uma mulher apanhar de um guarda-costas. E fui vista olhando. Quando voltei, no dia seguinte, a mulher tinha sumido junto com o bebê — ela parou, deu um gole no vinho para mascarar a emoção que brotava dentro dela.

— Elas desaparecem o tempo todo — disse Jack. — Não foi diretamente por sua causa.

Isabel ficou chocada e exalou o ar. Ela mandou o resto do vinho para dentro.

— Por favor, podemos falar de alguma coisa, qualquer outra coisa?

— Bem, nós estávamos falando de amor — disse Jack. — E como não é para todo mundo.

— Bem, isso é conversa! — disse Isabel, dando um sorriso.

Sunny riu.

— É, sim! — então, num sotaque britânico falso, ela disse: — mas que bobagem!

— Debochando, é? — perguntou Isabel.

Agora Jack estava olhando diretamente para Sunny.

— Acredite, o amor não é para todos.

*Mas que homem meigo, pensou Isabel, ciente de que ele estava de olho em Sunny. Nossa, ele está apaixonado por ela!*

Sunny olhou-o em silêncio, inquieta, depois sentou ereta, em sua cadeira.

— Do que você está falando?

Era tão óbvio, pensou Isabel, a forma como ela se sentia em relação a ele. Ela também se lembrava de ter se sentido assim

há muito tempo. Uma vez, talvez. E, embora só conhecesse Sunny há pouco tempo, sabia que Sunny não fazia ideia de como ele se sentia, ou, se fazia, não estava pronta para enfrentar isso.

— Eu só sei como é, apenas isso — disse Jack. — É duro esperar que alguém apareça.

Sunny parecia o cachorro tolo em seu avental natalino, com o pelo em pé.

— Você quer dizer o Tommy? Acha que estou me prendendo por causa do Tommy?

Jack olhou para Sunny como se sua cadeira estivesse desconfortável, como se ele não conseguisse suportar mais nem um momento.

— Eu nem estava pensando... Tommy! *Você está?* É isso que está dizendo?

— Não! Eu não estou dizendo nada! Foi você quem tocou nesse assunto.

Jack pousou a mão sobre a mão de Sunny. Isabel respirou. A conversa dos dois tinha evoluído bem depressa, como acontece entre duas pessoas cujos sentimentos passam sem serem ditos. Eles estavam ignorando Isabel completamente, como se ela nem estivesse ali. Mas ela estava reparando em cada detalhe, cada palavra não dita.

— Só estou dizendo — disse Jack, numa voz sussurrada —, você sabe o que eu quero dizer, este país é duro com as pessoas.

Isabel pensou em pedir licença, dar ao cara uma chance de dizer mais, mas ela não conseguia se mexer. Isso estava bom demais!

Sunny olhou para Jack. E Isabel imaginou se ela via em Jack o que Isabel via: que esse homem que parecia um velho rabugento era terno e meigo e alguém com quem seria interessante se aconchegar. Se fosse o caso de se aconchegar com alguém. Ela olhou para a mão forte de Jack sobre a de Sunny, e desejou que alguém segurasse sua mão daquela forma. Então Sunny tirou a mão e levantou da mesa.

Ela estava agitada.

— Eu preciso ajudar Halajan — disse ela, saindo em direção à cozinha.

Isabel aproveitou o instante para falar com Jack.

— Eu sei que não é da minha conta, mas ela é muito especial, não é?

Jack olhou para ela e sorriu.

— Se não fosse noite de Natal, eu lhe diria que você está certa: não é da sua conta. Mas, essa noite, eu só vou dizer o seguinte: você é uma observadora e tanto. Só não quero ler a respeito no jornal de amanhã.

Sunny surgiu com uma bandeja, mas não olhou para Jack.

— Isso é para vocês — e colocou uma bandeja de canapés deliciosos à mesa. — Aproveitem.

Isabel pegou um garfo e disse:

— E para todos, uma boa noite!

Rashif, o alfaiate! Nessa casa de chá! Aquele homem estava falando com sua mãe, abertamente? Ahmet o teria parado na porta, mas o salão estava enchendo, havia pessoas para cumprimentar, casacos para guardar, armas para armazenar, e ele rapidamente se distraiu. Além disso, na hora, não havia outros afegãos no salão, exceto Yazmina e Bashir Hadi, que estavam ocupados trabalhando, então ele ficou menos preocupado com a reputação da mãe.

Somente quando Rashif ofereceu a mão e desejou um Feliz Natal foi que Ahmet teve a oportunidade de dizer algo. Ele quisera dizer: *Fique longe de minha mãe*. Mas o que disse foi:

— *Inshallah*, Mohamed está vigiando você.

Agora, ao olhar e descobrir que a mãe tinha colocado um vestido novo, o mesmo que Rashif estava carregando no braço, ele viu como havia sido feito sob medida para ela, e jurou, ali, naquele instante, que nunca mais permitiria que a mãe voltasse a ver Rashif.

Yazmina estava vestindo sua echarpe sem o *chaderi*. Ela também estava de vestido novo, mas usava outro por baixo, para que a barriga não aparecesse. Ela queria fazer parte da comemoração e demonstrar a Sunny respeito por seu feriado. O salão estava maravilhoso, aquecido e receptivo, nesta noite tão fria. Ela adorava a música que estava tocando e mal podia esperar para experimentar um pouco das batatas de Bashir Hadi, e a compota tão vermelha de oxicoco.

*Layla, pensou ela, se você pudesse ver isso. Um salão como você nunca viu! Layla, os dias passam, mas eu vou encontrar um jeito de trazê-la para a segurança antes que seja tarde demais.*

No balcão, ela colocou quatro tigelas numa bandeja e encheu com a sopa de abóbora que Bashir Hadi havia feito. Cheirava a canela e cardamomo. Ela colocou uma colherada de creme batido em cima de cada sopa, exatamente como lhe fora instruído. Depois, levou a bandeja a uma mesa perto da porta da frente, onde Ahmet estava em pé.

Ela podia sentir os olhos dele, mas não se atreveu a olhá-lo.

Ela serviu a sopa para dois homens e duas mulheres que estavam na mesa. Eles eram americanos. Eram jovens e estavam bem vestidos, as mulheres tinham cabelos compridos sem nada sobre a cabeça, os homens eram bonitos e magros. Ela ficou imaginando por que estariam ali, tão longe de casa. Mas o riso e a conversa intensa mostravam que estavam se divertindo, mesmo tão distantes de suas famílias.

Então ela deu uma olhada para Ahmet, sem pensar. Ele estava olhando para ela. Ela desviou o olhar, depois se forçou a olhar de volta. Ele assentiu. Agora, pronto, pensou ela, ele bem que podia deixar um pouco a mãe e agir como um homem. O que será que o prendia ali? Pensou ela.

Mas ela estava contente por ele estar ali. Ele era tão bonito, e as raras vezes que sorria, era como se o fizesse só para ela. E então ela sorriu para ele. Ele assentiu e desviou.

Ela virou para caminhar na direção da cozinha, mas algo a fez olhar para trás, por cima do ombro. Dessa vez, ele estava

sorrindo para ela! Ela estremeceu, com a sensação de ser banhada de água fria.

Foi quando Halajan apareceu com seu lindo vestido novo, a alegria em seu rosto tão radiante quanto as miçangas que o adornavam. Ela ficou imaginando quando Halajan o teria comprado, e quem o teria feito para ela, pois tinha um caimento perfeito e estava claro que tinha sido feito com amor e cuidado.

De repente, mesmo com os Jackson Five cantando "*Santa Claus is coming to town*" e o cheiro do peru e das batatas doces, o ar mudou dentro da casa natalina. Candace entrou pela porta, com aquela energia eletrizante. Ela tirou o casaco, entregou a Ahmet com um brusco "*guarda, por favor*", e esperou que Halajan a conduzisse à sua mesa.

Sunny, ocupada servindo e na social (termo que ela usava para se referir às suas conversas com os clientes), observou o Candace Show do balcão. Ela estava usando um vestido verde-esmeralda de seda, de um ombro só, bem justo, com sandálias prateadas muito altas (o motorista provavelmente teve de carregá-la do carro até a porta), com brincos longos e falsos (só podiam ser, certo?) de pedrarias, que pareciam lustres. Sua maquiagem estava impecável, seus cabelos formavam uma cascata loura. Só uma mulher como Candace conheceria o salão em Cabul. Ela caminhou até a mesa, como se todos os olhos estivessem sobre ela, e estavam. Candace era impossível de ignorar. Você a invejava, você queria ser ela, e você queria matá-la. Ela tinha a energia de um líder, mas não parecia saber o que fazer com isso.

Sunny foi cumprimentá-la, mas, no caminho, passou por Halajan, que estava usando um vestido novo colorido.

— Halajan, você está linda esta noite! — disse Sunny.

— Sim, meu vestido novo. Estava na hora e, para essa ocasião, eu concordei. Como Rumi diz, a flor que...

Mas ela foi interrompida por Candace, que caminhou até elas.

— Sunny, isso aqui está deslumbrante! — disse ela. Depois, acrescentou para Halajan: — você também está muito bonita. Posso sentar? Posso ter algo para beber, por favor? Que semana eu tive, vocês não imaginam. Isabel! Como vai você?

Sunny deu uma olhada para Isabel, que retribuiu com seu sorrisinho malicioso. Nem uma palavra precisou ser dita. Porque ali estava Candace, supondo, como sempre, que sua semana ruim havia superado a de todos. Elas só haviam estado juntas, na casa de chá, algumas vezes, mas em Cabul as pessoas se tornam próximas rapidamente, se unem por experiência, medo e solidão. O tempo é comprimido, os relacionamentos se desenvolvem depressa e os padrões de esperar antes de falar com intimidade são adiantados.

Sunny disse:

— Conte-nos — conforme as mulheres sentaram, juntando-se a Isabel, na mesa.

Candace prosseguiu contando sobre seu empenho na angariação de fundos para os projetos de Wakil, ela deve ter falado por uma hora. Elas já tinham comido dois pratos, Sunny tinha levantado várias vezes para trabalhar e servir o “chá” — permitindo apenas um comentário aqui, uma resposta ali. Candace parecia solitária, como se elas fossem as únicas pessoas com quem ela falava, há dias.

Enquanto bebiam mais e mais vinho, sua voz foi se elevando; ela jogava a cabeça para trás, para rir. Candace estava ficando meio alta e sua conversa passou de levantamento de fundos para algo mais pessoal.

Sunny notou Halajan por perto da mesa, ouvindo. Ela não podia convidá-la para sentar com as clientes, e Halajan jamais sentaria com elas, se Sunny estivesse ali. Isso simplesmente não era feito.

— E nós não fazemos amor há um mês — disse Candace, baixinho. — Eu não sei o que aconteceu. Ele está sempre no vale, mal me liga, porque não tem sinal de celular por lá, e quando nos vemos é para que eu entregue os cheques... — e então parou. Todos na mesa estavam em silêncio. Ela deu um

gritinho: — eu me sinto como uma esposa negligenciada! E eu deveria saber. Eu fui uma!

— Sabe, Candace, talvez ele seja casado — disse Jack.

*Interessante que isso tenha vindo dele*, pensou Sunny.

Isso chamou a atenção de Candace, mas ela riu.

— Então, eu seria sua amante e nós estaríamos só transando, certo?

— Ou talvez ele não goste muito de mulher — disse Isabel.

— Você quer dizer que ele talvez seja gay? — agora, ela não era a única rindo. A provocação, o vinho subindo à cabeça de Candace, fez com que todos eles rissem feito crianças.

— Meu bem, todos eles são gays — disse Sunny, referindo-se à crença comum de que os homens talibãs tinham o hábito de “desfrutar” de meninos.

— Ora, vamos, isso é conversa de esposa velha — disse Jack.

— Nem todos os afegãos, ou sequer os homens do talibã...

— Ele não é gay — insistiu Candace.

Bashir Hadi tinha vindo até a mesa e Sunny ficou nervosa por ele entreouvir essa conversa. Ela tentou alertar Isabel que ele estava em pé, atrás dela.

— Ora, vamos, Jack — disse Isabel. — Todo mundo sabe que os homens do talibã gostam de seus meninos bem novinhos, e com a frequência que puderem. Toda aquela sexualidade reprimida. É como seus padres americanos.

— E os seus britânicos — disse Candace.

— Não são todos os homens afegãos — disse Jack, novamente, com mais ênfase, olhando para Bashir Hadi, enquanto ele servia outra rodada de vinho.

— Quero dizer, talvez ele seja um talibã — disse Sunny. — Talvez ele esteja treinando meninos para se tornarem mártires para as setenta e duas virgens que encontrarão no céu.

— Ora, mas isso é bem engraçado. Meu namorado, Osama bin Laden — e Candace virou outra xícara de vinho, jogou a cabeça para trás, às gargalhadas, e depois assentiu para que Bashir Hadi servisse outra xícara.

Foi sua risada que fez com que Sunny sentisse compaixão por ela. Não era por causa de Wakil; ninguém pensava, seriamente, que ele fosse alguma coisa além de um cara egocêntrico, mas ela sabia que Candace tinha consciência do ridículo de sua situação, que ela tinha senso de humor. E pelo fato de ter vindo de tão longe, lá de Willow Springs, no Missouri, talvez isso a deixasse insegura. Lá no fundo, tão fundo que não era fácil sondar, Candace era legal. Sunny tinha conhecido garotas assim em sua cidade: agitadas, sexy e confiantes, tudo para encobrir a verdade. Ela sentia como se conhecesse Candace a vida toda. Talvez fosse porque elas vinham do mesmo tipo de bairro de escória, uma localidade que a fazia querer ir embora, mas também a fazia sentir não merecer.

— Seja o que for, eu sinto sua falta — disse Candace. — Ele me deu algo para...

— Para fazer, talvez, numa noite fria de inverno? — perguntou Isabel. — Eu certamente posso entender isso.

— Ah, mas foi mesmo! — disse Candace, com uma risadinha. — Repetidamente!

— Então, pronto, aí está — disse Isabel.

Sunny olhou para Jack, que estava de olho nela. Ele estava sorrindo.

— Então é assim que vocês mulheres falam de nós, quando não estamos por perto. Mas vocês se esquecem que eu estou por perto! Sentado, bem aqui!

— Mas você é um de nós — disse Isabel.

— Sim, você é — disse Sunny.

— Agora eu não sei se devo rir ou chorar — disse Jack.

— Ninguém faça nada — disse Sunny, levantando de sua cadeira e caminhando até a árvore. Poppy estava deitada ali perto, em sua cama, parecendo humilhada com seus galhos e nariz vermelho. Sunny coçou sua orelha e sussurrou: — e aí, garota? Perdoe-me pelo traje.

Então, ela empilhou vários presentes nos braços e voltou à mesa.

— Hora dos presentes!

Ela entregou presentes a Isabel, Candace e Jack. E, ao fazê-lo, se sentiu verdadeiramente feliz. Essa gente nova era a sua gente. E daí que ela tinha conhecido essas mulheres apenas recentemente? Em seus corações, elas eram todas iguais: mulheres ansiando por vidas ricas, alguém para amar, que fossem amadas também, amigos com quem rir, beber, chorar. Ela tinha tanto em comum com Candace que era uma loucura, e ela via o mundo através dos mesmos olhos que Isabel. E, é claro, Jack a impregnara. *Então, pronto, aí está*, pensou Sunny.

Candace abriu seu presente e encontrou uma linda echarpe. Era parecida com a que Isabel ganhou, mas a sua tinha um tom de azul para combinar perfeitamente com sua pele, e a de Isabel era de um vermelho profundo. Para Jack, Sunny comprou um brinquedo para que eles pudessem brincar juntos com a Poppy, o que fez Jack rir alto, fazendo Candace olhar para ele como se estivesse pronta para agarrá-lo.

— Desculpe não ter trazido um presente para você — Candace disse a Sunny.

— Eu também não trouxe — disse Isabel. — Não é só falta de educação, é triste, de verdade!

— Eu trouxe — disse Jack: — eu! Garota de sorte.

Sunny o ignorou.

— Tudo bem — disse Sunny. — Essa é a minha festa. Vamos apenas torcer para que possamos fazer novamente, ano que vem.

— O que você quer dizer?

— Estamos tendo dificuldades e talvez não tenhamos dinheiro suficiente para chegar lá. Estamos tentando obter sanção da ONU para que possamos ter mais clientes, mas é caro. Alguém tem alguma ideia para angariarmos mais dinheiro? Nós tivemos a médica, mas precisamos de mais coisa.

— Eu tenho uma ideia — disse Candace, levantando de sua cadeira. — Bashir Hadi, venha cá, por favor. O que você acha de...

E ela cochichou algo para Bashir Hadi que fez com que ele espalmasse as mãos e gritasse:

— Impossível! Você não consegue. Isso seria incrível, certamente.

— Mas eu posso — disse ela. Então, ela se virou para a mesa, com os olhos arregalados de empolgação.

Bashir Hadi estava sem fôlego, esperando seu comunicado.

— Meu ex — disse ela — conhecia todo mundo. E ele me apresentou a muita, muita gente, a maioria velhos burocratas. Mas ele também me apresentou a Malalai Joya. E aquela garota me deve. E me deve muito.

Mesmo acima da música e do “zumzumzum” Ahmet ouviu Candace quase gritar o nome “Malalai Joya”, e ficou imaginando no que essa casa de chá estava se transformando: um centro revolucionário? Um lugar de mulheres zangadas e antigos reformistas? Todos no Afeganistão conheciam Malalai, membro do parlamento que pregava contra a injustiça, que não temia acusar os políticos de serem parceiros dos chefões do tráfico e da guerrilha, provavelmente a mulher mais corajosa do país. Talvez a pessoa mais corajosa.

Ahmet a admirava. Como podia deixar de fazê-lo? Mas aqui, na casa de chá? Seria perigoso e exigiria muitos homens para proteção. Malalai tinha tantos inimigos que ele se perguntava como ela saía, a cada dia, sabendo que podia morrer a qualquer minuto. É claro que sua mãe gostaria de tê-la ali.

Ele respirou profundamente, enchendo o peito com os ricos aromas do salão, e sentiu duas coisas: orgulho por talvez ter essa mulher corajosa e guerreira em sua casa de chá e zangado porque sua visita colocaria sua mãe, Sunny e principalmente Yazmina em perigo.

*Yazmina*, pensou ele, *olhe para ela*. Ela parece o sol, naquele vestido deslumbrante, com seus cabelos aparecendo, por baixo da echarpe. Odiou a si mesmo por sorrir para ela, mais cedo, mas ele nem sabia que estava fazendo isso, até que era tarde

demais. Controlar seus impulsos era algo importante para ele. E quanto às mesmas regras que ele insistia para sua mãe? Mas todo santo dia Yazmina desafiava essas coisas nele. Ela aflorava a criança nele, fazendo com que ele esquecesse seu dever e quisesse correr e brincar pela rua. E, principalmente nesta noite, essa tola tradição anual de Sunny, de que ele secretamente gostava e pela qual esperava — até Mohamed gostava de uma boa festa! — Yazmina o fazia querer abraçá-la, protegê-la e amá-la. *Yazmina*, pensou ele, olhando-a atender e conversar com os clientes, limpar os pratos, servir água. *Yazmina*.

Antes que a noite terminasse, Sunny desligou a música e ficou perto do balcão. Ela tilintou seu copo várias vezes, com uma colher, para silenciar a todos. É claro que Jack estava olhando o tempo todo, então, ele levantou para ajudar.

— Ei, pessoal, a moça tem algo a dizer! — ele rugiu, com sua voz profunda e seu sorriso contagiante. Ele esperou até que o salão estivesse em silêncio, antes de se sentar novamente.

Então, Sunny fez o que fazia todo Natal e somente no Natal, desde que cuidava dessa casa de chá, em Cabul: um pequeno discurso. Começou agradecendo a todos por terem vindo, por tornar a noite perfeita. Disse que esperava que eles tivessem gostado da comida (diante do que todos festejaram e gritaram) e trouxe Bashir Hadi para agradecer por sua refeição deliciosa. Ele fez uma ligeira reverência e o salão retumbou em aplauso. Ela apresentou Halajan como a proprietária da casa e, portanto, a grande chefe do local. Agradeceu Yazmina, que corou, e Ahmet, que postou-se orgulhoso, conforme ela o agradeceu por seus serviços ao longo do ano inteiro. Deu a cada um deles um presente lindamente embrulhado e os clientes da casa de chá aplaudiram afetosamente. Agradeceu seu contrabandista de peru e o pessoal que lhe trouxera as bugigangas natalinas de longe.

Então, a voz de Sunny foi ficando mais quieta e ela ergueu o copo e disse:

— Eu jamais poderia administrar esse lugar sem a ajuda dessa gente maravilhosa. Tão longe do meu lar e da minha família, eu encontrei um lar e uma família que representa o mundo para mim. E essa época sempre me pega. Há algo no Natal... independente de onde você esteja, é uma época em que deixamos de lado as nossas diferenças e... — sua voz foi sumindo. Ela engoliu e piscou contendo as lágrimas: — eu pareço uma porcaria de um cartão Hallmark! — ela gritou, e todos riram e aplaudiram.

Ela rapidamente olhou para Jack, que a observava atentamente, com as sobrancelhas franzidas, preocupado com ela e sorrindo, feliz por ela. Ela olhou para Isabel e Candace, e o salão cheio de clientes e conhecidos. Seu coração estava tão cheio que inchava em seu peito, sua garganta, sendo necessário inspirar e exalar novamente.

— Eu sei que estou prestes a ficar sentimental como nunca, mas esta noite não faz mal, certo?

Houve uma resposta ressonante. Então, Sunny ergueu o copo e disse, olhando para a mesa de seus companheiros:

— Aos amigos. Feliz Natal, para todo mundo!

Todos gritaram de volta:

— Feliz Natal!

E, então, Sunny acrescentou:

— E não saiam sem um presente.

Enquanto Sunny estava junto à porta, dando boa-noite a todos, ela entregava um presente e beijava seus rostos. Somente seus amigos e familiares ficaram: Jack, Isabel e Candace, Halajan, Bashir Hadi, Yazmina e Ahmet. Ela não tinha certeza de quem era a família e quem eram os amigos, e talvez todos eles fossem ambos, e talvez isso não fizesse a menor diferença.

A noite foi tudo o que ela torceu para que fosse. A música, a comida, o vinho e o riso, e nenhuma discussão, e isso era diferente de sua família, em sua terra.

Nada de Tommy, e sua ausência sempre pesava nela. Mas essa noite ela se sentia mais leve, como há séculos não se sentia. E havia uma última coisa a fazer.

Ela pegou Jack pelo braço, dizendo:

— Venha comigo — e o puxou porta afora, ao corredor que levava aos seus aposentos.

Ela pôde ouvir Candace gritando atrás dela:

— Aonde diabos vocês dois vão?

Ali, pendurados numa luminária, havia um punhado de ramos de viscos.

E ali, ela o beijou.

## Capítulo 18

Foram necessárias apenas três quartas-feiras, em janeiro, para levantar dinheiro suficiente para a construção do muro, pois Candace cumprira sua promessa. Malalai Joya concordara em falar. Ela veio acompanhada por um grupo de força de segurança da ONU, sem o qual não se atrevia a viajar. Ahmet, que havia tentando convencer sua mãe a dissuadir Sunny de permitir que ela viesse, acabou aceitando sua tarefa e contratou vários *chokidors* experientes, homens com licença para o uso de armas, não apenas para portá-las, mas para garantir a segurança da casa de chá, da *juhajideen* que Joya frequentemente criticava pela morte de milhares de afegãos. O salão tinha espaço somente para pessoas em pé, com todos espremidos, ombro a ombro, compartilhando cadeiras, sentados no chão, perfilados junto às paredes. Mas não houve incidentes, só uma noite emocionante.

Em tudo que Sunny havia lido e ouvido sobre Malalai, ninguém falou sobre sua beleza. Isso provavelmente porque, quando ela falava, você não a via mais, somente ouvia suas palavras fervorosas, de uma forte defensora dos direitos humanos. Você até esquecia que ela era mulher, quando corajosamente clamava para que os chefões da guerrilha parassem de usar o manto da democracia para controlar os afegãos. Ela também criticou os EUA e suas intenções em seu país. Há muito, o Afeganistão era um local de guerras travadas, luta pelo poder e cultivo de papoula, um lugar onde as pessoas ficavam sem educação, analfabetas, empobrecidas, completamente destituídas de seus direitos, sem voz própria.

Malalai ficou diante do salão, com seus cabelos negros cobertos com uma echarpe negra, olhos negros vorazes de

compromisso e determinação. *Você pode falar para mim, a qualquer hora*, pensou Sunny, enquanto Malalai discursava.

— Os chefões da guerrilha são os responsáveis pela situação do nosso país — disse ela. — Oprimem as mulheres e arruinaram nossa terra. Eles podem ser perdoados pelo povo afegão, mas não pela História.

Algumas mulheres, pensou Sunny, são destinadas à grandeza. Algumas, como ela, pensou, eram destinadas a prover um lugar para espalhar um pouquinho dessa grandeza. Ela sentiu orgulho disso e quis abraçar Bashir Hadi e beijá-lo e agradecê-lo por forçá-la a se mexer e fazer mais dinheiro. Sem que ele a pressionasse, nada disso teria acontecido.

Na semana seguinte, Sunny pesquisou as exigências de altura, Bashir Hadi contratou a equipe de trabalhadores e a construção começou. Não foi um trabalho difícil. Tudo o que eles tinham a fazer era construir mais um metro e vinte no muro já existente, circundando a edificação. Precisavam assentar tijolos vermelhos para a estrutura básica, fazer a alvenaria da parede, e acrescentar uma mão de tinta para que o bloco acrescido se fundisse com o antigo, sem emendas.

À medida que o muro foi subindo, até que a acácia do quintal da casa ao lado estivesse quase invisível, e as montanhas a leste, completamente cobertas, Sunny olhava das janelas, com as mãos no quadril. O muro tinha a finalidade de proteger, mas a fazia sentir presa ali dentro. Era uma metáfora visual perfeita para o triste estado de sua amada Cabul e as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, desde sua chegada. Logo que Sunny veio para Cabul, o talibã tinha sido “desapossado”, o que significava que eles tinham passado a andar disfarçados, se barbeando e cortando os cabelos, quando os americanos invadiram, apenas um ano antes. Depois de alguns poucos anos, Hamid Karzai, um Pashtun de Kandahar, foi eleito presidente na primeira eleição presidencial democrática. Então, os EUA se voltaram para o Iraque, deixando os chefes do

tráfico, os inúmeros grupos mafiosos e todos os bandidos levantarem dinheiro, se fortalecerem, moldarem os seus domínios feudais. Agora, o talibã estava de volta abertamente, forte, mais abrangente e maior, tendo usado o tempo sabiamente para recrutar outra insurgência rigorosa que parecia mais palpável a cada dia.

O muro representava mais que meramente uma proteção. Também tinha a ver com manter as coisas do lado de fora, estar separado da vida nas ruas, estar inteiramente ciente de que havia perigos invadindo seu lar. Numa palavra, o muro era uma bosta.

Mas numa tarde fresca de fevereiro, ele foi concluído. Só precisava ser pintado e Sunny estava aceitando sugestões de cores.

Halajan queria um azul-pavão. Bashir Hadi gostava do laranja claro que já estava lá, ao qual estava acostumado. Ele argumentou que os clientes também já estavam acostumados, e, além disso, disse que o portão era azul e as paredes deveriam ser diferentes. Quando Sunny perguntou a Yazmina sua opinião, ela ficou hesitante em responder, mas acabou votando pelo laranja, assim como Jack e Ahmet.

— Pelo espírito da democracia, laranja será — disse Sunny.

Ela foi de carro com Poppy até a Paint Street para comprar o material, no maior alto astral. Fazia tempo que ela não comprava tinta. Sua loja predileta era uma que ficava na metade da rua. Ela estacionou na frente e deixou Poppy de guarda, dentro do carro.

A loja era bem pequena, com pincéis e artigos pendurados em ganchos, nas paredes e no teto. Duas paredes estavam cobertas de mostruários de várias marcas americanas, com prateleiras curtas, com cartelas e amostras da cor, o nome, o número, como Flórida Orange, número 54, ou Soft Mango, número 208, exatamente como as lojas de materiais de construção de sua cidade.

Sunny calmamente foi juntando os tons de laranja que lhe agradavam, comparando, tentando ver em grandes dimensões

e o que aconteceria com a cor quando estivesse sob a luz do sol; depois, lentamente, deixou só três. Ela levou as amostras de cor até o lojista, que estava sentado numa banquetta, junto a um balcão, lendo o jornal e bebendo uma lata de Coca-Cola.

— *Salaam alaikum* — disse ela, cumprimentando, e continuou em *dari*. — Estou analisando essas três cores para o muro ao redor da minha casa. O que acha?

Ele olhou cuidadosamente as amostras e disse:

— Muito, muito bom. Alegre! Laranja é uma das minhas cores favoritas. — Então, ele apontou para uma e disse: — mas eu não tenho esse no estoque.

— Bem, isso reduz o leque — disse Sunny, alegremente. — Tem preferência entre esses dois?

Ele pensou longamente, com afinco, depois disse:

— Essa. É mais viva. Vai destacar sua casa.

— É exatamente isso que eu quero que faça. Certo, vamos com essa.

Então ela lhe disse a altura e o comprimento das paredes, e eles discutiram quanta tinta ela precisaria, calculando o suficiente para duas mãos. O lojista foi até os fundos, enquanto Sunny olhava em volta, vendo a loja, esperando. Mas ele rapidamente voltou, sacudindo a cabeça.

— Estou sem essa cor — disse ele.

— Mas que pena. Bem, então, vamos com...

— Acho que estou sem essa também, mas vou checar.

Sunny sentiu sua impaciência aumentando, enquanto esperava que ele desaparecesse na sala de estoque.

— Como pensei, nada dessa cor também! — ele gritou lá dos fundos.

Sunny teve que rir.

— Você tem *algum* tom de tinta laranja no estoque?

— Não, no momento, não. *Inshallah*, amanhã. Tenho certeza de que vai chegar um carregamento.

Sunny sabia que "amanhã" poderia significar uma ou duas semanas, ou talvez nunca.

— Eu não tenho todo esse tempo. Que cores você tem no estoque? Talvez um verde claro? Tinha um que eu gostei...

Ele olhou para o chão.

— Tristemente, não há o suficiente de uma cor para seu muro. Eu tenho Federal Blue, número 67, e um pouco de Colonial Yellow, número 317, que podem ficar bom juntos. Bem majestoso. Ah, e um pouco de Designer White e Bright White, mas certamente não vai querer pintar seu muro de branco! Isso seria tolo.

Ela teve de sorrir. Sua falta de tinta não impedia que ele fosse encantador.

— Então, é isso? De todas essas cores? Ela gesticulou para o mostruário, com centenas de ofertas.

— Talvez eu possa pedir em Dubai.

— Deixa para lá — disse ela, frustrada. Depois, rapidamente acrescentou: — mas obrigada.

Ela deixou a loja pensando em tentar outra loja de tintas, mas sabia que seria inútil. Se uma delas não tinha tinta, nenhuma teria. Ela voltou ao carro, onde Poppy estava sentada no banco da frente, atrás do volante, como um motorista canino.

— Vamos para casa, garota — disse Sunny, e a cadela pulou para o banco de trás. — Vamos pensar em alguma coisa.

Quando elas chegaram de volta à casa de chá, Poppy foi direto para o seu lugar especial, nos fundos, onde ela girava atrás do rabo, algumas vezes, antes de se deitar como uma bola, em seu *toshak*. E Sunny foi até o pátio olhar o muro.

Agora era o fim da tarde. O sol ia baixando no céu e iluminava o muro, conforme descia no oeste. A parte do muro que estava sem pintura parecia cintilar com a luz refletida; os fragmentos de vidro e pedra brilhavam no cimento. Isso fez Sunny se lembrar do muro que ela havia pintado, no ensino médio, que a levou a uma suspensão, sendo mandada ao tribunal e sentenciada a duas semanas de serviço comunitário, que, na verdade, era catar lixo da lateral da rodovia.

— Serviço comunitário porra nenhuma — disse ela, em voz alta.

Todo mundo detestava a Escola Jonesboro, principalmente o prédio em si, com suas balaustradas e janelinhas, e sua altura de quatro andares. Pairava na periferia da cidade, como uma fortaleza. Chamavam-na de Prisão Rosa. E por isso, Sunny decidiu embelezá-la. Ela sabia que podia desenhar e, para provar, seus cadernos eram cobertos de rabiscos e desenhos mais elaborados que preenchiam as margens. Mas ela nunca tinha pintado. Então, ela foi até a loja de material de construção, usando o dinheiro que tinha ganhado trabalhando depois da aula e nos fins de semana como caixa no mercadinho da esquina, comprou tinta e pincéis, solvente e lanternas, e combinou com alguns amigos para que a encontrassem atrás da escola, à meia-noite de sábado. Eles ficaram para segurar as lanternas, enquanto ela pintava. E foi o que ela fez, enquanto todos eles bebiam cerveja e fumavam um baseado. Se ela tivesse mais tempo, teria ficado melhor, mas, até seis da manhã, estava pronto.

Ela se lembrava do sol nascendo na planície de Jonesboro, e sua luz refletindo nas janelas das casinhas que perfilavam as ruas. O céu estava roxo, com um tom de amarelo e alaranjado, no horizonte. Conforme o sol se levantou, ele brilhou sobre sua pintura. Ela não tinha planejado que fosse assim, mas lá estava. Às vezes, as coisas não planejadas são as que fazem a mágica. Algumas pessoas disseram que podiam ver a quilômetros de distância. Algumas disseram que a forma como o sol refletia nos tons de amarelo e dourado da pintura criou um resplandecer tão forte que você precisava de óculos escuros, mesmo bem cedo. (Claro que ninguém estava de pé tão cedo num domingo de manhã, mas o negócio virou uma lenda.)

Ela se lembrava de ter ficado de pé, recuando, com o pincel numa das mãos e a outra no quadril, tentando olhar seu trabalho de forma objetiva. E tudo o que podia pensar era que se tivesse um azul melhor poderia ter ficado demais. Mas

mesmo assim, com o sol brilhando em cima, a figura nua deitada na floresta literalmente reluzia. Ao redor da figura, havia grandes palmeiras e flores, e animais bem simples, como arte folclórica, primitiva, uma visão do paraíso de um forasteiro. Seus amigos ficaram lá, boquiabertos, admirados com a pintura. Ficou bonita. Era suntuosa e vibrante. E ia colocá-la numa encrenca danada.

Você simplesmente não pode pintar a diretora da escola pelada.

Pois era exatamente de quem se tratava. Era o rosto da sra. McQueen, com um corpo completamente nu, usando seus óculos de tartaruga, mas sem seu blazer de ombreiras e seus sapatos sensíveis. Era a sra. McQueen com cara de pós-coito, reclinada de lado, apoiada no cotovelo, com a cabeça na mão e a outra mão cobrindo a virilha.

Agora, em pé no seu pátio, a milhares de quilômetros de distância de sua cidadezinha, Sunny decidiu que ela mesma pintaria o muro. Mas não com Colonial Blue, ou American Mustard, ou sabe lá que diabos eram essas cores. Ela pintaria com suas tintas a óleo. Um mural. Seu coração parou na garganta de tanta empolgação, e ela entrou correndo e começou a desenhar. Pintaria a face do muro que ficava para a rua com algo ousado e simples, e pintaria o lado interno, de frente para as janelas, com uma cena elaborada, para que quando ela olhasse para fora, pudesse fingir, mesmo que só por um momento, que o muro não existia.

Era o mesmo fim de tarde e Yazmina estava diante de seu espelho. Ela estava resplandecente. Agora que ela tinha passado o período de mal-estar; esse bebê a deixava radiante, suas bochechas estavam coradas e seu sorriso, mais largo. Ainda assim, o mesmo bebê a deixava terrivelmente preocupada, embora ninguém que olhasse para ela pudesse saber. Seus vestidos escuros e pesados e seu *chaderi* comprido escondiam a barriga de grávida, mas logo chegaria o dia em

que o bebê se mostraria. E aí? Seu sorriso sumiu. Ela nunca havia entendido a vergonha que as mulheres grávidas sentiam, mas agora entendia. Por que alguém acreditaria que era o bebê de seu marido? Ela traria vergonha para todos, principalmente Bashir Hadi e Ahmet. Todos pensariam que ela era uma prostituta. Se ela não morresse por estar grávida, certamente morreria no parto, como acontecia com tantas mulheres. Mas talvez, *Inshallah*, Mohamed olharia por ela e pela segurança deles. E na ausência de Mohamed, já que ele tinha coisas muito mais importantes para fazer, ela tinha Halajan, que poderia mover montanhas quase tão bem.

E quanto a sua irmã, Layla? Ela ainda estaria em casa, com o tio delas? A neve teria sido suficiente para bloquear as estradas e evitar que qualquer um entrasse ou saísse? Ou o sol teria sido mais forte nesse inverno, e permitido que o chefe do tráfico tivesse ido buscá-la também? Nem um dia se passava sem que ela rezasse para Alá pelo bem-estar de Layla, tanto quanto para o de seu próprio bebê. Ela precisava encontrar um meio de pedir a Suuny que falasse com seu amigo, o sr. Jack. Ele conhecia pessoas. Poderia encontrar Layla antes da primavera. Mas Sunny já estava guardando um segredo para ela. Pedir outro favor? Isso era demais.

E Halajan surgiu na porta, como se seus pensamentos a tivessem evocado.

Ela estava frenética.

— Yazmina, os canos! Estão inundando! Ahmet está na oração. Eu preciso de sua ajuda. Venha!

Yazmina pegou uma echarpe para cobrir a cabeça e seguiu Halajan até o banheiro, no fim do corredor, abriu a porta e se viu em pé em meio a cinco centímetros de água fria. O sanitário estava disparado, bombeando a água para fora do vaso, lançando ao chão. Halajan abriu a parte de trás e puxou uma alavanca que parou de bombear. Depois, ela soltou a alavanca que começou a bombear novamente, dessa vez espirrando água nela.

— Aqui — disse ela — você segura aqui, para parar a água, e eu já volto. E aqui, você está ficando encharcada. Coloque isso.

Ela tirou o avental por cima da cabeça e colocou por cima da cabeça de Yazmina, e amarrou para ela. Depois ela saiu. Yazmina ficou sozinha, em pé, na água gelada, segurando a alavanca do sanitário com uma das mãos. A outra, ela pôs no bolso do avental, para aquecer. Havia algo ali dentro. Ela tirou. Era um pedaço de papel dobrado. Estava molhado da água que espirrou, então ela pôs embaixo do avental, no bolso do próprio vestido, para protegê-lo.

Logo Halajan voltou com Ahmet, que começou a trabalhar sem sorrir, ou dar uma palavra.

Ele arrumou o sanitário, substituindo um peça plástica que estava quebrada e Yazmina ficou impressionada com o tanto que ele era hábil. Yazmina puxou a água com o esfregão e limpou o banheiro. Depois do calvário, ela estava ensopada, com calça e vestido molhados dos tornozelos até os joelhos.

— Isso vai exigir mais trabalho para evitar que aconteça novamente — disse Ahmet —, então, não haverá ida ao Mondai-e hoje.

— Nós vamos de ônibus — disse Halajan.

— Vocês não irão sem mim, por favor — ele respondeu sério.  
— Simplesmente não é mais seguro para duas mulheres sozinhas. Além disso...

— Além disso, o quê?

— Não está certo. E ele...

Yazmina não tinha certeza do que eles estavam falando, mas ela sentia a raiva.

— Ele é o que, Ahmet?

— Apenas prometa-me que não irá novamente ao mercado, sem que eu lhes acompanhe.

Halajan não disse nada, mas sacudiu a cabeça, com os dentes cerrados e os olhos apertados como dos lagartos que ficavam sentados nas rochas do rio, em sua terra.

E Ahmet disse:

— Ela está molhada, mãe.

— Sim, você não vai querer pegar uma gripe — disse Halajan, finalmente olhando Yazmina.

— Não tenho nada para me trocar. Minha outra *shalwaar kameez* também está secando. Eu lavei, ontem à noite.

— Ora, você precisa de mais duas mudas de roupa. Nós iremos à Chicken Street comprar mais, talvez amanhã — disse ela, olhando Ahmet. — Agora, venha comigo.

Yazmina seguiu Halajan até sua casa, que ficava diretamente adjacente à casa de chá, dentro do mesmo terreno, então, elas não precisaram sair pelo portão.

— Por favor, entre — disse Halajan. — Vamos arranjar algo para você vestir, depois um pouco de *chai* e *badan* — referindo-se ao chá doce com amêndoas. Ela tirou a echarpe da cabeça e sua própria *kameez* molhada, deixando os braços expostos para Yazmina, à vontade, do jeito que as mulheres ficavam quando estavam umas com as outras, na privacidade de seus lares. Ela estava vestindo uma camiseta branca com um grande coração vermelho e algumas palavras em inglês, em letras pretas.

*Quais são as palavras nessa camiseta?*, pensou Yazmina. *E olhe, os cabelos dela são curtos. Será que ela mesma tinha cortado?*

— Eu gosto assim. É muito mais fácil manter limpo — disse Halajan, como se estivesse lendo os pensamentos de Yazmina, ela passou a mão pelos cabelos. — Por favor, fique à vontade também. Me dê a echarpe e o avental e depois eu voltarei para lhe dar calça e vestido secos para que você também se troque.

Ela tirou a echarpe e entregou a Halajan, revelando sua trança longa e grossa, de cabelos negros brilhosos. Ao tirar o avental, ela disse:

— Mas *chai*, não, obrigada, porque faz mal para o meu estômago.

Halajan pegou as roupas e saiu. Agora sozinha, Yazmina podia ver que a casa de Halajan era aconchegante e convidativa, cheia de almofadas e tecidos coloridos, pinturas nas paredes, cortinas brilhantes com fios dourados e lindos

móveis. Era surpreendente, considerando-se as roupas desgastadas que a idosa usava no café, todos os dias. Havia vários belos tapetes no chão e *toshaks* perfilando as paredes. Junto a uma das paredes, havia uma mesa baixa, lindamente entalhada com madeira em marchetaria, e uma cômoda alta com muitas gavetas, na parede dos fundos.

Então, Halajan reapareceu com roupas penduradas no braço.

— Venha — disse ela —, tire essa roupa molhada e coloque essas.

Mas Yazmina não queria que Halajan visse como sua barriga já tinha crescido desde a última vez que ela vira. Ela se virou de costas e começou a erguer o vestido pela cabeça, mas então se lembrou da carta, parou e tirou do bolso.

— Isso é seu. Estava em seu avental e eu...

— É isso que você faz na minha casa? — perguntou Halajan, erguendo a voz, visivelmente aborrecida. — Age sorratamente, espiando coisas que não devia? — Ela arrancou a carta da mão de Yazmina.

— Não, não. Eu só queria mantê-la segura. A água poderia tê-la arruinado. Eu espero que a tinta não tenha borrado e ainda possa ser lida.

— Além disso, nem é minha.

— É mesmo? Tem seu nome escrito.

Os olhos de Halajan se arregalaram. Ela desdobrou a carta, olhou-a rapidamente, depois colocou no bolso.

— Eu a vi no mercado, conversando com o alfaiate. Ele parece um homem muito bom — disse Yazmina.

— Isso não é da sua conta! Você precisa prometer nunca mencionar nada a ninguém, sobre ele ou as cartas.

— Eu nunca faria isso. Eu prometo.

— Agora mude de roupa.

Yazmina ficou mais corajosa, sabendo um segredo de Halajan. Ainda assim, ela virou de costas para tirar sua roupa molhada e colocar a *shalwaar kameez* que Halajan entregou-lhe. Era linda, de um tom adorável de verde, e tão macia que grudava em sua barriga, revelando seu estado. Ela se virou,

segurando a roupa molhada à sua frente, mas não tão perto que pudesse manchar a linda roupa que ela estava vestindo. Ela ficou imaginando por que Halajan nunca vestia roupas assim, somente suas roupas largas marrons.

— Yazmina, você está linda. Por que não fica com isso, para usar?

— Obrigada, mas não, eu não poderia.

— Mas por que não? Uma mulher velha como eu não tem utilidade para uma cor dessas. É sua...

— Por que não? Aqui está o motivo — e ela tirou as roupas molhadas da frente do corpo e ali estava, para que o mundo todo pudesse ver, sua barriga grande, baixa e próxima de dar à luz.

Halajan sentou, como se tivesse perdido o ar.

— É claro.

Ela só ficou olhando, depois fechou os olhos e sacudiu a cabeça. O bebê viria em breve. Ela podia imaginar as palavras do filho ao encontrar Yazmina desse jeito; imaginou a raiva em seu rosto, suas feições sombrias e coradas, a boca quase espumando, como a de um tigre, num campo de cabras, e tudo o que a sustentava — seu desejo de ser ela mesma, de ser moderna, mente aberta — desapareceu num instante. Ela finalmente falou de seus temores, cuspiendo as palavras, sem pensar em seu veneno:

— Você não vê o que vai acontecer? Você atrairá a vergonha. Será chamada de piranha — e levantou-se. — Será surrada. Pode ser morta. Só vamos torcer para que seu filho, *Inshallah*, seja um menino. Porque, de outro modo, a vida dela será muito curta.

Yazmina olhou para Halajan, de olhos arregalados. Ela não podia acreditar nas palavras que acabara de ouvir. Essa não era a mulher a quem ela passara conhecer e amar.

— Mas Hala...

— Você não vê? Eu não posso protegê-la! — ela despencou de joelhos, no tapete.

— Halajan, eu não espero que faça isso. Eu suportarei a vergonha, se for preciso.

— Não seja imbecil, garota. Eles vão jogar ácido em seu rosto. Não vão apenas chamá-la de piranha. Vão tratá-la como uma. Meu próprio filho, Ahmet...

— Ele é um bom homem. Ele vai...

— Ele vai se sentir traído e envergonhado, e vai se voltar contra nós duas. Você não acabou de ouvi-lo, agora mesmo? Proibindo-me de ir ao mercado sem ele só porque não gosta de Rashif? Ele tem uma alma boa, mas uma cabeça de pedra. Não consegue se libertar dos costumes antigos.

— Então, você e Sunny vão...

— Pare e ouça! Eu não sou nada. E Sunny só pode protegê-la por um tempo. Ela não pode ficar no Afeganistão para sempre. Não vê? Não importa o que eu acho, ou o que você acha. Não importa que as mulheres mereçam ser tratadas melhor que cães. Cabul, esse país, é grande demais para você, para mim, para um bebê. A única forma...

— Sim — disse Yazmina, suplicante —, o que é? — ela enlaçou as mãos na frente do peito, quase rezando.

— É me deixar levá-lo ao hospital, depois que nascer, quando estiver forte o suficiente, e dá-lo a eles. Dizer-lhes que eu o encontrei e deixar que façam o que quiserem com ele.

— Não posso acreditar em meus ouvidos! — Yazmina gritou. — Você cuidou de mim como uma filha.

— Exatamente por isso que o bebê tem que ir. Para protegê-la. Para salvá-la. Se algo acontecer com você... Meu próprio filho, meu querido Ahmet, ele não permitirá...

Yazmina baixou a cabeça, com o coração despedaçado. De alguma forma, desde que chegara à casa de chá de Sunny, ela começara a sentir que coisas boas são possíveis. Mas ela mesma tinha consciência da vergonha que seu estado traria.

Halajan disse:

— Quando o bebê nascer, eu vou me livrar dele.

— Você não pode fazer isso! Eu já perdi um...

— O que quer dizer? Você teve um bebê, antes desse?

Yamina sacudiu a cabeça.

— Não, minha irmãzinha, Layla, que agora tem doze anos. Quando a neve derreter, os homens que me pegaram voltarão para pegá-la. Não posso perder dois.

Halajan assentiu.

— Eu direi isso à srta. Sunny. Talvez Jack possa ajudá-la. Mas o bebê que você carrega, este já está perdido.

Yazmina começou a chorar pelo bebê que estava condenado antes mesmo de nascer, e por Halajan e como, por mais independente que ela fosse, não podia mover montanhas, no fim das contas. Ela também chorou de esperança, quem sabe o sr. Jack ajudasse a pegar Layla. Halajan se oferecer para pedir-lhe foi como se Alá tivesse ouvido suas preces! Com tristeza e otimismo, ela chorava por todas as filhas do Afeganistão.

Halajan foi até ela, segurou-lhe a cabeça nos braços e disse:

— Não há mais nada que eu possa fazer.

Yazmina assentiu ligeiramente e disse:

— Eu entendo.

Ela ergueu a cabeça e olhou nos olhos amarelados e envelhecidos de Halajan, sua pele enrugada como a de um lagarto, de anos de sol e cigarros. Ela jamais deixaria que Halajan levasse seu bebê. Ela partiria antes que ele nascesse, e encontraria a dra. Malik, ou alguém que pudesse ajudá-la. Mas ela devia a Halajan por guardar seu segredo.

— E, em troca por sua ajuda, talvez haja algo que eu possa fazer por você — disse Yazmina.

— Por mim? — Halajan riu. — Que ajuda eu precisaria?

— Talvez não hoje, mas algum dia.

— Um dia está bem longe e eu já estou na metade do caminho para o paraíso — Halajan disse, e impulsivamente enfiou as mãos nos bolsos. Ela olhou para Yazmina, mas desviou o olhar logo depois.

— O que é? — perguntou Yazmina.

— Há algo... — a voz de Halajan foi sumindo, como se perguntar fosse mais difícil que escalar o Hindu Kush.

Yazmina esperou. Quando Halajan não disse nada, ela se lembrou da timidez de Layla, da reticência da garotinha, quando queria algo, mas ficava hesitante em pedir, por medo da resposta.

Então, ela apelou:

— O que é, Halajan? Você pode me pedir qualquer coisa.

Halajan olhou-a diretamente, soltou um suspiro, e sussurrou:

— Você sabe ler, não sabe?

— Sei. Desde criança.

— Mas como aprendeu a ler?

Yazmina sentiu-se corar. As pessoas tinham a mente estreita, quando se tratava de julgar os outros, principalmente gente como ela, diferente das pessoas de Cabul.

— E também sei escrever. Você acha que por ser *jungli*, como vocês dizem, uma garota obtusa das montanhas, eu seja ignorante, sem educação? Minha mãe me ensinou a ler, a apreciar a poesia e boas histórias. Fora isso, eu não tenho ensino, portanto, você está correta.

— Eu não quis julgar. É apenas que você é tão jovem para ser tão educada.

Mas Yazmina sempre sabia quando as pessoas estavam contando histórias, como quando Layla dizia que tinha terminado suas tarefas, e, na verdade, queria ir lá para fora correr com as cabras num dia de sol, e ela achava que Halajan estava lhe contando história agora.

Halajan lentamente puxou a carta do bolso.

— Agora que sei que você sabe ler... — disse ela, deixando no ar.

Seria possível? Yazmina agora entendia. Halajan não sabia ler! Portanto, como teria lido as cartas de Rashif? Será que teria pedido a alguém que as lesse para ela? Ou nunca teria lido nenhuma, pelo risco da vergonha que teria trazido à sua família, reconhecendo a existência das cartas?

— Sim, eu poderia ler suas cartas para você. Se quiser, eu também posso ensiná-la a ler. E ajudá-la a escrever de volta.

— Mostre-me — disse Halajan. — Leia. Vá em frente, leia.

Yazmina abriu a carta e leu:

*Halajan, meu amor,*

*Essa semana, muita coisa aconteceu. Eu recebi uma carta do meu filho, de Nova York. Ele está bem. Sua esposa está esperando um bebê. Serei avô! Sonho com o dia em que poderei vê-los.*

*Também terminei de pagar a conta da minha nova máquina de costura e o gerador para ligá-la. Portanto, terei mais dinheiro para gastar com flores para você.*

*Mais seis pessoas foram mortas ontem, do lado de fora da embaixada russa. Isso só vai piorar. As dificuldades para o Afeganistão começaram novamente, enfatizadas pelo que vem acontecendo no Iraque. Eu jamais tomaria o lado do talibã, ou da al-Qaeda, mas posso ver como a guerra no Iraque criou um exército inteiro de garotos órfãos ávidos para fazerem parte de alguma coisa, encontrarem um tipo de família.*

*Nós temos tanta sorte, você e eu, minha querida Halajan. Conhecemos as verdadeiras alegrias da família. Um dia, muito em breve, nós estaremos juntos, eu e você, e vamos criar uma nova família. Seu Ahmet irá gostar de mim. Eu sei que irá. E todos os anos separados vão desaparecer como fumaça no ar noturno.*

*Por favor, escreva de volta para que eu saiba o que se passa em seu coração. Eu anseio por notícias suas. Vê-la uma vez por semana é maravilhoso, mas uma carta sua seria como se o próprio Mohamed, que ele esteja em paz, tivesse escrito.*

*Seu,  
Rashif*

Halajan abaixou a cabeça. Ela estava chorando, provavelmente as lágrimas que guardara no fundo de um poço, durante todos esses anos.

— Halajan — disse Yazmina, baixinho —, não quero magoá-la. Você me ajudou mais do que palavras podem expressar. E agora eu posso lhe oferecer algo em retorno.

— Tem que ser uma troca — disse Halajan.

— É uma troca. Você está guardando meu segredo — ela pousou a mão amorosamente sobre a barriga, e continuou: — e vai perguntar ao sr. Jack se ele pode ajudar minha irmã.

— Não — disse Halajan. — Guardar seu segredo é uma troca por você guardar o meu segredo. E pedir ajuda para encontrar Layla é o que qualquer boa mulher faria. Porém, pelas cartas, é necessário mais alguma coisa.

Yazmina sabia que o orgulho da idosa era mais forte que o seu, então, pensou a respeito, e sim, havia algo que Halajan podia fazer por ela.

— Tecido — disse ela. — Eu gostaria que você me ajudasse a comprar um pouco de tecido.

— Sim. — Halajan sorriu. Ela não tinha certeza se Yazmina queria fazer sua própria *shalwaar kameez* ou uma coberta para embrulhar o bebê, quando ela o levasse embora, mas isso não importava. Ela sabia que cada projeto que uma pessoa realiza faz com que ela dê um passo mais profundo na vida e fique mais perto de Deus.

## Capítulo 19

Uma hora mais tarde, Halajan e Yazmina estavam a caminho do Mondai-e. Halajan tinha mentido ao filho, que ficou para trás, consertando a privada, dizendo-lhe que elas iam à Chicken Street. Em vez disso, ela e Yazmina pegaram o ônibus, depois seguiram andando pelo quilômetro restante, de cabeças baixas e braços cruzados para espantar o frio, quando ouviram a explosão, sentiram a terra tremer e viram os prédios sacudindo. Elas pararam onde estavam, entraram numa soleira e sentiram o cheiro de fumaça no ar. Então, viram a fumaça subindo acima dos prédios, nas proximidades do lugar para onde se dirigiam.

— Uma bomba — disse Halajan, com o rosto estampado de medo. — No mercado, eu acho. Precisamos correr.

— Espere! — Yazmina tentou chamar Halajan, mas ela já estava bem à frente, correndo diretamente para a explosão, junto com centenas de outras pessoas.

Yazmina sabia que elas deveriam regressar à casa de chá, mas ela não podia deixar Halajan seguir sozinha, então correu o mais rápido que pode, tentando alcançá-la, mais pesada por conta do bebê, esforçando-se para não perdê-la de vista, de olho em sua echarpe roxa. Halajan parecia ter adquirido as pernas e o fôlego de uma criança. Ela era muito rápida e ágil ao entrar e sair do caos das ruas. As pessoas estavam correndo, gritando e sangrando; as sirenes berravam, tentando desesperadamente chegar ao local da bomba. A polícia estava por toda parte, de armas em punho, como se estivesse escondida na sombra, sabendo o que ia acontecer. O céu ficou cinzento com a fuligem e as cinzas; o ar estava pesado e era difícil respirar.

Finalmente, Yazmina alcançou-a, puxou seu braço, pelo cotovelo, e a deteve.

— Halajan, nós devemos voltar.

Ela pode ver que Halajan se esforçava para respirar. Ela estava segurando seu *chador* sobre o nariz e a boca, com o peito arfando, como se não conseguisse puxar oxigênio suficiente.

— Não, eu preciso chegar ao mercado. Eu preciso... Você pode voltar para a casa de chá. Eu irei em seguida. Agora, vá!

— Halajan, você tem que vir comigo. É perigoso demais. Eu ouvi que geralmente há duas explosões; a primeira atrai as pessoas e a segunda é para todos que chegaram.

— Vá para casa e deixe-me fazer o que tenho a fazer.

— Se você for, eu vou também. Não vou deixá-la sozinha.

Halajan e Yazmina ficaram ali, na teimosia, cada uma esperando que a outra cedesse. Quando nenhuma das duas o fez, Yazmina soube que Halajan jamais voltaria para casa sem primeiro ter certeza de que Rashif tinha sobrevivido.

— Certo, mas depressa.

Elas caminhavam rapidamente pelas ruas estreitas, em direção ao rio, enquanto os veículos de emergência passavam por elas, com as sirenes ligadas. As pessoas corriam em todas as direções, gritando, berrando; um homem carregando um menino ferido, a cabeça dele pendendo para trás, uma mulher de burca segurando a mão de uma garotinha que estava sem um sapato e tinha sangue escorrendo pela perna, homens com rifles, homens com armas improvisadas. Quanto mais perto elas chegavam do mercado, mais escuro se tornava o ar, até se transformar numa névoa densa, quase impossível de enxergar.

Ao chegarem lá, elas viram a devastação. Pararam, olharam rapidamente uma para a outra, com os olhos ardendo pela fumaça, e deram as mãos, entrando no meio do caos.

Quando a primeira bomba explodiu, houve um estrondo relativo, um som distante, como um trovão. Mas, trinta

segundos depois, houve uma segunda bomba, muito mais perto. A janela da frente estilhaçou e o muro novinho veio abaixo. Sunny estava sentada no balcão, pedindo suprimentos de Dubai, em seu *laptop*, quando ouviu a primeira e sentiu a segunda. O tempo pareceu se expandir; uma fração de segundo se tornou cinco, como em câmera lenta. A visão do muro sólido e grosso desmoronando, para finalmente vir ao chão, foi algo atordoante. Ela se virou rapidamente para Bashir Hadi, cujos olhos também estavam fixos no muro. Quando ele se virou para ela, as palavras se fizeram desnecessárias. Os olhos dele continham lágrimas, seu rosto estava retorcido de decepção.

Depois que a poeira assentou no quintal da frente, eles foram avaliar o prejuízo. A janela da frente teria que ser completamente substituída; eles tinham comprado vidro extra, da última vez, caso isso acontecesse, mas o muro ficava de frente para a rua e precisava ser completamente reconstruído, pois a parte nova ainda não estava bem seca e sua fragilidade derrubara o restante junto.

Sunny levantou, passou as costas da mão na testa, sacudiu a cabeça e disse:

— Merda!

Embora o muro tivesse sido uma realização e tanto, sua destruição não era nada em comparação com as vidas que provavelmente haviam sido perdidas na explosão. Ainda assim, era frustrante. Às vezes, dava a sensação de que ela tinha dado um pequeno passo à frente e dois longos passos para trás.

Bashir Hadi disse:

— Essa foi por pouco. Considerando que estamos todos bem, isso não é nada. Podemos reconstruir. Em apenas algumas semanas faremos o dinheiro...

Mas Ahmet interrompeu, ao entrar correndo, gritando:

— As bombas! Minha mãe! Yazmina! Elas foram à Chicken Street e não voltaram ainda. Srta. Sunny, eu preciso ir.

— Elas foram ao Mondai-e — disse Sunny, imediatamente. — Deixe-me levá-lo de carro.

— Srta. Sunny, eu acho que não deveria... — disse Bashir Hadi.

— O Mondai-e? — Ahmet disse, com um misto de preocupação e raiva. — Mas ela prometeu...

— Poppy, venha! — Sunny ordenou à cadela, que imediatamente estava ao seu lado. Ela pegou seu *chador*, um casaco e a coleira de Poppy. E então os três saíram pela porta.

Ao entrarem no carro, seu celular tocou. Era Jack.

— Estamos bem — disse ela —, mas Halajan e Yazmina foram ao Mondai-e. Ahmet e eu estamos pegando o carro...

— As ruas estarão bloqueadas em Wal-i-Fatula e na cidade velha. Os veículos de emergência, os soldados da ONU, a polícia. Não vá. E pode haver outra bomba. No carro, você será um alvo fácil. Halajan é esperta, ela vai achar o caminho de volta.

— A menos que tenham se ferido.

— Eu vou de moto. Mas você fica bem aí, onde está. Diga a Ahmet que posso chegar lá muito mais depressa.

Ela não queria discutir.

— Está bem.

Ele não respondeu, por um momento. Será que não confiava nela?

— Certo, me ligue quando elas voltarem.

— E você, tome cuidado.

— Sunny...

— Hein?

— Nada. Apenas tome cuidado, está bem?

— Eu tenho a Poppy. Mas, Jack, quem está protegendo você?

As ruas estavam repletas de vidro quebrado. Os pés de Yazmina estavam sangrando, resultado da pouca proteção de seus sapatos de plástico sobre os rios de cacos. As pessoas estavam correndo em direção à explosão, em vez de fazerem o

contrário, e Halajan queria gritar para que fossem para casa, que correr para o local era exatamente o que os terroristas queriam. Os veículos de emergência passavam em alta velocidade, em ambas as direções — para recolher feridos, os que estavam morrendo, e levá-los ao hospital e regressar para pegar mais.

Uma quadra inteira de lojas estava em meio aos destroços enfumaçados. A loja de vestidos que Yazmina mais gostava, a livraria e várias outras tinham sido levadas ao chão. Mas a loja de Rashif ainda era mais à frente, se é que ainda estava lá.

Halajan, que nunca tinha sido uma pessoa religiosa, que sentia fortemente que as crenças eram precisamente o que mantinha as mulheres aprisionadas — ou atrás das grades ou por trás das burcas —, agora rezava baixinho. Se houvesse um Deus, se Mohamed pudesse, de fato, fazer com que seu povo aceitasse o motivo para que a montanha não viesse até ele, então ele certamente poderia, por favor, deixar que Rashif estivesse em segurança.

*Que tipo de pessoa mata os outros dessa maneira?*, ela praguejava para si mesma. Nem mesmo os animais, que não têm capacidade de falar, raciocinar e pensar, eram tão baixos para serem comparados às pessoas incivilizadas, ignorantes e cheias de ódio que bombardeavam ruas movimentadas.

Finalmente, elas chegaram. A loja ainda estava de pé, mas estava sem luz, com tudo escuro lá dentro. O vidro das janelas da frente havia sido estourado, assim como a porta, que Halajan abriu cuidadosamente. Ao fazê-lo, mais vidro caiu da moldura.

— Tome cuidado — ela disse, séria, para Yazmina. — Você espera aqui. Eu já volto.

— Você não pode entrar sozinha. Quem sabe o que irá encontrar? Talvez até saqueadores e ladrões. É perigoso.

Halajan sorriu.

— E você vai me proteger?

— Você se surpreenderia em ver o quanto sou forte — respondeu Yazmina.

— Eu acho que não me surpreenderia, não. — Ela sorriu e se virou, e as duas entraram pela porta.

— Rashif! — Halajan chamou. — Rashif, você está aqui? Olá!

— Claro que estou aqui. Onde mais eu estaria? — disse ele.

— Eu estava preocupada, pensando que...

Ele correu até ela, mas, ao ver Yazmina, deteve-se e disse:

— Aqui não é seguro. Vocês precisam ir.

Halajan notou que as roupas dele estavam rasgadas e sujas, seu rosto estava enegrecido, sua cabeça sangrava.

— Você está ferido.

A presença de Yazmina impediu mais conversa e Rashif disse, novamente, porém mais sério desta vez:

— Vocês precisam ir. É perigoso. Voltem para casa.

Os olhos de Halajan se encheram de lágrimas. Ela não conseguia entender como, mesmo diante da morte, os antigos hábitos ainda prevaleciam. Até para alguém tão mente aberta como Rashif.

— Vamos embora — ela disse baixinho, para Yazmina, e saiu.

Elas só tinham dado alguns passos, quando ouviram a voz de Rashif chamando por Halajan. Ela virou. Ele estava acenando para ela.

— Você deixou seu pano na loja. Eu sei que gosta de guardar os retalhos — disse ele.

— Espere aqui — Halajan disse a Yazmina. — Só vou demorar um instante.

Halajan seguiu Rashif até o fundo da loja. Ele entregou um saquinho cheio de retalhos de tecido e, pela expressão dos olhos dele, sua carta.

Ela olhou lá fora, para Yazmina, que ajudava um garotinho que estava chorando. Halajan viu Yazmina pegar a mão dele, olhando em volta, à procura de sua mãe. Então, ela disse em voz alta, para Rashif:

— Obrigada. Eu vou usá-los para remendar. — E depois sussurrou: — e vou guardá-los em meu coração.

Ele sorriu.

— Ainda assim — disse ele — você não responde as minhas cartas. Depois de todo esse tempo, olhe ao seu redor. A vida é curta. Num instante, numa explosão, uma bomba estúpida, nós podemos partir. Por que você não me responde?

Halajan parou, olhando, enquanto uma mulher se aproximava de Yazmina e pegava o menininho de seus braços. Halajan estava tentando encontrar as palavras, uma razão, algo a dizer a ele.

— Porque não há palavras para expressar o que sinto.

Rashif riu.

— Você está certa de que essa é a razão? Talvez não compartilhe meus sentimentos. Talvez... — ele desviou.

— Rashif, é claro que compartilho. Como poderia deixar de achar isso?

— Porque nossa comunicação é tão unilateral.

— Eu venho de longe para vê-lo. Você nos mantém próximos quando estamos distantes.

— Imagino que seja justo, mas eu anseio por uma carta sua. Quaisquer palavras serão bem-vindas. Por favor, tente encontrá-las para mim.

— Ah — disse Halajan. — Eu as tenho, sei onde elas estão. É só que meu coração, bem, o momento mais vivo vem quando nossos olhares, e o que flui entre eles, se encontram.

— Isso foi muito bonito.

— Rumi, não eu.

— Você dá uma bela voz a Rumi. Olhe — disse ele, voltando à loja. Ele voltou com um pacotinho na mão: — isso é para você.

Halajan desamarrou a cordinha que segurava o papel pardo no que parecia ser um livro. O medo surgiu dentro dela e fez sua testa suar. Era um livro. Ela sabia que só podia ser uma coletânea de poemas de Rumi.

— Então, leia um para mim — disse Rashif. — Apenas um e eu vou achar que você o escreveu para mim.

— Mas qual? Não tenho como escolher. — Por que ele estava fazendo isso logo hoje? Talvez, pensou ela, fosse por conta do

bombardeio.

— Aqui — disse ele, abrindo o livro ao acaso. — Este. — e apontou para uma página com poucas palavras.

Halajan pegou o livro, fingindo ler o poema para si mesma. Então, ela ergueu os olhos para Rashif.

— Não gosto desse — e ficou folheando as páginas, fingindo procurar pelo poema certo. Então ela parou e disse: — Que tal este? — Ela rezou a Alá para que estivesse na página certa e recitou de cabeça:

*A alma recebe o conhecimento da alma,  
Portanto, não de um livro, ou da língua.  
Se o conhecimento e os mistérios vêm em busca do vazio da  
mente,  
Isso é o brilho do coração.*

Um grande estrondo interrompeu-lhes, e Yazmina subitamente entrou correndo na loja. Não era uma bomba, mas talvez um prédio desmoronando.

— Precisamos ir — disse Halajan, sentindo-se como se tivesse sido poupada de mentir e ser humilhada. — Você conseguiu ajudar aquele garotinho? — ela perguntou a Yazmina.

— Sim, graças a Mohamed.

— Então, tchau — disse Rashif. — Aproveite o tecido. Obrigado pelo meu poema.

Halajan sorriu, triste.

— Venha, Yazmina, precisamos ir. — Ela assentiu em direção ao corte, na cabeça dele: — lave isso, limpe, depois passe uma pomada — e colocou o livro na bolsa.

Rashif respondeu:

— Eu já tive outros cortes antes — e sorriu.

Já na rua, Yazmina instintivamente cobriu a barriga com o braço, como se para protegê-la.

— Precisamos voltar para casa. Esse ar imundo não pode fazer bem para ninguém.

E lá foram elas, pelas ruas dizimadas, voltando para casa, cada uma carregando seu próprio segredo.

Rashif observou enquanto elas iam, olhando da porta quebrada, vendo o tumulto nas ruas. As coisas já haviam se aquietado, agora se escutavam menos sirenes, e a noite tinha sido tomada pelo sono e pelos temores de outro dia.

Todo esse tempo sem uma carta sequer de Halajan. Em princípio, ele achou que seus sentimentos não fossem correspondidos, mas quando ela voltava à sua loja, semana após semana, ele viu que não. Pensou que ela apenas fosse tímida, que não queria compartilhar seus pensamentos. Depois ele acabou desconfiando que ela talvez não soubesse escrever. E talvez também fosse incapaz de ler. Agora, suas suspeitas foram confirmadas. O poema que Halajan tinha recitado certamente não era o poema daquela página, mas foi perto. Se ela tivesse virado mais uma página, teria acertado. Mas, aparentemente, Alá sentiu que era a hora de ele saber a verdade. Todos esses anos e todas aquelas cartas e ela nunca tinha lido nenhuma. Porque não podia. Ele nunca quisera humilhá-la. Mas sentindo o estrondo da bomba sob seus pés, vendo sua destruição, sabendo que pessoas haviam morrido, pessoas amadas, mães, irmãs, crianças, pais — ele tinha que saber, agora, hoje, neste momento. Ele não mudaria nenhum de seus hábitos. Continuará a escrever, a despejar seus sentimentos no papel elegante. E continuará amando sua orgulhosa Halajan. Um dia, em breve, eles estarão juntos, e ele a beijaria, e a ensinaria a ler Rumi por ela mesma.

Jack ia costurando pelas ruas, dirigindo a moto por entre os carros, e via pessoas entrando e saindo, gritando, do local da explosão. Seria quase impossível encontrar Yazmina e Halajan nesse tumulto. Quando ele finalmente chegou à Praça

Massoud, aproximadamente metade do caminho entre a casa de chá e o mercado, veio uma terceira explosão, lançando-o a dez metros da moto, e pedras, destroços e vidro por cima dele.

O que ele não tinha como saber era que, enquanto ele estava ali deitado, com uma dor aguda em seu braço esquerdo e sangue escorrendo da boca, Yazmina e Halajan estavam longe do Mondai-e, quase de volta em casa, durante essa terceira explosão. Então, ele se forçou a levantar e sair de baixo dos destroços, e foi ficando tonto de dor por causa de um corte na cabeça e do braço obviamente quebrado, e seguiu em direção à explosão para encontrar as duas mulheres. Mas ele não conseguiu. Caiu no chão, perdeu a consciência e não voltaria a recobrá-la até que estivesse numa cama de hospital.

Sunny estava em cima do telhado, olhando a cidade. As áreas onde as três bombas haviam explodido ainda estavam iluminadas pelos incêndios que ainda não haviam sido apagados; a fumaça subia ao céu, que assumira um tom alaranjado fantasmagórico por causa do reflexo das chamas e das luzes de emergência. As sirenes apitavam pelo ar noturno, mas a casa de chá estava quieta. Yazmina e Halajan já tinham voltado. Elas haviam feito um curativo nos pés de Yazmina e colocaram tapumes de madeira na janela da frente, e agora todos dormiam em seus quartos, mas ela não tivera notícias de Jack e não dormiria até que tivesse.

Ela temia que Cabul nunca fosse mudar, que a violência incessante e espalhada minasse qualquer potencial para seu povo. E agora, as bombas talvez tivessem ferido alguém muito importante para ela. Onde ele estava? Por que não tinha telefonado? Conhecendo Jack, ele provavelmente estaria ajudando as pessoas a saírem dos destroços, mas também era possível que ele próprio fosse uma dessas pessoas. Quem o estaria ajudando? A ideia de perdê-lo arrebatou-a com força. Se Tommy entrasse pela porta, naquele momento, ela não ligaria como teria ligado meses antes. Por que precisamos de

momentos tão difíceis na vida, como esse, para perceber o que é importante? Ela batia o pé no telhado, desejando ser o tipo de mulher que aprecia os momentos doces, adoráveis.

Então seu celular tocou. Era seu pior pesadelo: o hospital. Ela ficou cambaleante com a notícia, mas não havia tempo a perder. Saiu pela porta e entrou em seu carro, em dois minutos, com Poppy no banco do passageiro.

O hospital fervilhava de gente, a sala de emergência repleta de sangue, gritos e agonia. Sunny nem tentou perguntar na recepção. Em vez disso, foi abrindo caminho e passando pelas portas e correndo pelos corredores, olhando cada cômodo. Pela ligação, ela soube que ele estava vivo. Ela também soube que ele estava ferido, só não tinha ideia da gravidade.

Então, ela o encontrou. Estava numa sala com oito camas e a mesma quantidade de pessoas, com uma variedade de cortes e gessos, pontos e bandagens. Seu rosto estava inchado; a cabeça, enfaixada; e o braço, numa tipoia. Quando ele a viu, tentou sorrir, mas só conseguiu soltar um gemido.

— Que bom ver você também — disse ela, com a garganta doendo, na tentativa de conter as lágrimas.

— Só dói quando eu rio — disse ele, com o rosto todo marcado de hematomas e arranhões.

— Você está uma merda — ela pôs a mão na testa dele, tomando cuidado para não tocar a bandagem que circundava o alto de sua cabeça.

— Mais de cem pontos — disse ele, orgulhosamente. — Nunca mais vai nascer cabelo aí.

Ela riu.

— Ninguém vai notar. Você já tinha tão pouquinho — e ela segurou em sua mão boa, contendo o choro.

— Essa foi por pouco — disse ele, apertando a mão dela.

Ela não teve uma resposta inteligente para isso, então só ficou ali, em pé, segurando a mão dele, até que ele adormeceu. E só então ela se permitiu chorar.

## Capítulo 20

*J*ack veio se despedir. Fazia uma tarde ensolarada, cinco dias depois das bombas que haviam sacudido a cidade. Duas dúzias de pessoas tinham sido mortas e mais de cem ficaram feridas, o que todos julgaram ser um milagre, porque poderia ter sido muito mais. Nesses poucos dias, o Mondai-e já tinha sido limpo e os reparos haviam começado. Sunny não sabia se isso era uma coisa boa ou ruim, mas os residentes de Cabul tinham se tornado eficientes quando se tratava de bombardeios. A janela de vidro da fachada da casa de chá já estava de volta no lugar; os pedaços destruídos tinham sido levados embora, de carrinho. Amanhã era quarta-feira, e eles torciam por bastante movimento, mais uma vez, para começar o processo de angariar dinheiro suficiente para reconstruir o muro.

Sunny estava trabalhando em seu *laptop*, agora que o serviço tinha finalmente sido restaurado, quando Jack entrou pela porta. Seu braço estava engessado, numa tipoia, a cabeça ainda estava com a bandagem para proteger os cem pontos que ele tinha tomado.

Mas hoje ele estava sério. Não sentou em sua mesa habitual, nem fez uma piada, nem acenou para Bashir Hadi. Ele caminhou direto até Sunny e disse, baixinho:

— Eu preciso falar com você. Lá fora.

Ele a pegou pelo braço e eles foram até o pátio. Estava fresco, mas fazia um sol forte, com céu azul. Sunny se lembraria disso mais tarde, quando ela pensasse nessa conversa.

— Eu preciso ir para casa — ele disse, de seu modo direto. Ele sacudiu a cabeça, olhou para o chão e, depois, diretamente nos olhos dela. — Isso que aconteceu, eu, bem, não posso

morrer aqui sem ver meu filho novamente. Ou tentar fazer com que dê certo com Pamela.

Sunny não conseguia respirar. Ela tentou lutar contra as lágrimas, mas elas encheram seus olhos e escorreram pelo seu rosto. *Jesus*, pensou ela. *Isso não tem a ver com você. É sobre ele. Deixe-o ir.*

— Eu não sei se... ou quando... eu não sei — disse ele. — Só sei que tenho que ir.

Mas ela não se deteve em dizer algo.

— Você já esteve em situações muito mais perigosas do que aquela bomba imbecil. Sim, você quebrou o braço, tomou alguns pontos. Mas você já passou coisa muito pior. Sua família sabe o que você está fazendo, o quanto seu trabalho é importante — ela detestava soar tão egoísta e tola.

— Eu sei. Mas algo nisso... não foi só o que aconteceu... Eu sei que é só um braço quebrado, claro! Mas Cabul... o país inteiro está mudando e, olhe, só vai ficar mais perigoso. Não posso deixar meu filho sem pai. E, Sunny, você também deveria pensar em partir. Em voltar.

Sunny sabia que o que ele estava dizendo era verdade, mas ela não conseguia pensar em deixar Cabul. Ainda não. Ela não tinha terminado. Algo a prendia. E quanto a Tommy? Ele apareceria, cedo ou tarde... se ainda estivesse vivo.

— Mas — Jack continuou — sem você, tudo pareceria...

— Eu?

— Você precisa saber.

*Não*, pensou ela, *não diga que você está indo embora, não agora.*

— O que quer dizer? Saber o quê?

Ele respirou fundo uma vez, e depois outra, como se não tivesse ar suficiente no país inteiro para chegar aos seus pulmões. Então ele a puxou pelo cotovelo, pela porta da frente, e, vendo Bashir Hadi na cozinha e mais ninguém no salão, ele a puxou para dentro do armário e fechou a porta. Ele disse:

— Sunny — e a beijou.

Ele a beijou de um jeito que ela nunca tinha sido beijada. Os lábios dele se abriram, e os dela também, e ele pressionou seu corpo junto ao dela, na parede. Eles poderiam ter feito amor ali mesmo, mas sabiam que o que estavam fazendo já era desrespeitoso e tolo o suficiente. Ele recuou.

— Eu não sei quando voltarei — sussurrou ele, afagando os cabelos dela. — Nem se...

— Não vá. Eu sei que não deveria dizer isso. Mas, por favor, não vá.

Ele segurou o rosto dela com a mão boa e disse:

— Era só isso que eu queria ouvir de você.

— Isso me faz horrível, não é? Você quer voltar para casa, para sua família, seu filho, sua *esposa*, e eu digo não. — Ela tentou desviar o olhar, mas a mão dele segurou-a ali. Os olhos dela estavam transbordando de lágrimas.

Ele a beijou novamente; desta vez, suavemente, agora com a mão em seu pescoço.

— Eu te vejo — disse ele, e depois se foi.

Yazmina viu Jack sair do armário e depois caminhar para fora da casa de chá. Ela estava decepcionada, porque achou que talvez esta noite Halajan fosse falar com ele sobre Layla, agora que ele tinha saído do hospital e estava em pé novamente.

Então Sunny apareceu do armário e fechou a porta. Ela sorriu para Yazmina, embora parecesse constrangida e triste. Ainda assim, Yazmina não pôde evitar perguntar:

— O sr. Jack voltará *zut*?

Sunny alisou a blusa sobre o *jeans* e passou a mão nos cabelos. Ela não olhou para Yazmina, mas disse:

— Eu não sei, Yazmina, se ele voltará logo. Quem pode saber? E eu não me importo.

Yazmina se sentiu fraca e se segurou no encosto de uma cadeira, para se equilibrar. Se ele tinha partido, não haveria chance para que elas chegassem a Layla até que a neve tivesse desaparecido das montanhas. Ela voltou para as suas

tarefas de limpeza e foi tomada de tristeza. Por Sunny, por Jack e por sua amada irmã, cujo destino estava escrito pelos chefões das drogas. E agora não havia meios, nem na terra, nem no céu, de mudar isso.

## Capítulo 21

*I*sabel não conseguia parar de pensar no que acontecera com a mulher e o bebê no campo de papoulas. Ela tinha consciência das possibilidades, e eram poucas: ela havia sido surrada, talvez hospitalizada, ou até morta; tinha sido mandada para a prisão, onde eram colocadas as mulheres que cometiam “crimes morais” como adultério, casar com homens de sua própria escolha, fugir de um marido tirano ou envergonhar a família; tinha sido colocada em um sanatório, para onde as mulheres eram enviadas pelos mesmos motivos; ou tinha morrido de autoimolação, a terrível decisão tomada por um número cada vez maior de mulheres afegãs que cometiam suicídio se encharcando de óleo de cozinha e ateando fogo ao próprio corpo.

Na casa de chá, naquela noite de quarta-feira, depois de várias xícaras de vinho, ela disse a Sunny aonde ia e o que ia fazer, caso não voltasse, em uma semana. Ela pegou um bloco e uma caneta, rabiscou algo, arrancou o pedaço de papel e entregou a Sunny.

— Aqui está o número do meu chefe, na BBC, e do meu produtor também. E aqui está o telefone do meu primo, em Londres, com quem não falo muito, mas tenho esperanças de que o velho bobão possa ajudar, se você precisar. Obrigada, Sunny. Eu sei que nós não somos amigas há muito tempo, mas tem uma coisa legal entre a gente, não concorda?

Sunny dobrou o papel num quadrado caprichado e enfiou no bolso do *jeans*.

— Nada vai acontecer com você — disse ela, pousando sua mão sobre a de Isabel. Então, numa tentativa fútil de levantar

o astral, ela acrescentou: — portanto, pare com essa porcaria de rainha do drama.

Mas Isabel não sorriu.

Sunny inclinou-se em direção a ela.

— As mulheres desaparecem o tempo todo neste país. Não que não devamos nos preocupar, mas por que isso é tão importante para você? Não foi sua culpa. Você a viu fumando. Viu quando ela apanhou. É para isso que estava lá. Para ver.

Isabel tomou, numa golada, uma xícara do vinho que ela trouxera.

— É isso que nós, jornalistas, fazemos, sim. Nós vemos. E depois não fazemos droga nenhuma a respeito.

— Mas você faz. Sem você...

— Desculpe, amor, mas sem mim o mundo continua girando.

Sunny se endireitou e pôs as mãos no quadril:

— O que há com você essa noite, hein?

— Eu? Eu conheço um pouquinho sobre violência. Sobre mulheres que... — Isabel sacudiu a cabeça para conter as lágrimas que surgiram em seus olhos. — Ai, droga! — ela se sentia ridícula. Era por causa da porcaria do vinho.

— O que é? — perguntou Sunny.

Isabel não respondeu. Ela só desviou o olhar.

— Venha comigo — disse Sunny. E ela levou Isabel até o telhado.

A noite estava perfumada, os ventos da primavera sopravam das montanhas, ao leste. O céu estava escuro, mas não preto ainda. Agora o sol estava se pondo mais tarde e havia um borrão forte de vermelho e roxo onde o céu encostava na terra. A silhueta do cavalete de Sunny contrastava na pouca luz, suas tintas e paleta sobre uma mesinha.

— Então, estamos sozinhas. Você pode conversar comigo — disse Sunny.

— Quem pinta? — perguntou Isabel, adiando.

— Acho que sou eu.

— Eu não sabia.

Sunny olhou para o cavalete e sacudiu a cabeça.

— Eu não digo a muita gente. É só um *hobby* bobo. Mas logo saberão, porque eu estou pensando em pintar o muro novo. Agora, por favor...

— Você quer dizer um mural? De quê?

— Eu não sei. Animais, uma selva. Ridículo, certo?

— Não sei quanto à selva, realmente. Talvez algo mais... eu não sei, *indígena*, talvez, para Cabul?

— Faz sentido — disse Sunny, inclinando a cabeça. Ela ficou magoada pelo tom sarcástico de Isabel, mas sabia que algo maior a incomodava e tinha a intenção de descobrir o que era.

Isabel caminhou até a beirada do telhado e olhou a cidade. Ela ficou em silêncio por um longo tempo.

Sunny caminhou até ela, pôs a mão em seu braço e finalmente disse:

— Sabe, às vezes é melhor falar sobre...

Isabel recuou sem olhar para ela.

— Não é nada demais.

— Acontecem coisas na vida da gente que pensamos que ninguém mais pode entender.

— Isso é verdade.

— Mas você se surpreenderia.

Isabel girou e olhou-a.

— Ah, é? O que aconteceu com você, Sunny? O que aconteceu com você, que você não pode falar a respeito? Fumou muita maconha? Ficou bêbada? Fez sexo com o cara errado? Ora, vamos, Sunny. Há coisas e coisas.

— Você acha que tem a sorte das coisas ruins? Que é a única? — Sunny franziu o rosto e assentiu. — Isso a faz se sentir mais especial? E lhe dá motivo para ser distante, indiferente e bem britânica?

Isabel sentia a raiva subindo, seu sangue pulsando.

— Que porra você sabe?

— Isso é o que eu sei. Eu sei o que é apanhar do seu próprio pai. E estou falando de verdade, com o punho fechado, como ser lançada ao outro lado da sala. Eu sei como é ver sua mãe ser surrada pelo marido, depois implorar para que ele não a

deixe. Até que ele finalmente o faz, e depois ela passa o resto da vida se lamentando, em depressão, acendendo um cigarro após o outro.

Isabel olhou para ela, com as feições abrandando, um pequeno sorriso se formando.

— Nada mal.

— É a verdade — disse Sunny. — Agora, me diga.

— Então, tudo bem — disse ela, baixinho. — Eu lhe direi. Eu fui estuprada. Está bem?

— Isabel — sussurrou Sunny.

Isabel desviou dela.

Depois virou de volta, com o rosto zangado, o peito arfando.

— Em Serra Leoa, ano passado. Com uma faca no pescoço. Como se não fosse o bastante, o escroto ainda me bateu no rosto, com a coronha do rifle e arrancou meus dentes da frente. — Ela deu um sorriso de maluco. — Está vendo? Mais branco que o branco. Mais falso que o falso.

— Eu lamento. Isso é algo a ser superado.

— Pode-se dizer isso. É uma daquelas coisas que marcam a sua vida, como o “antes e depois do estupro”. — Ela virou a cabeça para o céu que escurecia e respirou profundamente, erguendo o peito: — olhe só essas estrelas. Onde quer que você esteja, Londres, Los Angeles, Serra Leoa, Cabul, o céu é sempre o céu. Pelo menos, uma coisa é certa: não importa em que lugar do mundo você esteja, se é antes, ou depois. Mas eu era diferente.

Sunny estava quieta, sabendo que Isabel tinha mais a dizer.

E ela tinha:

— Sabe, eu sou judia.

— Quando você falou da sua família e dos nazistas, eu imaginei. Mas o que tem isso a ver?

Isabel sacudiu a cabeça.

— Eu não sei. Tendo sido estuprada... e ser judia. Minha mãe sobreviveu ao Holocausto, depois escondeu seu judaísmo a vida toda. Não é muito diferente da mulher fumando ópio. Nós,

muçulmanos e judeus, somos assim — e ela enlaçou dois dedos com força. Muito próximos.

Sunny riu.

— Você é a minha primeira, sabia.

Isabel ergueu as sobrancelhas.

— Sua primeira o quê?

— Você, Isabel Hughes, é a minha primeira judia.

— Ai, meu Deus, e eu estou dizendo isso literalmente. Como pode ser?

— Eu cresci em *Arkansas*. Numa *cidadezinha*. Não havia judeus lá. Então, vim para cá. Não há judeus aqui. Bem, tinha um.

— Obrigada. Fico contente pelo apelido. A Única Judia em Cabul.

— Não tem graça, eu não quis dizer você. Há outro.

— Há *outro*? *Outro*? Significando *somente um*? Como foi que isso deixou de ser detectado pelo meu radar jornalístico?

— Sério, a família dele foi embora, todos de sua comunidade partiram, mas ele ficou. Não tenho certeza do porquê. O que faz uma pessoa ficar num lugar tão ameaçador, quando está sozinha? — ela podia ter feito essa pergunta para si mesma, ou para Isabel, Jack, Candace. Até Yazmina. E ocorreu-lhe como todos eles eram O Último Judeu em Cabul, forasteiros solitários com histórias problemáticas num país arrasado pela guerra.

— Quem sabe? Mas todos nós encontramos meios de lidar com isso, não é? Soberbos na autoproteção.

— Ou negação.

— É — Isabel riu. — Falando nisso...

Sunny virou de frente para Isabel e seu rosto agora estava iluminado pela lua. Era um rosto lindo, inteligente. De sua amiga.

— O estupro. Isso não me define. Ao menos, eu faço uma tentativa magnânima para não deixar. E isso não é para conhecimento geral. Só que às vezes...

— Eu prometo. Nem uma palavra para ninguém. Além disso, nós somos muito mais do que apenas algo que nos acontece,

sabe? Ambas somos provas vivas disso. Você, moça, é muito mais.

— Sim, sou sua primeira judia! — ela riu, com os cabelos negros brilhando sob o luar.

Sunny riu também e as duas amigas voltaram lá para baixo, para a casa de chá, para beber vinho, ouvir música e aproveitar o resto da noite. Mas as palavras “antes e depois” ecoavam nos ouvidos de Sunny. Ao olhar o salão e olhar sua amiga, ela pensou na experiência que mais lhe modificou. Era óbvio: para ela, já havia um “antes de Cabul” e, se fosse embora, para sempre haveria um “depois de Cabul”.

## Capítulo 22

*E*ra de manhã cedo e Sunny estava lá no pátio, de jaqueta de couro, feliz por ter tirado o casaco *jeans*, com uma echarpe na cabeça e ao redor do pescoço, bebendo café. Ela estava sentada num banquinho, de joelhos separados, com um carvão artístico no chão. Estava frio, mas não como tinha sido no inverno. Ela recostou a cabeça e inalou. Até o cheiro estava diferente. Já estava quente o bastante para que as pessoas acendessem menos as lareiras, mas ainda fresco o suficiente para que o cheiro dos esgotos não tomasse conta do ar. Ela fechou os olhos e pôde sentir o ar perfumado dos pinheiros que varriam o Hindu Kush, do outro lado da bacia e dentro de seu quintal da frente.

O muro tinha sido reconstruído. A casa de chá estava a um passo de receber uma sanção da ONU. Agora, tudo o que eles tinham a fazer era por o adesivo contra estilhaços nas janelas, construir uma sala forte e a missão estaria cumprida. A casa de chá seria colocada na lista de lugares aprovados para estrangeiros. Se Jack voltasse, ele ficaria satisfeito.

Sunny pegou um pedaço de carvão e sentiu a leveza na mão. O plano era começar devagarzinho, primeiro fazendo o rascunho em carvão, direto no muro, depois mergulhar com os acrílicos. Essa era a parte difícil, fazer as imagens direito, ter disciplina para terminar, antes de pintar. No fim das contas, seria uma cena de floresta, com mata e folhagem, flores exóticas, animais de todo tipo: tucanos e tigres, macacos e araras, cobras e lagartos. Ela pintaria em cores vivas, não realisticamente, mais do tipo de mural escolar, simples e extravagante.

Usaria tintas baratas, pois era o que havia disponível na Paint Street. Ela comprou preto, branco, vermelho, azul e amarelo, e as misturaria para fazer sua paleta de outras cores. Usaria pincéis baratos da loja de tintas e guardaria seus pincéis melhores, que tinha comprado em Dubai, para as pinturas em telas.

Poppy ficava lá fora com ela, às vezes correndo atrás das moscas, ou latindo para cães selvagens que sempre passavam na rua, do lado de fora do portão; às vezes deitava ao seu lado, com as patas esticadas, no calor do sol. Às vezes, Ahmet até brincava com ela. Sunny adorava essa nova amizade e achava que talvez estivesse havendo uma mudança em Ahmet. Ela notara a forma como ele falava com Yazmina, dirigindo-se a ela atentamente; mas como poderia deixar de ser? Ela era tão linda. Quem poderia saber o que aconteceria, depois que ela tivesse seu bebê, devido ao comportamento tradicional de Ahmet? Será que ele amoleceria para o bebê, como fizera com Poppy? Era difícil prever; homens são orgulhosos e estranhos, e os afegãos são mais complexos que a maioria.

Ainda bem que ela tinha esse projeto, ou então ficaria frenética por causa de Jack. Ela sentia muita falta dele, aquele último beijo ainda permanecia em seus lábios, seu gosto ainda estava em sua lembrança. Ela sentia falta de suas piadas, de sua amizade. Sentia falta de sua presença sólida e forte, nesse lugar que podia ser tão caótico. Sentia falta da forma como ele a fazia rir. Sentia falta de tudo nele. E estava preocupada, pensando que ele talvez nunca voltasse.

*Por que será que os homens de sua vida sempre partiam?*, pensou ela, enquanto desenhava o bico do tucano. Seu pai, há tantos anos, quando ela era pequenininha, depois Tommy, e agora Jack. Quando Sunny levou seu primeiro namorado em casa, depois de ver suas tatuagens e ouvir seus grandes planos de abrir uma loja de discos usados, sua mãe lhe dissera que suas expectativas com homens eram terrivelmente baixas, assim como as dela haviam sido.

Bem, mãe, pensou ela, ao terminar o corpo do tucano, e depois desenhar uma folha grande para cobrir metade, eu lhe provei que você estava errada. Suas expectativas não eram baixas. Olhe para Jack. Ele era um partido maravilhoso. Aparentemente, maravilhoso demais para ela.

Ela olhou para o que havia desenhado e fez o que vinha fazendo todos os dias, há uma semana. Pegou um pano molhado e limpou o desenho da parede, deixando-a como a encontrara: vazia, exceto pela mancha de carvão.

Mais tarde, naquela noite, depois que todos os clientes tinham partido, a casa de chá estava quieta e Bashir Hadi tinha ido para casa, Halajan estava assistindo a uma novela indiana, Yazmina limpava o chão e Sunny estava em seu computador, no balcão. Dava pra sentir uma nova onda do cheiro de água sanitária cada vez que o esfregão molhado era passado no chão. Yazmina parecia distraída, pela forma como quase jogava o esfregão no chão, depois de volta no balde, quase deixando virar, toda vez. A cada batida, Poppy erguia a cabeça, olhava para Sunny, via que ela estava bem e deitava de novo. O relógio fazia seu tique-taque, o esfregão batia no chão e o dia tinha quase terminado.

Então, a porta abriu e fechou com uma batida.

Sunny achou que fosse Ahmet, que vinha toda noite e acompanhava a mãe na subida da escada externa, até sua casa, então, ela nem ergueu os olhos.

Ahmet disse:

— Srta. Sunny...

E Halajan disse:

— *Ma khoda*. Oh, meu Deus.

E Poppy latiu e correu até a porta.

Então, veio uma voz de homem:

— E aí, gata.

Somente um homem se atrevia a chamá-la assim. Sunny ficou tão perplexa que derrubou uma garrafa d'água. Ela

levantou e empurrou o banco para trás com tanta força que ele caiu ruidosamente no chão. Ela teria acendido metade de Cabul se seu choque fosse convertido em eletricidade.

— Sentiu minha falta? — e veio aquele sorriso gigantesco pelo qual Sunny se apaixonara, tantos anos antes.

Ela tentou responder, mas sua garganta estava fechada. Seu coração batia tão forte que ela achou que todos podiam ouvir.

— Tommy — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Então, no fim das contas, você não está morto — Sunny disse a ele, mais tarde, quando todos tinham ido para casa. Ela deu um gole na xícara de vinho. Agora estava se acalmando, e começava a sentir raiva. Talvez a fase dois das “sete fases de reação quando uma pessoa que você ama volta, depois de meses sem contato”, sendo a fase um o choque; a fase dois, a raiva, e ela sabia qual seria a próxima fase, quando sentisse.

— Você parece decepcionada.

— Faz cinco meses!

— Era o meu *trabalho*. Eu não tinha escolha, se quisesse ser pago.

— Você poderia ligar, talvez. Mandar um *e-mail*, pelo amor de Cristo. Para que eu soubesse que você estava bem. Dar alguma pista de que voltaria.

— Não estou negando que o dinheiro não era extraordinário, inacreditável, e essa é a porra da verdade. Mas era mais que isso. Era importante. A primeira vez na minha vida. Eu sabia que você entenderi...

— Faz cinco meses! — ela sabia que já tinha dito isso, mas repetiu, assim mesmo.

— Mas você certamente está bonita — disse ele, com aquele seu sorriso. — Até mais jovem do que quando eu parti. Gosto do seu cabelo mais comprido. — Ele esticou a mão para tocá-lo, mas Sunny recuou.

— Você não me ligou, nem mandou um *e-mail*, nada. O que eu deveria pensar?

— Eu não pude. Eram ordens.

— Você fala como se estivesse numa missão da CIA ou algo assim. Tente deixar de ser tão egocêntrico — agora, ela estava zangada.

Ele também.

— Mas se nós tivéssemos casado, quando eu quis...

Sunny estava fazendo todo o possível para não pular por cima da mesa e arrancar-lhe os olhos. Não que isso fosse errado. Mas isso apenas delataria seus sentimentos, e ela não queria lhe dar esse prazer. Ele não merecia.

— Você está me dizendo que se eu fosse sua esposa você poderia ter ligado? Mas porque era sua namorada de um milhão de anos você não pode? Isso é conversa fiada.

— Sunny, são os militares. Eu não podia lhe dizer. Se você tivesse se casado comigo, quando eu pedi, tudo teria sido diferente.

— Mas eu não casei, não é. Além disso, você não trabalha com os militares.

— Eu estava fazendo o trabalho sujo para os militares, está bem? Mas ainda assim tinha de seguir as porras das regras, como nada de namoradas. Mas agora pode ser diferente, estou de volta. Aqui, para você. — Ele parou, olhando para ela: — isto é, se você ainda me quiser.

Sunny levantou. Ela mal conseguia olhar para ele, que continuava lindo. Seus cabelos alourados caindo nos olhos, aqueles olhos azuis deslumbrantes, sua pele bronzeada, seu corpo esguio e alto. Ela teve de desviar o olhar.

— Você acha que pode ficar longe por todo esse tempo, sem me dizer para onde foi, sem se comunicar de forma alguma, e voltar achando que tudo será igual?

— É. Por que não? Essa vez não foi muito mais tempo que o habitual. Eu te amo, você me ama, ou amava. Pelo menos, eu acho que amava.

Ela se virou para ele.

— Você sabe que eu amava. Mas, por algum motivo, desta vez pareceu mais tempo. Pareceu diferente.

— Por quê? Por que desta vez?

Ela desviou o olhar.

— Ai, Jesus, tem outra pessoa? — perguntou ele.

— Eu não sei — disse ela, o que era verdade. Então, ela acrescentou: — não há outra pessoa — pois não havia. Ela sentou novamente. — Mas muita coisa aconteceu.

— Você não sabe, é? — ele olhou ao redor da casa de chá. — Bem, está mais bonito aqui. Você fez algumas mudanças, não foi? Está pintando o muro, ei, você fez mais alto, está indo atrás daquela autorização da ONU, não é? Está com algumas afegãs trabalhando. Você tem um cachorro! Vem cá, garoto!

Poppy não se mexeu de sua cama.

— É *fêmea*.

— Então, vem cá, *garota* — disse ele. Mas Poppy continuou onde estava. Tommy riu e sentou em sua cadeira, inclinou a cadeira nas pernas traseiras, cruzou os braços. — Eu sabia que você ficaria bem. Eu nunca tive que me preocupar com Sunny.

Ele esticou o braço e pousou a mão sobre a dela. As mangas da camisa dele estavam enroladas até os cotovelos e seus antebraços pareciam fortes; as mãos, bonitas. Ela mal conseguia respirar.

Mas ela levantou novamente. Não deixaria isso acontecer.

— É tarde. Você precisa ir.

— O que você quer dizer com ir? Eu moro aqui...

Ela sacudiu a cabeça.

— É demais. Você está aqui, num minuto; depois, some três meses. Depois, some por cinco. Da próxima vez... quem sabe? E você não mora aqui. Você ficou aqui, entre suas idas para todos os lugares. Acho que você tem uma camisa aqui, talvez.

Agora Tommy levantou.

— Mas estou aqui, agora, Sunny. Quero ficar — e foi até ela, segurou-a firmemente nos braços, puxou-a e a beijou profundamente, por um longo tempo.

Ela nem tentou se afastar. Tinha esperado tanto por esse momento. Eles foram para o quarto dela, onde a lua de Cabul brilhava através das janelas. Ele a beijou novamente, desabotoou sua camisa, pousou a mão em seus seios, entre

suas pernas. Era quase como se nada tivesse mudado entre eles, depois de todo esse tempo, exceto por uma grande coisa: Tommy estava aqui, com ela, mas sua cabeça estava em outro lugar, em outra pessoa. Então, ela recuou, deu um beijo no rosto dele e mostrou-lhe o caminho da porta.

## Capítulo 23

*I*sabel teve de deixar os olhos se ajustarem à escuridão antes de identificar o longo corredor de pequenas celas de grades pintadas de azul. Na prisão de Pul-e Charkhi, a iluminação era fraca, o teto era baixo, as janelas não tinham vidro, não havia eletricidade e a comida às vezes era apenas dois pedaços de pão chato por dia; no entanto, ela ficava ao lado da Chicken Street, do outro lado da rua das lojas de *souvenirs*, pedras de lápis azul e jaquetas de couro. Havia pelo menos oito mulheres ali, junto com seus filhos. Isabel pode ouvir um bebê chorando. Ela sentia o cheiro de urina e corpos não lavados.

Ela entrara na Pul-e Charkhi com a ajuda de Sunny, que a apresentara ao Ministério das Mulheres e depois ajudou a subornar o carcereiro. Passando o arame farpado e a entrada fortemente vigiada, ela foi levada para o interior, onde a revistaram, em busca de armas, e lhe disseram que deixasse a bolsa na sala da frente. Não podia levar lápis e canetas, nem câmeras. Ela foi acompanhada por uma "guia", uma mulher parruda com seios imensos e caídos, e um rosto cinzento e opaco.

Era difícil ver seus rostos, mesmo sem as burcas. Elas usavam echarpes rusticamente tecidas e pesadas nas cabeças, mas os rostos que ela via estavam sujos e elas puxavam as echarpes para esconder seu constrangimento. Isabel via os olhos fulminando-a como um *laser*. Havia várias mulheres que sofriam de leishmaniose, com feridas e crostas gotejantes no rosto; outras pareciam tão esqueléticas quanto as vítimas do campo de concentração cujas fotos sua mãe lhe mostrara, quando ela era menina; uma estava amamentando um bebê que berrava, incapaz de saciar a fome com o leite minguado

dos seios; e outras apenas olhavam, com os olhos fundos e apelativos.

Mas entre os rostos, Isabel não viu a mulher que tinha apanhado na fazenda de papoula. Ela não acreditava, realmente, que fosse encontrá-la, nem que ainda estivesse viva. Mas seu treinamento jornalístico a forçava a buscar por uma história maior que o desaparecimento de uma mulher, certamente maior que a história sobre a pulverização das papoulas. Então, de Cabul, ela pretendia voar ao norte, a Mazar-e Sharif e até Lashkar Gah, capital da província de Helmad, comandada pelo talibã, onde as prisões detinham centenas de mulheres.

Ela sentiu um puxão na *kameez* e olhou abaixo. Uma jovem, uma menina suja, bem magra e pálida, que obviamente havia sido uma beldade, estava sentada junto às grades de sua cela, olhando para ela, com a mão estendida. Ela disse algo inaudível. Isabel agachou para ouvi-la.

— Por favor — sussurrou ela. — Por favor, me ajude.

A garota sabia inglês, mas sua guia e as outras mulheres, não, então ela e a menina podiam falar livremente.

— Por que você está aqui?

— Eu fui vendida — ela desviou o rosto, constrangida.

— Tudo bem. Você pode me contar. Você foi vendida para ser...

A mulher não conseguia falar. Isabel olhava, vendo as lágrimas tomarem seus olhos, escorrendo dos cílios negros, rosto abaixo.

Finalmente, a garota disse:

— Para homens. Fui vendida para homens.

— Então por que está aqui? O que aconteceu?

— Um dia, eu... eu simplesmente não pude mais, eu... — ela pôs o rosto nas mãos.

Mas Isabel pressionou:

— Há quanto tempo está aqui?

— Seis Ramadans — disse ela.

Isabel lutou para não erguer a voz.

— Seis anos? Você não pode ter mais de dezoito anos!

— Agora tenho dezenove.

— Tem alguém ajudando você? Alguém veio aqui?

A menina assentiu.

— Uma advogada estrangeira vem, mas a única coisa que pode me tirar daqui é dinheiro. Eu sou órfã, não tenho ninguém. — Ela desviou o olhar, depois olhou diretamente para Isabel e implorou, desesperadamente: — por favor, estamos famintas. Não temos água limpa. Eles nos machucam, fazem coisas...

A guia então empurrou o ombro de Isabel, impelindo-a a seguir em frente.

Mas ela se virou para olhar a jovem. Seus olhos negros mostravam séculos de dor.

— Por favor, me ajude — disse ela, o que fez o corpo inteiro de Isabel estremecer, sob o peso da responsabilidade e do desejo de agir por ela, ali, agora.

Novamente, ela sentiu o cutucão nas costas e a voz zangada da guia dizendo para ela andar.

Isabel teve de deixar a jovem, mas não sem antes assentir e dar um aperto forte em sua mão, enquanto sussurrava:

— Eu vou tentar. Eu prometo.

Em outra sala, havia várias mulheres com crianças mais velhas. Uma delas segurava uma menina de três anos, e a mãe lhe mostrou que a menina não conseguia andar.

— Olhe em volta — disse a mãe, em *dari*.

A combinação do *dari* limitado de Isabel e os gestos da mulher ajudaram Isabel a entender o que veio a seguir.

— Está vendo um lugar para uma criança se mover? Mas que escolha tenho eu? Não tenho família. Não tenho ninguém.

Isabel tinha ouvido que as mulheres se jogavam no rio, para se afogarem, junto com os filhos, preferindo morrer a serem aprisionadas. Só agora ela entendia. Era melhor viver na rua, mendigando.

Isabel partiu logo depois. Sabendo que tentar achar aquela mulher em outra prisão era uma tolice, ela retornou ao campo

de papoulas onde a vira pela primeira vez, e lhe disseram que ela e o bebê tinham partido, embora ninguém soubesse para onde. Mas a expressão do homem que batera na mulher dissera a Isabel tudo o que ela precisava saber: a mulher provavelmente estava morta; o bebê, se fosse menino, seria cuidado até poder ser treinado para lutar pelo talibã, e depois morrer como mártir. Se fosse uma menina, já estaria morta, ou vendida, para se tornar uma escrava sexual dentro de alguns anos.

Agora Isabel tinha uma história para escrever. Não era sobre papoulas, nem pulverização, ou o conluio do governo com os chefões do tráfico, ou a corrupção dos oficiais da lei, ou os bilhões de dólares ganhos com a produção de ópio. Era sobre as mulheres presas durante anos, atrás das grades, por se recusarem a fazer sexo, por serem vítimas de estupro ou maridos tiranos, ou por se tornarem viciadas em ópio. Era uma história sobre crianças sendo criadas atrás das grades com elas. A história se resumia nas três palavras de uma jovem: *por favor, ajude.*

## Capítulo 24

— Sunnyjan, *besyar*, eu fiz algo para você — disse Yazmina.

Sunny ergueu os olhos do *laptop*, em que estava fazendo um pedido de carne a seu fornecedor em Dubai. Os hambúrgueres de Bashir Hadi tinham se tornado famosos, e às vezes era difícil para Sunny manter carne moída em estoque. O muro alto tinha feito sua mágica com os estrangeiros, entediados pelos mesmos velhos lugares, e eles vinham felizes para experimentar um novo cardápio e tomar um café expresso de verdade.

Yazmina estava do outro lado do balcão, com uma peça feita de um lindo tecido lilás dobrada sobre o braço.

Ela o estendeu para Sunny:

— Como meu *tashakur* por tudo o que você fez por mim.

Sunny olhou nos olhos de Yazmina e sabia que não devia discutir.

— É muito bonito — disse ela, gentilmente tocando o material sedoso.

— Eu mesma que fiz, Sunnyjan. Fiz à mão. Para você. Por favor — disse ela, segurando novamente, envergonhada —, *loftan*, vista. Eu quero ver se serve.

Então Sunny o pegou e amorosamente tocou o bordado feito à mão. Era um presente tão pessoal e bonito. Ela beijou Yazmina três vezes.

— *Tashakur*, Yazmina. Eu vou vestir.

— *Bali*, *loftan* — respondeu Yazmina, baixando os olhos. Seu rosto estava corando.

Sunny foi para seu quarto, tirou as botas, o *jeans* e o suéter e vestiu a calça que era para ser usada embaixo do vestido, depois colocou o vestido por cima da cabeça. Ela se olhou no

espelho e sorriu. O vestido ficou perfeito. Assim como a calça por baixo. Não era como nenhum outro vestido de Cabul, com suas dobras e gola esculpida, seu trabalho em miçangas e estrutura simplesmente perfeita. Ela alisou o vestido no quadril, ajustou a gola, calçou seus sapatos sociais e voltou ao café.

Yazmina estava esperando por ela ansiosamente, andando de um lado para o outro. Quando Sunny entrou, ela parou e olhou-a.

— O que acha? — perguntou Sunny.

— *Wah, wah, wah*, Sunnyjan, muito *bonita* — sussurrou Yazmina.

Sunny girou e posou, e as duas mulheres riram. Yazmina puxou os punhos, ajustou a peça sobre os braços de Sunny e checou a bainha, no joelho, para ter certeza de que estava reta. Ela remexeu na linha da gola, para ficar exatamente como imaginara.

— Yazmina, como você aprendeu a costurar assim? Desenhar um vestido desses exigiria muita prática, mesmo de uma costureira experiente.

— Minha *madar* me ensinou a costurar vestido comum. Mas esse, eu não sei. É algo do meu coração, algo que Alá me deu. Eu só precisava de alguém para quem costurar. Então, *tashkur* por me dar a oportunidade.

— Eu vou vestir esta noite, para exibir pra todo mundo que vier ao café. O que me diz, Yazmina?

— *Az shuma tashkur* — então, Yazmina virou-se e voltou a arrumar as mesas.

Mais tarde, naquela noite, quando os ventos de março refrescaram o ar poeirento de Cabul, o salão borbulhava de conversas e aromas gostosos, vindos da cozinha. Bashir Hadi estava junto ao balcão, reinando sobre o seu território, sorrindo de orelha a orelha, orgulhoso pelo que havia realizado.

— Srta. Sunny, em apenas mais uma semana nós poderemos comprar o adesivo para as janelas e começar a construção da sala forte. Estamos à toda!

Sunny riu da expressão.

— E, olhe, nós só tivemos que construir o muro duas vezes. Poderia ter sido pior.

Então, Candace entrou. Ela entregou o casaco a Ahmet, que estava trabalhando lá dentro, esta noite, por causa do movimento. Seu amigo Khalid estava lá fora, junto ao portão.

Ela pediu uma boa mesa, longe da porta da frente e da cozinha:

— Quero dizer, é tão quente e tão barulhento que eu nem consigo pensar.

Halajan, que inventou a expressão “não sofro com tolos”, não tinha a menor paciência para o comportamento da “Princesa” Candace.

— Essa é a única mesa disponível — disse Halajan, apoiando-se no encosto de uma das cadeiras. Era bem junto à porta da frente.

— Então eu vou esperar por outra — respondeu Candace, cruzando os braços e olhando ao redor do salão, para ver que mesa poderia pagar a conta mais rápido.

— Pode esperar até Jesus voltar, se quiser — disse Halajan, enquanto se afastava.

— Confie em mim, ele estará aqui antes que você saiba — Candace riu, como se fosse totalmente ciente de seu egocentrismo.

Sunny observou essa cena com perplexidade. O fato de Candace ser tratada por Halajan com o mesmo desdém que ela tratava os outros era apenas justo.

— Ora, vamos, Halajan — pediu Candace, nas costas de Halajan.

Halajan virou para ela e disse:

— Ouça, mulher americana, se você gosta de uma boa mesa e bom serviço, tudo que tem a fazer é ser agradável. Sunny gosta de você. Do contrário, eu...

— Ela gosta? Acha que ela gosta de mim? Eu adoro a Sunny!  
— Candace respondeu, caminhando até Sunny e dando-lhe um beijo em cada bochecha.

— Como vai você? Que semana eu tive!

*É claro que teve*, pensou Sunny. Ainda assim, ela estava contente em vê-la.

Então, Candace segurou o punho de Sunny, deu um passo atrás e olhou para Sunny, dos pés à cabeça. Sua voz se elevou alguns decibéis.

— O que você está vestindo? Onde comprou isso? Fique parada. Deixe-me ver isso — Candace caminhou ao redor de Sunny, como se ela fosse uma estátua de alabastro, num museu.

— É lindo de morrer — declarou Candace.

— É mesmo, não é? Foi feito pela nossa Yazmina.

Candace olhou para Yazmina, cujo rosto ficou vermelho de constrangimento.

Ahmet também virou para olhar para Yazmina. Depois ele olhou para o vestido de Sunny e de volta para Yazmina.

Ela sorriu para ele, depois baixou a cabeça.

Ele desviou o olhar.

Quando Candace viu Ahmet olhando Yazmina e Yazmina sorrindo, ela ergueu as sobrancelhas e disse:

— Interessante. Esses dois não dariam um par perfeito?

Halajan disse:

— Cuide da sua vida.

— Bem, olhe para eles. Ambos são jovens, solteiros e lindos — disse Candace.

— Eles estão bem. Apenas deixe-os em paz — disse Halajan.

— Ah, é mesmo? Bem, eles não parecem tão bem para mim — ela continuou. — Talvez *não* estejam tão bem. Talvez precisem que *você* os ajude a descobrir um jeito. Por que você não ajuda?

— Candace, por favor, pare — Sunny interferiu.

Então Isabel entrou, e, depois de entregar sua *parka* para Ahmet, sentou na mesa vaga, junto à porta.

— Agora vá com sua fofoca para lá, sente-se com Isabel e fique quieta.

Candace fez exatamente isso e as duas trocaram beijos ao se cumprimentarem; depois, Candace assentiu na direção de Ahmet, perto da porta da frente, e disse:

— Ahmet gosta de Yazmina.

— E o que eu tenho a ver com isso? — disse Isabel.

— Nós precisamos ajudar! Ora, vamos, vamos dar uma de cupido. Ahmet não tem pai e Yazmina não tem ninguém.

— Candace, realmente — disse Sunny, se juntando a elas. — Estrangeiros não devem interferir nos assuntos deles. Eles encontrarão um jeito.

Bashir Hadi trouxe os cafés, em uma bandeja de metal.

— E quanto a você, Bashir Hadi? Não vê o que está acontecendo aqui? — disse Candace. — Acho que Ahmet e Yazmina se gostam.

Ele pareceu surpreso.

— Você acha que isso poderia ser verdade? — ele sorriu. Depois, conteve-se e disse: — mesmo assim, é algo muito pessoal. Muito particular. Algo que não discutimos.

— O que quer dizer? Estamos no século XXI! Um homem e uma mulher não podem se gostar?

Bashir Hadi olhou para Sunny e suspirou:

— Isso não é algo para que eu comente.

— Ora, vamos, Candace — disse Sunny. — Você sabe que essa é outra cultura. Você não está mais no Kansas.

— Isso é verdade — disse Isabel. — Mas está mais do que na hora de este país mudar.

— Mudança é o certo! — disse Candace. — Ora, vamos, Bashir Hadi. Vai me dizer que você não quer seu país mais moderno, mais tolerante, mais...

— Claro que quero — disse ele —, mas de dentro para fora. Eu quero que os afegãos mudem o Afeganistão.

— Ah! — Candace riu. — Então, você é um esnobe! Não interessa a opinião de ninguém mais.

— Candace, por favor — disse Sunny.

— O quê? Bashir Hadi sabe que estou brincando — ela riu novamente.

— Só estou cansando de todos nos tratarem como se fôssemos bebês, nos braços de nossa mães. Nós podemos descobrir essas coisas por nós mesmos — disse ele.

— Isso faz sentido — disse Isabel.

— Até agora, não — disse Candace, sacudindo a cabeça.

— Candace, por favor — disse Sunny, pousando a mão no braço dela.

Bashir Hadi então pousou a bandeja na mesa.

— Tudo bem. Deixe-me explicar. Acho que se esquece de quem sou — disse ele, calmamente, para Candace. — Eu não sou americano, vocês não têm obrigações com sua família, nem com sua própria história e destino. E eu não sou britânico — disse ele, olhando para Isabel. — Vocês são hipócritas de se agarrarem ao pior do passado, suas classes, seu lugar na sociedade com base no histórico de sua família; depois, ao mesmo tempo, se dizem modernas? — ele desviou o olhar.

Todas ficaram em silêncio, estarecidas pela seriedade de Bashir Hadi.

Ele continuou:

— Ao menos, eu sei o meu dever, como afegão e muçulmano. Eu honro as tradições antigas e os desejos de minha família.

— Você não vê — argumentou Candace —, eles estão apaixonados. Eles...

— Quem são "eles"? — perguntou Bashir Hadi. — A quem se refere, com "eles"?

— Você, isso sim! E Wakil, e todos os outros homens que foram criados nessa cultura que rebaixa a mulher e glorifica os piores aspectos dos homens.

— Candace — disse Isabel, baixinho, colocando a mão em seu outro braço, como se Candace precisasse que ambas a segurassem.

Sunny percebeu que havia algo de errado. Isso tinha fugido ao controle. Candace estava levando tudo para o lado pessoal.

Bashir Hadi baixou seu tom de voz e estrilou:

— Não me coloque na mesma classificação com seu Wakil e “todos os outros homens”. Eu sou Hazara, sou odiado por todos esses outros homens. Mas pode estar certa quanto a uma coisa: os pais sempre escolheram para seus filhos. Halajan teria que fazer isso acontecer. Mesmo agora. — Ele parou e finalmente sorriu: — mas eu certamente não vou pressioná-la. E quanto ao restante?

Finalmente, as pessoas da mesa relaxaram — exceto por Candace, que estava claramente aborrecida.

Foi Isabel quem cortou aquele clima estranho, com sua franqueza habitual, e disse a Candace:

— O que está havendo com você? Está dizendo que você e Wakil não estão mais juntos? É tudo por isso?

Candace olhou diretamente para Isabel e seus olhos se encheram de lágrimas:

— Eu não sei o que aconteceu, o que eu fiz de errado.

— Você não fez nada de errado — disse Sunny, tranquilizando-a. Ela não podia acreditar, mas, ao ver as lágrimas de Candace, ela sentiu, assim como Isabel, pena dela.

— Eu levantei o dinheiro que ele queria, consegui o compromisso de fornecedores de uma ONG, até consegui que a doutora Malik viesse. Ela escreveu uma carta de recomendação ao consulado e...

Sunny olhou para Isabel e elas entenderam do que se tratava o relacionamento.

— ...e ainda não foi o bastante — ela sacudiu a cabeça.

— O que aconteceu? — perguntou Sunny.

— O que aconteceu? — fungou Candace, limpando as lágrimas. — Ele me descartou! Isso que aconteceu.

Sunny esticou o braço e pousou a mão sobre a de Candace.

— Ele me disse que agradecia por tudo que eu tinha feito por ele e pelo orfanato, mas isso jamais daria certo. Nunca poderia se casar com uma mulher que não fosse muçulmana. Mas eu sei a verdade. Ele nunca me amou de verdade. Ele me usou.

— O que o amor tem a ver com isso? — disse Isabel. — Como diz a canção, no Afeganistão, o amor é para todas as outras

peessoas. Aqui, é uma troca de cavalos. Você tem o que eu preciso? Então tenho algo para você. Pergunte-me, qualquer hora, sobre o meu general Stewart. Eu o conheci na África. Mas ele agora está por aqui, se minhas fontes estiverem corretas. Ele era muito honesto e intelectual, e não tinha nada a dizer na cama, mas poderia conseguir qualquer coisa que você quisesse, ou precisasse, imediatamente.

E Sunny pensou em Jack, de quem ela não queria nada, exceto *e/e*. Ela sentia sua falta e achava que talvez até estivesse apaixonada por ele, no entanto, ele estava a milhares de quilômetros de distância. E ela pensou em Tommy, a quem ela tinha amado, e, agora que ele estava aqui, ela achava que não o amava mais, não tinha certeza, não sabia. Ela não tivera mais notícias de Jack desde que ele partira, semanas atrás. Ela podia entender. Ele tinha que destrinchar a própria vida, sem distração. Mas isso a fazia sentir que o que acontecera entre eles, não somente o beijo no armário, mas a aproximação crescente dos dois, era uma fantasia e nem tinha acontecido de fato. Ela sabia que, às vezes, por experiências passadas, ela tinha uma grande habilidade de acreditar em sua própria conversa fiada.

A essa altura, a casa de chá havia ficado silenciosa. As pessoas, exceto o seu pessoal, tinham ido embora. Tommy entrou desfilando pela porta, como se viesse diariamente, conhecesse todo mundo e fosse dono do lugar. De *jeans*, camisa branca amassada e jaqueta de couro, ele estava muito bonito. Esse cara era *sexy*, e, quando conversava, seus cabelos caíam nos olhos e ele os afastava com a mão, uma mão que Sunny imaginava sobre ela. Ela não podia evitar. Com ele, sempre tinha a ver com atração sexual. E ele estava *ali*. Mas ela não o mencionara às suas amigas, e agora teria algumas explicações a dar.

— Olá, todo mundo — ele beijou cada mulher na bochecha, conforme eles foram apresentados, e quando chegou a Sunny, disse: — olhe para você, deslumbrante.

Ela sorriu e deu uma voltinha, como uma garotinha.

— Yazmina que fez pra mim.

— Combina com ela, não? — disse Isabel.

— Ela parece uma princesa, uma princesa muito *sexy* — disse Tommy, sem tirar os olhos de Sunny.

— Então, Sunny, aonde você andou escondendo esse aí? Como conhece esse homem adorável? — disse Candace.

— Ela não contou a vocês sobre mim? Está guardando segredo, Sunny? Então — disse ele, baixinho, ao pegar-lhe as duas mãos —, que tal irmos viajar para algum lugar, juntos?

Ela parou de sorrir e disse:

— Do que você está falando? — ela deu uma olhada para Candace e Isabel, que ouviam como se estivessem fazendo anotações.

— Vamos tirar alguns dias para nós. Para colocarmos tudo em dia, voltarmos a nos conhecer. Não podemos fazer isso aqui. — Ele olhou para a mesa de suas amigas: — muito movimentado.

— Não posso. Estamos ocupados. Estou pintando o muro.

— Ora, vamos, nós precisamos passar um tempo juntos. Mazar-e Sharif. Você não vai acreditar como é lindo.

— Já fui.

— Não comigo — disse ele, arrogante, com um sorriso malicioso.

Sunny colocou a mão no quadril e disse:

— Não posso simplesmente largar tudo e partir com você. Eu nem o conheço mais.

— Sunny, se você não for com esse lindo homem, então eu vou — disse Candace.

Isabel cutucou Candace com o cotovelo e disse para Sunny:

— Por que não tira um tempo para pensar?

— Podemos falar sobre isso sozinhos? — perguntou Tommy.  
— Por favor.

— Lá fora.

Ela foi andando até o pátio da frente, com Tommy seguindo, e ficou sob o luar, na frente do muro, com o rabisco de um tigre

borrado, parecendo que ia devorar Tommy. *Perfeito*, pensou Sunny.

Ele pegou as mãos dela.

— Vamos. Eu estava pensando em irmos amanhã — ele estava empolgado como um garoto, e isso era contagioso.

Sunny ficou tentada a dizer sim, mas sacudiu a cabeça. Ela não tinha dormido com ele, desde seu regresso, insistindo precisar de tempo para se acostumar com ele, com *e/es*, mas sabendo que o que a impedia era sua ambivalência.

— Amanhã, não. Eu preciso, quer dizer, há muito... eu não sei.

— Então, está certo, combinado. Eu venho buscá-la, de manhã. Vamos imaginar voltar em alguns dias, no domingo. — Ele olhou pela janela, para Bashir Hadi: — ele ficará bem sem você.

Sunny virou para olhar Bashir Hadi, que estava acabando de limpar para fechar. Claro que ele ficaria bem sem ela. Ela já havia tirado outros dias de folga, quando foi a Dubai, a Beirute e a Marrocos. Mas isso era diferente, não tinha nada a ver com a casa de chá, ou Bashir Hadi, ou qualquer outra coisa. Isso tinha a ver com ela e o que ela queria, se ao menos ela soubesse o que era.

Ela olhou nos olhos azuis de Tommy, cujos pés de galinha e pálpebras pesadas traíam a idade e quaisquer violências que ele tivesse sofrido no ano que passou. E, num momento de negligência, lá fora, sob o luar, ela ouviu a si mesma dizer:

— Sim.

Mais tarde, naquela noite, depois que os clientes foram embora, e depois que ela respondeu às perguntas de Candace e Isabel, particularmente as que se referiam a por que diabos ela não lhes contara sobre Tommy, e como se sentia sobre ele *versus* Jack, o que ela teve dificuldade em responder, pois também não sabia, Sunny deixou Candace e Isabel bebendo na mesa e foi fazer a mala. Ela passou por uma janelinha que

dava para o pátio dos fundos e achou ter visto Halajan fumando, com sua echarpe abaixada ao redor do pescoço, seus cabelos curtos e brilhosos, sob o luar. Resolveu se juntar a ela. Halajan tomou um susto quando a porta se abriu, rapidamente cobrindo a cabeça e escondendo o cigarro atrás das costas, mas quando percebeu que era Sunny, relaxou e continuou fumando.

— Está uma noite linda, não é, Halajan? — disse Sunny.

— É o começo da primavera. Isso que acontece — respondeu Halajan, dando uma tragada forte.

Sunny sorriu e sacudiu os ombros.

— Mesmo assim.

Houve um longo silêncio, enquanto as duas mulheres ficaram recostadas no muro. Então, Sunny virou para caminhar para dentro, mas, quando o fez, Halajan falou.

— Por favor, espere. Preciso falar com você. Estou com muita raiva de mim!

— Hala, o que é? — perguntou Sunny.

— Esperei demais. E agora Jack se foi. Estou envergonhada.

— Então, é bom falar a respeito, agora.

— Agora pode ser tarde demais! Jack pode nunca mais voltar. Não vê? — ela estava agitada.

— Jack? Isso é sobre o quê? — perguntou Sunny, baixinho. — Halajan, seja qual for a ajuda que você precise, nós podemos lidar com isso.

— Não sou eu. É Yazmina quem precisa de ajuda — disse ela, desesperadamente.

Sunny virou:

— É o bebê? Ela está bem?

— É sua irmã caçula, Layla.

— Ela tem uma irmã? Ela nunca sequer mencionou...

— Ela está preocupada com a irmã. É muito jovem, só tem doze anos, mas será levada pelos mesmos homens que roubaram Yazmina, assim que for primavera novamente, no norte, e as estradas da montanha estiverem abertas. Mas ela

não terá a mesma sorte de Yazmina. Achei que talvez o sr. Jack pudesse buscar Layla e...

— Oh, Halajan, é verdade, eu acho. Jack saberia como lidar com algo assim, devido à sua experiência em negociação. Mas eu não sei quando e se ele voltará.

— Você confia em Jack, no entanto, vai para Mazar-e Sharif, amanhã, com Tommy — disse Halajan.

— Sim — disse Sunny, num sussurro. *Também estou com vergonha*, pensou ela. — E quanto ao Tommy?

— O que quer dizer?

— Para ajudar a tirar Layla de lá. Ele conhece a área. Tem amigos militares que podem ajudar. Talvez possa arranjar um helicóptero para levá-lo lá em cima, depressa. Talvez nem tenha de esperar as estradas abrirem.

— Eu confio mais no Jack — e acendeu outro cigarro. — Mas, na sua ausência, o Tommy serve.

— É exatamente o que eu penso.

E as duas riram, por um momento, entendendo o significado uma da outra.

— Se você perguntasse a ele, eu ficaria muito grata.

— Farei isso, quando estiver em Mazar. Como ele poderia me dizer não lá? Você já esteve lá, Halajan?

— Srta. Sunny, todos já estivemos lá.

Sunny franziu as sobrancelhas e entortou a cabeça.

— Não entendo. Do que está falando, Halajan? Esse negócio místico não parece com você.

— Quem sabe o que ainda parece comigo? — Halajan deu outro trago no cigarro e soltou a fumaça, explicando: — há uma lenda sobre as pombas brancas da mesquita azul de Mazar-e Sharif. Dizem que todas as pombas que entram lá ficam brancas, depois de quarenta dias e quarenta noites. Cada sétima das pombas brancas recebe um espírito, um caminho até Deus. Então, você vê o que quero dizer.

Sunny pensou nisso, por um minuto, depois disse:

— Eu lamento, mas não entendo a ligação...

— Os americanos não usam metáforas? Ou é só você que precisa de uma tradução tão literal?

Sunny riu e disse:

— Eu espero que seja só eu.

— Bem, Sunny — continuou Halajan, falando bem devagar, para que Sunny entendesse —, assim como as pombas, para as quais não há muros, montanhas, guerras ou barreiras, são as pessoas que vivem no Afeganistão, vindas de outros lugares, ou há mil anos, ou ainda ontem. Mas elas rapidamente se tornam parte deste país e, ao fazê-lo, trocam de cor e jamais voltam a ser seus velhos seres cinzentos. A experiência na terra-mãe Afeganistão torna todos afegãos. Mas nem todos são dignos de serem premiados com um espírito. Somente cada sétima pomba ou cada sétima pessoa é abençoada. — Ela soltou a fumaça do cigarro: — então, agora entende?

— Eu não sei, Halajan. Acho que sim.

— Então, você vê, somos todos pombas brancas, mas somente os especiais são a sétima pomba.

Ela soltou o cigarro no cimento e esmagou com o pé, depois disse:

— Que pena que você está indo com uma oitava. — Ela cobriu a cabeça com a echarpe, embrulhando-a ao redor do pescoço e jogando o restante por cima do ombro.

— Mas você sempre gostou do Tommy.

— Gostei. Espero ainda gostar. Mas você não deveria ir com ele. Deveria ir com alguém que ama. Porque tudo que fazemos na vida importa. Uma coisa leva à outra.

— Amor? Alguém acabou de me dizer que no Afeganistão o amor é para todas as outras pessoas.

Halajan riu:

— Desde quando você ouve tanta baboseira? Até eu sei que o amor está em nossos ossos afegãos, flui em nosso sangue. Por isso, eu fico tão zangada com aqueles que tentam transformar o amor em pecado. Mas não me dê ouvidos, sou uma velha. Vá, divirta-se, alimente os pássaros.

— Obrigada, Halajan. Eu a verei domingo e farei tudo que eu puder para que Tommy ajude a trazer Layla para cá.

Sunny apressou-se de volta à casa de chá, se sentou com Isabel e Candace e disse:

— Yazmina tem uma irmã de doze anos.

As duas apenas olharam, esperando mais coisa.

— E nós temos de trazê-la para cá. Ela foi deixada com o tio e será levada, do mesmo jeito que Yazmina foi, mas pode não ter a mesma sorte — disse ela, sem ar.

As duas mulheres se olharam, depois olharam para Sunny.

— Ela tem uma irmã? — perguntou Isabel.

— Ela foi levada? Por quem? Foi assim que ela veio para cá? — perguntou Candace.

— Por favor, nós precisamos tentar encontrar a irmã dela — disse Sunny, impacientemente.

— Está certo, devagar, todo mundo. Sunny, conte-nos a história toda — disse Isabel —, desde o começo.

Sunny respirou fundo e contou tudo — quase tudo. Ela prometeu manter segredo quanto à gravidez de Yazmina, e o faria. Mas disse a elas como havia conhecido Yazmina, no Ministério da Mulher, como seu tio tinha sido forçado a dá-la para pagar uma dívida, como Yazmina tinha escapado dos homens, antes que eles pudessem vendê-la, e, agora, da ameaça de que os homens regressariam por sua irmã caçula, que tinha sido deixada para trás. Disse que uma vez que a neve derretesse e as estradas da montanha estivessem liberadas, Yazmina temia que Layla estivesse em perigo.

— Tem de haver algo que possamos fazer para ajudá-la — disse Isabel.

— Temos de fazer algo — disse Candace.

— E, merda, ela é só um bebê. Jack conhece a área e os delicados relacionamentos com as pessoas de lá. Eu sei que ele estaria disposto a fazer o que pudesse, mas ele não está aqui e só Deus sabe quando e se ele voltará — Sunny parou e suspirou. — Mas eu posso pedir a Tommy. Ele não tem a

esperteza de Jack, mas tem a força bruta para tirar Layla. Mas... — ela hesitou.

— Isso é uma porra de uma barbaridade — disse Isabel. — Eu já vi isso cem vezes e nunca me acostumei. Mulheres sendo trocadas ou vendidas para o maldito que pagar mais por seus corpos. Eu estava contando a Candace sobre Pul-e Charkhi, as condições, o desperdício das vidas das pessoas. Por nada! Por serem mulheres, por dizerem não!

— Você quer fazer algo? — perguntou Candace, impaciente. — Então pare de falar e faça algo! — ela bateu o punho na mesa. — E você, Sunny, qual é o problema? Leve seus homens até as montanhas para salvar a garota. Você deu a vida de volta a Yazmina, mas agora sua irmãzinha precisa de você.

Sunny e Isabel trocaram olhares. Candace estava certa. E dado ao que ela fizera pela clínica de Wakil e suas habilidades comprovadas para o levantamento de fundos, Sunny suspeitava que ela pudesse usar algo para extravasar agora que Wakil a magoara.

— Então, ajude Sunny a trazer Layla até aqui — Isabel disse a Candace. — Ajude-me.

— Não é tão difícil — respondeu Candace. — Apenas mexa esse seu traseirinho.

— Eu poderia usar seu envolvimento.

— Claro que sim — disse ela, sarcástica. — Todos podem. Essa é a minha razão para viver, aparentemente. — Mas quando Candace inclinou-se para a frente, em sua cadeira, colocou as mãos na mesa e disse: — certo, conte-me os detalhes. Nós podemos fazer isso. Não há três mulheres mais formidáveis em toda Cabul. — Então ela parou e disse: — exceto por Halajan.

E Isabel disse:

— Certo, mas ouçam.

— O que estão pensando?

Pela hora seguinte, Isabel conversou sobre as possibilidades, as complicações, o quanto seria difícil, mas com os contatos sociais de Candace, e os contatos que Isabel tinha na mídia e

na política, elas poderiam arranjar algo brilhante que salvaria as vidas de mulheres. E mudaria a delas próprias, no processo.

Elas voltaram a atenção para Layla. Sunny sabia que Yazmina nunca ficaria feliz se Layla não fosse trazida à segurança, para o seu lado. O melhor plano seria para que Sunny persuadisse Jack e Tommy para trabalharem juntos, para chegarem lá em cima, antes do primeiro sinal da primavera. Se Jack não voltasse a tempo, de onde se metera, ela teria de recorrer ao plano B: contar apenas com Tommy. Mas isso não seria suficiente. Elas sabiam que, sem Jack, não haveria um líder para organizar os helicópteros, os homens extras, os braços para proteção da inevitável violência. Dentre elas, só havia uma mulher que era suficientemente forte e comprometida o bastante, depois de começar algo e cuidar de todos os detalhes — e era Candace.

Ela concordou, entusiasmada.

— Então, temos um plano — disse Sunny.

— Simples, certo? — perguntou Isabel.

Sunny soltou uma risada nervosa. Nada no Afeganistão era simples.

Em seu quarto, à noite, era impossível adormecer. Sunny não sabia o que diabos estava fazendo. Mazar-e Sharif com Tommy. Uma semana antes, ela achou que ele tivesse partido há tanto tempo que jamais fosse voltar a vê-lo. E, essa noite, sua mente explodiu ao perceber que, como diz o clichê, a vida muda num instante, e logo quando você acha que sabe o que vem a seguir, algo pode acontecer para mudar tudo drasticamente. A exata razão para viver e continuar vivendo.

Não que ela soubesse exatamente como sua vida seria, já que ela achou, antes do regresso de Tommy, que estivesse começando algo, talvez, possivelmente, com Jack. E ela sabia que não podia ficar em Cabul para sempre. Então, realmente, ela não tinha a menor ideia do que lhe aconteceria.

Simplesmente não havia considerado Tommy no panorama, embora, para ser honesta, ela precisasse admitir que esperava que, um dia, exatamente isso fosse acontecer. Outro clichê: *cuidado com o que você deseja*.

Ela levantou e levou seu *laptop* da mesa para o *toshak*, e o apoiou nas pernas cruzadas.

Havia um *e-mail* de Jack. Fazia semanas que ele partira e, agora, esta noite, um *e-mail*. Ela riu alto. Alguém lá em cima estava brincando com ela.

Ela abriu. Dizia:

*Querida Sunny,*

*Desculpe por ficar sem entrar em contato, mas eu precisava resolver tudo isso. A boa notícia: meu filho está ótimo. Nós passamos um tempo importante juntos. A má notícia: realmente não há má notícia, exceto a forma como as coisas mudam. Mais uma boa notícia: estou voltando para Cabul.*

*Eu a verei em breve.  
Jack*

Que diabos. Uma mensagem enigmática. Ou não? *Esses homens*, pensou ela. Eles não conseguem se comunicar, ou escolhem não fazê-lo. Depois, esperam que você largue tudo por causa deles.

Bem, amanhã ela iria a Mazar-e Sharif e pronto. Com Tommy, sua oitava pomba. Jack. Tommy. Jack. Tommy. *Merda*.

## Capítulo 25

Yazmina e Halajan estavam sentadas no quarto de Halajan, nos *toshaks*, com as cartas de Rashif empilhadas no chão. Halajan tinha criado seu próprio sistema de catalogar, amarrando as cartas com elásticos para rabo-de-cavalo que ela encontrara no Salão de Beleza de Tamila, na Shar-e Naw Street. Para o inverno, ela usava branco, para a primavera, verde, para o verão, amarelo e para o outono, vermelho. Até os analfabetos no Afeganistão sabiam ler e escrever números, o que aprendiam com o dinheiro, e ela usava os números para marcar os anos. Estavam ali pelo menos umas trezentas cartas que nunca haviam sido lidas, e Yazmina começou por onde achou melhor: o começo.

Foi pouco depois de a esposa de Rashif morrer. Naquela época, os tempos eram diferentes, e as cartas contavam a história de como a vida em Cabul tinha mudado, desde que os soviéticos tinham partido e os americanos invadiram e assumiram o controle até que Karzai fora eleito, na primeira eleição democrática de Cabul (do que Rashif cinicamente zombava, como se, dizia ele, com os americanos ainda no poder, houvesse alguma democracia real — fazendo Halajan rir alto), seu envolvimento com o grupo de ajuda aos refugiados, para os quais ele ajudou a fazer e distribuir roupas, até o presente, quando a presença invasora do talibã podia ser sentida em todos os aspectos da vida. As cartas não eram longas, mas eram cheias de detalhes da vida em família de Rashif, seu negócio como alfaiate, os livros que ele lia, os filmes que assistia, a música que ouvia e o emocionava, e seus sonhos de uma vida, ficava mais claro a cada dia, ao lado de Halajan.

As cartas eram vitais, engraçadas e inteligentes, e, a cada uma, Halajan sentia seu coração aumentar no peito, seu anseio por Rashif batendo como as asas dos pássaros na árvore do lado de fora de seu quarto. Ali estava um homem cheio de interesses, cheio de tempero e humor, e observações que podiam fazer até uma toupeira séria como Ahmet sorrir. Como Rashif continuava a escrever-lhe a cada semana, sem resposta, era algo admirável. Seria seu amor por ela tão grande que ele não precisava de nada em retribuição? Ou, e isso seria ainda mais surpreendente, será que ele sabia de seu segredo?

Yazmina lia com sentimento.

*Minha querida Halajan,*

*Hoje eu escrevo com raiva e tristeza. Nossos compatriotas talibãs destruíram os Budas de Bamyán. Eles se mantinham gigantescos e fortes, vigiando o vale, dos nichos de seu penhasco de pedra, desde o século VI, e agora, séculos depois, esses animais talibãs acham que são juizes da grande arte? Não conseguem criar coisa alguma. Só conseguem destruir.*

*Eu me admiro com homens que odeiam tanto. E me preocupo com nosso país, com nosso povo. Eu me preocupo conosco, Halajan. Conosco...*

Halajan ficou comovida por esse e outros acontecimentos tristes e mais pessoais (como o nascimento da neta morta), e pelos felizes (finalmente, o nascimento de um neto saudável). Yazmina erguia os olhos da leitura, de tempo em tempo, para ver como Halajan estava reagindo às palavras escritas nas cartas. Halajan se perguntava se Yazmina notava como seus olhos ficavam desfocados, enquanto ela ouvia, olhando para um lugar distante, onde ela poderia ter passado todos esses anos com Rashif, vivendo felizes, juntos. Ela se perguntava se Yazmina podia ler seus pensamentos, da forma como lia as

palavras na página. Assim ela saberia como Halajan sonhava em passar muitos anos mais, com Rashif, no futuro.

A mesquita de Masjid-e Haji Yaquub estava estranhamente lotada. Isso sempre acontecia depois de um bombardeio, como se os homens se sentissem culpados pelas mortes, como se achassem que, se tivessem rezado com mais frequência, mais fervor, ninguém teria sido morto. Embora a prece de meio-dia já tivesse terminado, os homens ainda se aglomeravam em pequenos grupos, tentando atrasar o inevitável regresso ao trabalho.

Ahmet foi cumprimentado por seu amigo Khalid.

— *Salaam alaikum* — disse ele.

— *Wa alaikum as-salaam* — respondeu Ahmet.

— Está lotado hoje.

— Muitas preces — respondeu Ahmet.

Khalid riu:

— É de se pensar que Alá nos ouviria e tornaria nosso mundo mais fácil.

Ahmet concordou:

— *Inshallah*, um dia, ele o fará.

Khalid ergueu as sobrancelhas, duvidoso.

— Então, Ahmet — disse ele — venha ao campo conosco. Alguns de nós vamos ao jogo de futebol, depois assistir ao *buzhaki*, tomar *chai*. Tirar o dia de folga.

Ahmet hesitou. Ele ficou tentando, mas o trabalho era obrigatório:

— Hoje não. Tenho trabalho a fazer.

— Nós todos temos trabalho a fazer. Vamos, tirar uma tarde de folga não fará mal a ninguém. Venha conosco.

— Desculpe, da próxima vez.

— Você é sério demais, meu amigo. Todos nós precisamos de tempo para não fazer nada, nos divertir, esticar as pernas.

Ahmet queria esticar suas pernas, de certa forma, mais que qualquer coisa. Ele nem se lembrava quando havia sido a

última vez que ficou sem fazer nada, sem sentir remorso sobre isso. Mas ele se despediu e voltou à casa de chá, e usou a tarde para limpar a guarita, polir suas armas e colocar óleo no portão, que recentemente tinha começado a ranger de um jeito intolerável.

Yazmina e sua mãe estavam em casa. Ele estava satisfeito por elas terem se dado bem e passarem tanto tempo juntas, ultimamente. Toda tarde elas conversavam, costuravam, assistiam novelas indianas, ou faziam o que as mulheres fazem, quando estavam sozinhas.

Mas será que falavam dele? Será que sua mãe contava à Yazmina histórias de quando ele era criança? Ou estudante? Ou por que ele se tornou um *chokidor*, em vez de ir para a escola, ou mesmo para a Alemanha, como sua irmã fizera?

Ele chegou a sentir o estômago se contrair, ao pensar que a mãe podia revelar coisas a seu respeito que ninguém deveria saber, principalmente Yazmina. Havia tanta coisa especial nela, sua beleza, seus olhos verdes, seus punhos finos, a forma como ela se cobria tão completamente, quando saía, em respeito à tradição, e como ela se cobria em casa, porém, um pouquinho menos, desde que chegara ali, como se o abrigo da casa de chá a cobrisse o suficiente. E seu dom artístico como costureira! Quem poderia saber que por trás daquela beleza havia talento e inteligência?

Não havia nada em Yazmina que ele não gostasse. Ele colocou o casaco, pendurou a alça do rifle no ombro e voltou ao seu posto, junto ao portão, para cumprimentar o caminhão de correio que acabara de encostar.

Yazmina estava lendo sobre uma época em que Rashif tinha sido contratado para ajustar as roupas de um coronel do exército americano que tinha engordado tanto que sua calça teve que ser alargada vários centímetros, e os botões de sua jaqueta tiveram de ser removidos.

*...então, ele me disse, esse americano gorducho, que não tinha ideia do motivo por que sua calça tivesse ficado tão apertada na cintura. Ele disse que não comia muito e era ativo, e não conseguia entender o que havia acontecido, exceto que talvez a calça tivesse encolhido.*

*Halajan, minha querida, você provavelmente sentiu as paredes sacudirem pelo riso que fiz de tudo para prender. Isso era o que eu queria dizer a ele: pare de comer tanto pão afegão! Pare de comer o kish mish e os doces. Dê uma caminhada, de vez em quando. Mas eu segurei minha língua...*

Mas ela não estava pensando nas palavras que estava lendo. Estava pensando se deveria mencionar a Halajan o seu temor crescente por Layla. Era quase primavera em Cabul, o que significava que não havia muito tempo até que a neve derretesse nas passagens do norte e os homens pudessem seguir caminho até a casa de seu tio e pegar a sua irmã. Com Jack fora, o que seria feito? Ela pensou se Tommy ajudaria, mas ele não parecia ser o tipo de homem que se desdobraria para ajudar os outros. Ela planejava tocar no assunto quando terminasse de ler essa carta. Mas quando ela disse *com amor, seu Rashif*, houve uma batida na porta.

Elas puderam ver a silhueta de Ahmet através da cortina de gaze. Rapidamente, juntaram as cartas e esconderam embaixo do *toshak*, gritando para ele:

— *Yak dahka*, um minuto, enquanto nos preparamos.

Elas logo se cobriram inteiramente, Yazmina colocando seu *chaderi* pesado para cobrir a barriga e a cabeça, e Halajan colocando a echarpe na cabeça, não apenas para esconder seus cabelos curtos, mas porque Ahmet esperaria que ela cumprisse a tradição.

— *Salaam alaikum* — disse ele, com uma rápida reverência e a mão direita sobre o coração. — Um pacote para você, Yazmina, do motorista de Candace. — Ele entregou-lhe uma caixa, olhando diretamente em seus olhos, que estavam

arregalados e empolgados, única coisa em seu rosto que ele podia ver, por causa do *chaderi*.

Os olhos dela cruzaram com os dele, e ele timidamente desviou.

— O que será? — perguntou Halajan.

A caixa tinha sido despachada de Dubai, segundo os selos alfandegários e o que estava escrito. Yazmina nunca tinha recebido nada assim, e alegremente rasgou o papel para abrir a caixa, depois de ver Sunny abrir tantas caixas. Ela tirou um pacote embrulhado em papel pardo, amarrado com barbante. Havia um bilhete escrito em *dari*. Ela abriu e leu em voz alta: “prezada Yazmina, por favor, use esse tecido para fazer um vestido igual ao que você fez para Sunny para mim. Sua amiga, Candace”.

— Ela lhe disse que isso viria? — perguntou Halajan.

— Não, nem uma palavra.

— Bem típico dela, dar ordens, em vez de fazer um pedido, como se você fosse sua empregada.

Halajan sacudiu a cabeça, olhando para baixo, pensando na forma como aquela mulher achava mandar no mundo e que todos estavam ali para servi-la. Foi quando ela viu: uma das cartas de Rashif ainda estava no chão, sem ter sido bem escondida embaixo do *toshak*. Ela rapidamente olhou para Ahmet, para ver se ele tinha notado, mas os olhos dele estavam em Yazmina. Ela suspirou de alívio.

Os pensamentos de Yazmina estavam no belo tecido que ela tinha tirado do papel. Era dourado como o sol, com miçangas brilhantes costuradas com fio roxo, num desenho complexo. Esse era para a echarpe. Havia outros dois pedaços, uma seda roxa e outro em tons de azul e roxo, para a calça e o vestido. Os três panos tecidos à mão, com amor e um olho para a beleza. De onde era? Pensou ela. As cores vibrantes, o trabalho artístico do bordado e das miçangas lhe diziam ser da Índia, talvez. Esse pano não se parecia com nada que ela já tivesse visto, e ela passou a palma da mão sobre ele, prendendo-o entre dois dedos, sentindo a maciez e a textura. Seu peito se

encheu de entusiasmo. Ela faria para Candace o vestido mais lindo que ela já vira.

Ahmet observava os olhos de Yazmina, à medida que ela abria a caixa e sentia o tecido, e tudo o que ele queria fazer era tirar aquele pesado *chaderi* e tocar seus cabelos, que ele imaginava serem longos e negros, e mais sedosos que qualquer tecido. Mas foram as mãos dela, seus dedos esguios sobre o tecido, que o comoveram. Ela tinha tanta graça, e isso podia ser visto até mesmo quando aceitava um pedido de trabalho como se fosse um presente, ou ao apreciar pedaços de tecido; ele não tinha dúvida de que, se fosse um martelo, para a construção de uma casa, ela teria reagido da mesma forma. Isso provava, mais uma vez, que ela era uma mulher de virtude.

O que o perturbava era o bilhete dobrado que ele viu no chão, com o nome da mãe escrito. Ele tinha certeza que era, sim, o nome dela, ou, pelo menos, as três primeiras letras que ele pôde ver, e percebeu como as duas ignoravam totalmente o papel, como se ele não estivesse ali, ou se não o tivessem visto, ou não quisessem chamar atenção para ele. Quem escreveria um bilhete com o nome de sua mãe? Por que estava ali, parcialmente escondido, quando ambas estavam no quarto? Ele sabia que a mãe não sabia ler. Será que Yazmina estava lendo para ela?

Então ele se lembrou daquele dia, no mercado, quando viu o alfaiate, o homenzinho escuro de sorriso largo, entregar algo à sua mãe, algo que ela colocou nas dobras de seu *chaderi*, algumas palavras sussurradas, antes de rapidamente se afastar. Ele pensou na noite de Natal, em como o alfaiate tinha vindo entregar um pacote, mas também entregou algo que ela guardara no avental. Ahmet olhou novamente o papel dobrado no chão e imaginou o que poderia ser.

Era provavelmente um relatório dos serviços de costura. O que mais poderia ser? Ele não podia imaginar. Qualquer outra coisa traria vergonha para ela, para a família e para *e/e*.

Ele nem podia suportar a ideia. Sabia que estava tirando conclusões precipitadas. Mas ele podia sentir o seu batimento cardíaco e sua raiva aumentando, então, despediu-se rapidamente das mulheres e saiu, pensando no que ele tinha de fazer, no que tinha de ser feito. O que o deixou tão desconfiado foi a expressão do rosto de sua mãe, quando ela viu o alfaiate no café, na noite anterior ao Natal. Era uma expressão que ele nunca havia visto nela, nem com seu próprio pai, marido dela, em todos os anos que viveram juntos.

— Ele viu, estou certa de que viu — disse Halajan.

— Não tenho tanta certeza — respondeu Yazmina. — Eu espero que não. Mas você é a mãe, a mais velha. Certamente, ele respeitaria...

— Sim, eu sou a mais velha — interrompeu Halajan. — Mas isso não importa neste país, onde os homens mandam. E pensar que dei à luz esse bebê que agora pode mandar em minha vida, como se eu fosse um jumento imbecil! Eu adoro e detesto o meu país, ao mesmo tempo. Minhas regras, meu modo de vida, tudo sem sentido, quando se trata da tradição dos homens. Meu filho é afegão. Ele se atém aos modos antigos, mesmo quando os novos estão bem na frente dele, para que ele pegue, saboreie e desfrute. Ele poderia ter mudado sua vida, ter ido para a Alemanha, com a minha filha, frequentado a universidade, ter crescido, mas escolheu ser um *chokidor*. E você sabe por quê? Para me proteger, cuidar de mim, porque sente uma responsabilidade por sua família, uma obrigação com sua herança. É culpa minha que ele não tenha tido as mesmas oportunidades que a irmã, porque ele nunca me deixaria.

— Mas — ela continuou, enquanto caminhava até a janela, abria a cortina e olhava além do muro, para a cidade — também tem a ver com as obrigações com ele mesmo e seu desejo de aceitação. São essas coisas que me aprisionam, ele está sempre me vigiando, para ter certeza de que eu sigo as

antigas regras, ao menos lá fora, onde todos veem. É um meio de vida muito fraco, muito hipócrita. Ele sabe o que se passa na casa de chá e ganha um bom dinheiro aqui, mas ele detesta e precisa limitar-se ao confinamento de suas paredes, sem permitir que isso corra solto pelas ruas.

Yazmina estava em silêncio, tentando entender como uma mãe podia falar dessa forma de seu filho e como um filho podia ser tão rígido quanto Ahmet, tendo uma mãe como essa.

— Precisamos ter mais cuidado, quando lermos. Precisamos fazer isso com a luz da lanterna, depois que Ahmet estiver dormindo. Seu apartamento fica bem ao lado.

— Ele jamais iria feri-la.

— A vergonha faz com que os homens se esqueçam daqueles que amam. Faz com que um homem bom faça coisas ruins.

Yazmina se juntou a Halajan, na janela, e pensou em Ahmet, seus olhos grandes e escuros, seus ombros largos, seu rosto terno, porém marcado por algum sentimento que ela não conseguia descobrir. Ela sempre pensara ser raiva, mas agora entendia. Era o rosto de um homem dividido entre o amor e o dever, o rosto da confusão amarga.

## Capítulo 26

*M*azar-e Sharif era um trajeto de umas oito horas de carro, partindo de Cabul, mas, de carona no avião militar que Tommy providenciou para transportá-lo com Sunny, foram somente quarenta e cinco minutos. Fazia uma bela manhã de céu azul, e o avião primeiro passou voando pelas montanhas e fez elas parecerem tão próximas que Sunny achou que podia pegar a neve dos picos. Depois, ele voou baixo, sobre o Vale Salang, belo oásis de margens verdejantes nos rios, cercado os lagos e emoldurado pelas planícies de poeira marrom que marcavam as regiões destacadas do Afeganistão. Sunny escolheu a poltrona da janela, para olhar para fora, e a vista era literalmente de tirar o fôlego. Tommy inclinou-se mais perto dela, para ver também, e ficou tão perto que ela podia sentir seu cheiro, o que a fez lembrar da sensação que parecia não sentir há séculos, quando ficava deitada com ele, fazendo amor, e depois rindo, madrugada adentro.

Ele levantou e pediu ao piloto que sobrevoasse o Lago Band-e Amir, até o oeste, para que eles descessem de altitude e Sunny observasse os lagos. *Verdadeiramente uma das maravilhas do mundo*, pensou ela. As águas profundamente azuis pareciam ter cortado as montanhas como vidro, as beiradas em ângulos de noventa graus, os penhascos assustadores acima. O relacionamento incongruente entre a água cristalina e os penhascos secos dava à região uma beleza misteriosa, diferente de tudo o que Sunny já vira. Logo ao leste, onde eles circularam, ficava Bamiyan, o local hindu sagrado onde os talibãs haviam destruído os budas gigantes, de treze séculos, apenas meses antes de a al-Qaeda fazer o mesmo com as Torres Gêmeas, em Nova York.

Depois, eles seguiram ao norte, até a província de Balkh, onde ficava a quarta maior cidade afegã, Mazar, como Tommy casualmente chamava. Seu nome era traduzido como Altar Norte, o que se referia ao altar de Hazrat Ali, uma mesquita espetacular, de ladrilhos azuis, no centro da cidade, destino turístico de milhões de visitantes por ano. Segundo a maioria dos mulçumanos afegãos, foi ali que foi enterrado Ali ibn Abi Talib, primo e genro de Mohamed.

Enquanto o avião circundava a cidade, Tommy pegou a mão de Sunny, o que causou nela uma sensação estranha, e a fez se remexer em seu assento. Ela o deixou segurar por um ou dois minutos, cautelosa para não ser brusca demais, quando casualmente soltou a mão dele.

Eles aterrissaram no aeroporto, onde um motorista estava esperando em uma minivan. Ele os levou até a cidade, ao Royal Oak Hotel, que não era particularmente luxuoso, mas moderno, limpo e suficientemente agradável. Quando fizeram o *check-in*, receberam uma chave, como se estivesse presumido que fossem ficar juntos no mesmo quarto. Tommy devia ter dito à recepcionista que eles eram casados, pois era ilegal que um casal não casado ficasse junto.

Sunny afastou Tommy da recepção e perguntou:

— Tem uma chave para mim?

— Tenho certeza de que posso conseguir uma cópia — ele se virou para a recepcionista.

— Não, eu quero dizer para o meu quarto. — Quando ela viu a expressão intrigada no rosto dele, ela perguntou: — você achou que nós íamos ficar juntos?

— Foi exatamente isso que eu pensei.

— Acho que não. Eu estou aqui, concordei em vir, mas preciso de um pouco de... tempo.

— Mas é para isso que estamos aqui, não é? Para voltarmos a nos conhecer? — disse ele, sorrindo, ao colocar a mão na cintura dela. — Venha, gata...

Mas ela recuou, constrangida por sua demonstração pública inadequada de afeição, e disse:

— Por favor, não venha me chamar de “gata”, eu preciso ver se ainda há alguma coisa entre nós, além de, você sabe... — o sexo sempre estaria presente, mas e quanto ao relacionamento emocional? Será que eles ainda tinham um? Além disso, ele podia facilmente sumir de novo e deixá-la com o coração na mão.

— Tudo bem, mas você sabe que tem, eu sei que tem — ele virou para o balcão da recepção e pediu outro quarto.

Naquela noite, Jack entrou na casa de chá carregando um lindo buquê de rosas cor de pêssego embrulhado em jornal. Ele cumprimentou Bashir Hadi afetosamente, eles trocaram gentilezas sobre a família de Bashir Hadi e o voo de Jack, que depois perguntou:

— Então, onde está Sunny? Ela está lá nos fundos?

Bashir Hadi parou, por um momento, pensando no que dizer:

— Não, é... a srta. Sunny está fora, no momento. — Ele rapidamente virou e voltou ao trabalho, sem querer ser a pessoa a contar a ele.

Jack olhou o relógio, franzindo o rosto.

— Então, quando ela deve voltar?

— Ela ficará fora por alguns dias.

— O que quer dizer? — a mão que segurava as rosas caiu ao seu lado, e o buquê apontou para o chão. Dizer que ele estava decepcionado era pouco. Ele contara os dias, desde que partira, e depois as horas, para seu voo de regresso, e depois, os minutos, enquanto seguia de carro, do aeroporto até a casa de chá, e, finalmente, ele estava ali. — Ela foi para Dubai? Comprar suprimentos?

— Sim, exatamente, ela foi para Dubai — Bashir Hadi disse, enquanto voltava à despensa, e sumia de vista.

Jack ergueu as sobrancelhas. Ele olhou o salão e viu Halajan limpando uma mesa. Ele passou por ela, a caminho dos fundos, para pegar água e algum vaso para pôr as rosas.

— Olá, Halajan.

— Bem-vindo, espero que sua família esteja bem — ela desviou dele e voltou ao trabalho.

— Está, obrigado. Foi uma boa viagem. Então, Halajan, onde está Sunny? Eu trouxe isso para ela — disse Jack, segurando as flores.

Ela parou, olhou para ele, e, com as mãos no quadril, ela disse, rapidamente, em *dari*:

— Onde está ela, é o que pergunta? Não está com você, porque você não estava aqui.

— O que quer dizer? O que está havendo? Tanto você quanto Bashir...

— O que está havendo? Você é o que? Um jogue imbecil? Você fez isso consigo mesmo. Como diz o ditado...

— Halajan! — Jack interrompeu. — Diga-me, agora.

— Adivinhe quem voltou.

Ele sentiu o estômago se contrair. Não podia ser ele. Podia?

— Halajan! Por favor, apenas me diga, pelo amor de Deus!

E tão rapidamente quanto pôde falar, Halajan contou-lhe, sem parar para respirar.

— Tommy — Jack sussurrou.

Halajan respirou profundamente, e depois, sem disfarçar sua raiva, disse:

— E assim ele e Sunny foram para Mazar-e Sharif, por alguns dias, e voltarão no domingo. Ela está lá com ele, e você está aqui, sozinho. Tudo por sua causa! — ralhou ela.

Jack pareceu estarrecido, respirou fundo e desviou o olhar.

— Ela foi com ele, eles foram juntos para Mazar-e Sharif?

Halajan assentiu e voltou ao trabalho.

— É um local romântico — disse Jack —, se você gosta de clichês estúpidos — e jogou as flores sobre a mesa. — Bela jogada — disse ele, sarcástico, ao seguir para fora.

— Você não precisa se preocupar, Jack — Bashir Hadi gritou, atrás dele. — Seria preciso muito mais que uma bela mesquita para roubar o coração dela.

— Vamos torcer para isso ser verdade — disse Jack, seguindo para fora. Ele se ausenta por algumas semanas e as coisas

acabam assim? O que ele esteve fazendo nos EUA, a não ser se libertando para ela? Mas que droga! Ele bateu a porta do salão ao sair.

Foram as pombas que fizeram isso por Sunny, as milhares de pombas brancas de Mazar-e Sharif. A mesquita era uma maravilha em azul-marinho, turquesa, dourado e ladrilhos cor-de-terra, com desenhos complexos que cobriam cada centímetro do imenso altar, exceto pelos telhados em abóbodas. Mas as pombas davam vida ao palácio. Ela estava sozinha, tendo providenciado para se encontrar com Tommy ali, depois que ele visse o antigo museu da mesquita. Ela não tinha certeza se foi a mesquita que a deixou claustrofóbica, ou se foi o fato de estar com Tommy. Tudo o que ela sabia era que precisava respirar.

Havia milhões de pombas espalhadas numa parte da praça. Elas borbulhavam num gorgolejo abafado. O que fez o lugar ficar ainda mais mágico foi o grupo de mulheres de burcas brancas alimentando os pássaros com trigo que compravam de um vendedor ambulante. Com os cabelos e rostos ocultos, ou quaisquer características definidas, elas próprias pareciam imensas pombas.

Mas havia uma mulher com uma burca azul celeste que se virou para Sunny e, embora não pudesse ver os olhos da desconhecida através do tecido trançado, ela sentia que a mulher estava lhe observando. Então, a mulher gesticulou para Sunny, de forma sutil, porém distinta, e Sunny foi até ela, sem saber por quê. Normalmente, ela a teria ignorado, achando tratar-se de uma pedinte. Mais de perto, Sunny pode ver os olhos escuros da mulher, e imaginou-a sorrindo pra ela.

A mulher pegou a mão de Sunny, beijou e a colocou sobre a testa. Ela sussurrou algo para Sunny em *dari*, depois virou a mão de Sunny e despejou trigo.

— *Tashakur* — obrigada, disse Sunny, com uma leve reverência.

Então, ela remexeu na bolsa, à procura de algum trocado para dar, mas quando ergueu os olhos, a mulher de azul tinha desaparecido, deixando somente as de branco. Sunny se virou para todas as direções, procurando por ela, na praça. Parecia impossível que ela tivesse sumido tão depressa, mas ela desaparecera. Talvez a magia desse lugar tivesse transformado a burca azul da mulher em branca, igual às pombas da lenda. E, se fosse o caso, ela era, de fato, a sétima pomba, a que tinha ligação com Deus.

Ela agachou para alimentar as pombas com o trigo que a mulher lhe dera. Quando levantou, lágrimas começaram a rolar em seu rosto. Ela não sabia o que era, nem esperava, mas ficou constrangida e colocou os óculos de sol. Algo poderoso lhe tocara. Embora ela não fosse muçulmana, nem muito boa em religião alguma, ela sentiu-se dominada pelo espírito do lugar. Respirou profundamente, e sentiu que Deus, ou algo que dava força às pessoas, agora estava com ela. Foi a mulher com o trigo e as pombas brancas, a divindade do lugar em si, que a colocou em contato com algo poderoso e a fez se sentir mais em paz, como não se sentia há muito tempo.

Ela se encontrou com Tommy no lugar previamente combinado, onde ele dissera ao motorista que fosse buscá-los, para levá-los à vila de Balkh, o local de nascimento de profeta Zoroastro; que foi também onde Alexandre, o Grande, estabeleceu seu quartel general por dois anos, e onde ele tomara sua esposa; o mesmo lugar que, mil anos depois disso, foi destruído por Genghis Khan. Esse pequeno vilarejo, agora movimentado pela tecelagem de tapetes e pelo turismo, era um microcosmo do Afeganistão em si: rica história, devastado pela pilhagem, pessoas dizimadas pela constante mudança da guarda e exploradas por um governo em parceria com um ou outro punhado de estrangeiros. Assim como Balkh, o Afeganistão era posse de todo mundo, menos dos afegãos.

No carro, no caminho de volta, Sunny disse a Tommy:

— Eu preciso de sua ajuda para uma coisa.

— Ah, é mesmo? — disse ele, com um sorriso pateta. — E em troca...

— Yazmina foi roubada de sua casa, em Nuristão, para pagar uma dívida do tio dela, e ela fugiu. Mas agora ela teme que os homens que a levaram irão voltar para pegar sua irmã, que só tem doze anos. Quando a neve derreter e as estradas forem abertas...

— E? — perguntou ele, pousando a mão em sua perna e aproximando-se para fungar seu pescoço.

Ela pegou a mão dele e colocou no banco do carro.

— E eu preciso de sua ajuda. Nós temos que tentar tirar Layla de lá, antes que os homens voltem.

— Você está brincando, não é? — ele recostou e olhou para ela.

— Não, não estou brincando! Estou falando muito sério, Tommy! Ora, vamos, você poderia arranjar um aviãozinho. Você conhece um milhão de pessoas. Pode fazer isso, por favor.

— Você está falando sério, mesmo! — ele riu. — Porra, você está de sacanagem comigo! Acho que você não entende: é fácil pegá-la. O problema é o que acontece depois que a pegarmos. Estamos falando de juramentos de sangue. O tio deve dinheiro, mas não pode pagar, então, ele paga com a garota. Se ele não paga, é assim que se começa uma guerra. Eu não vou arriscar a minha vida e a vida de “milhões de pessoas” para salvar... quer dizer, talvez salvar a vida de uma garotinha. Não vai rolar.

— Você é um babaca.

— Sim, mas um babaca prático.

Depois, eles voltaram ao hotel, onde cada um foi para seu próprio quarto, e depois se encontraram para jantar, bem mais tarde. Foi agradável, a comida estava boa, e Tommy estaria delicioso, se ela não estivesse tão injuriada. Mas ela não podia digerir a ideia de dormir com ele. Por mais atraída que se sentisse por ele, por mais revigorada que estivesse, por sair de Cabul, ela estava zangada. Sua experiência de hoje, na mesquita, dizia que ela ficasse em paz consigo mesma, seguisse seu coração. Ah, ela estava em paz. Tommy era um

babaca egoísta desalmado sem compaixão. Ele era um covarde.

Então, pela segunda vez em sua vida, ela fez algo que a surpreendeu: ela não dormiu com o cara bonitinho, quando ele pediu; ela simplesmente foi para casa. Preferia ficar totalmente sozinha a ficar sozinha com alguém por quem já não sentia nada, exceto raiva e uma lembrança distante de um dia ter amado.

Dois dias antes do esperado, numa tarde calma de sexta-feira, Sunny entrou pela porta da casa de chá com sua malinha, e ficou feliz em encontrar tudo do jeito que tinha deixado, exceto por um vaso no balcão, com flores que estavam meio murchas. Poppy cumprimentou-a da forma como sempre fazia quando ela entrava: com suas patas no peito de Sunny e uma lambida em seu queixo. Yazmina e Halajan provavelmente estavam tirando a tarde de descanso juntas, como vinham fazendo, ao longo de uma ou duas semanas. Mas uma coisa era incomum: Bashir Hadi parecia zangado.

— Bem-vinda — disse ele, sucinto. Ele estava de costas para ela. Estava polindo a cafeteira, transformando o cobre marrom em alaranjado brilhante.

— Olá para você também, Bashir Hadi. Como vai você? E sua família? Todos bem, eu espero. — Ela assentiu, na direção do vaso: — flores bonitas.

— Claro, estamos todos bem. Por que sequer pergunta? Nada importa de verdade.

Que diabos estava acontecendo com ele?, pensou ela. Mas disse:

— O que é, Bashir Hadi? Ora, vamos. Algo o incomoda.

Ele finalmente ergueu os olhos do trabalho e disse:

— Que bom que você esteja de volta. Você... — mas ele se deteve.

— Bashir Hadi? — ela olhou-o, suplicante.

— Você partiu para sua viagem com Tommy, e adivinhe o que aconteceu?

— Não me diga que houve outra bomba? — disse ela, rapidamente olhando ao redor. — Ou aquele cano estourou, ou o telhado...

— Não!

Então, Halajan entrou e perguntou:

— Então, você disse a ela que Jack esteve aqui?

— Você quer dizer que ele está de volta? Está aqui, em Cabul? — os olhos dela se acenderam e ela respirou ofegante.

Bashir Hadi sacudiu a cabeça, de um lado para outro.

— Ele entrou pela porta, apenas uma hora depois que você saiu. — Ele observou o rosto de Sunny fechar. E apontou as flores: — estavam lindas, quando ele trouxe.

Halajan começou a dizer algo, mas Sunny não ouviu. Ela já tinha pegado suas coisas e estava correndo para o quarto.

Ela pegou o telefone pendurado no pescoço e ligou pra ele.

— É você? — era sua voz profunda e masculina.

— Sou eu — disse ela.

— Como estão as pombas?

— Adoráveis. Você não acreditaria no que... eu lhe direi, quando o vir.

— Mande um cartão-postal — ele ia desligar.

— Venha para cá.

— É, talvez, quando você voltar, se você voltar.

— Eu já estou de volta, aqui na casa de chá.

Houve um silêncio.

— Jack! Você não pode me culpar por ter ido. Você tinha partido. E não deu mais notícias, o tempo todo! Tommy veio para casa e...

— Mal deu notícias, se eu me lembro bem. Ele nunca foi muito articulado, esse cara.

Sunny precisava concordar.

— Então, venha até aqui. Eu voltei sem sequer saber que você estava aqui. E nós não dormimos juntos, se é com isso que está preocupado.

— Acha que eu me preocuparia com isso? Eu nunca entendi o que você vê em Tommy. Quero dizer, ele é um cara boa-pinta, mas não tem muito miolo.

— Tudo bem. Não precisa insultar as minhas escolhas, está bem? E quanto a você e Pamela?

— Acabou. “Nós nos distanciamos”, foram suas exatas palavras. Como numa cena de filme. “Nós nos distanciamos”, dá para acreditar? Ela se acostumou com a minha ausência, e agora, com Charlie indo para a faculdade, ela quer se separar. Pelo menos o meu filho ainda me chama de pai.

— Jack, eu lamento.

— Não posso condená-la — disse ele. — Eu me sinto da mesma forma.

Houve um longo silêncio. Depois, Sunny perguntou:

— Então, conte-me. Você não dormiu com a sua esposa?

— Engraçado, essa pode ser a primeira vez na história que um homem fica orgulhoso por dizer isso à mulher que ama: juro que não dormi com a minha esposa, nenhuma vez. Estou a caminho.

E ela, a mulher que ele amava, esperou que Jack chegasse em casa.

## Capítulo 27

*I*sabel levou Candace à prisão de Pul-e Charkhi, a leste do centro de Cabul. Foi ainda mais chocante para ela esta segunda visita, talvez por estar compartilhando isso de um modo mais real do que pareceu da primeira vez. Havia alguns rostos que ela não se lembrava de ter visto, mas na quinta cela, trancada por trás das grades azuis, com uma dúzia de outras mulheres, estava aquela que assombrava Isabel, a que falava inglês e puxou sua *kameez* para pedir ajuda.

Desta vez, Isabel foi capaz de tirar um minuto para conversar com ela, enquanto Candace papeava com a guarda. Isabel se agachou, para que pudesse ficar cara a cara com ela. Ela parecia mais jovem do que ela se lembrava.

— Qual é o seu nome? — perguntou Isabel.

— Jamila — respondeu ela.

— Jamila, como vai você? Estão te tratando direito? Você tem o suficiente para comer?

Ela deu uma rápida olhada para a guarda, para ter certeza de que ela não estava ouvindo.

— Eles nos tratam como animais. Até as cabras têm mais alimento do que nós, e podem escolher entre a grama das colinas e os restos. Nós só comemos restos.

Uma voz atrás dela disse:

— A grama seria melhor!

E todas as mulheres riram o suficiente para chamar a atenção da guarda, que não disse nada, mas olhou-as, fulminante. Então, Candace disse algo e a guarda voltou novamente sua atenção para ela.

— Você pode nos ajudar?

— Foi por isso que nós voltamos. Para ajudá-la a sair.

— Não posso ir sem as minhas irmãs. Por favor, ajude-as também — e ela gesticulou para as mulheres na cela. — E seus filhos, que precisam ficar com elas, onde elas estiverem.

— Não sei quando, nem quantas, mas vou tentar.

— Do contrário, eles vão me vender como escrava para... — mas ela se deteve, com o rosto corando — para homens.

— O que está dizendo? A prisão irá vendê-la?

— Sim, eles mandam as jovens como eu para o Golfo, ou, ainda pior, nos deixam no Afeganistão, para o prazer dos homens.

— Como sabe disso?

— Porque eles pegaram a minha amiga, Haliya, a quem trocaram por dinheiro, fora de Cabul, mas ela fugiu. Ela tinha entre ouvido uma conversa, quando fingiu estar dormindo, na traseira de uma van. Quando eles a pegaram, bateram nela, destruíram seu rosto e a jogaram fora, como lixo. A polícia a pegou e trouxe de volta, e ela nos contou o que tinha ouvido.

— Haliya está aqui, agora?

— Sim, naquele canto, ali. Vou chamá-la.

Jamila trouxe uma mulher cujo rosto estava coberto com uma echarpe. Ela segurava bem perto, deixando somente um olho à vista.

Jamila sussurrou algo em seu ouvido. Haliya olhou-a e assentiu. Então, Haliya tirou a echarpe do rosto.

O estômago de Isabel revirou. O rosto de Haliya tinha sido monstruosamente desfigurado. Ela perdera um olho, a pele daquele lado de seu rosto estava contorcida e caída, como uma meia frouxa, ao redor do tornozelo. O canto de sua boca emendava na bochecha, deixando um buraco ao lado.

— Eles fizeram isso porque ela fugiu, jogaram ácido nela, dizendo “agora você está horrenda demais para qualquer um”. Eles são piores que cães, essas coisas que se chamam de homens.

Isabel olhou para Haliya, tentando manter os olhos nela, para não deixá-la constrangida, achando que não se podia

olhá-la. Mas ela não pode evitar o alívio quando Haliya cobriu novamente o rosto.

— Você pode nos ajudar? Irá ajudar? — pediu Jamila.

— Nós vamos tentar.

— Essa é sua amiga? — ela apontou para Candace, que agora estava ao lado de Isabel, tendo encantado tanto a guarda que ela recuara e estava um pouco distante.

Isabel olhou-a e sentiu fortemente que sim, ela era sua amiga, mesmo com suas diferenças. Foi Candace quem a encorajou a vir ajudar. Foi Candace quem acreditou nela.

— Sim — disse ela. — E minha parceira, nós trabalhamos juntas.

Candace pousou a mão firme no ombro da mulher.

— Vamos voltar por vocês. Não tenha medo.

— Por favor, não vão embora. Levem-nos com vocês!

— Não é fácil assim, mas nós voltaremos — disse Candace, sem tirar os olhos da mulher. — Eu lhe prometo isso.

Wakil tinha tomado providências para que um carro os levasse até seu vale. Candace ligara pra ele, para dizer que iria com uma amiga, uma jornalista da BBC que queria escrever uma história sobre sua escola. (Pelo menos a parte da BBC era verdade.) Ela tinha a sensação de que ele ficaria satisfeito em conseguir cobertura da mídia, e estava certa. Em retribuição, ela torcia para recrutar sua ajuda para as mulheres na prisão. Ela achava que, com os seus contatos, ele seria capaz de conseguir a comida e os suprimentos necessários, depois subornar o corredor polonês de oficiais e guardas. Enquanto isso, ela poderia focar no levantamento de fundos e encontrar um lugar para abrigá-las depois que as tirasse de lá.

Quando elas encostaram, ele estava lá, esperando por elas, vestindo sua melhor *shalwaar kameez*, um colete Pashtun e um turbante caro de seda. Sua barba havia sido caprichosamente aparada, ele estava alto e bem-condicionado como sempre, e arrebatadoramente belo. Candace sentiu o vazio do anseio em

seu peito. Já fazia mais de um mês que eles tinham tido momentos íntimos, mas o sexo com Wakil era algo que ela jamais esqueceria. Ele a cumprimentou como fazia quando estavam em público, habitualmente impassível, curvando-se rapidamente e mostrando um sorriso tranquilo, e quando foi apresentado a Isabel, sorriu abertamente, e ficou expansivo ao falar sobre suas realizações. Candace ficou orgulhosa por fazer parte do que estava se desenvolvendo ali e magoada por ele não apreciá-la além de sua habilidade de trazer dinheiro. Mas ela cumpriu seu dever e seguiu atrás de todos, enquanto Wakil as levava para um *tour*. Enquanto ele falava, Isabel gravava no gravador e parou para tirar fotografias. Candace mal podia esperar para ouvir o que Isabel tinha a dizer.

A clínica estava ainda mais impressionante que da última vez em que ela estivera ali. Estava limpa, bem munida de pessoal, bem iluminada e amplamente abastecida. Agora havia mais médicos, porque Candace levantara mais fundos, por meio de doações privadas, e tinha arranjado algum dinheiro americano, de organizações de saúde.

A escola era outra coisa. Era a parte da tarde, então as meninas tinham ido para casa e os meninos estavam estudando. Antes que eles entrassem, Wakil pediu que Isabel desligasse o gravador, para que não interrompesse os estudos dos meninos. Ela deveria parar de tirar fotos, para não causar distrações. Candace notou Isabel franzindo o rosto, descontente pelas restrições, mas gentil o bastante para segui-las. Ela viu Isabel fazer algumas anotações, com os olhos estreitos de desconfiança. Então, olhou para os jovens de rostos sérios na sala e fez anotações novamente. Candace tinha a sensação de que Isabel faria críticas à escola, provavelmente acusando-a de ser severa demais, excessivamente disciplinada. Os meninos estavam estudando o Alcorão, sentados de joelhos, em seus tapetes, balançando-se para a frente e para trás, enquanto liam junto com o professor à frente da sala.

Havia um menino — não devia ter mais de quatorze anos que os seguia com os olhos. Ele sorriu levemente para ela, e ela sorriu de volta. Então, o sorriso dele desapareceu e só ficaram seus olhos escuros e opacos, com uma expressão amarga em seu rosto.

Mais tarde, quando ela o mencionou a Wakil, ele respondeu:

— Você também ficaria daquele jeito se sua família inteira tivesse sido morta pela bomba americana lançada em sua vila. Todos esses são meninos tristes. Estão perdidos e nós lhes demos um lar. Durante o passeio pelo terreno, Isabel sussurrou para Candace: — aqui é ligeiramente quieto, não? Para todos esses garotos? Muito disciplinado.

— Wakil é um cara sério. Ele está dedicado a ensinar algo a esses garotos para que tenham um futuro com outras oportunidades além de vender tapetes no mercado com uma etiqueta escrita "MADE IN CHINA".

— Bem, então ele está fazendo um bom trabalho.

O que Isabel não mencionou foi a impressão que a incomodava por dentro. Ela tinha visto relatos de locais semelhantes no Paquistão. Escolas, madrassas, que eram fachada para treinamento terrorista. A escola tem uma aura extremamente rígida: nada de conversa, só preces, nada de infantil sobre essas crianças. Poderia ser um campo de treinamento para os meninos? O fato de que havia meninas estudando ali parecia falso. Ela teria de fazer um pouco de pesquisa sobre Wakil e suas atividades. Ele parecia esperto demais para estar nisso apenas pelos meninos.

Candace finalmente pegou Wakil sozinho, enquanto um de seus assistentes continuou a mostrar os arredores a Isabel. Candace trancou a porta por dentro e disse:

— Quando o verei novamente? — ela caminhou até ele, até uma distância atrevida. Podia sentir o calor do corpo dele.

— Em breve, meu amor, em breve. Eu estive impossibilitado de me ausentar, mas está vendo o quanto realizamos aqui? —

ele pegou uma mecha de seus cabelos com o indicador e o dedo médio.

Ela interpretou isso como um convite e ficou nas pontas dos pés, e sussurrou em seu ouvido.

— Breve, quando? Você virá a Cabul? Wakil — disse ela, passando os lábios junto a pele dele —, já faz muito tempo. E quanto a nós? Posso ficar aqui com você?

Ele ergueu seu queixo e a beijou suavemente, pousando os lábios sobre os dela.

— Minha querida Candace, nada aconteceu, apenas coisas importantes que passaram a ser prioridade. Eu irei a Cabul muito, muito em breve... para vê-la — ele a beijou novamente, mais firme, desta vez. — E pelo fato de que nossos recursos estão limitados, e precisamos investir em equipamentos de maior porte, como computadores e uma *internet* melhor. — Ele a pegou nos braços e a beijou com força, apaixonadamente: — você irá me ajudar?

— Eu ia lhe perguntar exatamente a mesma coisa — disse ela, antes de sentir a língua dele em sua boca, seus braços enlaçando-a, e, depois, uma das mãos em seu seio, depois descendo até suas pernas, e entre elas. Os joelhos dela enfraqueceram, e ela também deixou que a própria mão deslizasse, sentindo sua rigidez, e ali, junto à parede da escola que ele havia construído do nada, Candace fez amor com Wakil, na esperança de que isso significasse que ele a amava, mas verdadeiramente sabendo que não amava.

Quando Wakil acompanhou-as até o carro, ele foi formal e distante, como se essa última hora que passaram juntos não tivesse acontecido. Candace sabia que ele tinha de manter as aparências, mas, às vezes, apenas às vezes, um sorriso seria agradável.

Conforme elas se aproximaram do carro, ela notou outro veículo estacionado do outro lado do prédio. Dois homens estavam entrando na frente, e um terceiro virou na direção

deles. Era o mesmo garoto de olhos opacos que ela vira mais cedo. Wakil acenou para ele e virou para ela e Isabel, dizendo:

— Com licença, um momento, por favor — e caminhou até ele. Eles falaram, o garoto assentiu, e entrou no carro que saiu veloz.

Candace virou-se para Isabel, que também observava. Não houve nada, uma palavra, um até logo. Ela torcia para que sua despedida com Wakil fosse mais terna, que ele dissesse algo a ser lembrado. Porém, quando ele caminhou de volta na direção delas, rijo, com o queixo em pé, inexpressivo, ela sabia que ficaria decepcionada. Ainda assim, ela continuaria a ajudá-lo. Como podia dar as costas para as crianças? Mas daria um tiro em si mesma se, algum dia, esperasse mais dele do que um sorriso ocasional e uma transa.

## Capítulo 28

A garrafa de uísque pesava no colo de Isabel, enquanto o carro seguia o trajeto pela cidade, até a casa do Último Judeu de Cabul. Ela sabia que devia levar um presente e, como era noite de sexta-feira, o começo do Sabbath judaico, esse era o presente mais apropriado em que ela pode pensar. Desde pequenininha, ela observava o pai tomar um trago toda noite de sexta. Ele dizia que era o fim da semana de trabalho, hora de relaxar. Os judeus britânicos eram os que mais assimilavam isso, provavelmente como uma defesa contra o antissemitismo que prevalecia. Ela cresceu sabendo que era judia, mas sem observar muita tradição fora o trago de uísque semanal que seu pai tomava. Ela sentia que era uma hipocrisia imensa, pelo fato de que a família de sua mãe tinha sido quase toda aniquilada no Holocausto.

Para Isabel, a ironia era que ela ocultava grande parte do que a tornava quem ela era: o fato de ser judia, de ter sido estuprada, de ser jornalista. Mas, depois de conhecer Jamila e de ouvir de Sunny sobre o Último Judeu, Isabel percebeu que se ocultar era excessivamente egoísta. As pessoas assumiam posições morais todos os dias: o Último Judeu contra a perseguição religiosa e Jamila contra a perseguição sexual. Isabel sentiu que seguia rumo a assumir sua própria posição.

A casa dele ficava na Flower Street, adjacente a uma sinagoga cinza clara, agora rachada e decadente, parecendo mais uma velha casa do que um lugar de culto. Tinha sido muito difícil de encontrar, mas, finalmente, o carro encostava e ela disse ao motorista que a esperasse. Depois, ela subiu a escada até o segundo andar, que conduzia a um corredor

escuro e à sua porta. Ela bateu. Um homem parrudo e careca, usando óculos e um *yarmulke*, abriu a porta:

— Entre.

Ela estendeu a mão, que ele apertou firmemente.

— Isso é para você — disse ela, depois de se apresentar. Ela entregou a garrafa, num saco plástico fino. Os sapatos dele estavam gastos; a camisa, tão puída que era transparente nos cotovelos; e sua calça estava esfiapada na bainha.

Ele pegou, abriu o saco, e assentiu:

— Quer uma dose? — ele sorriu. Foi até o fundo de sua pequena cozinha e trouxe dois copos.

Seu nome era Zablon Simintov. Em seu quartinho, só havia um *toshak*, uma mesinha baixa com uma pilha de livros judeus de preces, um *bukhari* para afastar o frio do inverno e uma pequena mesa com duas cadeiras plásticas. Eles sentaram e Isabel perguntou sobre as coisas que a estavam incomodando. Logo que Sunny lhe falou sobre ele, ela havia procurado na *internet* e havia muitas histórias. Mas ninguém tinha feito as perguntas nas quais ela estava interessada, ou, se fizeram, ele não tinha respondido. Então, ela perguntou agora:

— Sua esposa e filha estão em Israel. Seu negócio foi destruído. Você está sozinho. Por que ainda está aqui?

O ex-comerciante de tapetes de quarenta e cinco anos sorriu e disse:

— Pare, ou vai me deixar deprimido! — e tomou outra dose de uísque.

Ele contou que durante oito anos o Afeganistão tivera uma comunidade judaica radiante, que encolheu depois de 1948, quando muitas famílias partiram para Israel, e depois, novamente, em 1979, após a invasão soviética. E agora Simintov estava só, tendo a esposa e a filha voltado para Israel, em 2001, e seu melhor amigo e pior inimigo, Ishaq Levin, com quem ele compartilhava a sinagoga, morrera, alguns anos antes. Ele havia sido preso e surrado diversas vezes pelo talibã, que saqueou a sinagoga e levou seu pergaminho de Torah escrito a mão, de quatrocentos anos.

Simintov culpava Levin pela perda do Torah, pois ele dissera ao talibã que o pergaminho valia milhões. Essa havia sido a desavença entre os dois homens. Agora, Simintov estava em uma missão.

— Eu fiquei para encontrar o Torah. Para salvar a sinagoga.

— Mas como você vive? O talibã roubou seus tapetes e tudo o que você...

— Tudo o que eu tinha de valor. Todo meu negócio. Então, você pode ajudar? — ele estendeu a mão, como se pedisse esmola.

Ela riu, desconfortável:

— Não estou brincando. Eu recorro à bondade de estranhos — disse ele, com um brilho no olhar.

— Mas, espere, sr. Simintov. Como pretende encontrar o Torah? E não acha que os mesmos caras que destruíram os budas gigantes também destruíram o Torah?

— Não, se acharam que era de valor. Tem um cara detido em Guantánamo que sabe exatamente onde ele está. Só temos de perguntar a ele — ele sorriu, sabendo o quanto parecia tolo.

Isabel olhou-o e ficou imaginando se ele estava completamente insano, ou se era só meio maluco.

Ele disse:

— Você não vê? Se eu partir, não haverá mais judeus no Afeganistão. E Hitler e Osama bin Laden e todos os outros malucos inclinados a dizimar um povo inteiro terão ganhado. “Se eu não for por mim, quem será? E se não for agora, quando?”, como diz o ditado. Se eu partir, os malucos ganham.

Eles beberam a isso e Isabel percebeu que havia diferentes tipos de loucura, e a de Simintov não era tão ruim. Ela lhe deu cem dólares americanos, um beijo no rosto e prometeu voltar para visitá-lo antes de deixar Cabul.

A caminho de casa, o motorista pegou uma rota dando a volta, para evitar os pontos de checagem da polícia, por conta do tráfego. Sentada no banco traseiro do carro, Isabel recostou o rosto na mão e olhou pela janela. Então ela fez algo que não fazia há meses, talvez anos. Isabel se permitiu chorar. Ela não

tinha certeza do motivo, nem o que a comovera, mas tinha a sensação de que uma escuridão recaía sobre a cidade, e ela chorou por Simintov, que se trancara em sua própria prisão, que era a defesa obstinada de sua herança, e em nome dela escolheu viver sozinho, longe da família. Ela chorou por Jamila, vivendo na miséria da cadeia; pela amiga de Jamila, aprisionada pela violência feita ao seu rosto horrendo; e de frustração, pois a única forma de ter certeza que Jamila não seria morta era tirá-la do país, e isso era uma tarefa quase impossível. Ela chorou por Layla, que nesse momento poderia estar sentada em uma prisão semelhante, se já não tivesse sido vendida a alguém. Chorou por si mesma, pois, em sua liberdade, ela também estava atrás das grades, grades que a impediam de se ligar à sua família, de encontrar amor, de enfrentar seu passado doloroso.

Ahmet não podia mais suportar, então caminhou escondido até lá em cima, para o apartamento da mãe, entrou sorrateiramente, sabendo que ela estava na casa de chá, preparando as coisas para a hora do jantar. O que sua mãe estava pensando? Ela sempre fora uma rebelde, com seu fumo, sua saia *jeans* embaixo do vestido, e, claro, seu jeito ímpar de ver o mundo. (E, embora ela tentasse esconder, ele sabia que ela havia cortado os cabelos, pois a vira fumando, mais de uma vez, no quintal dos fundos, sem a echarpe na cabeça.) Por um lado, ele se orgulhava por ela ser tão inteligente e ter sua mente própria. Por outro, ele ficava zangado por ela não ter respeito pela tradição, não se preocupar com envergonhar a família com suas atitudes, ou, mais diretamente, trazer mais vergonha a *ele*, já que ele era o homem da casa. Mesmo depois de todos os sacrifícios que ele fizera, ficando com ela, cuidando dela e protegendo-a.

Ele sabia da importância de manter a tradição de um povo, por isso estava esperando que a mãe lhe escolhesse uma noiva. Porém, por conta de sua rejeição a essas "regras

insensatas”, como ela chamava, ele talvez esperasse para sempre. A sala da frente estava arrumada, mas ele checou embaixo dos *toshaks* e nas gavetas do pequeno armário, onde não encontrou nada.

E, além disso, havia Yazmina. *Uma viúva, sim, mas aqueles olhos o faziam perdoar tudo o que se passara com ela. Mas o perdão seria suficiente?*, pensou ele.

No quarto de dormir, havia um *toshak* coberto com almofadas e cobertores. Também havia um armário para as roupas da mãe. Ele o abriu, não sem antes tocar os entalhes da madeira do lado de fora, com desenhos islâmicos que ele adorava tracejar com o dedo, quando era pequeno. Ele sabia que lá dentro havia três gavetas com puxadores azuis de cerâmica. E sabia que em uma das gavetas havia uma caixa em mosaico que seu pai comprara, quando Ahmet nasceu, para presentear-lá, por lhe dar um filho homem.

Mas a caixa estava vazia, exceto pelo colar de miçangas com um amuleto e algumas pulseiras e brincos.

Onde estava a carta? Ele foi até a janela, de onde podia ver Cabul, por cima dos muros. Onde sua mãe esconderia uma carta de um homem que ela mal conhecia? Um homem cuja reputação era questionável? Ele repassou na mente o encontro que presenciara: a caminhada rápida pelo mercado, até chegar à loja dele. Ele, em pé, do lado de fora, esperando por ela. Ele enfiando a mão no bolso e tirando um bilhete. Depois, ela tirando a mão do casaco e pegando, seus dedos tocando os dele, depois guardando em seu bolso.

Ele vasculhou todas as peças de roupa, tendo o cuidado de colocá-las de volta no lugar exatamente como encontrara. E nada. Frustrado, ele decidiu olhar tudo uma última vez, para ter certeza de que não deixara passar nada. Metodicamente, abria uma gaveta e depois fechava, uma por uma. Ao chegar na terceira gaveta, ele viu que não conseguia fechá-la até o fim. Colocou a mão atrás para tirar o que estivesse emperrando e puxou uma pilha de cartas, depois outra, e outra. E na gaveta seguinte, e na outra, atrás delas, mais cartas. Elas estavam

empilhadas caprichosamente, ao menos até quando ele bateu as gavetas, fazendo com que uma pilha caísse atrás. As cartas estavam amarradas e havia muito mais do que ele podia esperar.

Ahmet desamarrou e começou a ler.

*Minha querida Halajan,*

*Hoje é dia de pesar, declarado pelo hipócrita do Karzai, pelos quarenta Pashtuns mortos, no casamento, na província de Uruzgan. Os americanos invadem os esconderijos do talibã e, ao fazê-lo, matam muitos inocentes, celebrando o amor e a família. Diga-me, por favor, minha Halajan, por que o Rio Halmand sobrevive, mas todas essas vidas são tiradas.*

*Ainda assim, hoje a vida continua em Cabul. Eu comi meu pão com chá, no café da manhã, algumas laranjas doces com sementes, no almoço, e minha adorada berinjela. Essa noite, eu gostaria de comer com você. Aqui está a vida como Rashif vê: nós tomamos café da manhã, somos bombardeados, e, se temos sorte, sobrevivemos para olhar nos olhos daqueles que amamos. Meus amados filhos estão distantes. Minha amada do coração está a uma milha, no entanto, a uma vida de distância. Um dia, Halajan, um dia...*

Às vezes, eram cartas sérias, outras, histórias simples do que acontecera em um dia qualquer, onde o alfaiate havia ido, o que ele tinha visto. Um velho gordo precisava de uma nova *kameez*. Seu filho crescido pediu algum dinheiro. Uma família de passarinhos construiu um ninho em uma árvore no seu quintal dos fundos. Alguns refugiados o receberam com *chai*, quando ele foi entregar dez novas *shalwaar kameezes*, em suas tendas, fora de Cabul. Eram cheias de detalhes e algumas até o fizeram rir das verdades de um olhar observador.

Esse homem, esse estranho, esse modernista vinha escrevendo cartas para sua mãe há vários anos, contrariando

todos os ensinamentos, ameaçando a posição deles no mundo e o lugar que teriam após a vida. Tudo que Rashif representava ia de encontro ao Islã, portanto, tudo no que Ahmet acreditava. E isso acontecia sem as apresentações apropriadas, sem a concordância de Ahmet, pois ele era a autoridade da casa de sua mãe; não podia haver cartas, nem correspondência alguma! Se alguém descobrisse, sua mãe seria chamada de piranha e infiel. Mulheres eram mandadas para a prisão, ou tinham punições até piores, por transgressões menores que essa. Não houve uma mulher que fora apedrejada até a morte, recentemente, por deixar o marido que a surrava? Esse homem, esse Rashif, o alfaiate, merecia uma punição. Como ele se atrevia a violar sua mãe dessa forma? Ele era um ateu que poderia arruiná-la.

Mas que maldade sua mãe realmente fizera? Receber algumas cartas que não podia nem ler?

E será que Rashif era, mesmo, tão ruim? Ajudando afegãos que não podiam se ajudar? Ele trabalhava duro, era atencioso, apesar de não ser religioso o bastante para o gosto de Ahmet.

Então, Ahmet percebeu algo muito mais esclarecedor do que encontrar essas cartas: ele estava discutindo consigo mesmo sobre ser certa ou errada a ligação de sua mãe com Rashif. Ele era realmente uma mistura de filho de sua mãe, filho do Alcorão e um afegão. Seu coração via cinza, quando seu cérebro via apenas preto e branco.

Mas um homem não passa impune por uma violação dessas. Ahmet sabia o que tinha de ser feito. Ele cuidadosamente colocou as cartas de volta, em suas pilhas caprichadas, e encaixou-as no fundo das gavetas.

Guardou somente uma com ele. Não era uma recente, mas uma do meio da pilha, uma que não faria falta. Ele a dobrou ao meio e colocou no fundo do bolso da calça.

Halajan seguiu seu caminho até o ônibus, atravessando o leito seco do rio a pé, e entrou no Mondai-e. Algo tornava esta

viagem, neste dia da semana, mais urgente do que jamais fora. Sua preocupação quanto a Ahmet ter visto a carta no chão, ou Yazmina e sua gravidez, ou aquela Candace imbecil falando de amor e homens, ou Sunny ter feito aquela viagem estúpida a Mazar-e Sharif com Tommy... algo. Ela caminhava o mais depressa que suas pernas magras podiam levá-la, olhando para baixo, o chão irregular, tomando cuidado para não torcer um tornozelo, até que chegou à loja de Rashif.

Ela entrou. Ele levantou. Ele caminhou até ela e, sozinho na loja, pegou as mãos dela e encostou a testa na dela. Ela recuou, olhou em volta para ter certeza de que ninguém estava olhando. Ela não pode deixar de sorrir.

— Você — disse ele.

— Sim — ela respondeu. — Eu.

— Não posso esperar muito mais. Estou cansado dessas cartas estúpidas.

— Você não parece cansado — disse ela, sorrindo. — Parece um menino.

Mas ele não retribuiu a ternura. Ele estava impaciente.

— Chega de cartas. Eu quero você e seu filho, e sua vida comigo.

Ela olhou-o atentamente, imaginando se ele sabia, imaginando se teria lido o poema errado de Rumi, naquele dia, e disse:

— Você tem ou não uma carta para mim? Talvez, *Inshallah*, se Alá sorrir para você, eu lhe escreva de volta.

— No dia em que você me responder, será o dia que todos deixarão o Afeganistão. Americanos, paquistaneses, russos, todos, exceto nós, afegãos — ele parecia amargo.

— Certo, esse é um desafio que eu posso aceitar. Agora, dê-me a carta.

— Aqui está. Leia.

— Como posso? Eu preciso ir.

— Por que você não lê na minha frente? Vá em frente, leia!

Ele sabia que estava zangado.

— Então eu leio para você — e tentou arrancar a carta da mão dela, mas ela enfiou no bolso.

*Ler para ela!* O sangue subiu ao rosto dela, que temia que ele tivesse notado sua empolgação. De fato, ouvi-lo ler uma carta! Ela engoliu para conter-se.

— Está tarde demais.

— Você acha que preciso da carta para saber o que diz?

Halajan sabia que isso era impróprio, mas seus pés estavam grudados ao chão, como se estivessem pesados por seu amor. Ela não conseguia ir embora e se afastar de Rashif.

Ele recitou a carta:

— *Querida Halajan, na noite de Natal eu a visitei em seu local de trabalho. E olhe: nós sobrevivemos! Ahmet não me machucou, é claro que jamais machucaria você, e não caíram raios do céu. Não há regras para nos manter separados. Eu vou ganhar o seu filho. Você verá. E ele será meu amigo, como um filho.* Eu gostaria de ter dito algo engraçado aí, mas não disse.

— Está bom — disse Halajan. — Continue lendo, ou recitando, ou o que estiver fazendo.

— *E você sabe por que, Hala?*

E agora, Rashif sussurrava, com um tom mais brando, a voz como uma doce melodia numa noite de verão:

— *Porque quando duas pessoas estão destinadas a ficarem juntas, é como se suas almas estivessem entrelaçadas como as raízes de olmo, precisando uma da outra, para se apoiar, ajudando um ao outro a encontrar água na terra.* Ligeiramente brega, certo? Quando eu escrevo, as palavras soam como mágica. Quando recito, parecem tolas.

Halajan sentiu compaixão por ele.

— Vá em frente. Suas palavras são boas — ela quis dar um chute em si mesma. *Boas? Pare de dizer boas! Diga boa tarde!*

Ele continuou:

— *Eu tomei uma decisão. Este é o ano em que acontecerá. Este é o ano em que começaremos nossa vida como uma só.*

*Boa noite, minha Hala. Seu, Rashif.*

Rashif uniu as mãos e curvou a cabeça, como em prece. Ele ficou desse jeito pelo que pareceram vários minutos, depois olhou diretamente para Halajan e disse:

— Todos esses anos e você nunca leu uma única carta, não é?

Ela pode sentir todo o sangue de seu corpo indo para o rosto, onde queimava suas bochechas como um fogo selvagem. Ela se virou em direção à porta.

— Você sabia — disse ela, de costas para ele.

— Não faz muito tempo — respondeu ele.

— Eu tinha vergonha.

— Eu sei.

— Mas encontrei alguém para ler pra mim, e já lemos quase tudo.

— Fico tão satisfeito — disse ele. — Yazmina?

Ela ouviu seus passos atrás dela, sentiu a respiração em seu pescoço. Ela firmou os joelhos para que eles não dobrassem.

— Sim, e ela também vai me ensinar. Você vai ver. Eu vou escrever de volta.

— E eu estarei esperando.

## Capítulo 29

...

então, eu disse ao menino, por que você rouba? Você sabe que é errado. Não importa o quanto esteja com fome, o quanto a dor possa comê-lo por dentro, não há uma razão humana aceitável para roubar. Só o rato no esgoto, que não tem motivo, rouba quando está com fome. Então, minha querida, sabe o que o velho fez, para ensinar uma lição a esse menino? Entreguei-lhe alguns afeganis, o suficiente para comprar uma semana de comida. Eu amoleci, depois de velho...

Yazmina estava lendo a carta mais recente de Rashif a Halajan, quando Ahmet irrompeu no quarto.

— Você já ouviu falar em bater? — perguntou Halajan, enquanto ela e Yazmina tentavam, em vão, juntar as cartas e escondê-las embaixo da roupa.

— Você! — ele gritou com Yazmina. — Você está envolvida nisso?

Os olhos verdes de Yazmina se arregalaram.

— Só estou lendo uma lista de compras.

Ahmet riu com raiva.

— Uma lista de compras? Essas são palavras de uma lista de compras? — ele arrancou a carta dela e começou a ler.

— Ahmet! — Halajan gritou. — Eu sou sua mãe. Você traz desrespeito à minha casa.

— Vocês duas trazem vergonha a essa família — ele respondeu. — Seus atos estão fora da lei de Mohamed. Vocês precisam parar com essas cartas agora! — seus gritos sacudiram as vidraças finas.

— Vergonha só pode ser trazida pelo homem que se permite envergonhar — disse Halajan.

Ela tentou pegar a carta de volta dele, mas ele a segurou, depois rasgou-a em duas, e rasgou de novo e de novo. Depois jogou no chão, e cuspiu em cima. Seu rosto estava vermelho de raiva.

— Você vai destruir tudo pelo que trabalhamos tão duro. Se alguém mais descobrisse, nós seríamos...

Mas Yazmina gemeu alto, depois novamente, segurando a barriga e começando a suar terrivelmente.

Ahmet ficou parado, com os olhos quase saltando, franzindo o rosto, preocupado e confuso.

Halajan foi até Yazmina, sentou atrás dela e segurou-lhe a cabeça junto ao peito, limpando seu rosto suado com o vestido.

— Está na hora. — Ela virou para Ahmet e disse: — vá buscar Sunny. Nós precisamos de água quente.

Yazmina gemeu de dor, seus olhos verdes estavam opacos, desfocados.

Ele ficou petrificado.

— O que está acontecendo? Yazmina está bem? Nós precisamos levá-la a um hospital!

— Não pergunte, apenas vá! — gritou Halajan, pensando que, ao menos uma vez, para sorte delas, seu filho era tão ignorante quanto outros homens afegãos. Para o afegão, há sexo e há um bebê. — Vá buscar Sunny!

Ele virou e bateu a porta, descendo ruidosamente a escada.

Depois que ele saiu, Yazmina disse:

— Estou molhada.

Halajan olhou embaixo do *chaderi* e viu que a bolsa tinha rompido. Agora o bebê estava chegando.

Em segundos, Ahmet voltou com Sunny, que se ajoelhou ao lado de Yazmina e perguntou, pousando a mão em seu rosto:

— O que foi? Ela está passando mal?

— Na verdade, não — disse Halajan. Depois ela ergueu os olhos para Ahmet e disse: — você precisa sair. Isso é coisa de mulher.

Ahmet não sabia o que pensar, mas vendo a dor de Yazmina, e sua possível doença, ele sabia que não podia simplesmente deixá-la.

— O que é? Ela ficará bem?

— Você precisa sair, Ahmet. Nem sempre você ouve sua mãe, mas agora precisa ouvir.

E Yazmina gritou de dor.

— Isso é o que preciso de você — e, embora já fizesse mais de vinte anos que ela não praticava, todos os seus anos de parteira lhe voltaram. — Preciso de toalhas e água quente, preciso da tesoura que Sunny usa para cortar seus cabelos e...

— Tesouras? Você não vai cortar os cabelos da minha Yazmina!

Quando ele disse isso, Yazmina parou de gemer e todos os olhos se voltaram para Ahmet.

— Não, eu não vou machucá-la, nem cortar seus cabelos. Mas, se quiser ajudar, então saia e faça o que pedi!

Ele saiu correndo pela porta. Yazmina olhou para Halajan. E Halajan disse:

— E por que ele não iria amá-la? Como ele poderia evitar?

Então, Halajan tirou o pesado *chaderi* de Yazmina e ela e Sunny ficaram de olhos arregalados quando viram o quanto Yazmina tinha crescido desde a última vez que elas a viram.

— Halajan, o hospital.

— Não podemos. Eles irão...

Houve uma batida na porta. Era Ahmet, desta vez sabendo que deveria dar às mulheres tempo para se prepararem. Elas cobriram Yazmina e disseram que ele entrasse. Ele trazia toalhas, um bule de água quente e outros apetrechos que a mãe havia pedido.

— E agora, Ahmet, você tem que ficar de guarda lá fora, sem deixar que ninguém entre — disse Halajan.

Quando ele se foi, ela disse:

— Agora, chega de conversa. Temos um bebê para trazer ao mundo, com segurança.

Ahmet estava morto de preocupação. Que doença poderia ter acometido Yazmina, fazendo com que ela ficasse tão mal, de repente? Enquanto estava lá fora, no alto da escada, olhando o oeste, ele pôde ver o reflexo do sol poente nas janelas de Cabul e o brilho das montanhas mais além. *Que beleza permitiria que ela sofresse tanto?*, pensou ele. O mundo nem sempre era justo.

Então, ele a ouviu gritar. Foi um grito tão alto e aterrorizante quanto o daquele soldado cuja perna foi arrancada, na frente de seus olhos, no último bombardeio suicida, na Chicken Street. Mas aqueles gritos cessaram, quando o soldado perdeu a consciência. Os de Yazmina continuaram por mais de uma hora, mas, em sua frustração e impotência, ele perdeu a conta. Ele só sabia que ela não merecia a dor que estava sentindo.

Ele quase abriu a porta, por várias vezes. Mas foi somente quando ele ouviu outro grito, que primeiro pareceu de um gato, pela janela dos fundos, um gato que grita de noite, que ele não pôde se conter. Ele abriu a porta e viu: sua mãe entregando um bebê a Sunny, coberto de sangue e outros fluidos, e Yazmina, finalmente deitada em silêncio, exausta, com o rosto coberto de suor, seus cabelos molhados.

— O quê...? — ele começou a falar.

— Entre e fique quieto — sua mãe interrompeu, com um sussurro ríspido. — Você vai perturbar o bebê.

Exatamente como Yazmina soubera, seu bebê era menina. A experiência de Halajan lhe voltara e tanto o bebê quanto a mãe estavam bem. Sunny lavou a menina, embrulhou-a em um dos *chadors* de Halajan e pousou-a sobre o peito de Yazmina, para que ela pudesse segurá-la.

A cabecinha do bebê era coberta de tufo de cabelos negros. Seus olhos estavam fechados, mas Yazmina sabia que eram os olhos de Najam.

Só Ahmet não conseguia entender o que estava vendo.

— Mas, como? — disse ele. — Você não tem marido! Quem é o pai? Quem fez isso com você? — a cabeça dele girava, ele se sentia como se estivesse no corpo de outra pessoa, e não conseguia acreditar nas palavras que saíam de sua boca. — De quem é esse bebê? — ele berrou.

— Esse é *meu* bebê — respondeu Yazmina. — Minha Najama. Filha do meu marido morto.

— *Seu* bebê? Você me enoja. Você é uma *kafir* suja! Como os estrangeiros da casa de chá, que se deitam com qualquer um, como animais. — Ele se sentiu como se seu mundo estivesse desabando. Não apenas as tradições deixadas de lado, não apenas sua traição, mas seus sonhos de amor, sua esperança de um futuro, seu coração em si, tudo se despedaçou.

Halajan levantou, colocou as mãos no quadril e enfrentou o filho.

— Najama é *meu* bebê — disse ela.

Sunny olhou para ela e entendeu. Ela também levantou os olhos para Ahmet e disse:

— Ela é meu bebê também.

Ahmet olhou para elas, pensou em como ele seria visto na casa de chá, tão fraco e sem controle de seu próprio lar, e cuspiu essas palavras:

— Então vocês são todas iguais, todas *fahesha*. E pagarão pelo que estão fazendo.

— Agora você vê o que eu quis dizer, quando disse que você não pode manter esse bebê? — Halajan perguntou a Yazmina, depois que Ahmet saiu, batendo a porta atrás dele. — É perigoso, não só para o bebê, mas para você.

— Agora, Sunny, você está vendo por que ela teve de esconder — ela explicou. — Uma mulher sem marido, que está esperando uma criança, não é nada. Ou menos que nada.

— E agora, o que fazemos? — perguntou Yazmina, afagando a cabeça de Najama. — Você me deu uma cama, um teto e um propósito. Agora não sou só eu. É demais. Por favor, srta.

Sunny, eu lhe imploro. Não me mande embora. Eu sou tão feliz aqui. Eu trabalho duro, eu...

— Eu nunca a mandaria embora, Yazmina. Você faz parte da família de nosso café, minha família. E seu bebê, bem... — ela riu. — Eu não amo todos os bebês, para ser honesta, mas vou amar o seu — ela estava mentindo um pouquinho. Mas veja o que aconteceu com Poppy. Ela não podia mais imaginar sua vida em Cabul sem aquela vira-lata, como Jack a chamava.

— Agora, nós temos algo a celebrar.

— Não, Sunny — alertou Halajan —, esta não é uma ocasião feliz. Você não vê que esse nascimento sem um pai...

— Mas houve um pai — disse Sunny.

— ... sem um pai vivo poderia significar a morte de Yazmina e de todas nós? O que irá dizer o Bashir Hadi? Nós trazemos vergonha às cabeças deles. Para ter um bebê, significa que você tem que ter feito o bebê, e sem marido...

— Mas eu tinha um marido...

— Mas ninguém sabe se ele é realmente o pai. E isso realmente não faz diferença. Ele não está aqui. Para todos os efeitos, não é pai. A vida de Yazmina estará em perigo. Ela será vista como impura, ou uma mulher que faz dinheiro com homens, e ela trabalha no café, com *khareji*, homens estrangeiros, então as pessoas irão pensar que é um bebê *khareji*, e assim nenhum *khareji* que falar com ela estará em segurança. Irão pensar que ela está vendendo mais que café, e você sabe o poder que os homens têm em Cabul... Está vendo, Sunny, que é por isso que uma mulher grávida no Afeganistão não discute seu estado? Ela mal o reconhece. Você não vê? É muito constrangedor discutir isso, porque é admitir que você fez o negócio que a deixou grávida, para começar. Essas coisas não são discutidas em nosso mundo. Eu sei que é difícil para um *khareji* como você entender...

— Como eu? — Sunny ficou surpresa por Halajan usar o termo geralmente usado apenas para insultar ou depreciar. — Mas eu achei que nós fôssemos amigas, e amigos ajudam uns aos outros.

Halajan respondeu:

— Nós somos amigas, mas sempre haverá a distância de oceanos, costumes e história entre nós. Além disso, você é a chefe — ela sorriu.

— É mesmo? Eu achei que você fosse a chefe — ela sorriu de volta.

O bebê chorou.

— Ela está com fome — disse Halajan. — Está na hora de aprender como amamentá-la.

Mas o que Halajan realmente queria dizer era: *não se permita amar esse bebê, porque, em breve, quando ela estiver forte o suficiente, ela vai partir. Então, não se permita amá-la.*

Ahmet respondeu ao chamado *muezzin* e foi para a mesquita, para a prece noturna. Ele geralmente rezava no pequeno tapete de sua própria casa, porém, esta noite, sentiu que precisava da mesquita e de sua comunidade ao seu redor, como precisavam os outros, aparentemente, pois estava bem cheio. Ele cumprimentou os rostos familiares e desejou que o pai estivesse ali com ele. Frequentar a prece na mesquita o fez pensar nas tradições antiquíssimas e na família, pais e filhos, lealdade e responsabilidade com a fé. Ele se ajoelhou em seu tapete de orações de frente para o leste e encostou seu nariz no chão, à sua frente, e implorou que Deus revelasse a verdade, e mostrasse a ele um caminho. Como se pode amar a Deus e a uma mulher? Uma mulher com um bebê? Um bebê que não é seu? Como é que os ensinamentos lidam com tais questões? Ele sabia que o Alcorão era um livro de paciência e sabedoria, de amor e bondade, e não o livro de violência e outras atribuições que alguns lhe davam. Ele sabia que Mohamed tinha se casado com muitas viúvas com filhos e que amar Yazmina e seu bebê seria a coisa justa a fazer, se fosse verdade que ela era viúva.

Mesmo assim... Se ele fosse um homem que chorasse facilmente, ele certamente estaria chorando agora, de

frustração, tristeza e dor.

Havia expectativas. Em Cabul, havia formas como uma mulher deveria se comportar e formas como um homem deveria reagir. Havia obrigações a cumprir e lições a aprender. O Alcorão nem sempre é explícito quanto ao que fazer em determinadas circunstâncias. Às vezes, ele era vago e dependia de interpretação.

No entanto...

Uma coisa que ele sabia e estava bem clara, sem uma vírgula de ambivalência, era que o amor é a maior forma de ser. Isso era uma coisa que os ensinamentos e sua mãe tinham em comum: seu respeito pelo amor. E a base do amor era um sentimento individual. Novamente, o ensinamento de sua mãe: você tem que ser verdadeiro consigo mesmo, mesmo que isso vá contra o que é esperado. Exatamente como Mohamed provou, exatamente como ele ensinou.

Se ele ao menos tivesse... — como é que os americanos chamavam mesmo? — *culhões* para fazer isso, para se permitir amar. E quanto a sua mãe? Ele sentiu a carta em seu bolso. Será que ele poderia permitir que ela amasse também?

## Capítulo 30

*D*e repente, parecia que tudo na vida de Sunny tinha mudado. Ela se sentia novamente como uma adolescente que acorda e se vê num corpo novo, sem ter a menor ideia de quem ela é, ou o que se tornará. Sunny tinha herdado um cachorro, um bebê, um namorado antigo quase de volta do mundo dos mortos, um novo amor com um velho amigo, e um negócio em plena expansão, na casa de chá. Sua vida estava à toda; ela não sabia o que queria e sentiu que tudo estava acontecendo com ela, em vez de por causa dela.

O mural continuava por terminar, e sempre que Sunny olhava pelas janelas da frente, ela sentia uma pontada de culpa no estômago. Estava simplesmente terrível e vazio. Sunny achou que fosse gostar de fazer. Algo que podia fazer sozinha, lá fora, sob o sol do começo da primavera, das árvores florescendo, os pincéis e tintas à sua escolha, apenas a sua visão do muro. Ficar sozinha era o que ela precisava quando o bebê chorava, quando Halajan fazia observações irritantes, quando Tommy invadia seu espaço físico. A única hora em que ela não queria ficar sozinha era quando Jack estava por perto, o que não era com muita frequência, por conta do aumento crescente da necessidade de sua *expertise*. Ele havia partido novamente e já fazia semanas. Três americanos, funcionários de ajuda humanitária, tinham sido sequestrados em Kandahar e ele fora enviado para negociar a libertação deles.

O trabalho dele era algo que eles não discutiam detalhadamente. Ela podia acusá-lo de ser, no mínimo, reticente, inacessível, mas isso também era culpa dela. Ela não queria saber. Embora a verdade verdadeira fosse que ela *sabia*.

Quando ela pediu sua ajuda para encontrar Layla, ele foi muito claro quanto ao perigo e à dificuldade da missão, que era literalmente impossível.

— As vilas de Nuristão são administradas pelos chefões do tráfico e da guerrilha — explicou ele. — Não há leis, Sunny, exceto aquelas que eles impõem. Não há estradas de verdade, nem identificação nas vilas. Quase não há sinal de celular, nem conexões de *internet*, lá no alto das montanhas. Não se vai lá. É um território rude, difícil, restrito. Encontrar uma menina cujo tio deve dinheiro aos traficantes e levá-la em segurança para Cabul, sem maiores repercussões, será tão difícil e perigoso quanto escalar o Monte Everest.

— Mas, e quanto a Yazmina? É irmã dela. O que eu digo a ela? Que não tem jeito?

Ela se lembrou da expressão dele. Da dor em seu rosto, ao sacudir a cabeça. Ele disse que tentaria entrar em contato com pessoas que conhecia lá em cima, uns militares, atiradores. Se tivesse um jeito, ele encontraria. Mas ela não devia ter muita esperança. De alguma forma, naquele momento, ela compreendeu que homem diferente ele era de Tommy, que disse que também não podia fazer, mas seus motivos eram egoístas, não os motivos de alguém que se importava com alguém que nem conhecia.

Mas como ela podia deixar de saber o quanto era perigoso? Ela sabia, como se fosse ela mesma, lá, na região traiçoeira do sul, onde o talibã dormia em cavernas, os vastos estoques de armamento escondidos nos abrigos subterrâneos que eles construíam na terra rochosa.

Na véspera de sua partida para o último trabalho, Sunny e Jack tinham ido até o telhado, depois do jantar, e olharam Cabul. A noite estava negra, mas o céu estava estrelado, como um manto protetor sobre eles.

— Eu parto amanhã. E desta vez posso demorar mais tempo.

— Estarei aqui, quando você voltar.

— Se ficar ruim por lá, o que não vai acontecer, você terá de tomar uma decisão.

— Sobre o que? Sobre deixar Cabul?

— Os americanos serão alvos. Isso aqui vai ficar muito perigoso para você. E não falta muito. Dá para sentir o perigo aumentando em Cabul, todo dia. Até agora, temos tido sorte.

— E quanto a você?

— Para mim também. E eu quero estar com você.

— Você está dizendo para simplesmente fazermos as malas e voltarmos para os EUA?

— Para os afegãos, deixar o Afeganistão pode gerar uma discussão. Nós os tratamos como idiotas. E você sabe, eu sei, que Halajan, Yazmina, Bashir Hadi, e até o Ahmet, não são idiotas. Nós, americanos, infantilizamos todos que não são como nós. E os transformamos em bebês como Najama.

Sunny adorava esse homem atencioso, inteligente. Mas ela não conseguia acreditar que ele algum dia pudesse parar de fazer seu trabalho. Nem para salvar a própria vida, e certamente não por ela. E ela nem lhe pediria que o fizesse.

— Mas, nesse momento, sou eu, você e as estrelas — ele a puxou para junto dele e a beijou na boca, ardentemente, sentindo-a se abrir para ele, sentindo os braços ao seu redor, sentindo todo o corpo dela junto ao seu.

Naquela noite, eles fizeram amor no quarto dela, com a despreocupação de jovens que ainda não tinham se decepcionado na vida. Fizeram amor como se fosse a última vez.

E, na manhã seguinte, Jack disse:

— Eu voltarei assim que puder, e então nós vamos ver o que fazer a seguir. Estou farto de ficar longe de você.

Neste momento, o celular dela tocou.

— Espere — disse ela —, deixa eu me livrar disso. — Ela pegou o telefone e abriu. Era o Tommy.

Ela olhou para Jack. *Merda. Agora não*, pensou ela.

— Vá, atenda — disse Jack.

— Não, podem ligar de volta — mas ela sabia que estava com cara de quem está escondendo alguma coisa.

Jack a observou, estreitando os olhos.

— É o Tommy, não é? — ele esperou por uma resposta e, quando não teve nenhuma, disse: — ainda não acabou, não é?

— Acabou, Jack. Como pode me perguntar isso? Agora, com tudo?

— *Ele* sabe que acabou? Talvez você precise fazer com que ele saiba que acabou.

— Eu sei — ela sacudiu a cabeça. Não sabia o que a estava impedindo. Partir o coração de Tommy? Ele não tinha um coração tão grande para partir.

— Eu preciso ir — disse Jack. — Sabe — ele disse e deu uma risadinha — qual é o negócio com ele? Ele é bem jovem e bonito.

— Não é isso — disse ela.

— Então, o que é? — ele estava zangado.

— Não é nada. O tempo, eu acho. História. Ficar esperando tanto tempo, e, depois, aqui está ele.

Ele sacudiu os ombros.

— Isso é conversa fiada. Eu tenho que ir.

— Mas agora tem você — ela foi até ele e o beijou profundamente. — Eu te amo — disse ela.

— É, sei — ele respondeu.

— Apenas volte inteiro, está bem? E vivo, também seria bom. É um pedido pequeno. Não estou pedindo muito, só você.

## Capítulo 31

— *M*ais chá? — Yazmina perguntou a Candace e Isabel, que estavam conversando e comendo amêndoas confeitadas, figos e tâmaras. O bebê estava preso ao seu peito, embrulhado em um tecido ao redor de sua cintura, com as pontas amarradas atrás de seu pescoço. O bebê balbuciava e murmurava.

Bashir Hadi, de seu posto, do outro lado do balcão, sorria com cada pequeno som vindo do bebê. Ele era um pai de coração.

— Deixe-me dar uma olhada nela — disse Candace, ficando em pé. — Posso?

Yazmina curvou o corpo para a frente, para que o rosto do bebê ficasse visível.

— Ela é realmente linda — disse Candace, afagando o rostinho do bebê, carinhosamente, com um dedo. — Olhe, Isa, ela é demais.

Isabel deu um gole no chá e disse:

— Tenho certeza de que é, mas não sou muito de bebê. Nunca fui.

Candace só murmurava baixinho para o bebê, e, quando ergueu os olhos, piscou para conter as lágrimas.

— Sou uma boba — disse, sorrindo. — Ela é simplesmente linda demais e eu tenho a impressão — ela suspirou ruidosamente — de que é tarde demais para mim — ela sacudiu a cabeça e sentou.

Isabel segurou a mão de Candace e disse:

— Nada é tarde demais para você. Eu sei que isso é verdade. Se alguém pode fazer as coisas acontecerem, é você, minha amiga.

— Sim, eu, a mãe mais velha do mundo!

— Você não é velha demais.

— Só solteira demais.

Elas estavam falando tão depressa, em inglês, que Yazmina não conseguia acompanhar. Mas ela via a tristeza nos olhos de Candace, então, achou que agora seria um bom momento.

— Agora que você voltou, eu tenho algo para você. Tem um instante? Por favor, venha comigo — disse ela, gesticulando para a porta dos fundos.

— Você quer dizer... o vestido? Está pronto? Por favor!

— Sim, está pronto. Espero que você goste.

E as duas caminharam até os fundos do restaurante, saindo pela porta traseira e seguindo o corredor, até o quarto de Yazmina.

Isabel aproveitou ter ficado sozinha com Sunny, pela primeira vez desde seu regresso, e disse a ela, sussurrando:

— Preciso falar com você.

Sunny sentou à mesa.

— O que foi?

— Candace. E Wakil. Ela me levou ao complexo. Impressiona bastante, mas eu tive a impressão de que, bem, é um lugar esquisito.

— Wakil é um cara esquisito. Ele tem um rei na barri...

— Não, tem outra coisa.

— Certo, o quê? Você tem boa intuição sobre as coisas. Diga, o que está pensando?

— Os meninos. Todos jovens. Todos muito sérios. Rezando e estudando o Alcorão, o dia todo. Tem muito dinheiro ali.

— E...?

— Estou imaginando se o orfanato, a escola... eu me pergunto se não é uma fachada. Quero dizer, o que acontece com os meninos mais velhos? Estou pensando... — e ela olhou por cima do ombro, para ter certeza de que Candace não estava voltando — que pode ser uma escola para...

— Você quer dizer que eles estão treinando terroristas? — Sunny sacudiu a cabeça, incrédula.

— Tem tudo a ver com o dinheiro. Ouça — Isabel colocou as mãos na mesa e se esticou para a frente, na direção de Sunny. — Eu não quero que a Candace saiba de nada até que eu tenha certeza, mas eu vou rastrear Wakil e seu dinheiro, e ver aonde vai dar. Tinha um garoto...

— Você deveria contar a ela sobre suas preocupações, Isabel. É melhor que você mesma conte do que ela saber que você andou xeretando...

Então, Candace apareceu na mesa, com Yazmina atrás dela.

— Olhem a deusa — disse Candace.

Candace estava com o vestido que poderia ter sido publicado nas páginas da Vogue, feito por algum *designer* ousado que utilizasse elementos orientais e ocidentais, modernos e antigos. Era discreto no corpo, mas drapeado com o tecido, como se tivesse sido criado por um artista. Yazmina dera ao pano uma textura em lugares que não havia, tinha criado junções suaves e construído uma gola vistosa, porém modesta. Tinha um caimento perfeito em Candace e ela estava linda. Os dourados iluminavam seu rosto; os roxos e azuis enfatizavam seus olhos. O vestido em si parecia reluzir de dentro para fora.

Enquanto ela desfilava, outra cliente se aproximou para admirar e pediu a Yazmina que lhe fizesse um. Antes que Yazmina pudesse concordar, Candace negociou o preço, excluindo o custo do tecido e outros materiais, e levou em conta o novo bebê de Yazmina, sua brilhante criatividade e a qualidade de seus vestidos. Yazmina estava ali em pé, de olhos arregalados, provavelmente incapaz de imaginar, pensou Isabel, a quantidade de dinheiro que ela receberia para fazer algo que adorava, que a comovia, e que ela sonhara.

Candace era boa exatamente nisso. Levantar dinheiro para os sonhos dos outros.

Mais tarde, quando o café estava fechado, Sunny disse a Candace:

— Você fez algo maravilhoso para Yazmina.

— É a Yazmina quem tem o talento. Olhe isso. Ela é um gênio! — ela levantou, deu três passos e voltou, como uma modelo de passarela.

De alguma forma, pensou Sunny, Candace era como uma jovem, ingênua e fácil de se magoar. Seria terrível para ela se a suspeita de Isabel fosse verdade. Ela se preocupava com a segurança de Candace e sabia que tinha de dizer algo, mas teria de fazê-lo com muito cuidado.

— Mas você tem o talento para os negócios. Olhe o que fez para Wakil.

— Sunny — disse Isabel, pousando a mão em seu braço.

— Sim, mas ele também fez algo por mim — Candace sorriu e ergueu as sobrancelhas, sugestiva. Então, ela desviou o olhar de uma amiga para a outra, e perguntou: — o que foi?

— Então, vocês dois ainda estão juntos?

Ela se sentiu na defensiva, então não foi completamente honesta em sua resposta.

— Juntos, juntos, não, mas ele me disse que eu sou sua alma gêmea. E nós temos o que precisamos, um ao outro. Sim, eu tenho sido deixada de lado, enquanto ele resolve coisas mais importantes, mas... o que há com vocês duas? Ele tem coisas muito mais importantes do que eu. Homens como Wakil...

— Então o que você acha que ele está fazendo na escola? Educando os garotos para quê? Irem à faculdade?

— Sunny! — disse Isabel.

— Acho importante que ela saiba que você está preocupada.

Candace sacudiu a cabeça e estreitou os olhos:

— O que está havendo? Isabel andou falando com você? — ela olhou para Isabel. — Acho que é a jornalista cínica em você. Totalmente desconfiada e incapaz de ver a bondade nas pessoas. Só porque ele é um Pashtun, não significa que seja um talibã.

— E se eu puder provar?

— Provar o quê? — mas ela sabia do que Isabel estava falando. Ela levantou e empurrou a cadeira para trás, zangada. Pegou suas roupas, sua bolsa e disse: — sabe, você é uma cadela. Uma mulher triste e solitária que quer magoar os outros da forma como você foi magoada. Nem todos são infelizes como você. Nem todos os homens são ruins como os que te magoaram. Mas eu acho que você se sente melhor se pensar que não está sozinha. Você deve querer me magoar para ter uma parceira. Engraçado — e ela riu, fungando pelo nariz —, eu achei que já fôssemos parceiras. Mas, para você, não é suficiente ajudar mulheres, você precisa arrastá-las para o seu nível. Então, sim, vá, prove.

Ela olhou para Sunny:

— Você também. Vocês são duas cadelas. E eu estou farta de vocês.

E ela saiu vestindo a deslumbrante criação de Yazmina, sabendo que algo no que Isabel suspeitava tinha soado verdadeiro e apunhalara seu coração como uma faca.

## Capítulo 32

**A** bola bateu na parede e Poppy pegou com os dentes. Depois ela veio correndo até Ahmet, abanando o rabo, soltou junto à bota dele, que pegou e arremessou novamente contra a parede. Eles já tinham feito isso dúzias de vezes, quando Tommy entrou pelo portão. Ele acenou para Ahmet e entrou no café.

Sunny estava conversando com alguns clientes, mas isso não impediu que Tommy fosse direto beijá-la no rosto. Ele disse:

— E aí, gata?

Sunny logo soube que seria um dia de rompimentos. Não somente por ele chamá-la de “gata” (embora isso a fizesse se retrair e ela já tivesse pedido, repetidamente, que ele não o fizesse), mas porque ela sabia que teria de finalmente acabar com isso de uma vez. Ela diria o que precisava ser dito, o que ela não conseguira dizer. Além disso, Jack estava para voltar, a qualquer dia, ela torcia, e era importante que ela pudesse lhe dizer que estava tudo terminado e resolvido.

— Tommy, eu preciso falar com você — disse ela. — Venha comigo.

Lá fora, no pátio, Ahmet e Poppy estavam no mesmo joguinho. Fazia calor e o céu estava cinzento e cheio de nuvens. As plantas estavam lindas e cheias.

— Ahmet, você poderia, por favor, levar Poppy para dar um passeio?

Ele olhou debochado para o cão e disse:

— Você quer dizer, ela me levar para passear? Isso é o que ela faz. Ela decididamente é quem manda nesta casa. — Ele pegou a coleira no gancho da parede e disse: — venha, Poppy, por favor, me leve pra passear.

Ela se virou para Tommy e disse:

— Precisamos conversar.

— Ei, gostei do que você está fazendo com o mural — disse ele, virando-se de costas para ela, para admirar seu trabalho.

Ela ficou em sua frente, de costas para o tucano e a tartaruga.

— Tommy, olhe para mim — pediu ela, amaciando a voz. — Eu te amei. Esperei por você por muito tempo. Muito tempo. Mas agora... eu lamento.

— Isso é porque eu não estava aqui. Agora estou e... — ele colocou as mãos na cintura de Sunny — você sabe que vai terminar com ele, cedo ou tarde. E eu estarei esperando.

— Não, Tommy. — Ela recuou e olhou o mural. — Pelo amor de Deus, isso é ridículo! — Depois olhou novamente para ele e disse: — eu o amo, espero que nunca acabe. Isso que eu queria lhe dizer. Você e eu... acabou, Tom. Talvez, se você não tivesse ido, não tivesse ficado longe, mas, quem sabe? Acho que eu sempre amei Jack.

— Se eu soubesse que aceitar esse trabalho fosse fazer isso conosco...

— Você teria aceitado de qualquer jeito.

Ele soltou uma risadinha e pegou o rosto dela com as mãos.

— Eu sempre vou te amar — e a puxou, beijando-a apaixonadamente, como deve ser um último beijo.

Jack encostou junto ao portão, estacionou a moto e caminhou até o pátio, saudando Ahmet de sua forma habitual, perguntando sobre sua mãe e sua irmã, que estava na Alemanha.

Ahmet ainda estava brincando de jogar bola com Poppy. Uma bola vermelha estava presa nos dentes dela.

— Ei, Poppy, como vai você? Bom vê-la, garota. Onde está sua mãe? — ele afagou o pelo de Poppy.

— Bem, eu estou com sede — ele disse a Ahmet. — Quer uma Coca?

— Não, obrigado, estou trabalhando aqui, ensinando alguns truques novos a essa cachorra velha.

Jack riu, pensando que nunca tinha ouvido Ahmet fazer uma piada. Ele abriu a porta do salão e se sentiu contente por estar de volta. Contente por estar vivo. Simplesmente contente à beça. Essa última missão tinha sido mais um sequestro, mais uma morte sem sentido. Foi ruim, e ele decidiu que seria a última vez.

— Como vai você, Yazmina? Seu bebê vai bem? — ele perguntou em *dari*, quando viu Yazmina limpando o balcão.

— Ela é a luz da minha vida — disse ela, abrindo a Coca-Cola e trazendo até a mesa. — E ela parece gostar do ritmo daqui. Dorme ao longo do horário de movimento das refeições, quando preciso trabalhar, depois chora de fome, na hora do meu descanso. Ela é um espírito muito generoso. Eu só gostaria que Layla estivesse aqui para vê-la.

— Ainda não conseguimos localizá-la. Eu lamento, Yazmina.

— Estão procurando? — perguntou ela. — Eu não tinha certeza.

— Estamos procurando, mas ainda não a encontramos. Ela ainda pode estar em casa. Nós simplesmente não sabemos.

Ela sacudiu a cabeça e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Os homens que me pegaram juraram voltar para pegá-la, antes que a neve derretesse. E *Nowruz* está quase aqui — para os persas, *Nowruz* era o primeiro dia de primavera, o dia em que os afegãos tiravam seus fogões de lenha, até o próximo outono. Para Yazmina, era o dia em que as estradas abririam, havendo neve ou não.

— Ainda estamos trabalhando nisso, eu juro — disse Jack, tentando tranquilizá-la.

— Talvez eles já a tenham levado — Yazmina continuou, virando. — Tudo são duas coisas. Sabe o que quero dizer, sr. Jack? Estou feliz com minha Najama e pesarosa por minha Layla.

— Eu sei — respondeu ele. — A vida é assim — e ele pensou por um momento no fim de seu casamento e no começo de sua

vida com Sunny. Mas depois olhou para Yazmina e percebeu que tinha de fazer algo mais para ajudá-la. Ele certamente não queria se expor a algo perigoso. *Merda*, pensou ele, *tem de haver outra pessoa. Qualquer um.*

— E Layla só tem doze anos — disse Yazmina.

— Eu vou continuar tentando, mas não posso prometer nada — disse Jack. Ele tinha alguns contatos lá em cima, atiradores pagos, procurando pela casa do tio dela, em algum lugar no cume da montanha, ou em busca de uma menina, uma garota de cabelos castanhos, em companhia de homens, mas era como pedir a alguém que encontrasse um turista na Times Square. Havia centenas de casas isoladas naquela localidade e muito mais Laylas por todo o Afeganistão. Jovens garotas usadas como *payola*. Ele sabia que entrar e pegar a irmã de Yazmina significaria contratar pelo menos quatro, talvez cinco caras (caros, mas, e daí, para que serve o dinheiro?), pagar o triplo para que algum caubói num helicóptero os levasse até lá (isso não seria difícil), depois encontrar Layla (qual montanha, qual lado de colina com cabras, qual casinha, com uma cerca e um portão verde, dentre as centenas que havia lá?), e depois, levá-la, com o chefe da guerrilha e as porras dos capangas atrás, até Cabul, onde eles surgiriam, numa noite, com Uzis e uma faca para cortar-lhe o pescoço, a menos que Jack os matasse antes. A única coisa que Jack poderia fazer para evitar que isso acontecesse seria dar ao tio três vezes mais dinheiro que ele devia. Só assim os bandidos ficariam felizes.

— *Tashkur*, obrigada — disse Yazmina, baixando a cabeça. — Eu lhe devo isso.

— Você não me deve nada.

— Devo, sim. Que Alá ouça suas preces.

Ele deu um gole na Coca-Cola e ouviu passos vindos do pátio. Virou-se e viu Tommy caminhando com Sunny, com o braço ao redor de sua cintura. Eles estavam rindo, parecendo dois malditos pombinhos.

— Jack! — disse Sunny, com um sorriso deslumbrante. — Você está...

Mas ele já estava de pé, seguindo para a porta da frente. No caminho, ele se virou para Yazmina e disse:

— Eu encontrarei sua Layla, não se preocupe.

Ele ouviu a voz de Sunny atrás, ouviu os passos dela, mas recusava-se a olhá-la. Acenou se despedindo de Ahmet e Poppy, e chegou à rua, até sua moto, antes que ela pudesse alcançá-lo. *Ainda bem*, pensou ele, saindo com a moto, e o motor rugindo. Ele estava tão zangado, tão fora de seus parâmetros normais de emoção, que não sabia o que teria feito, se ela o tivesse alcançado.

Sunny correu na estrada, gritando por Jack, enquanto sua moto saía veloz. Ela estava ofegante, quando voltou para dentro do café, onde Yazmina estava explicando tudo para Tommy.

Tommy ergueu os olhos para Sunny e disse:

— É muito perigoso, o que Jack vai fazer. Mais do que qualquer negociação de refém. Dinheiro devido a um chefe de tráfico é dinheiro devido. E se a garota está sendo usada como pagamento, só há uma forma de tê-la de volta. E isso é algo que você não vai querer saber.

— Tommy — disse Sunny, sentando ao lado dele —, eu nunca lhe pedi nada. Mas você precisa fazer isso por mim. Precisa ajudá-lo. Não deixe que ele vá a Nuristão sozinho. Não assim, sem... — os olhos dela estavam cheios de lágrimas. Se ela tivesse de se ajoelhar, ela o faria. Não que ela achasse Jack incapaz, mas porque ele se atiraria numa missão suicida por ter interpretado mal o seu sorriso.

Depois que Jack não retornou uma dúzia de ligações, Sunny foi até a sala de estoque, pegou um balde de tinta que havia sobrado para pintar o interior do salão, levou-o até o pátio da frente, olhou o muro sujo, que estava uma bagunça total depois de uma tentativa imbecil atrás da outra, abriu a lata e jogou a tinta no mural. Repetidamente.

Quando Bashir Hadi viu o que ela estava fazendo, ele saiu correndo lá para fora.

— Pare, por favor, srta. Sunny! Pare!

Mas ela o ignorou. Somente quando a lata estava vazia ela parou. A tinta pingava e escorria pela parede, e ela pôs as duas mãos e começou a remexer a tinta, como uma criança no jardim de infância, espalhando por toda parte, com as lágrimas escorrendo; depois, ela se virou para ele, afastou o cabelo que tinha caído em seu rosto com a parte de cima do braço, e disse:

— Ajude-me.

Ele voltou para dentro do café, em silêncio. E ela o observou, as costas das mãos dela estavam no quadril. Ela já tinha sujado o *jeans* de tinta, então, um pouquinho mais não teria problema.

Ele voltou com dois rolos, entregou um a Sunny e, com o outro, começou a espalhar a tinta molhada sobre os erros de carvão. Sunny não ficou satisfeita até que tudo estivesse coberto.

Quando estava terminado, Bashir Hadi perguntou:

— Por quê? Poderia ter ficado bonito.

— Foi uma ideia imbecil. Uma selva em Cabul?

— Está brincando? É uma selva lá fora! Montes de macacos em Cabul!

Sunny riu um pouquinho, em meio às lágrimas, mas virou-se para Bashir Hadi e disse:

— Diga-me você, Bashir Hadi, o que é tudo isso? — ela sacudiu os braços. — Não é justo. Estou farta disso. E agora Jack está magoado. Como pode ser justo? Como pode ser certo? Deve haver alguma correlação entre ser bom e ter uma boa vida.

— A vida não é assim. É por isso que está chorando, srta. Sunny?

— Por que eu choro? Você quer saber por quê? — ela gritou, abanando os braços abertos e sentindo-se completamente fora de controle, enquanto despejava toda sua raiva, tristeza e

frustração. — A vida aqui é horrível. É maravilhosa. É perigosa. É meu lar. Eu odeio. Mas meus entes queridos estão aqui. Minha família. E, ainda assim, provavelmente, está na hora de partir. Eu amo Jack. Eu o odeio.

— Mas sua casa não pegou fogo — respondeu Bashir Hadi. Ele se virou de frente para o muro e disse, baixinho — Eu lamento, srta. Sunny, eu peço desculpas, mas é que...

— O que quer dizer com “pegou fogo”? O que é, Bashir Hadi?  
— Ela amaciou a voz: — diga o que está pensando.

— Tudo o que eu quero dizer é que sua casa está de pé. Olhe para isso. Olhe para o que a srta. tem — e gesticulou para o café. — No Afeganistão, você chora quando sua casa queima até o chão, com tudo e todos dentro.

— Então você acha que, por ter vivido problemas terríveis, pode determinar quando eu posso chorar? Sua vida, Bashir Hadi, também não tem sido tão ruim.

— Sabe algo sobre mim? — ele perguntou. Quando ela não respondeu, ele continuou: — sabe? Diga-me. — Ele cruzou os braços, esperando.

— Eu conheço sua adorável esposa, Sharif, e seus dois filhos, que são lindos e bons alunos e...

— Sabia que meu filho tem dificuldades para aprender a ler? Que ele vê um médico especial e grande parte do meu salário é para isso? Sabia que a mãe de minha esposa está doente e provavelmente morrerá antes do Ramadan?

Sunny sacudiu a cabeça e disse:

— Eu não sabia. Desculpe. Achei que se houvesse algo de errado, você me contaria.

— Estou chorando porque estão acontecendo coisas difíceis com minha família? Eles estão vivos. Então, eu estou comemorando — e chutou uma pedra contra o muro. — As únicas coisas que fazem um afegão chorar são a guerra e a fome, e perder um braço numa explosão, e... gente que só pensa em si mesma. Eu lamento, srta. Sunny, por lhe falar dessa forma. Mas existe um sábio ditado ocidental que resume tudo: “merdas acontecem”. Desculpe, afinal, a srta. é a patroa,

mas, vocês, americanos, eu os ouço falando na casa de chá, todos os dias e noites, revelando seus problemas pessoais. Vocês esperam tanto, sentem que merecem que boas coisas venham em sua direção, e, no entanto, entendem tão pouco. O Afeganistão é difícil, e não é só difícil para vocês, estrangeiros. Vocês podem partir, conseguir um emprego, ir ao médico, ir à faculdade, comprar o que quiserem. Nós estamos sempre presos aqui. Vocês choramingam e gemem por pequenas coisas, e somos nós que limpamos a bagunça que vocês fazem.

Ela estava chocada com a profundidade do sentimento dele:

— Eu lamento, Bashir Hadi, não me dei conta. Sou uma idiota. Eu não queria me intrometer em sua vida. Você é um homem tão reservado, e eu tenho muito respeito por você.

— Nada disso importa. O que estou dizendo é que Jack voltará. Vivo e bem. Mas, não vê? Suas lágrimas não são por um princípio filosófico de quem é merecedor, ou o que é justo, mas por causa de seu próprio coração.

— Mas Jack pensou... e não era o que ele pensou.

— Não importa o que ele pensou. Ele voltará. O que ele faria sem... suas batatas crocantes, pela manhã?

Ele sorriu e Sunny riu novamente, depois chegou o mais próximo que podia dele, enquanto ainda mantinha uma distância física apropriada.

— Você é meu amigo. E eu me importo com você. Talvez você precise ficar um pouquinho mais americano, e falar um pouco mais do que você pensa. Quanto mais você falar, mais eu saberei. Agora, conte-me sobre seu filho. Ele vai a um médico da clínica alemã?

Sunny sentou-se em uma das cadeiras do pátio e puxou uma para Bashir Hadi. Ele acabou sentando, mas só depois que disse:

— Vai pintar um mural na parede, certo? Não podemos ficar com isso assim. A Páscoa chegará em breve e nós temos um pacto: a parede tem de estar pronta até a Páscoa.

## Capítulo 33

Ahmet tinha providenciado, antecipadamente, para que Khalid trabalhasse como *chokidor* na casa de chá, durante a manhã. Ele fez sua prece matinal no tapete de seu quarto e dirigiu o carro de Sunny até a estrada do outro lado do rio, em frente ao Mondai-e, onde ficava a loja do alfaiate, atrás do guarda-chuva vermelho da Coca-Cola. A carta de Rashif para sua mãe parecia tão pesada quanto uma rocha no bolso de sua calça, assim como também pesava o seu total repúdio pelo comportamento inaceitável. Mas a faca que ele levava consigo pesava ainda mais.

Quando chegou lá, ele entrou e fechou a porta fina atrás de si. Rashif estava de óculos de leitura, debruçado sobre uma mesinha de costura, com apenas uma lâmpada pendurada acima. Ao seu redor, havia coletes, calças, paletós e vestidos, todos pendurados em cabides. O barulho da máquina de costura impediu que ele ouvisse a porta abrir e fechar, e, quando se deu conta, Ahmet já estava ali.

— *Salaam alaikum* — disse Rashif, gentilmente, ao se levantar. — Você me surpreendeu — ele tirou os óculos, que pendiam numa cordinha preta ao redor do pescoço.

— *Wa alaikum as-salaam* — respondeu Ahmet, educadamente, mas seus punhos estavam cerrados, e suavam.

— E como posso ajudá-lo? — perguntou Rashif. — Você tem algo para consertar?

— Eu tenho isso — ele enfiou a mão no bolso, tirou a carta e bateu na mesa, com o punho cerrado.

— Minha carta — disse Rashif, calmamente. — Onde foi que encontrou isso? Espere — eu conheço você — disse ele, sorrindo. — Às vezes, quando costuro, leva um tempo para que

meus olhos se ajustem. Você é o Ahmet. É um prazer vê-lo — e ele foi abraçá-lo, mas Ahmet recuou com tanta violência que empurrou Rashif contra a mesa, quase fazendo com que ele caísse por cima dela.

— Envergonhou minha família, sr.

Os ombros de Rashif caíram e ele sacudiu a cabeça.

— Meu jovem, como pode a minha carta ter envergonhado você?

— Tornou minha mãe impura! Não sou filho de uma piranha — ele puxou o colete ao lado, para mostrar a faca pendurada no cinto.

— Você veio me matar? Por quê? Onde está escrito que tal carta está errada? Não há marido aqui. Não há esposa. Sim, eles seriam desonrados, se estivessem aqui, porque o adultério é proibido. Mas aqui, tanto marido quanto esposa estão mortos, há muito tempo. Como pode uma simples carta entre um viúvo e uma viúva trazer vergonha?

— Não é uma carta. São anos de cartas! São as palavras de um marido para uma esposa.

— Você as leu, Ahmet? Ora, isso seria errado.

— Só li uma ou duas — Ahmet mentiu — para proteger nossa família. Foi minha mãe que você destruiu. Minha família! — ele riu. — E aqui está a ironia: minha mãe não sabe ler.

Rashif sentou.

— Eu sei que ela não sabe. Acho que sei há algum tempo, mas só recentemente tive certeza. Mas o amor é exatamente isso. Escrever, sem ser lido. Viajar para longe, a cada semana, para receber algo inalcançável. Mohamed sabia da verdade sobre o amor. Ele não aparece com frequência. E não há razão quando se trata do amor, bonito ou não, jovem ou velho, então, vá entender.

— Não fale de amor comigo! — Ahmet berrou. Mas ele pensou em Yazmina e em como seus sentimentos por ela não podiam ser explicados. Então, ele se lembrou de seu dever: — ela não é uma garota. É minha mãe. Uma mulher velha!

— E eu sou um homem velho.

— Que não tem respeito pelas tradições. Que tem um histórico de rir da tradição e se alinhar ao Ocidente. Você traz vergonha à nossa casa. Eu vim somente por um motivo — disse Ahmet, agora tirando a faca, segurando-a com o punho fechado.

— Matar-me sem motivo só trará mais vergonha. O Ocidente, você diz? — ele levantou, franzindo as sobrancelhas, com o temperamento claramente esquentando. — Ajudar nossos compatriotas a encontrar novamente suas vidas, quando voltam à terra-mãe, ao Afeganistão? Isso é algo ruim? Sob os olhos de quem? Alá? Mostre-me no Alcorão onde se diz isso! E sua mãe? É sabido que Mohamed se casou com mulheres cujos maridos haviam morrido! — ele parou, respirou fundo e se sentou novamente.

— Então, há somente uma coisa a fazer — disse Ahmet, apontando a faca para Rashif. — Você se casará com ela.

Primeiro Rashif sorriu, depois parou. Ele abaixou a cabeça e disse, respeitosamente:

— Eu sei que tenho de pagar por minhas transgressões. Vou me redimir. Eu me casarei com Halajan, sua mãe.

— E irá rezar para Alá, pedindo perdão.

— Sim, vou rezar.

Ahmet sentiu-se tonto, como se a raiva e a virtude própria tivessem se erguido de seu corpo, fazendo com que ele se sentisse como uma pluma ao vento. Ele guardou a faca na cintura e recostou na parede.

— Quer sentar-se? — perguntou Rashif. — Podemos discutir os detalhes do acordo do casamento. Vou servir um chá para nós.

Ahmet sentou e Rashif foi até a sala dos fundos, onde tinha uma pia e um bocal, e preparou o *chai*.

Carregando uma pequena bandeja com um bule de chá e duas xícaras, Rashif disse:

— Você é um bom filho, Ahmet, por proteger sua mãe. Mas, e quanto à sua própria felicidade?

— Eu? Eu como, eu rezo. Estou feliz.

— Mas, e quanto a uma esposa? Você vai se casar, um dia?  
Ahmet deu um gole de sua xícara e depois a pousou, dando um suspiro. Demorou bastante até que ele falasse.

— Há uma moça — confessou ele. Era estranho como ele podia falar tais coisas com Rashif, como se ele já fosse da família. — Ela tem olhos como a floresta, na primavera.

Rashif assentiu:

— Lembre-se de que a vida é curta e cheia de surpresas. Se você esperar demais, as oportunidades somem, como o sol poente.

— Ela ainda lamenta a morte do marido.

— Aqui está algo que eu aprendi, se puder ofertar-lhe. O que há em nosso coração nunca é uma via de mão única. Somente quando criança, quando somos pequenos demais para entendermos os sinais, é que amamos sem ser correspondidos. Se você ama, é porque você sente o poder refletido de volta em você.

— Ela tem um bebê que diz ser do marido morto. Ela tem um bebê! — ele berrou, batendo com o punho na mesa.

— Isso só prova que ela foi uma esposa boa e amável. E que ela é uma mãe bondosa.

— Se ao menos não houvesse bebê — disse Ahmet, quase sem ouvir o que Rashif estava dizendo.

— Você sabe o que Mohamed diria. Ela merece ser amada. Com ou sem bebê.

Ahmet deu um gole em seu chá, sentindo-se muito inquieto, quanto a mais menções sobre o amor. Os homens que ele conhecia jamais falaria desse jeito. Talvez fosse a idade de Rashif, ou sua experiência de vida, mas havia algo nele que tornava quase aceitável discutir tais coisas em voz alta.

— O bebê é um fato. Ela tem de ser aceita — disse Rashif.

— Isso pode se provar impossível — disse Ahmet, rijo.

— Eu sei que você jamais machucaria o bebê.

— É claro que não — disse Ahmet, descartando.

— Ou tentaria dá-lo.

Ahmet não foi capaz de responder a isso.

Então, Rashif disse:

— Às vezes, outra força pode se apoderar da vontade de um homem e obscurecê-lo com pensamentos terríveis que levam a ações terríveis.

— O que você quer dizer com isso? Que eu não tenho controle total sobre as minhas ações?

— Não é isso. Só que, às vezes, um homem precisa de toda a ajuda que ele possa obter, de modo a mantê-lo íntegro, aos olhos de Deus.

Os dois homens ficaram em silêncio, por um tempo. Ahmet olhou para Rashif e viu a preocupação em seu rosto.

Finalmente, Rashif disse:

— Ocorreu-me uma ideia. O amor torna possíveis todas as coisas. Então, se algum dia você precisar de alguém para agir como representante de seu pai, já que ele não está mais vivo, para perguntar sobre uma mulher da escolha de sua mãe, para se casar com você, eu posso ser esse homem.

Ahmet guardou a ideia, e guardou a carta de Rashif dentro de seu bolso, para ficar em segurança. Ele repetiu:

— Se não houvesse bebê... mas quando você falar disso com minha mãe, e eu sei que você vai falar, assegure-lhe de que eu jamais machucaria o bebê.

Quando ele voltou à casa de chá, Sunny estava trabalhando no balcão, Bashir Hadi estava na cozinha e Yazmina estava varrendo o chão, com o bebê amarrado ao peito, com uma longa echarpe.

— Olá, Yazmina — disse ele, baixinho, parando a alguns passos de distância.

— Ahmet, bom dia — respondeu ela, sem olhar diretamente para ele. O bebê fez um barulhinho. Yazmina encostou a vassoura na parede e moveu o tecido ao lado, para ver o rosto de seu bebê. Ela sorriu.

Ahmet, na verdade, gostava do bebê. Ele gostava do cheiro, dos gorgolejos que ela dava, mas, acima de tudo, ele gostava do reflexo de Yazmina em seus olhos. Nunca um bebê tinha

sido tão amado, ele tinha certeza disso. Ele só gostaria que seus olhos o olhassem com uma porção desse amor.

Então, Yazmina olhou para ele. Ela sorriu, com os olhos brilhando como pedras de um rio. Ele sorriu de volta, lutando contra o ímpeto que o arrebatou, desejando pegá-la nos braços e ficar assim para sempre.

Será que Rashif poderia estar certo, pensou Ahmet, que, se ele se sentia assim em relação a ela, talvez ela sentisse o mesmo por ele? Que o amor tornava possível o impossível? Um dia, talvez em breve, *Inshallah*, com a ajuda de Mohamed, ele encontraria forças para testar essa teoria.

## Capítulo 35

Sunny estava ao lado da cama hospitalar de Candace, segurando sua mão, esperando que ela recuperasse a consciência. Ela tinha acabado de sair de uma cirurgia na perna, que foi quebrada em sete lugares, e precisou de dois pinos. Seu rosto e braços estavam cobertos de arranhões; sua cabeça precisou de cinquenta e sete pontos. Se o pedaço de madeira a tivesse atingido mais abaixo, talvez ela estivesse morta. Mas ela logo ficaria boa, segundo o médico dissera a Sunny.

Não demorou muito para que suas pálpebras tremulassem e abrissem.

— Sunny — ela sorriu, apertando sua mão. — Que bom vê-la.

— Eu também.

— Tudo dói.

— Você vai ficar legal. Só não vai poder usar salto alto por alguns meses.

Candace tentou erguer a cabeça para olhar para seu corpo, mas não conseguiu.

— O médico disse que logo estaria aqui para explicar tudo. Então, apenas relaxe.

— Foi terrível. A explosão... espere, como está Isabel? Onde...

— Candace — Sunny começou a falar, depois parou. Ela desviou o olhar.

— Ela ficou ferida? Ela se jogou em cima de mim. Deve ter visto o que ia acontecer e se jogou em cima de mim. Eu achei tê-la ouvido tentar me dizer...

— Candace — Sunny disse, novamente, e não conseguiu segurar o choro.

— Sunny, o que é? Fale.

— Ela se foi. Perdemos a nossa garota.

— Ai, Deus — Candace gritou. — Ah, não.

Isabel estava morta. Ela tinha agido como um cobertor para Candace, protegendo-a do pior das janelas quebradas e vigas que caíram, enquanto recebia o impacto mortal.

Sunny abraçava Candace e ambas choravam.

— Ela salvou a minha vida.

Sunny apertou a mão de Candace.

— Era corajosa, aquela inglesinha tola.

Sunny riu um pouquinho.

Candace continuou:

— Eu a odeio por fazer isso. Sua vida era tão mais... muito mais... do que a minha.

— Como pode dizer isso? — disse Sunny. — Você...

— Nós estávamos sentadas a três palmos uma da outra! Aí, uma morre, e a outra quebra a porra da perna? — Ela começou a chorar novamente, dessa vez incontrolavelmente.

— Não há como dar sentido a isso. Não há regras, nem motivo. — As lágrimas escorriam pelo rosto de Sunny, à medida que ela se lembrava de um tufão que havia passado por sua cidade, quando ela era criança. Ele havia dizimado um bairro inteiro, mas, de vez em quando, pulava uma casa, deixando-a intacta, enquanto destruía a casa ao lado, e todas as outras da rua. Que sorte é essa? Que sorte mata uma amiga, enquanto a outra só precisa de uns curativos e um gesso por oito semanas?

Candace devia estar pensando a mesma coisa, porque ela disse:

— Mas ela se jogou em cima de mim.

— Eu sei.

— Deveria ser eu. A vida dela era tão...

— Não deveria ter sido nenhuma de vocês. Ou nenhum dos outros.

— Mas a Isabel! Foi ela quem me... quem tentou me alertar... sobre Wakil — ela desviou os olhos, aos prantos.

Sunny se lembrou do que Bashir Hadi disse a ela, naquele dia em que ele estava zangado, e ela disse a Candace:

— Mas você também estava ajudando. Quem é bom e quem é ruim para julgar? Ninguém pode julgar, portanto, não há justiça quando se trata do que acontece na vida.

— Por favor — disse Candace —, poupe-me da conversa mole.

Sunny apertou novamente a mão dela, contente por ela estar voltando a ser ela mesma.

— O que estou tentando dizer — Candace continuou — é que Isabel tentou me alertar quanto a Wakil, e embora eu tivesse uma sensação intuitiva de que ela talvez estivesse certa, eu não ouvi. Mas quando vi aquele garçom, o que estava com a bomba, eu o reconheci imediatamente, da escola de Wakil. Eu estava prestes a dizer alguma coisa, mas depois...

Sunny pousou a mão no rosto de Candace e limpou as lágrimas, com o polegar. Ela sussurrou:

— Não havia nada que você pudesse fazer.

— Ele não poderia saber que nós estaríamos no hotel, naquele dia, poderia? Foi só falta de sorte, não é? Você acha que Wakil teve a intenção...?

— Não, não há como.

— Assim que eu sair daqui, vou à embaixada. — Candace olhou para Sunny, com um olhar voraz — roubar meu dinheiro é uma coisa, roubar minha amiga é outra.

— A embaixada, não. Eles não vão fazer porcaria nenhuma. Eu tenho uma ideia melhor. Lembra-se daquela noite em que nós bebemos um pouquinho demais e falamos sobre nossos passados?

— Você quer dizer, sobre os homens? Acho que sei aonde você quer chegar com isso. O cara que a Isabel tinha no exército.

— Exatamente.

— Eu sei que ele irá seguir Wakil, quando souber a respeito de Isabel — disse Sunny. — Se ao menos eu pudesse me lembrar do nome dele.

— Stewart — disse Candace. — General Stewart. Alocado em algum lugar do sul. — Então, ela sorriu ternamente e começou a chorar novamente: — Isabel ficaria contente em saber que dar um *pega* no general teve um motivo mais nobre.

Sunny riu.

— General Stewart, você pode ter sido um incompetente, mas seu passado voltará para assombrá-lo. Você não faz ideia.

## Capítulo 36

*E*ra bem cedo, pela manhã, e o resíduo emocional dos bombardeios ainda pairava sobre a casa de chá, como uma pesada camada de fuligem. Bashir Hadi silenciosamente preparou a cafeteira e Sunny sentou numa banquetta, junto ao balcão, assinando os papéis e tomando as últimas providências para enviar o corpo de Isabel de volta a Londres. Isso era sufocante, mas ela sabia que Isabel ia querer ser enterrada com os pais. Sunny ainda não podia acreditar que ela se fora, que Isabel, com sua natureza espinhosa e seu interior molenga, com seus trabalhos, seu celular e seu jeito loucamente adorável, não entraria mais pela porta do salão, forçando Sunny a sorrir e pensar. Ela bateu a mão com força no balcão. Imediatamente, virou-se para Bashir Hadi, que virou para ela. Eles assentiram e voltaram às suas tarefas.

Ela abriu o computador, torcendo por um *e-mail* de Jack, mas sabendo que era improvável. No lugar onde ele estava, não havia computadores e, além disso, ela nem tinha certeza se ele ainda estava vivo. Não houvera qualquer contato de Tommy ou Jack desde o dia que eles partiram.

O silêncio foi quebrado quando Yazmina entrou correndo e gritando na casa de chá.

— Meu bebê! Najama! Ela sumiu!

Sunny e Bashir Hadi correram até ela.

— O que quer dizer, sumiu? — Bashir Hadi perguntou.

— Ela não está em sua cama. Não está em meu quarto. — O medo no rosto dela parecia tão profundamente marcado quanto um leito sulcado do Rio Cabul. Ela caiu em prantos.

Sunny pôs a mão em seu braço, para acalmá-la.

— Você viu alguém entrar em seu quarto? Ontem à noite? Esta manhã?

— Não, não vi ninguém.

Então, Sunny perguntou:

— Você deixou o bebê sozinho, em seu quarto, mesmo por um momento?

E Yazmina olhou para cima e disse:

— Sim. Essa manhã, enquanto eu estava no *tashnab*. Mas quem teria...?

Então, ela parou e olhou para eles, de olhos arregalados. Ela sabia a resposta à sua própria pergunta.

— Ahmet — disse ela, e despencou no chão, chorando.

— Mas por que ele faria isso? — perguntou Bashir Hadi.

— Ele nos ameaçou, no dia em que o bebê nasceu. Ele ficou muito zangado.

— Eu lamento, mas não vejo Ahmet roubando seu bebê. Ele a ama. E ama você.

Os olhos de Yazmina baixaram, de constrangimento, quando ela ouviu as palavras dele.

— Mas ela o envergonhou. Ele não é um homem como você, Bashir Hadi — disse Sunny. — Não temos tempo para discutir. Ele pode estar vendendo o bebê enquanto falamos!

— Por favor, esperem um minuto. Vamos pensar. Alguém levou o bebê, mas eu não acho...

— Bem, eu vou sair com Poppy no carro, para tentar encontrá-la. Para onde ele a teria levado? O que teria feito com ela? Você não acha...

— Não, não acho. Nem por um minuto. Ahmet pode ser teimoso e velho na forma de pensar, mas eu... e onde está Halajan? Eu me pergunto se...

E Sunny subitamente percebeu o que ele quis dizer e saiu correndo, subindo a escada até o apartamento de Halajan, e bateu na porta. Ela podia ouvir a voz de Bashir Hadi gritando para ela. Quando ninguém respondeu, ela desceu correndo de volta para o salão.

Lá estava Ahmet, ajudando Yazmina a sentar numa cadeira.

— Foi minha mãe — disse ele. — Tenho certeza.

E Sunny repassou as conversas e palavras de Halajan sobre a vida de Yazmina estar em perigo, sobre ela ser vista como uma *fahesha* aos olhos dos afegãos, prometendo fazer o que fosse preciso para salvar a vida de Yazmina. E dar o bebê ao hospital, quando a menina estivesse forte o suficiente para ser separada da mãe, em um ou dois meses, pelo que Halajan havia dito. Sunny então percebeu que fazia seis semanas que Najama tinha nascido. E os bombardeios deviam ter aumentando ainda mais o temor de Halajan, quanto a Yazmina viver na rua. Ela quase podia ouvir seus pensamentos: o bebê faria de Yazmina uma pária aos olhos de seu filho. Ele a jogaria na rua e, sem proteção, um bombardeio como os recentes certamente mataria as duas.

— Eu sei onde ela pode estar — disse ela. — Bashir Hadi, por favor, segure as pontas. Yazmina e Ahmet, vamos — Ela pegou a bolsa, jogou o *chador* em cima e saiu correndo, com Poppy vindo atrás.

Eles deixaram Poppy tomando conta do carro enquanto estivessem no hospital. Claro, a recepcionista disse que uma mulher idosa tinha entrado, uma hora antes, com um bebê que havia encontrado na rua, segundo dissera. Ela o levara à enfermaria da maternidade, onde um médico veria o estado de saúde do bebê.

Os três correram pelo corredor escuro e viraram na primeira à esquerda, como lhes disseram. E ali, na sala de espera de paredes azuis, estava Halajan, balançando Najama nos braços e cantando baixinho, sob uma única lâmpada de luz fraca. Halajan estava chorando, suas lágrimas caíam sobre o cobertor do bebê.

— Halajan — disse Sunny. Ela soltou um suspiro tão grande quanto o ar que ficou prendendo durante a última meia hora.

— Eu achei que você amasse o bebê! — gritou Yazmina. — Por que agora? Eu pensei que nós tínhamos uma vida boa.

A idosa de roupas marrons surradas levantou e gritou:

— Você não vai machucá-la! Não se aproxime!

Ela estava olhando diretamente para Ahmet, exalando acusação por todos os poros de seu corpo. E segurava o bebê junto ao peito.

— Você não vê? Ele irá machucá-la! Rashif me disse o que você falou, Ahmet. Ele não acreditou que você fosse machucar o bebê, mas depois aconteceram os bombardeios que me mostraram novamente que a crença no bem é estupidez. Não posso correr riscos.

Ahmet despencou numa cadeira:

— Eu disse a Rashif as palavras que estavam em meu coração, mas achei que ele soubesse que eram apenas palavras. Eu jamais... jamais!

— Ele não achou que você o faria. Ele só me disse que eu talvez devesse protegê-lo, meu filho. — Halajan então olhou para Yazmina, com os cantos da boca virando para baixo, os olhos se enchendo de lágrimas: — mesmo que Ahmet não tenha más intenções com o bebê, você não está segura. Contanto que fique escondida dentro da casa de chá, talvez esteja. Porém, ao se aventurar do lado de fora, Yazmina, eles podem matá-la. E eu não suportaria isso. Amo você e amo Najama. Não sei o que eu faria se...

— Você não pode dar o bebê, mãe. Isso também a mataria — Ahmet afirmou, ternamente. Ele levantou e caminhou lentamente até ela. Ela desviou, mas então ele pousou a mão em seu ombro — mãe, Najama deve ficar com a mãe dela.

Halajan olhou dentro dos olhos dele, como se estivesse tentando decifrar o que havia por trás deles.

Ahmet esticou os braços e cuidadosamente tirou o bebê de sua mãe. Ele a segurou nos braços, enquanto olhava amorosamente em seu rosto.

Yazmina olhou-o com gratidão.

— Mas ela é como uma filha para mim. Devemos perdê-la também? Já perdi uma para a Alemanha, e agora vou perder

outra, para nossa forma estúpida de pensar? Para mãos como as suas, Ahmet?

Ahmet pareceu ter uma espada atravessada em seu corpo e sua alma.

— Mãe, eu nunca machucaria Yazmina. E nunca deixaria que ninguém a machucasse, ou ao bebê. Esse bebê é como se fosse meu.

Sunny ficou em silêncio, torcendo para que mãe e filho resolvessem isso. Ela olhou para Yasmina. Os olhos dela estavam imensos como o mar, como se ela não acreditasse nos apelos que Ahmet fazia em seu nome.

— Além disso, mãe, eu tenho uma ideia que Rashif ofereceu para propor a Yazmina. Imagino que ele também tenha dito a você.

— Não, meu filho, ele não falou de toda a conversa que vocês tiveram, só disse que estava preocupado com você — disse Halajan.

— Bem, é uma longa história, mas — disse ele, olhando para Yazmina, abrindo um sorriso meigo — eu sou tão tímido com você. Não sei por quê. Eu queria muito conversar com você, lhe dizer que... — Ele parou, olhou para baixo, pensativo, depois olhou diretamente para Sunny e disse: — você disse que o bebê era seu. E, mãe, você disse que o bebê era seu. Mas a verdade é que — agora ele olhava Yazmina — o bebê é meu. Ela sempre foi minha, desde que você veio para a nossa casa de chá. E se você me aceitar, eu serei o pai de Najama e seu marido. Isso, é claro, se você, mãe, concordar.

Halajan chorava, respondendo somente com as lágrimas.

— Você é um bom homem, Ahmet — Sunny disse, baixinho.

— Mãe? — ele perguntou a Halajan, com os olhos pedindo sua aprovação.

Halajan levantou e disse:

— Eu nunca fiquei tão orgulhosa como estou hoje. Você se tornou o homem que eu sempre sonhei que você fosse — e ela o beijou nas duas bochechas.

Ahmet virou para Yazmina e disse:

— E você? Você me aceita? Eu sei que isso é muito moderno, perguntar-lhe assim, aqui, diretamente. Mas aí está.

Todos os olhos da sala se voltaram para Yazmina, cujas lágrimas escorriam por seu rosto. Ela olhou para baixo, depois para Halajan, depois para Ahmet, segurando sua preciosa com tanto carinho, e disse:

— Um pouco de modernidade é bom. Você é um bom homem, Ahmet. Eu nunca achei que esse dia chegaria. Há tanto tempo que eu queria.

— Então, sim? Sua resposta é sim? — ele disse, empolgado.

— Sim — disse Yazmina.

Então, Ahmet sentou-se numa cadeira de vinil vermelho e respirou fundo, para se acalmar, sentindo-se ligeiramente tonto.

— Eu tenho debatido comigo mesmo há semanas. É muito cansativo.

— Filho — disse Halajan —, eu acredito que esse bebê seja abençoado com amor. Ela muda todos que a seguram.

Yazmina assentiu, sorrindo.

Ahmet segurou Najama junto ao peito, baixou o rosto junto ao dela e disse:

— Eu sempre vou proteger você e sua mãe.

Sunny abriu a celular e disse:

— Bashir Hadi, nós estamos com Najama. Estamos voltando para casa.

Mais tarde, naquela noite, depois que a casa de chá estava fechada, Halajan estava em seu quarto de dormir, tirando sua echarpe, quando surgiu uma batida na porta. Ela pôs a echarpe novamente na cabeça, embrulhou ao redor do pescoço e abriu a porta.

Era Ahmet.

— Entre — disse ela, fechando a porta atrás dele.

— Eu tenho algo a lhe dizer — disse ele.

Ele parecia terrivelmente sério, preocupando Halajan quanto a ter mudado de ideia, que os ensinamentos tradicionais o tivessem impedido.

— Rashif — disse ele.

O coração de Halajan se apertou. Ela achou que ia desmaiar. Ela recostou na parede, sentiu o peso do corpo. O que havia acontecido? O que mais poderia acontecer?

— Você vai se casar com ele — disse ele.

Pela primeira vez, em sua longa vida, ela não conseguia falar.

— Porque — continuou Ahmet, agora sorrindo abertamente, sem enganação — porque ele a ama e eu tenho a forte sensação de que você também o ama. E tem a questão das cartas, é claro. Inteiramente imprópria — ele sorriu novamente.

E Halajan pegou o filho, seu menino, nos braços, e o abraçou da forma como abraçava quando ele era jovem demais para reclamar, antes de conversas sobre amor, cartas e casamento.

## *Capítulo 37*

A perda recaiu pesadamente sobre Sunny, mas ela não tinha tempo para o pesar. Ela continuava a trabalhar no muro, que tinha de estar concluído antes do casamento. A Páscoa já tinha vindo e passado, esquecida no rastro da morte de Isabel. Agora ela precisava cuidar das decorações do casamento. Mas, esta noite, a casa de chá era o local para a cerimônia fúnebre em homenagem a Isabel. Sunny pensou no quanto era irônico que, no espaço de duas semanas, as quatro paredes daquele salão honrariam a morte de uma amiga querida e celebrariam o casamento de dois outros.

Mas esse sempre foi o objetivo. Para orgulho de Sunny, a casa de chá se tornara um lugar onde as pessoas se reuniam, não importava se somente para falar e passar o tempo, ou se para ser parte dos momentos mais importantes da vida de alguém. Ela tinha realizado aquilo que se propusera a fazer e sentia que seu trabalho e sua vida em Cabul estavam completos.

Eram somente seis da tarde e, embora a cerimônia estivesse marcada para as sete, a casa de chá estava lotada. Sunny sentou com Candace e Petr, que tinha saído de algum buraco para vir. Ele também trouxera alguns amigos da "L'Atmo", gente que Sunny não via há anos. Em lugar de deixá-la nostálgica por aquela vida, eles a fizeram se sentir aliviada por estar fora dela. Provavelmente todos os jornalistas que trabalhavam em Cabul estavam ali, assim como a embaixada, a ONU e funcionários de ONGs com quem Isabel fizera amizade ao longo de seu tempo de trabalho. Ela tinha sido durona, mas era respeitada. E, pelos amigos da casa de chá, ela era amada.

Candace convidou mulheres da RAWA (Revolutionary Afghan Women's Association, a Associação Revolucionária das Mulheres do Afeganistão) para falar em nome das mulheres aprisionadas por crimes morais, como Isabel gostaria. E ela falaria sobre o empenho de Isabel para salvar Jamila.

A cerimônia começou com a declamação da prece judaica de pesar, conduzida por Zablón Simintov, o Último Judeu de Cabul.

— *Yitgadal v'yitkadash sh'mei raba* — começou ele, lendo de um livrinho de preces. — Meditemos sobre o significado do amor e da perda, da vida e da morte. A contemplação da morte deve plantar a elevação da alma e a paz. Acima de tudo, deve fazer com que vejamos as coisas sob a verdadeira luz. O pesar é um grande professor quando nos leva de volta a servir e abençoar a vida. Assim, mesmo quando partem, os que se foram estão conosco, levando-nos a viver como eles mesmos gostariam de viver. Nossa Isabel viveu uma vida dedicada a ajudar os outros, a dizer verdades para que outras vidas melhorassem. Mas a vida é finita. Como uma vela, ela queima; reluz com calor e beleza. E, um dia, a chama enfraquece. Mas não nos desesperemos, pois somos mais que uma lembrança apagando na escuridão. Com nossas vidas, nós damos vida, e a vida de Isabel deu vida a muitos. Continuemos seu trabalho e seu amor, aqui na terra. — *Oseh shalom bimromav, hu ya-aseh shalom*, que a fonte de paz mande paz a todos os pesarosos. Amém.

A sala estava em silêncio. Candace e Sunny, Halajan e Yazmina, junto com quase todos os outros, choravam por Isabel, e pela vida brilhante levada cedo demais.

Candace levantou e apresentou as mulheres da RAWA, que haviam trazido escritos sobre as mulheres atrás das grades, ou apedrejadas, ou mortas por tomarem suas próprias decisões em assuntos pessoais. Candace falou sobre o desejo fervoroso de Isabel de criar uma rede de casas seguras para mulheres, uma vez que elas conseguissem libertá-las da prisão, e para as mulheres que estivessem fugindo de circunstâncias insustentáveis.

Sunny olhava do fundo do salão, sentindo que uma estrela havia nascido. Do horror da morte de Isabel, que poderia ter sido sem sentido, surgiu Candace, uma verdadeira força da natureza, cujas ações poderiam modificar várias vidas. Sunny estava tão orgulhosa dela. Mas aquilo sempre estivera dentro de Candace, ela só precisava encontrar a causa certa.

Ao final da noite, depois que as pessoas tinham se inscrito para ajudar no empenho de Candace, com as casas seguras, e quase todos tinham ido embora, incluindo Halajan, Yazmina e o bebê que tinham ido pra cama, assim como Bashir Hadi, que já fora para casa, Sunny sentou com Candace, tomando o uísque que Petr trouxera em homenagem à memória de Isabel. Elas brindaram e disseram a saudação judaica *L'chaim!*, à vida!

Elas decidiram que Candace deveria passar a noite lá, já que essa noite nenhuma das duas suportaria passar sozinha. Tinham uma a menos, fazendo com que as duas se tornassem ainda mais cruciais para essa amizade. Então, Sunny pôs Candace em um dos *toshaks* que perfilavam suas paredes, beijou-lhe as duas bochechas e disse:

— Boa noite, amiga querida.

E Sunny ficou sozinha. Com os pensamentos de incontáveis noites na casa de chá, de Jack em seus braços, da linda homenagem feita à Isabel; ela foi até lá fora, acendeu algumas luminárias de querosene e começou a pintar. Somente quando terminou a última pena, na última pomba, soltou o pincel e olhou para cima, para o céu noturno. Ele estava repleto de estrelas. Sunny teve uma profunda sensação de impotência; ela, assim como todos os outros seres do planeta, estava à mercê dos deuses.

Então Sunny, que nunca rezava, mas sentira seu poder durante a cerimônia por Isabel, rezou para qualquer Deus que porventura estivesse ouvindo, judeu, muçulmano ou cristão, pelo regresso de Jack.

## Capítulo 38

O casamento seria na noite seguinte, antes do Ramadan. Yazmina fizera seu próprio vestido de noiva, e Rashif tinha costurado peças especiais para Ahmet: um colete, calça e paletó. Bashir Hadi tinha elaborado o cardápio e encomendado os ingredientes. Sunny estava encarregada da decoração e Halajan estava supervisionando a todos. Afinal, seria o casamento de seu único filho, com sua filha em espírito.

Os amigos do café foram convidados por telefone e *e-mail*. Sunny tinha ido ao mercado comprar pano com as estampas tradicionais, nas cores vivas de rosa e laranja, azul e verde, tecidos com desenhos arrojados em medalhões e formas geométricas. Quando ela disse ao lojista para o que se destinava o tecido, ele ficou encantado e entregou-lhe cartões de visitas de floristas, músicos, fotógrafos e todo tipo de especialista da indústria matrimonial de Cabul. Era esperado que o noivo pagasse tudo, não apenas o casamento em si, mas as várias festas pré-nupciais, como um tipo de dote revertido, um pagamento à família da noiva. As famílias de classe média que viviam com sete mil e quinhentos dólares por ano frequentemente gastavam até vinte mil ou mais por um casamento.

Ela fora ao mercado de ouro com Ahmet, onde eles compraram as joias para Yazmina como parte de seu dote. Sunny ficou surpresa ao descobrir-se no papel que normalmente caberia à mãe da noiva, como se fosse mãe de Yazmina. Ela não se importava. Na verdade, isso lhe era agradável.

Agora Sunny estava de pé em uma escada, martelando os pregos para prender as bordas do tecido nas paredes, para que

pendessem acima, fazendo um efeito de tenda sobre o pátio. O lugar todo parecia o interior de um palácio majestoso. Ela pendurou luminárias e se assegurou-se de que todos os detalhes estivessem no lugar: as caixas de som e o microfone estavam funcionando, sanitários e pias estavam limpos, o piso estava impecável e os copos, brilhando.

Então, seu celular tocou, tremulando junto ao seu peito, onde estava pendurado, como sempre, numa cordinha de seda ao redor do pescoço.

— Sunny, é você? — a ligação estava horrível.

— Tommy! Onde você está? Como está Jack? Ele está...

E a ligação caiu. Ela tentou ligar de volta para ele uma, duas, dez vezes, mas não conseguiu.

Ela segurava o telefone com força, rezando para que eles estivessem voltando para casa. Rezava para que eles tivessem finalmente encontrado Layla e para que ela estivesse bem, e que eles estivessem bem, que todos voltassem para casa.

E talvez eles não estivessem. Mas três semanas haviam se passado, então, por que não agora? O casamento seria amanhã. Ela se permitiu sonhar tolamente, acreditando, como uma menininha, que por ser um dia especial outras coisas boas poderiam acontecer. Que o mundo era assim, as coisas aconteciam em múltiplos. Isabel foi morta. Inversamente, Ahmet e Yazmina se casam e Jack volta para casa com Layla.

Você é uma tola, ela disse a si mesma. É, e daí? Conforme Halajan lhe dissera, já que somos todos tolos, por que não dançar? Ela podia acreditar se quisesse. E ela queria.

Halajan colocou doze velas em cada mesinha e perfilou o balcão e os parapeitos das janelas com velas também. As velas estariam por toda parte, emanando a luz tremulante da nova vida. Seu filho se casaria amanhã. O filho leal que ficara ao seu lado, durante toda a sua juventude, em vez de construir uma vida nova em outro lugar. O filho tradicional, que a surpreendera com seu coração aberto.

As pessoas, mesmo as que lhe são mais próximas, são surpreendentes. A força de Yazmina, o espírito terno de Ahmet, a persistência de Rashif, a vulnerabilidade de Sunny. Ninguém é tudo o que parece. Muito menos ela.

Amanhã, ela ganharia uma filha e uma neta. Ela não poderia estar mais feliz. Mas ela também aprendera uma lição: ela, que amava seu filho, o subestimara. Portanto, por mais contente e orgulhosa que estivesse dele, por essa natureza generosa e a habilidade de mudar, ela iria chorar amanhã, como um rio escoando da Hindu Kush, na primavera. Não de tristeza, mas por sua apreciação da riqueza do amor. Ela ia chorar e surpreender a todos. Ela lembrou a si mesma de levar lenços de papel para a cerimônia, para secar suas lágrimas.

E qual era a outra parte boa disso tudo? Rashif e ela teriam um futuro juntos. Era só uma questão de tempo até que ela estivesse decorando seu próprio casamento, com a luz de muitas velas.

Do bolso do avental, ela tirou a carta mais recente de Rashif e abriu. Mas nem precisava. Tinha decorado, da voz de Yazmina.

*Minha amada Halajan,*

*Seu filho Ahmet irá se casar e eu ficarei honrado em estar ao lado dele, para entregá-lo, como se fosse meu próprio filho. Estou muito contente que ele tenha me perdoado por ter-lhe contado aquela parte de nossa conversa, pois eu estava preocupado de talvez tê-lo perdido para sempre. Os costumes dizem que eu devo conceder-lhe a esperança de uma nova vida, com sua nova família. Mas, como sempre, eu me pego pensando em você.*

*Isso é o que lhe desejo, querida Halajan. Desejo que você continue a viver como sempre viveu, todos esses anos, destemida, com paixão, com grandes sonhos, com afeição e gentileza, com suas opiniões fortes, e com os braços*

*estendidos. Há somente outra coisa que eu lhe desejo e é que você viva uma vida de amor comigo.*

*Essa é minha última carta a você.*

*Do seu,  
Rashif*

Ela dobrou a carta cuidadosamente, colocou de volta no bolso e suspirou profundamente. Engraçado, depois de todos esses anos de cartas, ela tinha obtido a única coisa que desejara: o autor.

Bashir Hadi já tinha polido a cafeteira, marinado a carne para os *kabobs*, espetinhos, e agora tinha tempo para decorar o carro. Todo o restante estava sob controle.

O garoto que entregava o pão diariamente também entregaria amanhã. Bashir Hadi e Sunny iriam cedo buscar os doces na confeitaria. Amêndoas e figos açucarados, biscoitos de pistache, *baklava*<sup>1</sup>, bolo de mel, passas e tâmaras estavam sendo preparados. No caminho, eles iam parar na Chicken Street para pegar uma caixa de chocolate belga.

Quanto à música, Bashir Hadi havia providenciado para que o irmão de sua esposa viesse tocar o órgão e a *tabla*, tambores feitos com couro de cabra. O dueto de música clássica era famoso em Cabul e renomado por fazer as festas durarem até de manhã, por conta de sua música dançante, pelo qual o Afeganistão era conhecido.

E, para fornecer a comida, ele havia contratado o melhor restaurante de Cabul, conforme Halajan instruíra. Mas quem sabia fazer *kabobs* melhor que os seus? Ele não podia confiar em ninguém a tarefa de escolher a ovelha perfeita e jovem, cortar a carne corretamente e preparar o marinado. Ele tinha acabado de concluir e a carne estava no tempero, para passar a noite na geladeira e estar macia e deliciosa no dia seguinte.

Ele limpou a testa com a traseira da mão, e recostou, exausto, no balcão. Seu casamento não fora nada disso. Tinha sido há quase vinte anos, quando ele só tinha dezessete e sua esposa mal completara quinze. Ele nunca a vira antes do casamento. Ela havia sido escolhida pelos pais dele, e fim de conversa. Ele sorriu consigo mesmo, ao lembrar daquele primeiro encontro, ao entrar no palco e assumir seu lugar, ao lado dela. Ela estava completamente coberta, com uma echarpe grande, mas, quando o pano tradicional foi colocado acima deles, para que ele pudesse usar um espelho e vê-la, ela tirou a echarpe e ele resfolegou ruidosamente. Todos irromperam em aplauso, ao ouvi-lo. Pois eles já sabiam o que ele descobriu naquele momento: sua esposa era uma beldade, e não somente pela distância que tinha entre os olhos, ou por eles serem negros como a noite, mas porque aqueles olhos guardavam a ternura e o brilho das estrelas de Cabul. Eles eram bondosos e olharam-no com amor.

Seu casamento foi bem-sucedido; outros, nem sempre eram. Mas ele sabia por que era tão feliz. Se ele tivesse tido permissão de ver, conhecer, tocar sua esposa antes do casamento, ela teria sido a mulher que ele próprio teria escolhido.

A última vez que Ahmet tinha estado na loja do alfaiate Rashif, ele apontara uma faca para o idoso. Agora estava diante do espelho, experimentando um terno novinho que Rashif fizera para ele. Ele sorriu diante da ironia da situação, e Rashif, que estava em pé atrás dele, provavelmente pensava na mesma coisa. A calça de Ahmet tinha um caimento perfeito, assim como o colete e o paletó. A camisa branca era nova, mas precisava de ajustes no comprimento da manga. Rashif o ajudou a tirar o paletó e o colete, e pendurou as peças cuidadosamente, enquanto Ahmet tirava a camisa e entregava a Rashif. Ele sentou junto à mesinha de costura, colocou seus óculos e debruçou-se sobre a máquina.

Ahmet ficou sem camisa diante do espelho, se olhando. Seus ombros eram largos; seu peito era rijo; os braços, musculosos; e a barriga, firme. Era um corpo moldado pelos anos segurando aquele rifle, carregando engradados para Sunny ou sua mãe, deslocando equipamento na casa de chá. Mas ele gostava do que via. Ele imaginou a noite de núpcias, com Yazmina, deitados sozinhos nos novos *toshaks* que sua mãe fizera para a ocasião. As mãos de Yazmina bem aqui, sobre seu coração, que ele cobria com a sua. E a mão dele em seus cabelos, caindo por suas costas, tocando-a pela primeira vez, sua linda pele, sem tirar olhos do verde deslumbrante dos olhos dela...

— Sonhando com sua noite de núpcias?

Ahmet tomou um pequeno susto, constrangido. Ele olhou para Rashif, que sorriu.

Ahmet corou e baixou a mão.

— Não, não estava.

— Todos nós sonhamos — disse Rashif. — Pode sonhar, Ahmet. Logo terei isso pronto para você.

Será que Rashif queria dizer que também sonhava com a mãe de Ahmet? Mas que ideia! Mas Ahmet agora sabia que o amor era algo poderoso. E até sua mãe e Rashif mereciam o que sentiam um pelo outro.

Rashif observava Ahmet com um sorriso, seus olhos se enrugando nos cantos. Ele nunca vira o garoto tão nervoso. Ahmet, sempre o *chokidor* sério, com a interpretação severa do Alcorão, que o fazia parecer tão jovem.

*Veja só o que o amor faz*, pensou Rashif, puxando a manga de Ahmet para baixo, para verificar se estava no tamanho apropriado no punho. *Transforma um garoto sério em um homem generoso. Esse é o verdadeiro Islã, o Islã do amor, não do ódio. Mohamed ficaria orgulhoso*, pensou.

Claro que ele não precisava olhar muito além do próprio rosto para ver os efeitos do amor. Ele próprio nunca estivera com uma aparência tão boa. Ele se olhou no espelho. Era baixo,

mesmo se comparado a Ahmet. Seus cabelos, ou o que restara deles, agora estavam grisalhos, e seus ombros, ligeiramente curvados. No entanto, ele não conseguia apagar o próprio sorriso do rosto sem a ajuda de Mohamed, e certamente não ia pedir-lhe que o fizesse. Ele amava Halajan há tanto tempo... quarenta anos? Mais? Viver o suficiente para passar sua vida com ela, em vez de apenas pensar nela, fazia com que ele se sentisse jovem e esperto, e, pensou ele, olhando seu sorriso teimoso, só um pouquinho tolo.

Amanhã à noite, no casamento, que seria misto, homens e mulheres juntos, mas em lados opostos do salão, em homenagem ao jeito moderno pelo qual Hajalan era tão apaixonada, ele poderia ficar na mesma sala que ela durante horas, aproveitar a festa com ela e vê-la dançar.

Candace jurou a si mesma que colocaria Wakil atrás das grades para sempre. Algumas semanas após a morte de Isabel, Sunny tinha encontrado o general de Isabel, e Wakil tinha sido preso por conta das informações que Candace dera às autoridades. Mas ela sabia que tudo o que ele tinha a fazer era pagar algumas propinas e estaria solto. Depois, encontraria outra mulher solitária para se aproveitar. E se algum dia ele descobrisse que Candace o traíra, ele mandaria matá-la. Portanto, era hora de abrir mão de Wakil, em todos os sentidos. Ela tinha de canalizar suas energias para algo positivo, em vez de ficar obcecada por sua punição. Os militares que fizessem isso. Ela tinha muito a fazer em Cabul, e todo o tempo do mundo para fazê-lo.

Ela olhou pela janela da pequena pousada onde estava alugando um quarto. Tinha uma linda vista de um pátio de terra e um muro. Que declínio, pensou, ao se lembrar dos dias no Serena Hotel, ou na mansão de Wakil — o que a fez estremecer —, ou anos antes, em Beacon Hill. No entanto, ela se sentia mais em paz e focada, e simplesmente mais à vontade, como jamais se sentira. Ela simplesmente não queria

gastar o dinheiro que havia angariado num lugar elegante, pois iria precisar dele para pagar subornos, casas seguras, comida e apoio para as mulheres que conseguisse tirar da prisão.

E ela tinha um casamento para ir amanhã. Recostou suas muletas na parede, tirou a camiseta e, cuidadosamente, puxou a calça larga, único tipo que cabia sobre o gesso. Ela pegou o vestido que estava pendurado em sua porta, sentiu o tecido exuberante, passou a mão pela pedraria e levou o tecido ao rosto, sentindo o quanto era sedoso. Então, ela o vestiu e se olhou no espelho.

Seus cabelos louros combinavam perfeitamente com a cor, e sua pele fazia um contraste bonito. Os detalhes do vestido eram extraordinários, com plissados e pregas, o decote, os punhos, o caimento perfeito. Perfeito em todos os sentidos. E daí que ela não podia usar salto alto. O gesso até a coxa acrescentava seu efeito dramático.

Não era seu casamento, mas a sensação de que sua vida começava a se renovar até fazia parecer que era. Mas, desta vez, não havia homem no qual se apoiar, para ajudar, nem para perdoar. Desta vez era só ela.

Yazmina estava em seu quarto, de vestido de noiva, diante do espelho. Ela mesma o fizera. Ela também fizera o vestido de Sunny e da pequena Najama. Ela tinha ido com Sunny escolher os tecidos. Mas só ela os escolhera. Ela usaria o verde tradicional das noivas afegãs. O vestido de Sunny era laranja e o de Najama, que estava dormindo em seu *toshak*, era azul profundo.

O vestido de Yazmina cintilava na luz do sol que entrava pela janela e fluía sobre o chão, como o rio próximo de sua casa, ao norte. Lembranças de casa, do tio e de Layla passaram por sua cabeça, da forma como acontece com as lembranças em ocasiões importantes. Se ao menos Layla pudesse estar aqui para esse dia! Se ao menos Yazmina soubesse que Layla estava viva e bem. Mas se Sunny tivera notícias de Jack, ela

não lhe dissera nada. Nenhuma palavra, desde que eles haviam partido, semanas antes.

Mas seu Ahmet estava ali. E não somente em seu coração, mas presente e útil, e preocupado como nenhum homem que ela conhecera, exceto, talvez, pela forma como Jack era com Sunny. Yazmina rezava para Alá pedindo que Jack voltasse para ela, pois ninguém merecia mais felicidade do que Sunny, afinal, tinha sido ela quem salvara Yazmina, quem lhe dera um lar, uma nova família, uma vida.

E agora ela ia se casar. O vestido serviu perfeitamente, mas seu coração estava de acordo com o que estava prestes a acontecer? Ela sabia a resposta. Ahmet não era apenas bonito e gentil. Ele havia mudado por ela. Ele se permitiu abrir as paredes que o prendiam. Queria casar-se com ela e ser pai de Najama. Ele tinha plena consciência de que jamais substituiria Najam em seu coração, mas abriria, dentro de seu coração, outro espaço para amar.

---

1. N. da R.: *baklava* é um tipo de pastel elaborado com uma pasta de nozes trituradas, envolvida em massa folhada e banhada em xarope ou mel, existindo variedades que incorporam pistaches, avelãs e sementes de sésamo, papoula ou outros grãos.

## Capítulo 39

**N**a noite anterior ao casamento, Sunny e Halajan deram um *Takht e khina*, uma festa tradicional de hena. Era como um ensaio americano, exceto pelo fato de que, no Afeganistão, as amigas mulheres e a família da noiva se reuniam não apenas para comer e beber, mas também para que uma especialista em hena aplicasse os desenhos extraordinários nas mãos e braços da noiva, em suas palmas e solas dos pés.

Sunny contratou uma especialista do mesmo salão aonde ela, Yazmina e Halajan iriam no dia seguinte, para fazer o cabelo e a maquiagem de Yazmina. Todas, Candace, Halajan, Sunny e Yazmina, vieram à casa de Halajan usando os trajes mais elegantes e cintilantes. Candace usava seu gesso como se fosse um acessório da última moda, e Sunny, um tradicional vestido afegão de festa, num tom de verde vivo que deixava seus cabelos e pele radiantes. Yazmina estava com um traje com calça e uma blusa longa e justa, ao mesmo tempo tradicional e chique, e Halajan, usava um vestido em pedrarias que decididamente afirmava tratar-se da mãe do noivo.

A hena foi trazida em uma bandeja por Ahmet, e depois colocada em um cesto decorado com flores e velas. Ahmet então pegou um pouquinho da hena e tentou colocar na mão de Yazmina, mas Yazmina mantinha a mão fechada, que era a tradição. Somente quando Ahmet abriu a mão dela, à força, a festa pôde começar. Com muitos aplausos, a noiva e o noivo mergulharam na brincadeira, com Yazmina provando ser uma oponente forte e valorosa.

O riso das mulheres era tão contagioso que Yazmina riu também, ao abrir o punho fechado. Ahmet colocou hena na palma de sua mão. Então, como a festa era somente para as

mulheres, ele saiu. O restante da hena foi distribuído pelas outras mulheres não casadas.

Enquanto a mulher da hena trabalhava num complexo desenho no braço de Yazmina, Halajan novamente surpreendeu a todos e trouxe uma *tabla*, dois tambores cobertos com miçangas e conchas nas laterais, e o topo forrado de couro de cabra. Ela começou a tocar e cantar. A princípio, as mulheres jovens só ficaram olhando e aplaudindo a habilidade musical de Halajan. Mas, conforme ela foi batendo mais rápido, elas levantaram e dançaram. A batida foi acelerando, as mãos de Halajan trabalhando como se ela fizesse aquilo todos os dias, com a força de uma moça de vinte anos. E as mulheres giravam e erguiam as mãos acima das cabeças, e rodopiavam como fontes de energia. Elas deram as mãos e dançaram em círculo, depois sozinhas, depois novamente juntas.

Descansaram enquanto tomavam uma bebida — o vinho, que Candace trouxera, para as estrangeiras, e Coca-Cola, para as afegãs —, ou comiam um pedaço de bolo. Elas brindaram por Isabel mais vezes do que puderam contar. Fizeram Yazmina rir de constrangimento, quando a provocaram sobre a noite de núpcias, e ela lembrou-lhes que havia sido casada e tinha uma filha, então sabia muito bem o que ia acontecer. Mas então Halajan recomeçou e elas levantaram para dançar. A noite voou, com as amigas rindo, dançando e cantando, até que o sol iluminou o céu, ao leste.

Dentro do Salão Humaira Ária, as paredes eram pintadas de um rosa espalhafatoso, coberto de pôsteres com estrelas de Bollywood com vestidos opulentos e maquiagem excessiva. As crianças corriam, a música tocava, e era barulhento e alegre. Yazmina parecia muito empolgada. Ela olhou todas as fotos das revistas, cuidadosamente revisando os penteados e maquiagens, até que estava tão confusa que deixou que as meninas decidissem por ela.

Enquanto os cabelos de Yazmina e Halajan estavam sendo lavados, uma das mulheres do salão se sentou ao lado de Sunny, que esperava pacientemente, lendo uma revista.

— Venha, é sua vez — disse ela. — O que gostaria de fazer com seus cabelos? E ficará bem se tirar a sobrancelha com linha — disse ela, passando um dedo na sobrancelha de Sunny.

— Ah, não, não — respondeu Sunny. — Para mim, não, obrigada. Yazmina é quem vai se casar essa noite. Eu sou apenas uma amiga.

— E por que não? Você vai ao casamento, não vai? Venha, vamos embelezá-la também. *Besima*, venha! O que devemos fazer com essa?

As duas mulheres estavam conversando em *dari* com tanta rapidez que Sunny teve dificuldade para compreender tudo, mas elas estavam dizendo algo sobre suas sobrancelhas e cabelos ondulados, depois sobre sombra roxa e ela achou que até ouviu a menção de pedrarias ou purpurina para a testa.

— Espere um minuto — disse Sunny. — Um pouquinho de maquiagem, tudo bem, talvez secar meu cabelo com secador. Mas é só.

— Sim, claro, venha — disse a primeira mulher, que a conduziu até a sala dos fundos, onde estavam os lavatórios, de onde Yazmina e Halajan estavam levantando e onde Sunny, aparentemente, ia sentar-se.

— Isso é maravilhoso, srta. Sunny. Muito obrigada! — disse Yazmina, com os cabelos embrulhados na toalha, no alto da cabeça. — Muito obrigada, obrigada! — e ela foi levada lá para fora.

Cinco horas depois, Sunny olhou para si mesma no espelho e, caramba, sua testa estava perfilada de pedras, de um lado ao outro. Seus cabelos estavam ainda mais cheios do que o habitual, porque elas tinham acrescentado um aplique que só lembrava seu cabelo de verdade na cor e textura. Ele caía nas costas, em cachos, e mechas nas laterais. Sua maquiagem estava viva e pesada, com as bochechas cor-de-rosa, pálpebras roxas e a boca num tom profundo de vermelho, e seus cílios

postigos eram tão pesados que ela tinha dificuldade para manter os olhos abertos. Parecia uma *drag queen*, pensou ela. E suas sobrancelhas doíam de maneira infernal, por terem sido tiradas com linha, com um método em que alguns pelos são puxados de cada vez, usando um fio para arrancá-los.

— Que linda! — todas concordaram.

— Srta. Sunny — disse Yazmina, dando uma risadinha —, certamente não se parece com você.

— Você se transformou numa pomba branca! — provocou Halajan.

Sunny olhou no espelho e pensou: *eu gostaria que Jack estivesse aqui para me ver. Mas, aí, eu não conseguiria fazer isso.*

Preces às vezes são atendidas quando menos se espera.

As mulheres estavam prontas para deixar o salão, com seus trajes do casamento, e Yazmina estava coberta com o véu para que ninguém pudesse ver seu rosto. Ahmet encontrou-as lá dentro e conduziu Yazmina até lá fora, onde o carro do casamento esperava por elas. Sunny riu com tanta força que achou que seus cílios tinham grudado. Era seu carro que, de tão espalhafatoso e ridículo, estava quase bonito. Ela sabia tratar-se do trabalho de Bashir Hadi, pois ele comprara as fitas quando eles foram fazer compras juntos, dizendo que era para um projeto escolar de seus filhos.

Um cinegrafista filmava a cena toda, incluindo Sunny e sua maquiagem constrangedora. Mas ela pensou, ora, que é que tem, esse não era seu dia. Era de Yazmina, e ela participaria de bom grado.

Elas entraram no carro. Sunny sentou com Yazmina e Halajan, no banco traseiro. Havia um motorista ao volante e Ahmet se sentou na frente, ao seu lado. À medida que o carro seguia a caminho da casa de chá, o motorista ficava olhando para ela, pelo espelho retrovisor. Sunny não conseguia realmente vê-lo por causa dos cílios pesados e do ângulo.

Foi quando ele disse:

— Então, você é uma mulher interpretando uma atriz feminina?

Era Jack.

— Eu te odeio! — ela gritou com um sorriso tão grande que ficou com medo de ter estragado a maquiagem.

A resposta dele, feita em mímica com a boca, mas que ela pode ver claramente pelo espelho, foi:

— Eu também te odeio.

Mas ela não se permitiria chorar, pois isso estragaria sua maquiagem e, mais importante, era o dia de Yazmina.

— Sr. Jack! — disse Yazmina, inclinando-se para a frente, segurando-se no banco dianteiro. — Layla, o senhor a encontrou? Ela está aqui?

Sunny procurou os olhos dele no retrovisor, mas não conseguiu vê-los. Ele só disse em *dari*:

— Vou explicar tudo, Yazmina, quando chegarmos lá.

Yazmina recostou de volta em seu banco. Sunny pegou a mão dela e a segurou durante todo o trajeto.

Quando eles chegaram à casa de chá, acharam que tinham chegado a um palácio. Uma fileira de mulheres, à direita, e outra de homens, à esquerda, os cumprimentou junto ao portão, enquanto um amigo de Ahmet segurava o Alcorão acima das cabeças dos noivos.

Mas antes que a festa de casamento pudesse começar, iria acontecer a cerimônia religiosa, na casa de Halajan. Sunny ficou para trás, para dizer a Jack:

— Você está aqui.

— Estou — disse ele.

— Você se arrumou bem — Sunny sussurrou, conforme eles subiam a escada. Jack estava lindo de terno. — Nada da Layla?

Antes que ele tivesse tempo de responder, eles ouviram uma voz vindo de trás.

— Yazmina! Yazmina! — e lá estava Layla, correndo para a irmã, vindo da casa de chá.

Yazmina desceu a escada correndo. Quando chegou perto de Layla, ela ergueu o véu e o dobrou para trás da cabeça. As duas jovens se abraçaram forte e ficaram assim por um longo tempo, ambas chorando. Yazmina pôs as duas mãos no rosto de Layla e beijou uma bochecha, depois a outra. Ela tinha o mesmo tom de pele bronzeada, uma trança até a cintura, e os olhos verdes magníficos da irmã. Então ela a beijou, sem parar. Até que Layla riu e disse:

— Pare, você vai estragar sua maquiagem.

— Mas você está alta como uma árvore!

— Faz tempo que você foi embora. — Ela olhou para baixo: — achei que você estivesse morta. Passei todos esses meses triste, por ter perdido você, rezando para que estivesse bem e que eu a encontrasse outra vez.

— Mas, e quanto a você?

— O tio tentou de tudo para que eu ficasse com ele, mas os homens...

Yazmina ergueu-lhe o rosto, pelo queixo.

— Deixa para lá. Agora você está aqui comigo e terá sua vida de volta.

— Achei que minha vida tivesse acabado — Layla chorou. — Mas o sr. Jack... eu não sei o que ele fez, mas ele me pegou bem na hora.

Sunny apertou a mão de Jack.

Yazmina soltou Layla por um minuto, voltando-se para Jack para dizer:

— Esse é o melhor presente que eu poderia receber no dia do meu casamento. Obrigada — e curvou a cabeça, com as lágrimas voltando. — Que Alá o abençoe, sr. Jack. Obrigada por trazer minha Layla de volta para mim.

— Não chore! — disse Layla. — Seu lápis preto vai escorrer por suas bochechas.

Jack assentiu para que ela soubesse que ele aceitava a bênção. Depois, virou-se para Sunny e estava prestes a dizer algo, quando ela interrompeu.

— E quanto a Tommy? — ela cochichou. — Ele voltou com você? — Mas antes que ele pudesse responder, ela acrescentou: — não que eu ligue, é só...

— Tudo bem. Ele me explicou tudo. E ele está bem. E ainda bem que ele foi junto. O cara é destemido. Mas não vai voltar. Ele pegou outro trabalho. Eu não entendo. Se eu tivesse que escolher entre você e todo o dinheiro do...

— E a aventura...

— Você é uma aventura — sussurrou ele.

## Capítulo 40

Somente a família, que, nesse caso, se estendia aos amigos mais próximos, participou da cerimônia religiosa, o *khutba nikah*, o discurso de casamento e a assinatura do contrato. Um *mullah* da mesquita viera para oficializar.

Rashif ficou ao lado de Ahmet, como seu pai que ele viria a ser. Rashif abraçou-o, deu três beijos em seu rosto, e sussurrou em seu ouvido:

— Estou tão orgulhoso de você hoje, como se você fosse do meu próprio sangue.

Ahmet olhou o mais velho com gratidão. Rashif iria entregá-lo em casamento hoje, e foi ele, em sua lojinha, que falou com Ahmet, pela primeira vez, as palavras que o conduziram a esse dia glorioso.

O contrato matrimonial não especificava nada quanto ao número de cabras ou dinheiro, ou algo material, pois Yazmina não tinha pais, nem guardião. Sunny agiu em nome dela, e concordou que as palavras que Ahmet diria a Yazmina seriam um compromisso suficiente.

— Eu irei amá-la e honrá-la, enquanto você viver — disse Ahmet — e irei amar Najama como minha própria filha. Vocês duas, por todos os dias de minha vida. Seus interesses serão os meus, sob a luz e a sabedoria de Mohamed.

Yazmina respondeu:

— E eu o amarei e honrarei, por todos os dias de minha vida, sob a luz e a sabedoria de Mohamed — e disse mais duas vezes, como era a tradição.

As palmas dos dois foram mergulhadas em hena e mantidas juntas, como um lembrete dos tempos antigos, quando as

palmas dos noivos eram cortadas, para que eles fossem unidos pelo sangue.

Por volta das sete horas, o sol já tinha mergulhado atrás das colinas do oeste. O céu estava todo lilás e rosa, e a luz era suave. Era hora de começar a festa de casamento. A família e os amigos desceram juntos a escada da casa de chá, com os noivos logo atrás.

Um carro encostou junto ao portão, com a buzina aos berros. Todos que esperavam para cumprimentar os noivos na porta da frente correram para o portão. Lá, saindo de uma grande SUV prata, estava Candace.

— Sunny! — ela gritou.

Sunny e Jack abriram caminho e foram até a frente da aglomeração.

— O que é tão importante? — perguntou Sunny. — Nós temos uma festa... e você também!

— Sério, você precisa ver isso — pediu Candace. Ela abriu a porta da SUV e gesticulou para o lado de dentro.

— Excelente presente — disse Jack, dando uma risada.

Então, Candace contou-lhes a história. Mais cedo, naquela tarde, enquanto Sunny, Yazmina e Halajan estavam no salão, Candace tinha ligado para o motorista dizendo que ela precisava de um presente de casamento. Ela disse que precisava de algo tradicional e estava disposta a pagar um bom dinheiro. Perguntou se ele poderia comprar algo para ela, antes de buscá-la para o casamento. Ela precisava de tempo para se arrumar.

Ele disse que sabia exatamente o que comprar.

Então, por volta de seis e meia, ele foi pegá-la na hospedagem.

— E lá estava — disse Candace.

— E aqui está — disse Jack, puxando uma corda. E saiu uma ovelha cheia de lã com um laço de fita vermelho no pescoço.

— Está vendo? — perguntou Candace. — Uma ovelha viva, respirando, sem tosa! Soltou um monte de pelos no meu vestido. Estou toda peluda — ela bateu o vestido, enquanto se equilibrava nas muletas.

— Muito obrigada, srta. Candace — disse Yazmina, com um leve aceno da cabeça.

— Esse era o nosso desejo número um — acrescentou Ahmet —, ter nossa própria ovelha. O que faremos com ela, eu não faço ideia.

A multidão caiu na gargalhada e aplaudiu.

Bashir se aproximou.

— Eu vou amarrá-la lá nos fundos — disse ele.

Então, todos entraram: primeiro os noivos, depois Sunny, que caminhava lentamente com Candace. *Essa mulher é demais*, pensou Sunny.

O café tinha se transformado. Ele fervilhava de empolgação, cor e luz: as paredes com tecidos em estampas ousadas, centenas de velas reluzindo, luminárias acesas, rosas em vasos em todas as mesas, no balcão e em vidros coloridos pendurados em correntes presas ao teto, o aroma maravilhoso no ar. Pétalas de rosas foram espalhadas pelo chão, indo até a porta, onde os noivos foram levados por duas pessoas que seguravam o Alcorão acima de suas cabeças. Eles foram conduzidos até duas cadeiras grandes, como tronos, na outra ponta da sala, onde ficariam sentados, como rei e rainha, ao longo da festa.

Bashir Hadi atuou como um mestre de cerimônias e organizador, dizendo a todos para onde ir e o que fazer. À medida que as pessoas chegavam, ele as perfilava para que cumprimentassem os noivos, mulheres à direita, homens à esquerda. Ele sinalizou para que a banda começasse a tocar e a música tradicional de um casamento afegão ecoava até a rua, levada pela batida rítmica da *tabla*.

Ahmet e Yazmina foram colocados embaixo de um enorme xale decorado, onde Yazmina tiraria a echarpe de seu rosto e Ahmet a veria inteiramente, e eles se veriam pela primeira vez,

como marido e mulher, num espelho que Ahmet segurava. Layla caminhou até o trono, carregando o Alcorão num cesto, e Ahmet o pegou para ler uma prece para sua noiva.

Embaixo do xale, com uma luz difusa lançando um brilho suave no rosto, Ahmet pensou que Yazmina parecia um anjo de Deus. Ela tirou seu véu. Seus cabelos estavam repletos de purpurina. Ahmet esticou o braço para tocar seu rosto, mas abaixou, antes de fazê-lo. Ele pôs a mão dela sobre a dele.

Ele segurava o espelho, como dizia a tradição, e viu o rosto dela refletido. Então, ele olhou diretamente para ela. Ela era sua esposa. Todos esses anos de estudo e preces, todo esse tempo passado no portão, protegendo sua mãe e a casa de chá. Alá tinha ouvido suas preces, mas só ouviu quando ele abriu sua mente e seu coração.

— Eu te amo — ele sussurrou para Yazmina.

— Eu te amo, Ahmet — ela sussurrou de volta.

Depois de sair de debaixo do xale, eles caminharam como um casal, com um amigo de Ahmet segurando o Alcorão acima de suas cabeças, como se eles estivessem sendo abençoados pelo próprio Mohamed.

Começou a dança e, embora fosse um casamento misto, homens e mulheres não se tocavam nem dançavam juntos. Já tinha sido o suficiente para Ahmet ter de explicar aos seus amigos da mesquita que o casamento misto havia sido necessário, porque tanto ele quanto Yazmina tinham amizade com Sunny, Candace e Bashir Hadi. Além disso, a mãe dele não aceitaria de nenhuma outra forma. Mas ele jamais poderia explicar a dança misturada.

Então, os homens seguravam as mãos acima de suas cabeças e as mulheres seguravam as mãos na altura dos quadris e todos dançavam sem se misturar. Mas não havia parede para separá-los, nenhum pano, nem cortina.

Quando a festa terminou, Candace, Rashif, Halajan e Bashir Hadi acompanharam Yazmina até seu novo lar, na casa de Halajan. Bashir Hadi se ofereceu para sacrificar a ovelha que Candace tinha trazido, como um costume antigo, mas todos protestaram com um ruidoso:

— Não, muito obrigado!

Na porta, Halajan entregou a Yazmina um martelo e um prego, que Yazmina pregou na moldura da porta. Diziam que a noiva que fizesse isso ficaria no lar do marido para sempre. As mulheres acompanharam Yazmina até seu novo quarto, beijaram seu rosto três vezes, e deram um abraço de boa-noite.

Finalmente, Ahmet e Yazmina ficaram sozinhos, pela primeira vez.

Ao se despedirem, sob a lua do pátio da casa de chá, Halajan disse a Rashif:

— Só uma coisa, antes que você vá.

— O que mais poderia haver, nessa noite gloriosa? — disse Rashif. — A única noite que será mais feliz será quando você e eu nos casarmos.

Mas Halajan colocou a mão direita na manga esquerda e tirou um pedaço de papel dobrado. Ela o entregou a Rashif.

Ele olhou nos olhos dela, incrédulo. Lentamente desdobrou o papel, desdobrou de novo, e mais uma vez, até que estava aberto. Ele olhou para baixo e depois para os olhos de Halajan, que estavam se enchendo de lágrimas.

Ela sorriu.

— Minha escrita é um caminho de ratos.

— É como um trabalho de arte — disse ele, e leu em voz alta, parando aqui e ali, quando sua garganta parecia fechar.

*Meu querido Rashif,*

*Hoje, meu filho Ahmet e Yazmina se casaram. Logo será a nossa vez. Então, não vamos mais precisar de cartas. Engraçado, porque agora, finalmente, estou lendo. Nós começamos nossa vida juntos rindo, como deve ser.*

*Sua,  
Halajan*

Ele olhou em volta, viu que estavam sozinhos, e a beijou, pela primeira vez, embaixo da árvore de acácia.

## Capítulo 41

*E*sta seria a última noite de quarta-feira juntos, na casa de chá. Eles fecharam na parte da tarde e ninguém teria permissão de entrar, exceto Candace, Jack, Bashir Hadi, Halajan e Rashif, Yazmina e Ahmet, Layla e a bebê Najama, e, claro, Poppy. Eles iam se despedir e prometer manter contato para sempre.

Amanhã seria a vez de Sunny. Ela estava deixando Cabul. Ela tinha colocado uma mesa comprida do lado de fora, em frente ao seu mural, e planejado um menu delicioso, a ser preparado e servido pela equipe do Rumi, seu restaurante preferido em Cabul. Ela convidara todos com uma carta ou *e-mail*, para que entendessem que mesmo os seus amigos afegãos eram seus convidados, não seus empregados, e se sentariam à mesa e comeriam sua comida, para que ela pudesse se despedir.

Ela dera a casa de chá a Halajan, Ahmet e Yazmina, para serem os donos e administrarem com Bashir Hadi de sócio, junto com sua família. Mas Yazmina ficaria muito ocupada trabalhando como a *designer* responsável pelos vestidos na loja de Rashif, que seria a primeira alfaiataria mista em Cabul, com entradas e provadores femininos e masculinos separados, é claro.

O trabalho diário da limpeza ficaria, então, literalmente nas mãos de Layla, que iria morar no antigo quarto de Ahmet, na casa de Halajan. E Ahmet e Yazmina ficaram com os aposentos de Sunny para a família deles. Poppy protegeria a todos.

Candace ia ficar em Cabul para continuar o trabalho que ela e Isabel tinham começado, em nome das mulheres condenadas a “crimes morais”. Ela via os alertas do governo americano, para

a evacuação de Cabul como algo prematuro e desnecessário, e jurou ficar até que seu trabalho fosse feito.

Jack estava voltando para os EUA para viver perto do filho que ia para a faculdade, em Ann Arbor. Ele tinha uma entrevista com uma ONG de lá que precisava de um diretor para suas operações internacionais. Ele poderia trabalhar do escritório de Ann Arbor. Tinha uma forte sensação de que a presença americana no Afeganistão só estava servindo como combustível para um fogo volátil.

Sunny estava aguardando a chegada dos convidados, inspecionando a casa de chá que tinha sido seu lar pelos últimos seis anos. Ela pousou as mãos no quadril e respirou profundamente. Tinha conseguido muita coisa — o piso, os geradores, o telhado; e, ao mesmo tempo, nada. Afinal, era só uma casa de chá. Não era uma escola, nem uma ONG, nem uma organização para ajudar mulheres e crianças. Era apenas um lugar para onde as pessoas podiam vir e passar um tempo.

A porta foi aberta e Ahmet entrou, seguido de Yazmina, que carregava o bebê preso a uma faixa amarrada, e Layla, que vinha logo atrás. Sunny os cumprimentou e os conduziu até uma mesa, sob as árvores enfeitadas com pequenas luzes que Sunny prendeu aos troncos e pelos galhos. Velas acesas tremulavam e flores frescas decoravam toda a extensão da mesa. Sunny serviu Coca-Colas e chá.

Então, Jack entrou pela porta com Bashir Hadi, seguido de Halajan e Rashif.

Jack primeiro cumprimentou a todos, individualmente, caminhando ao redor da mesa, falando a língua nativa de cada pessoa, apertando mãos, beijando rostos três vezes. Sunny ficou olhando, com o peito cheio de amor e orgulho. Seus olhares se cruzaram e Sunny se sentiu, por um momento, como um personagem de romance. *Sua idiota*, ela disse a si mesma, *não fique toda sentimental*.

Pouco depois, Candace entrou como uma ventania vinda do Hindu Kush, mais linda do que Sunny jamais a vira. Não eram as roupas, nem seus cabelos, nem as pulseiras; era o fato de

que ela estava *feliz*. Sunny sabia que seu trabalho e sua independência a estavam deixando realizada. Quem poderia saber o que o futuro reservava, quanto tempo ela ia querer ficar, se viria a se sentir solitária, ou se encontraria alguém que a amasse do jeito que ela merecia ser amada? Por enquanto, ela estava contente.

Sunny foi tomada de emoção ao sentar-se ao lado de Jack, em meio a todos os seus amigos, rindo e bebendo, enquanto a equipe servia a comida que havia sido preparada em sua cozinha, para essa última noite. Fazendo uma retrospectiva, ela pensou em quando beijara Jack no armário, em quando riu com Bashir Hadi no momento em que viu Petr entrar com Isabel, pensou no quanto detestou Candace e depois amou. Ela se lembrou do discurso da médica indiana. De Malalai Joya. De ter trazido Yazmina para cá, Ahmet se apaixonando por ela. De quando ele descobriu o relacionamento entre Rashif e Halajan. De Tommy partindo, depois voltando, e finalmente partindo outra vez. De conhecer Jack há tantos anos, antes de perceber que estava apaixonada por ele.

Do maldito muro que ela finalmente terminara de pintar, a tempo para o casamento. Dentro desse lugar, dessa casa de chá de nada, aconteceram milagres. Ela havia sido um lar longe do lar para muita gente. Principalmente para ela mesma.

Ela mudara ali. Sua vida inteira mudara ali.

Sunny ergueu o copo e disse:

— Aos amigos. À vida vivida com amor e boa saúde. A Cabul, para sempre! *Salaamat!* À paz!

Era sua última noite em Cabul. Cedinho, ela iria partir com a única coisa que nunca deixaria para trás. Ela e Jack estavam seguindo para uma nova vida juntos, em Ann Arbor, Michigan, nos EUA. Ela colocou a mão embaixo da mesa e pegou a mão dele; ele olhou pra ela e apertou. Ela deu um grande sorriso, com o mais puro amor.

Atrás dele estava o mural, do qual ela se orgulhava. Pombas cinzentas preenchiam um pátio de pedras, sob o céu azul. Mas cada sétima pomba era branca, porque cada um de seus

amigos em Cabul era a sétima pomba, aquela com o espírito elevado ao céu.

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, eu sou uma contadora de histórias, depois uma escritora. Essas histórias não poderiam ter sido transformadas em um romance sem a ajuda de alguns dos melhores editores do mundo: em primeiro lugar, Leslie Schnur, que não apenas ajudou a moldar minhas ideias para este romance, mas também sempre falou a verdade. Trabalhar com ela foi a melhor formação que eu poderia ter desejado na escrita de ficção. Seu talento e sabedoria estão em todas as páginas. Mais que apenas uma editora, ela se tornou uma amiga valiosa. Eu também tenho uma grande dívida com os excelentes editores da Random House. Caitlin Alexander e Jane von Mehren fizeram com que eu fosse mais fundo e trabalhasse mais duro do que jamais pensei ser possível. Eu devo muito a vocês duas, assim como aos departamentos maravilhosos de publicidade, *marketing* e vendas da Random House, que sempre apoiaram meu trabalho de forma tão sincera.

Como cabeleireira e proprietária de um café, eu tive a oportunidade de ouvir as histórias de todos, um dos grandes privilégios dessas atividades, e agora eu fico satisfeita por poder apresentar algumas de minhas histórias aos leitores. Embora este livro seja de ficção, muitos dos personagens foram inspirados pelas pessoas maravilhosas que conheci durante minha vida de expatriada em Cabul, tanto atrás do balcão do café, quanto da cadeira do salão.

Nada disso teria sido possível sem as minhas duas pessoas favoritas do mundo inteiro: Marly Rusoff, minha agente maravilhosa e seu incrível e engraçadíssimo marido, Michael (Mihai) Radulescu. Marly, você ficou ao meu lado e me levantou quando eu não consegui me levantar sozinha. Você sempre

acreditou em mim e me fez compreender que qualquer coisa é possível. Michael, você é uma das poucas pessoas que eu sei que viajariam até o fim do mundo para me ajudar. Mesmo que isso fosse um risco para a sua vida. Isso jamais será esquecido.

Eu gostaria de agradecer à minha nora, Tannaz Ghanei, que não é apenas uma ótima esposa para meu filho Zach, mas também uma mulher maravilhosa que me abriu uma janela para muito da cultura persa e seu lindo estilo de vida.

Jamais me esquecerei do momento em que minha doce amiga e musa Karen Kinne, de Holand, Michigan, me ajudou a ter a ideia para este livro, durante uma garrafa de vinho e uma pizza. Obrigada, Karen, por ser uma amiga para a vida toda. Que venham muitas pizzas e vinho em nosso futuro.

Heidi Kingstone, o que posso dizer? Você é uma grande inspiração para este livro. Eu adoro seu estilo, sua risada e seu bom humor. Você é uma linda mulher, por dentro e por fora. Obrigada por ser uma amiga de verdade e por salvar minha vida no Afeganistão.

Daniel Cooney e Mireille Ferrari Cooney, a amizade de vocês tem tido um grande significado para mim ao longo dos anos, tanto em Cabul, quanto nos EUA. Eu me orgulho por ser a tia Debbie para sua doce Maia. Obrigada por seus conselhos em assuntos que foram muito além da minha experiência no Afeganistão. Sou realmente grata por nossos caminhos terem se cruzado.

Lindy Walser, você tem sido uma defensora tão forte para as mulheres do Afeganistão. Obrigada por todo seu empenho no Oasis Rescue. Sua compaixão é extraordinária, assim como você.

Chris Gara, foi você quem deu as verdadeiras cores ao Cabul Coffee House, no Afeganistão. Eu recorri aos trabalhos de arte que você pintou no pátio e nas paredes do café para este romance. Obrigada por sua devoção infinita para fazer do mundo um lugar mais bonito, por meio de sua arte.

Edie Kausch, obrigada por ser meu primeiro amigo na Califórnia, porém, mais importante, meu amigo para a vida

toda.

Bill Kish, obrigada pelos grandes momentos que tivemos no Cabul Coffee House. Adorei suas histórias e o conhecimento que você compartilhou comigo, sobre a região de Nuristão. Aprendi tanto com você naquela época e agora também. Obrigada por sempre estar à distância de apenas um *e-mail*.

A Betsy Beamon, uma das mulheres mais corajosas do Afeganistão, você é uma inspiração não apenas para mim, mas para o mundo. Eu me orgulho muito por tê-la como minha amiga. Obrigada por me deixar trocar ideias, de vez em quando, enquanto eu estava escrevendo, e por compartilhar seu rico conhecimento sobre as tradições e cultura do maravilhoso país que é o Afeganistão.

Polly, você me ouviu reclamar, rir e chorar. Sentou em meu colo enquanto eu contava uma história após a outra, conforme eu trabalhava no livro. Nunca teve nada negativo a dizer... bem, talvez só um pequeno miau, de vez em quando.

Por último, eu sinto ter uma grande dívida de gratidão com muitos dos bons homens e mulheres do Afeganistão, que lutam há tanto tempo e suportam tantas coisas. Que a paz esteja com vocês em breve.

# Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

## Capítulo 34

— **E**u sei que você continua aborrecida, mas nós prometemos tentar — implorou Isabel, sentada com Candace no banco traseiro de uma SUV preta. — Você pode estar zangada comigo, mas não desconte isso naquelas mulheres.

Elas estavam a caminho de uma reunião de angariação de fundos, com representantes de grupos americanos de ajuda humanitária.

— Bem, isso não é ciência espacial — respondeu Candace.

— Mas há a burocracia, a censura...

— Que censura? No Afeganistão, tudo o que você precisa para realizar qualquer coisa é dinheiro.

— Não sei, não. Há atitudes extremas a se enfrentar.

— O dinheiro fala. Você vai ver.

— Então, continuamos parceiras. Não só nessa reunião...

— Com uma condição: a menos que você tenha provas verdadeiras, guarde suas suspeitas de Wakil para você.

— Entendido.

Candace olhou pela janela e viu dois meninos correndo com pipas voando atrás deles. Um deles virou e correu de costas, puxando o fio da pipa, e ela queria gritar para que ele prestasse atenção no chão, para não tropeçar e cair na valeta, mas, como se a tivesse ouvido, ele virou e parou a tempo.

Ela pousou uma das mãos na bochecha, virou de volta para Isabel, e disse:

— Mas se você descobrir alguma coisa verdadeira, o que não vai acontecer, você me conta.

— Combinado.

— Então tá. Vamos fazer essa reunião. Você faz seu trabalho: consegue todas as informações, incluindo o número de

mulheres atrás das grades, os chamados crimes que elas cometeram, as condições etc., e eu farei o meu.

Isabel pousou a mão no braço de Candace.

— Nós podemos fazer isso.

Os dias se passaram sem notícias de Tommy ou Jack. Sunny sabia que eles tinham partido juntos, porque Tommy tinha ligado uma última vez antes de deixar Cabul para que ela soubesse que eles estavam seguindo ao norte. Ela não conseguiria mais ligar para eles, nem eles para ela, porque eles usariam telefones não rastreáveis. Sunny estava fora de si de preocupação, mas não havia nada que ela pudesse fazer. Eles estavam inteiramente por conta própria, sem o apoio de uma instituição, ou mesmo de alguém que soubesse onde eles estavam.

Ela se mantinha ocupada na casa de chá, que estava tendo um movimento excelente. Desde cedo, pela manhã, até tarde da noite, o lugar parecia zunir de atividade. Mas seus amigos estavam em outro lugar. Candace e Isabel estavam participando de reuniões diárias.

Sunny estava solitária. A casa de chá estava repleta de gente, no entanto, sua gente estava fora. E, pela primeira vez em seus anos de Cabul, ela se sentia inquieta. A polícia e os militares nas ruas pareciam ter dobrado de quantidade nas últimas semanas, como se algo estivesse para acontecer, algo feroz e incontrolável. O barulho dos helicópteros permeava o céu, junto com os chamados do *muezzin*. O aumento das pessoas na casa era bom para os negócios, mas ruim por suas implicações: as pessoas tinham parado de frequentar muitos restaurantes e clubes, e só iam a lugares autorizados como seguros, como se todos estivessem esperando a próxima surpresa.

Os noticiários eram desanimadores. Havia uma sensação de problema iminente e não haveria muro, independente da

altura, nem janelas, por mais resistentes, que fossem páreo para o que estava por vir.

Ela estava no telhado, depois que os clientes do café da manhã já tinham saído, enquanto Yazmina e Bashir Hadi estavam aprontando as coisas para o almoço. Ela estava sentada no banco, olhando sua cidade turbulenta, sentindo falta de Jack. Sua pele formigava com a lembrança de seu toque e de sua simples presença. Uma revoada de pássaros passou por cima dela, naquela formação milagrosa em V, batendo as asas com força, com seus corpos negros contrastando com o céu azul, e, só por um momento, ela estava lá em cima com eles. Ela também voava acima de Cabul, vendo sua mudança e seu povo sendo levado pelos caprichos do poder, como uma árvore ao vento. E ela se lembrou de outra vez que foi arrebatada por um lugar. Foi em Mazar-e Sharif.

Ela viu os pássaros voando abaixo e sumirem de vista. Ainda podia ouvir seus grasnidos, como se estivessem bem ali, do lado de fora. Ela correu lá para baixo, até o pátio, ainda ao som dos gorjeios e cantos ruidosos. As árvores tremulavam, cheias de vida; as folhas pareciam mais viçosas, profundas, polpudas.

Ela novamente viu a praça enorme, na mesquita, coberta de pombas e as mulheres de burcas brancas, e virou, pegou suas tintas, e começou a misturar as cores. Sem compromisso. Ela finalmente viu o mural em sua cabeça, e soube que não ficaria satisfeita até que acertasse as cores, mesmo que tivesse de recriá-la em sua paleta. Dessa vez, ela não precisou do carvão, nem do esboço. Ela começou direto com os pincéis e a tinta. Passou horas experimentando até ficar satisfeita. Nada era perfeito, mas, afinal, ela estava em Cabul, e não em Jonesboro, no Condado de Roads Mall, com uma Home Depot e uma Michaels, a loja de artesanato que ficava lotada com a loucura dos *scrapbooks*. Teria de se virar com o que tinha. Indígenas — foi essa a palavra que Isabel tinha usado?

Finalmente, mergulhou o pincel na tinta de sua paleta. Ela levou o pincel à parede, a tinta passando pela superfície áspera. Sim, pensou ela, depois de algumas pinceladas, dando um passo para trás. Era, de fato, o azul mais bonito.

Levou pouco tempo para que Candace e Isabel levantassem o dinheiro para subornar a carcereira pela liberdade de Jamila e suas amigas. Mas isso foi só o começo. Elas precisariam encontrar lugares para abrigá-las, dinheiro para alimentá-las, cuidados médicos, escolas para seus filhos e, claro, segurança para que elas ficassem a salvo dos membros da família que queriam vê-las mortas pela vergonha que lhes trouxeram.

Primeiro, Jamila; depois, tomara, Candace e Isabel estariam em posição de ajudar mais mulheres pelo país. Com o auxílio de vários grupos internacionais de ajuda à mulher, elas pretendiam criar um sistema de abrigo feminino, para impedir que as mulheres fossem encarceradas e que servisse de porto seguro para as que saíssem.

Mas Isabel sabia, de seus anos na África e no Golfo, que subornar um carcereiro é uma coisa, e lidar com séculos de comportamento repressivo é outra.

Não seria fácil proteger Jamila, que havia escapado dos homens que a cafetizavam várias vezes por dia por algumas moedas de qualquer homem que pudesse pagar. Os homens que a compraram quando ela havia sido vendida para pagar uma dívida iam querer o retorno de seu investimento e ficariam atrás dela, para colocá-la de volta no trabalho como prostituta. Ou simplesmente a matariam. Isabel sabia que teria de tirá-la do país para mantê-la viva.

Na prisão, Isabel admirou a esperteza de Candace com a carcereira e os guardas, e logo elas estavam no prédio feminino, seguindo pelo longo e abafado corredor, rumo à cela de Jamila. Quando elas chegaram lá, as mulheres estavam reunidas num canto; uma criança estava deitada no colo da mãe, dormindo. Candace e Isabel procuraram por um rosto

familiar, mas não conseguiram achar, até que Haliya se aproximou, com a cabeça e o rosto inteiramente coberto por uma echarpe grande, como sempre.

Ela se aproximou das grades azuis e pôs a mão ao redor de uma delas, com as unhas negras de sujeira, e sussurrou, num inglês falhado:

— Jamila se foi. Eles a levaram.

— O que quer dizer? Para outra cela? — perguntou Isabel, com seu *dari* ruim. E assim as mulheres conseguiram se fazer entender.

— Não, eles a levaram embora.

— Quem levou? Para onde?

— Os guardas vieram com homens. Jamila chorou, então acho que ela sabia que eles pretendiam terminar o que haviam começado. Levá-la ao Barein, para Dubai, ou para o Qatar, para trabalhar para eles.

— Jesus. Aqueles filhos da pu... — Candace começou a dizer, mas se conteve, com os dentes cerrados.

— A área do Golfo — disse Isabel, sabendo o que isso significava. — Quando foi isso?

— Mais ou menos dois dias atrás.

— Vamos — disse Isabel, batendo no ombro de Candace.

— Vocês vão tentar encontrá-la? — perguntou Haliya.

— Sim — respondeu Candace —, nós vamos.

Mas Isabel sabia que isso seria impossível. O Golfo era como areia movediça, onde as mulheres afundavam, sufocavam e morriam sob o pântano sexual de serem compradas e vendidas contra a própria vontade. Não havia meios de jamais encontrar Jamila no Golfo, onde ela seria colocada para trabalhar como escrava sexual para os trabalhadores locais. Ela se fora. A ideia deixou Isabel enjoada.

Tudo o que ela podia fazer era esperar e rezar para que o Golfo não fosse também o destino de Layla.

Levaria dias até que Candace aceitasse o fato de que não havia nada que elas pudessem fazer. Mas, durante esse tempo, elas tomariam providências, com a mágica do suborno, a forma

como todas as coisas eram realizadas no Afeganistão, para conseguir a liberação de Haliya e das outras.

O carro preto foi recebido por dois guardas com metralhadoras nos ombros, no portão do Serena Hotel. Um guarda disse algo ao motorista, que desceu os vidros, para que eles pudessem vasculhar o interior do carro. Os guardas inclinaram as cabeças para o lado de dentro, primeiro examinando o assento da frente, depois o de trás, onde as mulheres estavam sentadas, de pernas cruzadas. O guarda ordenou ao motorista que abrisse o porta-malas e o capô. Então, eles verificaram embaixo do carro, e somente então, aparentemente satisfeito, um dos guardas acenou para que o carro entrasse. O caminho de entrada era longo e em formato de "U", pavimentado de pedras. No centro, havia um canteiro gramado com pequenas flores e uma fonte central, esguichando água a seis metros de altura, que descia em cascata por uma escultura de peixe.

Isabel olhava da janela traseira, bufando de ódio. Ali, o governo afegão provia polícia, ali eles proviam segurança e proteção, porque ali havia ocidentais, ali havia dinheiro, havia poder político. Na prisão, eles não proviam nada ao próprio povo, às mulheres e crianças que mal tinham um pão e água para sobreviver. Não proviam roupas, nem educação, nem camas, somente cobertas esfarrapadas para suportar o frio. Ela sacudiu a cabeça e bateu com o punho na maçaneta da porta do carro.

— Estamos quase lá — disse Candace, gentilmente afagando a mão de Isabel.

Isabel olhou para ela e respirou, imaginando se ela também estaria com raiva.

— Dá para acreditar nesse lugar? — perguntou ela.

— O que você esperava? — respondeu Candace. — Isso não é nenhuma democracia. Vamos, você já viu isso mil vezes.

— E sempre me incomoda. Mais aqui do que em qualquer outro lugar.

— Isso é porque agora você está dentro. Você provou do suco.

Isabel ergueu as sobrancelhas e disse:

— Provei mesmo, não foi?

— Estou orgulhosa de você — disse Candace.

— A última vez que alguém me disse isso foi a minha mãe.

Ela pensou em sua casa em Londres, a casa onde cresceu, quando frequentava o colégio somente com meninas britânicas; as “paquis” iam aos seus próprios colégios, negros iam aos seus, os bairros eram divididos por história, cor e língua. Então ela se lembrou de algo que sua mãe lhe dissera antes de morrer:

— Você irá descobrir aquela coisa que a deixa sem medo de morrer. Aquela coisa importante que torna sua vida valorosa.

Durante todos esses anos, Isabel achou que ser jornalista era a tal coisa de valor que ela tinha. Agora ela sabia que havia mais. Agora ela sabia que uma pessoa precisava agir, estar realmente engajada, de modo a fazer uma diferença verdadeira. *Mãe*, pensou Isabel, *eu levei anos para entender, mas agora eu sei.*

Mais adiante, as mulheres desceram e caminharam alguns passos até o átrio que conduzia às portas de madeira entalhada. Isabel foi na frente e disse:

— Aqui está bom — junto a um sofá com vista para as vidraças diante de um pátio arborizado.

As mulheres sentaram, Isabel no sofá que ficava de frente para a entrada e Candace ao seu lado, numa poltrona coberta de tecido em desenhos geométricos. Isabel notou que o *lobby* tinha as mesmas cores marrons e alaranjadas das celas da prisão. No minuto em que se sentaram, elas foram abordadas por um jovem vestindo uma *shalwaar kameez* recém-passada e bordada, que perguntou se elas queriam algo para beber. Algo nele parecia familiar, pensou ela.

Candace pediu chá, mas Isabel estava distraída. O garçom repetiu a pergunta.

— Sim, sim, chá para mim também, por favor — respondeu Isabel. Ela ainda não tinha conseguido identificá-lo.

Elas esperavam a chegada das convidadas em silêncio.

O garçom voltou com pratinhos de *kish mish*. Enquanto estava ali, ele olhou diretamente para Isabel, antes de se afastar. Ela sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Já tinha visto aqueles olhos antes e imaginou que fossem os olhos de tantos afegãos, ou outras pessoas vivendo em países de terceiro mundo, que trabalhavam em lugares assim, servindo ocidentais abastados. Mas havia algo nesse homem, em particular. Ela sabia que já o vira, com certeza.

Ela o viu parar no portal atrás de Candace, e talvez fosse o ângulo e a distância, mas ela se lembrou onde o vira. Foi na escola de Wakil, era o mesmo jovem que tinha sido levado de carro, depois de falar com Wakil.

Ela levantou, incerta quanto ao motivo, por instinto.

Nesse momento, ele gritou, em *dari*:

— Morte aos opressores ocidentais! *Allah Akbar!* — uma frase que ela já ouvira, em muitas línguas, ao redor do mundo.

Isabel gritou:

— Oh, meu Deus. Nós temos que...

Então, ele enfiou a mão no colete.

Ela se jogou em cima de Candace.

A força da explosão estilhaçou as paredes e janelas. Ela perdeu a audição, sentindo uma dor perfurante na garganta e o sangue minando em sua boca. Ela tossia, gritava e pensava, e lutava para respirar. Mas vinha pouco ar. *Wakil*, ela tentava sussurrar para Candace, que estava embaixo dela. *Wakil!* Então, ela viu sua mãe, sentada em sua cama, lendo para ela. Ela pode sentir seu perfume, sentia a seda de sua blusa, sua mão afagando-lhe os cabelos. Então, ela viu o rosto de Jamila, seus olhos escuros implorando ajuda. *Jamila*, pensou ela, *Jamila*. Ainda havia muito a fazer! Layla! Ela disse a si mesma para não entrar em pânico. Ainda havia muito a fazer. Ela pensou ouvir alguém dizer seu nome. E fechou os olhos.

Sunny pintou toda a parte traseira do mural da cor do céu afegão naquele dia, em Mazar-e Sharif, quando o sol estava alto e refletia os ladrilhos azuis e dourados da mesquita. Ela usou o mesmo rolo que ela e Bashir Hadi tinham usado para caiar o mural velho. Podia sentir o peso da tinta em seu ombro e seu braço, passando o rolo, para cima e para baixo, repetidamente. Ela estava em pé sobre um caixote de madeira da sala de estoque para poder alcançar o alto do muro.

Depois que o fundo estava pronto, começou a dar pinceladas menores para fazer as imagens direito. O branco foi fácil, mas fazer as sombras no branco, o dourado no telhado sob o sol, isso levava tempo, era mais difícil de conseguir.

Mas as pombas vieram, as pombas e as mulheres que pareciam pombas, algumas maiores, mais próximas, muitas menores, à distância, o mural refletindo o pátio onde ela fora, naquele dia, em Mazar-e Sharif.

Ela estava no meio da pintura da sexta pomba, caprichando no pescoço. Isso não era uma fotografia, é claro, então, não havia espaço para licença artística, mas elas tinham de parecer as belas pombas das quais ela se lembrava. Ela tinha mergulhado o pincel menor no círculo branco de tinta em sua paleta e estava esticando o braço na direção do muro quando a terra rugiu e ela ouviu algo que pareceu um trovão ao longe. Aquilo provocou uma corrente de medo, como se ela tivesse sido atingida por um raio.

Mas nenhuma janela quebrou. O muro continuou de pé, mas o alarme de um carro disparou, depois outro. Os pássaros voaram das árvores e de cima do telhado, e o céu ficou negro de fuligem. Quando ela correu para dentro da casa de chá, para verificar as notícias no rádio, estava um silêncio de igreja, embora o local estivesse repleto de clientes, todos paralisados de medo. Ela ligou o rádio e rapidamente ficou sabendo que houvera um bombardeio suicida dentro do Serena Hotel, seguido por outro, alguns segundos depois, perto da embaixada americana, e outro, na praça, a menos de dois quilômetros dali. Logo os clientes voltaram às suas conversas,

agora em vozes sussurradas e preocupadas, e Sunny torceu, com todo o seu ser, para que suas amigas estivessem seguras.